

PAULO E HERODES

*A Palavra Vibrante de
Newton Boechat*

Jorge Damas Martins e Pedro Silveira Martins



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A VIDA ESCREVE E REESCREVE histórias maravilhosas e muitas delas você encontrará nas páginas deste livro. O diálogo entre Paulo de Tarso e Herodes é uma delas. É possível se transportar no tempo e se emocionar com esse momento tão significativo na história do Cristianismo.

Dentre outras histórias marcantes o leitor encontrará a história de Newton Boechat, um grande exemplo de dedicação e fidelidade à Doutrina Espírita. Orador espírita com excelente bagagem doutrinária e memória invejável, Boechat realizou mais de sete mil palestras pelo Brasil, América do Sul e Europa.

Paulo e Herodes é rico em conteúdo espírita, emoção, fidelidade ao Cristo e oferece exemplo de boa conduta e força moral.



JORGE DAMAS MARTINS

Jorge Damas Martins nasceu no Rio de Janeiro é casado com Regina Lúcia com quem tem dois filhos: Lucas e Pedro. É Graduado em psicologia e há 30 anos tem se estacado por proferir palestras sobre psicologia, Espiritismo, parapsicologia, filosofia oriental e Hermética e I Ching. É autor de mais de 20 livros publicados e articipa de programas na Rádio do de Janeiro.

Paulo e Herodes

A palavra vibrante de
Newton Boechat

Jorge Damas Martins
&
Pedro Silveira Martins

Paulo e Herodes
A palavra vibrante de
Newton Boechat
1ª Edição

Novo Ser- EDITORA

PAULO E HERODES

A palavra vibrante de Newton Boechat

Copyright® Novo Ser Editora

Editor:

Assistente editorial: Capa, projeto gráfico e diagramação:

Revisão: 1ª Edição: Impresso no Brasil

Cláudio Luiz Brandão José

Kátia Cristina da Silva S. Biaia Barros

Rogério Mota

Maria Flavia dos Reis

2011

Printed in Brazil

Novo Ser

EDITORA

Rua João Vicente, 1125 - Bento Ribeiro CEP 21340-021 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: 21 3017-2333 / 3598-6213 www.novosereditora.com.br

Todos os direitos de reprodução, cópia, comunicação ao público e exploração econômica desta obra estão reservados única e exclusivamente para a Novo Ser Editora. Proibida a reprodução parcial ou total da mesma, através de qualquer forma, meio ou processo eletrônico, digital, fotocópia, microfilme, Internet, CD-Rom, sem prévia e expressa autorização da Editora, nos termos da lei 9.610/98 que regulamenta os direitos de autor e conexos.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M343p Martins, Jorge Damas, 1957- .

Paulo e Herodes: a palavra vibrante de Newton Boechat / Jorge Damas Martins e Pedro Silveira Martins. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2011.

244p.; 23cm.

ISBN 978-85-63964-34-2

1. Boechat, Newton, 1928-1990. 2. Espiritas - Brasil - Biografia. I. Martins, Pedro Silveira, 1986- . II. Título.

CDD- 920.913391

Ao Amor que se manifestou como amigas, irmãs e mães de Newton Boechat:

Odete Boechat, Lourdes Semeraro, Cídia Paranhos, Alcídia Pia, Armanda Silva, Leinha Amaral, Claudia Bommartin, Arlinda Melo, Ieda Soares, Theóphila Leiming, Fernanda Carvalho, Dorothy Salomão, Josefa Darriba, Amélia Boechat, Ruth Santana, Leda Rocha, Neyde Oliva, Antonieta Alessandre, Andréa Coutinho, Maira Boechat, Regina Lúcia Martins, Zilah Chaves, Sara Silveira, Cinira Novaes, Yolanda Brasil, Maria Luiza Martins, Zita Ghilardi, Ninita Araújo, Suzuko Hashizume, Rosa Cardoso, Himbelsa Boechat, Esmeralda Bittencout, Rafaela Damásio de Jesus, Aparecida Rana, Ayne Paiva, Zezé Gama e outras.

Agradecimento à amizade,
ao carinho e ao incentivo de

Luiz Carlos de Carvalho, Gilberto Perez Cardoso, Paulo Rouvier, Felipe Salomão, Júlio Couto Damasceno, Luciano Klein, José Antônio Carvalho, Stenio Monteiro de Barros, Ariston Santana Teles, Oceano Vieira de Melo e Gerson Simões Monteiro.

SUMARIO

- I - Palavra Vibrante 11
- II- História de um Tribuno Espírita 17
- III- Novo Tom 23
- IV- Paulo e o Rei Herodes Agripa 29
- V- Chico Xavier - Antena Psíquica 51
- VI- O Auto de Fé de Barcelona 59
- VII- Bailarina do Nepal reencarnada em Campos 83
- VIII- Reencarnação - Lei Biológica 87
- IX- Newton Boechat na Europa
- X - O semeador saiu a semear a sua semente... 105
- Notas e Fatos - Newton Boechat na Europa
- Comunicação mediúnicamente em Portugal 117
- XI- Uma análise do Movimento Espírita no Brasil
- Por Newton Boechat, em Portugal 119
- XII Aspectos da Crucificação e Ressurreição de Jesus 135
- XIII Ide e Pregai - Depoimento 161
- XIV Prisões sem Grades 165
- XV O Capitão Sebastião e o Narcotráfico 181
- XVI Newton Boechat pesquisa Ernesto Bozzano: A Maior Figura do Espiritismo Científico 189
- XVII Amor, alimento das Almas! 195
- XVIII A Revelação Espírita e a Homossexualidade 205
- XIX A cidade estranha 225
- XX Newton Boechat é preso em Fortaleza 233
- XXI Além da Fronteira de Cinzas 237

PALAVRA VIBRANTE

CONHECI O AMIGO NEWTON BOECHAT num velório. Parece brincadeira, mas é a mais pura verdade.

Corria o ano de 1978...

O fato é que, desde meados de 1977, eu frequentava as reuniões doutrinárias do Centro Espírita Bezerra de Menezes, no tradicional bairro do Estácio. Lá, às quintas-feiras à tarde, o seu vice-presidente Dr. Aloysio Paiva falava com muita propriedade da obra de André Luiz. Tinha eu então 19 anos e cursava Física na UFRJ, na Ilha do Fundão.

Na primeira vez que ouvi o Dr. Aloysio (aliás, era a segunda palestra a que eu assistia), só conhecia, há dois dias, em leitura relâmpago, O Evangelho segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos e me surpreendia, naquela palestra, com as informações fascinantes do plano espiritual, suas cidades, ministérios, residências, transportes e outras admiráveis revelações... Era todo um mundo novo para o meu universo pessoal, carente e sedento das coisas do espírito.

Choveram perguntas em cima do Dr. Aloysio. Mais perguntas que as respostas que ele poderia dar, por hora. Não por deficiência dele, mas porque de um salto apenas não se tomam as verdades do Céu.

O meu novo amigo — que se tornou de imediato —, sendo amigo de verdade, sugeriu o certo:

— Não seja superficial, o método do menor esforço nem sempre compensa. Leia as obras todas de André Luiz! Ah! e as muitas outras complementares, tire as suas conclusões, faça suas anotações, e vamos conversando...

Lendo, sempre lendo, comecei a frequentar as reuniões da Mocidade Espírita por ele dirigida às terças-feiras. Às quintas continuava batendo ponto nos seus estudos da série Nosso Lar. Logo ele me chamou para frequentar seu Culto do Lar. Que bênção! Ah, e a dona Ayne, que simpatia! Lá conheci o Dr. Armando de Oliveira Assis — ex-Presidente da FEB, o Aberlado Idaldo Magalhães, a encantadora Alba Lucínia, sua filha, companheira na Mocidade... Ah! em muitas Domingueiras, Dr. Aloysio passava por minha residência para me buscar de automóvel: eram palestras na FEB, nas Semanas Espíritas Tijuca—Vila Isabel, no Grupo Espírita André Luiz, na Rua Jiquibá...

Mas o que era comum é que o Dr. Aloysio e meus outros novos amigos falavam, insistentemente, de um tal Newton Boechat.

Falavam tanto e tanto falavam, que eu conhecia o Newton e até o citava sem nunca tê-lo visto. O 'nunca', aqui, não é palavra apropriada.

O Dr. Aloysio dizia:

— Hoje, no nosso Culto do Lar, Newton Boechat dará presença.

Lá comparecia, pois comparecia sempre, mas nada. Por engano era dia de conferência do Boechat, em outras plagas... Marcava, então, o meu amigo, para assistirmos juntos a uma das palestras do Boechat, mas outro imprevisto: era dia de prova no Fundão. Parecia conspiração. Não era! O certo é que rato não corre atrás de gato.

Dr. Aloysio, porém, insistia no encontro. Chegava a dizer:

— É compromisso!

Um dia, 27 de setembro de 1978, à noite, chego ao Bezerra de Menezes para mais uma reunião de estudo. Fui recebido na porta pelo Senhor Cristodolino — dedicado seareiro daquela instituição. O seu olhar, então, me dizia coisas, surpreendendo. Assim, perguntei de tacada:

— O que houve? Vamos! Fala!!!

— Ah! Não sabe? O seu amigo, o nosso amigo Aloysio partiu...

Depois de pequeno silêncio e da profunda respiração reequilibrante como uma prece, pensei naqueles sete meses de amizade tão profícua, tão profícua, que existe até hoje.

Mas e o seu compromisso de me apresentar ao Newton?

No dia 28 estou no velório, (1) em conversa fraterna e revigorante com a jovem Alba Lucínia que, entre uma palavra de consolo e uma pitada de alegria espírita, parará de chorar. Então, para minha surpresa, ela sem pedir licença deixa o nosso convívio e vai se debruçar, em lágrimas, em um homem que chega como um relâmpago, revirando os olhares de todos os presentes.

1- Newton Boechat foi convidado para fazer a palestra do lançamento do livro Velório - Reflexões Espíritas, Autores Diversos, Instituto Maria, Juiz de Fora (MG), em 8 de novembro de 1980. No autógrafo do livro ele registra: "Ao Jorge Damas, lembrança da noite fraternal no Instituto Maria" [Nota dos organizadores].

Passado uns instantes, eu, com gestos insistentes, chamo Alba de novo para o meu lado e digo:

— Não é bom que você fique tanto com esse homem, pois ele lhe faz chorar...

Ela, enxugando algumas lágrimas, disse:

— Mas esse é Newton Boechat! Grande amigo do papai! Pronto. Promessa cumprida!

Agora, era eu que me aproximava do Newton. Apresentei-me (ou fui apresentado?). Disse logo:

— Meu nome é Jorge. Sou um jovem estudante do Espiritismo com o Dr. Aloysio e muito queria conhecê-lo, inclusive pela insistência do nosso amigo comum.

Então vieram as suas primeiras palavras que atingiram em cheio o meu coração:

Dê cá um abraço, Jorge Damas Martins. Eu também queria conhecê-lo.

"Damas Martins..." Era demais!? Mas a memória do Newton é assim mesmo.

Era um reencontro.

A palavra vibrante de Newton Boechat estava de volta na acústica de meu coração.

Por motivo de palestras dele, marcamos de nos reunir no dia 5 de abril próximo, no INPS, na Avenida Graça Aranha, nQ 35, 8e andar, à tarde.

Tudo certo. Antes da hora marcada, estava lá, munido de uma bolsa a tiracolo, universitária, cheia de livros espíritas, com anotações à margem. E, comecei a metralhadora de perguntas sem fim, tentando mostrar livros e revirando páginas.

Newton, agitado psiquicamente, com decisão, disse:

Guarda tudo isso... Vamos só conversar.

Era surpreendente. Sabia tudo de cor!

Consolidamos a amizade ali. Falou de Pietro Ubaldi — que eu desconhecia. Disse que ia levantar nos sebos as obras do grande professor. Depois convidou-me para à noite ir à casa do César Burnier, em Copacabana, aguçando a minha curiosidade, dizendo que lá é a 'Sucursal do Além'. Falou da sua amizade com Chico Xavier, leu mensagens particulares incríveis. Enfim, abriu arquivos e o coração. Quanta generosidade!

Às segundas-feiras eu já fazia, mesmo solteiro, o Culto do Lar, e o Boechat, de pronto, começou a marcar presença.

Alguns meses depois estávamos fazendo dobradinhas por vários recantos do Brasil.

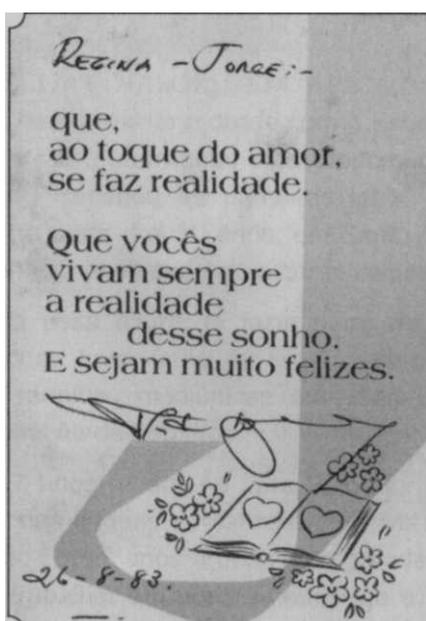
Depois de 1982, já casado com a minha Regina Lúcia (que já era amiga dele desde 1977), o Newton resolveu deixar o bairro de Bangu, onde residia em frente ao tio Aldo Boechat, na Rua Dunquerque, nº 105, e veio procurar um apartamento aqui perto de casa, pelas bandas da Tijuca. Enquanto procurava, por cerca de um mês, alegrava-nos residindo conosco.

É isso! A Vida escreve e reescreve histórias maravilhosas e muitas leias você, meu amigo e minha amiga leitora, as encontrarão nas páginas deste livro, no qual revivemos Newton Boechat e sua palavra vibrante.(2)

Muita Paz!

Ano-Novo 2011

Jorge Damas Martins



2 -Newton era presente nas vibrações em meu lar.

Pedro Silveira Martins, o meu filho Pedrinho, foi o meu maior incentivador para a estruturação deste livro. Foi ele quem transcreveu as palestras, artigos e, dedicado, realizou muitas pesquisas que enriqueceram esse trabalho. A ele, em meu nome e no do Newton Boechat, o nosso muito obrigado. Deus sabe recompensar tudo. Beijos, querido Pedrinho.

História de um tributo espírita (3)

NEWTON BOECHAT NASCEU EM APICÁ, cidade do interior do Espírito Santo, bem próxima à divisa com o Estado do Rio de Janeiro, em 25 de julho de 1928. Foram seus pais Clodomiro Lemgruber Boechat e Himbelsa Boechat. Recebeu as primeiras letras em sua terra natal, passando a estudar, a partir dos 10 anos, em Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso secundário.

O Espiritismo, a essa altura, já fazia parte de sua existência, pois seu avô, Júlio Boechat, tinha fama na região pelas curas que efetuava, sendo notáveis as reuniões mediúnicas que dirigia, com comunicações psicofônicas e doutrinação de Espíritos.(4)

Por volta dos 17 anos mudou-se para Belo Horizonte, quando iniciou os estudos na área das línguas neolatinas, em nível superior, graduando-se quatro anos após. Foram anos árduos e de grandes dificuldades econômicas, chegando a trabalhar em humilde emprego e a estudar ao mesmo tempo.

3-Essa matéria foi escrita pelo amigo Dr. Gilberto Perez Cardoso quando da desencarnação de Newton Boechat. Evidentemente, agora, ela foi revista para caber no formato temático desse livro [Nota dos organizadores.]

4- Gustavo Geley informa que a "mediunidade é hereditária". Ver Resumo da Doutrina

Espírita, Lake, São Paulo (SP) 3ª edição, 1975, p 118 [Nota dos organizadores].



Newton Boechat, em março de 1954, em Belo Horizonte.

Nossa época fez amizade em Belo Horizonte com vários membros atuantes do movimento espírita, tais como César Burnier — de quem se tornou grande amigo —, Rubens Romanelli, Camillo Chaves, iniciando visitas que se tornaram posteriormente constantes a Pedro Leopoldo, quando conheceu Chico Xavier e o Dr. Rômulo Joviano.

Nessa época, também, passava a falar constantemente nas reuniões públicas do Centro Espírita Luiz Gonzaga, enquanto o famoso médium mineiro recebia, por psicografia, inúmeras mensagens. Revezava-se, nesse mister, com muitos companheiros das lides doutrinárias.

Nessa época teve vaticinada a missão de que se investiria, através do médium César Burnier, segundo o próprio nos narrou, pessoalmente, afirmando que o jovem orador, de então, seria conhecido em todo o Brasil e falaria na América do Sul e na Europa.

Durante o período de estudos, em Belo Horizonte, fundou, com grande dificuldade financeira, um jornal, em parceria com Gustavo Pancrácio, intitulado A Luz do Mundo. Esse jornal chegou a ter 7 números. Nele ficou registrada uma entrevista, feita por Boechat, com o Professor Pietro Ubaldi, por ocasião de sua visita a Belo Horizonte e Pedro Leopoldo, quando teve um famoso encontro com Chico Xavier.

Após se formar, Boechat passou em concurso público pelo DASP para o IAPTEC (hoje incorporado ao INPS), trabalhando em Belo Horizonte, fazendo palestras nas horas disponíveis e participando ativamente das reuniões com Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Deste se tornou grande amigo e sempre demonstrou ter recebido muitos ensinamentos notáveis e revelações preciosas dele.

Por volta de 1956, pediu e obteve transferência para o Rio de Janeiro, passando a trabalhar no prédio do INPS na Avenida Graça Aranha, nº 35, 8º andar, onde ficou até se aposentar. Trabalhava também como tradutor juramentado, traduzindo textos em francês.

A partir daí intensificaram-se as conferências por todo o Brasil, fora as inúmeras participações em reuniões mais íntimas e informais, as chamadas "reuniões do lar", às quais comparecia em casa de inúmeros amigos, sempre expondo seus pensamentos, com palavra clara e didática impecável, maravilhando os que o ouviam.

Obviamente, destacava-se-lhe a memória prodigiosa, citando com exatidão, qual computador de última geração, o versículo, o capítulo, a página, o livro... Conhecia tudo de memória. Após a desencarnação, nenhum livro foi encontrado em sua residência. Ele ajudava os amigos, após lê-los. O de que precisava gravava no cérebro privilegiado. Mais do que simplesmente a beleza das imagens expressas, qual verdadeiro "pintor" de cenas por palavras, seu discurso saía impregnado do magnetismo daquele que fala o que realmente vive, fato que constatamos pessoalmente nos incontáveis atos de caridade praticados, seja no conselho oportuno, seja na ajuda econômica, discreta e anônima, seja na presença assídua junto a doentes, na aplicação diária de passes. Possuía o hábito de, ao se deitar e, também, ao despertar, orar longamente por amigos e necessitados, especialmente por aqueles que não o compreendiam, e o fazia religiosamente.

A mediunidade mais ostensiva começou a se lhe manifestar no início da década de 1970, com o surgimento da vidência e da audição espirituais. A partir daí, assistimos, por seu intermédio, e damos tal testemunho, a inúmeras e precisas identificações de espíritos, muitas delas narradas em nossos livros em parceria. Por sua mediunidade vieram diversos poetas, como Azevedo Cruz, Auta de Souza, Lobo da Costa, Augusto dos Anjos, Cezinha etc...



Newton Boechat na CEPA — Confederación Espirita Panamericana — Argentina — Palestra presidida por Natalio Cecarini — 20 de maio de 1966.

Viajou por diversos países da América do Sul, tendo feito palestras no Paraguai, Uruguai, Argentina e também na Europa, em fins da década de 1970, quando falou em Portugal, Espanha, Itália e França. Na Europa, visitou o túmulo de Kardec, em Paris, e o de Bozzano, na Itália, fazendo pesquisas. Na Espanha falou em Barcelona, no interior de uma igreja católica próxima ao local onde, cento e poucos anos antes, se dera a queima dos livros de Kardec no episódio que ficou conhecido como o "Auto de fé de Barcelona".

Realizou cerca de 7000 palestras por todo o Brasil, conhecendo e se tornando amigo de espíritas em diversos municípios brasileiros. Nada o detinha nessa missão.

Entre as suas palestras mais famosas podemos relacionar: "Prisões sem Grades" (a mais solicitada (5)), "A Manifestação do Ser na Arte, na Dor e no Amor", "Aspectos da Crucificação e Ressurreição de Jesus", "Além da Fronteira de Cinzas", "O Apóstolo Paulo perante o rei Agripa", "Rumo a Unidade do Espírito", "Quatro Faixas de Consciência", "Chico Xavier 50 Anos — Luz de Mediunidade" e "O Auto de Fé em Barcelona".



Newton Boechat em palestra sobre Parapsicologia, proferida no encerramento da 18a COMBESP, Barretos (SP), 10 de abril de 1966,

Em 1970, foi orador oficial, junto com Divaldo Pereira Franco, da inauguração da seção Brasília da Federação Espírita Brasileira, quando proferiu magnífica palestra inspirada por Bittencourt Sampaio, segundo lhe revelou Divaldo Franco, e que se acha registrada no livro Ide e Pregai. Incentivou, orientou e desenvolveu diversos jovens talentos da oratória no campo espírita. Sempre nos incentivou a falar, embora nossas enormes limitações pessoais.

Era sócio da Federação Espírita Brasileira, adotando integralmente a linha doutrinária da Casa, possuindo estudos e pesquisas aprofundadas sobre a coerência dessa linha.

5-Na palestra "Prisões sem Grades" que temos em nosso arquivo, Boechat informa, na introdução, que ela estava sendo realizada pela 326° vez.



Newton Boechat junto a Cinira Novaes e Pepita, em junho de 1989, no aniversário de três anos do Pedrinho, — Pedro Silveira Martins na casa do avós Sara-Roberto Silveira.

Admirava profundamente o professor Pietro Ubaldi, que conheceu pessoalmente, e fazia diversas conferências baseadas em conceitos expostos pelo grande médium italiano, colocando-se entre os estudiosos e conhecedores da obra de Ubaldi no Brasil. Apoiou com entusiasmo a Fundação Pietro Ubaldi quando do lançamento das obras do Professor no início da década de 1980.

Suas visitas a amigos, como o Burnier, César Soares, Pepita, Dr. Roberto Silveira, Sra Ninita Araújo, Sra Cintra Novaes, Sra Theóphila Leiming, Sra. Zilah Chaves, Sra. Cídia Paranhos, Coronel David Coutinho e muitos outros, acabavam se transformando em verdadeiras aulas de alegria, fraternidade e conhecimento doutrinário e se tornando famosas.

Publicou diversos artigos na imprensa espírita (incluindo Reformador) e 5 livros.

Os dois primeiros, sozinho, pela Federação Espírita Brasileira, intitulados Ide e Pregai e O Espinho da Insatisfação; a seguir, em parceria conosco, publicou Do Átomo ao Arcanjo, Na Madureza dos Tempos e Aquém e Além da Fronteira de Cinzas, obra recém-lançada. Cedeu os direitos autorais às respectivas editoras, à FEB no caso dos dois primeiros livros, e ao Grupo Espírita Aureliano, situado na rua Indígena, na 155, Niterói, no caso dos três últimos. Costumava lançar os livros em palestras, autografando-os, atendendo a pedidos de vários Centros Espíritas em todo o Brasil.

Partiu, subitamente, a 22 de agosto de 1990, com muitos planos em mente, livros para escrevermos em parceria, já delineados, no auge do entusiasmo. Deixou extensa sementeira luminosa de realizações e amizades e a promessa, manifestada após a desencarnação, de continuar as tarefas e voltar para cultivar, em espírito, as sementes que tão bem soube plantar. O corpo foi sepultado no dia 23 de agosto, no Cemitério São Francisco Xavier, no Caju, tendo comparecido ao local diversos familiares, amigos e confrades.

III

NOVO TOM

"Onde há espírito do Senhor aí há liberdade"
(Paulo de Tarso, II Coríntios, 3:17.)

OPOETA PAULO NUNES BATISTA, da calorosa cidade de Anápolis (GO), publicou, há alguns anos, em 15 de abril de 1981, no periódico espírita Nova Era de Franca (SP), um poema muito significativo e inspirado que escreveu enquanto ouviu uma das substanciosas palestras do erudito — e não menos simpático — Newton Boechat.

A palestra havia sido proferida no auditório do Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, na noite de 2 de março daquele mesmo ano. Eu fui testemunha, In loco, pois estava acompanhando Boechat por Brasília e Goiás, onde realizamos muitas "dobradinhas" doutrinárias. Inesquecíveis "dobradinhas"!

Ouçamos o cântico do poeta anapolino:

OUVINDO NEWTON BOECHAT

Novo tom, novo som, nova Mensagem
Nova Fala de Amor, Aula de Paz
Apresenta o Orador, dando roupagem
Nova à Palavra Eterna de Jesus.

Seu Verbo vibra em tom de alta voltagem
E os Corações em festa, nos conduz
Através da Dulcíssima Romagem,
Para o céu que há em nós depois da Cruz.

Fala Newton Boechat, fazendo a sala
Encher-se de mais Luz, enquanto fala
E vibrações celestes enchem o ar...

Com magia de bíblico profeta
A Palestra do Newton nos projeta
No próprio céu que em nós vive a esperar...

Paulo Nunes Batista (6) indagava, a si mesmo, a origem de tão profundos ensinamentos, coerência doutrinária, poder de síntese, fluência verbal e vibração espiritual. Compreendeu então, num insight, que toda aquela mensagem espiritualizada, transmitida pelo nosso Newton, era um "novo tom". New, em inglês, é novo, e tom, em uma das definições do Aurélio, é: "modo de expressar-se".

Realmente, quem teve a oportunidade de ouvir a mensagem lúcida do Boechat pôde detectar que suas explanações não tinham por objetivo revelar verdade nova. Não! Sua tarefa era apresentar os conceitos evangélico-doutrinários de uma maneira didática e atraente.

Era um novo "modo de expressar-se", dando um colorido vivo às palavras que mexiam e remexiam os alicerces conceituais dos ouvintes atentos, eletrificados.

No entanto, é bom lembrar, toda essa cultura não foi conquistada num toque de mágica, num abrir e fechar de olhos. Newton já trazia, em seu alforje, uma bagagem espiritual considerável adquirida em várias encarnações, em diversas áreas religiosas. (7) Num voo de pássaro relembramos:

— Príncipe Sargon viveu no século XV A.C, na XVIII dinastia no tempo da rainha Hatchepsut. Ver Romance de Uma Rainha, Espírito J. W.

6-Temos em nossos arquivos mais dois significativos sonetos que Paulo Nunes Batista cantou em homenagem ao Newton Boechat. O carinho era tão grande, do poeta pelo tribuno espírita, que os dois poemas foram escritos no mesmo dia, 8 de setembro de 1983, enquanto Boechat palestrou no Centro Espirita Vicente de Paulo, em Anápolis (GO) [Nota dos organizadores].

7-Newton Boechat, em 1978, me deu a oportunidade de ler uma mensagem original, psicografada através de Chico Xavier, pelo espírito Jardel, seu mentor, em que revela muitas reencarnações na esfera religiosa [Nota de Jorge Damas Martins]

Rochester. (8) Revelação dada por Chico Xavier.

— Zadoque, descendente de Aarão. Foi o sumo sacerdote que ungiu o Rei Salomão (1a Cr., 29:22). Século X A.C. Revelação de César Burnier.

— Pastor protestante em Belfast, Irlanda. Revelação de seu guia espiritual, Jardel. Século XVII D.C. Ver Ide e Pregai, livro do próprio Boechat, 1º edição FEB, 11/1971, p. 10.

— Abade Keravan que celebrou o casamento de Georges Danton no período da Revolução Francesa. Século XVIII D.C. Revelação dada por César Burnier. (9)

E muitas outras revelações que por ora silenciaremos.

Assim a sua tarefa de divulgador espírita já estava traçada pelo plano espiritual antes mesmo de reencarnar, na cidade de Apiacá (ES), em 25 de julho de 1928. Aliás não há nisso novidade, pois o Espírito Custódio, mentor do Dr. César Burnier, em 1947, no auditório da União Espírita Mineira, já alertara sobre sua atividade missionária. É o próprio César Burnier quem escreve:

"Uma noite, ao penetrar na sala das palestras, deparei com um grupo de moços assentados nas primeiras filas de cadeiras, fronteiras ao palco, onde o Dr. Camilo Chaves me esperava para o início dos nossos comentários. No meio desses jovens observei a fisionomia simpática e sorridente de Newton Boechat. No mesmo instante, meu guia Custódio segredou-me no ouvido: Aquele moço, Newton, será, em pouco tempo, um dos maiores oradores espíritas do Brasil. Ele correrá todos os nossos Estados, com sucesso e grande rendimento, para a difusão do Evangelho e dos princípios básicos da nossa doutrina. Trata-se de um missionário com bastante mérito. Sua missão não será limitada pelas nossas fronteiras; ela se estenderá por vários países da Europa e da América, a serviço do nosso querido Mestre".

8- *Médium Vera Krijanowski, FEB, 4ª edição, 12/1981, Rio de Janeiro. Hatchepsut é a reencarnação de Chico Xavier, como revela Arnaldo Rocha, o ex-marido de Memei, no livro Chico, Diálogos e Recordações, de Carlos Alberto Braga Costa, 1ª edição UEM -MG, 2006, pp. 108-110.*

9- *César Burnier é o próprio Georges Danton. Ver Um Amor Muita Vida - As Revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre as reencarnações na Revolução Francesa, de Jorge Damas Martins, 5ª edição Novo Ser, Rio de Janeiro.*

Abençoada mediunidade! Newton, além de conhecido tribuno — com mais de 7.000 palestras, no Brasil e no exterior —, era médium e escritor. Vasta foi a sua contribuição na imprensa espírita. Publicou diversas obras: Ide e Pregai e Espinho da Insatisfação, editados pela FEB, e Do Átomo ao Arcanjo, Na Madureza dos Tempos e Aquém e Além da Fronteira de Cinzas, estes três últimos em parceria com o Dr. Gilberto Perez Cardoso, editados pelo "Centro Espírita Casa de Caridade Aureliano", de Niterói (RJ).

Em todos os seus artigos, livros e palestras, o que sobressaía é o poder de síntese que, com facilidade extrema, reúne as revelações num mosaico que tanto ama, conhece e divulga (no presente mesmo!) incansavelmente, pois o fenômeno natural da morte (22 de agosto de 1990) — como ele mesmo dizia —, "é de mentirinha e não mata ninguém".

Vamos citar alguns dos seus pensamentos, verdadeiras pérolas espirituais:

"É interessante observar que em Espiritismo foi dada a primeira palavra, mas jamais será dada a última."

"As religiões devem ser vistas como se fossem ilhas que, por fora, estivessem separadas por braços de mar. Se, todavia, descermos às profundezas, verificaremos que todas elas se unem num bloco único."

"Acreditamos que a melhor forma de vermos prestigiada a propaganda da Doutrina Espírita é através do exemplo. A palavra abala, o exemplo arrasta. Jesus brilha no evangelho, mas resplandece na exemplificação."

"O que importa não é possuir mediunidade, mas sim sublimar a faculdade de que se é portador."

"Vamos, pois, continuar plásticos, permutando pensamentos e sentimentos, observações e programas, mas sem que caiamos na faixa do perigoso amém a tudo que diz respeito à padronização no movimento espírita."

Obrigado, Newton Boechat, pelo seu "novo tom" — mensagem sempre viva e firme —, que o Anjo Ismael traçou para as terras do Cruzeiro, mensagem de Luz, que você tanto propaga.

IV

PAULO E O REI HERODES AGRIPA

SEMELHANÇA DE ENORMES FORMIGUEIROS em movimento, Auditorium da vasta corte provincial em Cesareia. Pórcio Festo que pretendia, bombasticamente, realizar festejos para marcar de maneira plena o início de sua administração.

E assim, naquela tarde, o povo tomava a direção do Auditorium de Cesareia...

Pórcio Festo não ignorava que o seu amigo Herodes Agripa tinha uma vontade imensa de conhecer a figura de Paulo — ex-doutor da Lei, discípulo de Gamaliel — que, convertido por Cristo na estrada de Damasco, segundo o que ele mesmo alegava, ali se encontrava prisioneiro havia dois anos, aguardando a sua ida a Roma, pois que apelara para César. E assim, queria fazer-lhe uma surpresa: Pórcio Festo traria à sua presença a própria figura do chamado advogado do gentio — o que foi realmente Paulo, quem internacionalizou o Cristianismo —, retirando-o de Jerusalém e circunvizinhanças, para grande parte do mundo de então.

E a tribuna se formava: o representante de César certamente na sua toga escarlate, de romano ilustre; ao seu lado, Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I, filho de Aristóbulo, filho de Herodes, o Grande. (10) E na

10- Marco Júlio Agripa Herodes II (27 d.C. a 100 d.C). Rei de 48 a 70 da era comum. Nasceu e morreu em Roma, onde foi educado. Era filho de Herodes Agripa I (ver Atos 12 - mandou matar Tiago, irmão de João) com Cipros, neto de Aristóbulo com Berenice, bisneto de Herodes, o Grande, com Mariamne. O Imperador Cláudio o nomeou rei em massa popular apreciada se deslocava em direção ao solenidade, homens projetados no campo da sociedade de então se manifestavam, presentes, naquela tribuna.

A imensa massa estava expectante, esperando o começo dos festejos... 48, e, em 49, Supervisor do Templo em Jerusalém, com o direito de nomear o sumo sacerdote. Em 56 d.C., o Imperador Nero aumentou consideravelmente seu reino, o que fez Agripa II mudar o nome de sua capital, de Cesareia de Filipo para Neronias, para lisonjear Nero. Entre 62 e 64 terminou a reconstrução do Templo de Jerusalém. Procurou, com grande empenho, evitar o conflito dos judeus com os romanos (66 d.C), mas fracassou na tentativa, inclusive foi ferido no sitio de Gamala. Permaneceu fiel a Roma, para onde voltou, tendo sido investido na dignidade de pretor. Foi o último dos Herodes, tão celebrados na história da Palestina, bem como seu último monarca, pois não deixou herdeiros. Seu reino foi anexado a província romana da Síria. Sua vida privada era escandalosa; pois não sendo casado, vivia com sua irmã Berenice. [Nota dos organizadores].

Primeiramente, houve briga de anões. Depois, bailarinas passavam esvoaçando os véus transparentes na fisionomia de convidados licenciosos. E a seguir, pequeno silêncio se fizera, e, a uma ordem de Pórcio Festo, uma porta se abriu rente à tribuna e dela surgiu a figura cansada de Paulo, acompanhada por dois centuriões. E a uma outra ordem do representante de César, eles vieram e lhe desataram as algemas. E quando as algemas caíram no chão — no chão de mármore —, o ruído seco se contrastou com um tilintar nervoso das joias, dos braceletes, de Berenice.(11)

Coisa singular, ele, Paulo, que era livre em espírito, se encontrava sob algemas. E ela, Berenice — que vivia vida dissoluta, licenciosa, negativa —, encontrava-se recebendo os aplausos da multidão. Numa prova evidente de que, quase sempre, o aplauso das massas é pronto e demorado na razão inversa do valor. Os tipos espirituais não poderão ser notados com facilidade, porque, quando o mundo espiritual quer fazer descer mensageiros em campos vários da vida para fecundar-lhe o quadro das experiências, não consulta quantidades, objetiva sempre a qualidade.

11- Berenice era filha de Herodes Agripa I, esposa de um tal Marcos, sem seguida, morto este, de seu tio Herodes de Cálquis, morto em 48 d.C. Depois, teve um breve casamento com Pólemon, rei da Sicília, mas não tardou a abandoná-lo a fim de continuar a manter relação incestuosa com seu irmão Herodes Agripa II. Posteriormente tornou-se amante de Vespasiano, e depois do filho deste, Tito. Quando Tito se tornou imperador, por causa da opinião pública que era contrária a Berenice, o imperador a expulsou de sua relação amorosa. Berenice era uma mulher fascinante, porém devassa. O poeta romano Juvenal escreveu a respeito dela: "Depois, um valioso diamante, tornado ainda mais precioso por ter sido posto no dedo de Berenice; um bárbaro o deu a essa mulher incestuosa, anteriormente e Agripa deu o mesmo a sua irmã" (As Sátiras, VI, 155). Tinha além de Agripa II, duas irmãs: Mariamne e Drusila. Está última, Drusila (At. 24: 24) foi a segunda esposa do Procurador da Judeia Marco Antônio Félix (52-59 d.C). Felix, após voltar a Roma por acusação dos judeus, foi substituído por Pórcio Festo (60 - 62 d.C), que morreu na Judeia. [Nota dos organizadores].

Pórcio Festo pretendia que Herodes pudesse ouvir o verbo de Paulo de Tarso, pois que muita coisa se falava a respeito dele: diziam-no um mestre seguro do Sinédrio — que era o tribunal da raça onde se dirimiam as disputas político-administrativas de Jerusalém, de Israel. E ao mesmo tempo, queria proporcionar ao rei dos judeus a possibilidade de apreciar-lhe o verbo, numa exuberância, numa eloquência, numa capacidade enorme de versatilizar a fundo, expondo à vontade o que queria, com o seu ímpeto, com o seu arrojo, com a sua disposição. E assim chamou Paulo e, ante o Auditorium de Cesareia, pediu que ele mesmo falasse de si, realizasse a sua defesa.

O Apóstolo dos Gentios, o ex-doutor da Lei, muito calmo, olhou o imenso Auditorium de Cesareia, encarou Pórcio Festo, representante de César, e começou naturalmente a falar... Dizia da sua infância em Tarso. Em seguida, descrevia em cores vivas a sua entrada no Sinédrio, e os rigores da Lei, e o zelo que ele tinha pelas exposições de Moisés ensinadas pelo seu preceptor, pelo seu mestre, Gamaliel. Depois, as tricas, as discussões, as polêmicas, os problemas, a necessidade de correção, de ressalva aqui ou ali, a fim de que sempre a Lei pudesse sobreviver fora da agressão da vida social.

Até que um dia — continuava Paulo —, em suas próprias palavras, descrevendo: Até que um dia recebera carta do Sinédrio para ir à cidade de Damasco a fim de punir uma coletividade de seguidores de Jesus que se encontrava, livremente, fazendo os seus prosélitos.

E em companhia de dois a três cavaleiros dirigira-se rumo ao deserto, em direção a Damasco. E os animais, pachorrentamente, deixavam nos seus passos as marcas de suas pegadas pelas dunas escaldantes. O ostendal, sempre o ostendal... O deserto, na sucessão das dunas... na sucessão das dunas, e os cavalos prateando, pachorrentos, deixando para trás as marcas de suas patas.

Assim passara o primeiro dia... o segundo dia viera... com paradas ligeiras, a fim de que eles tivessem frugais refeições no deserto.

Na parte do segundo dia, mais ou menos ao meio-dia, sol a pino, quando já se deslumbravam ao longe as abóbadas dos casarios e dos edifícios mais altos da grande cidade, súbito, algo de imprevisível acontecera. Não sabia dizer se o Sol ficara mais claro, não sabia dizer se alguma coisa mais clara empalidecera a própria luz do Sol acima. Tivera uma pequena vertigem, perdera o equilíbrio, e caíra do cavalo, e se encontrava cego, de joelhos, nas areias ardentes. E o espaço — o espaço como que se fendera —, e, à sua frente, um homem lindo, com traços à nazarena, olhava-o, parecia estruturado em névoa radiosa. E pergunta-lhe: "— Saulo, Saulo, por que me persegues?". Saulo não pudera falar nada. Embargara-se-lhe a voz, mas via bem o estranho visitante. A Sua Voz era bela e terrível, humilde e majestosa. E, quando consegue sair do impacto que lhe causara a figura divinal, pergunta-lhe: "— Quem sois vós, Senhor?" E o visitante, banhado em Luz, lhe responde: "— Eu sou Jesus, a quem persegues".

Coisa curiosa, a ovelha perseguida vinha ao encontro do lobo voraz. Não pudera dizer mais nada e caíra em pranto, convulsionara-se ante a figura notável. Depois, a recomendação dele dizendo que fosse a Damasco, porque lá lhe seria dito o que convir-lhe-ia fazer. Apaga-se a figura, e a escuridão volta outra vez a tomar-lhe a visão, como que escamas que lhe impediam o registro dos quadros posteriores.

Os cavaleiros que o acompanhavam viram a luz diferente do deserto, mas não viam a pessoa com quem Paulo dialogava. Depois, o resto da caminhada, até a parada, numa rua simples. E, a seguir, o surgimento do velhinho Ananias — que chefiava a coletividade de cristãos — que ele mesmo fora perseguir, fora punir, lhe pusera as mãos nos olhos, e aquelas, como que escamas, caíram, e ele voltou outra vez a receber o dom da vista. Depois, o contato tímido com os primeiros seguidores da comunidade do Caminho, pois que era esse o nome primitivo do Cristianismo.

Seguidamente a primeira reunião na casa de lavadeira singela, seguidora de Jesus. Depois, o intercâmbio, o relacionamento, a missão que fora se expandindo numa caudal indefinível. As suas andanças, as suas peregrinações sempre, sempre falando a respeito daquele Jesus que ele não pudera compreender antes, mas que agora entendia-o, entendia-o sim, pois que lhe vira a figura divinal nas areias ardentes do deserto, nas proximidades de Damasco.

As suas viagens pelas províncias: Éfeso, Corinto, Tessalônica, Galícia, e as localidades, muitas delas: Nea-Pafos, Icônio, Tiatira. Verificara, saudoso, aqueles instantes maravilhosos que passara em Derbe, em Licaônia, em Listra e tantas outras, que lhe puderam receber a presença, sempre pregando a Cristo, sempre falando a respeito do Mestre que nos viera trazer vida, vida em abundância, vida em plenitude, como Ele mesmo nos dissera:

"Vim para que tivesses vida, vida em abundância, vida em plenitude".

Mas, no instante em que o apóstolo dos gentios falava e que crescia o verbo nas suas frases maravilhosas, em que estudava a vida de Jesus, em que expunha para o imenso Auditorium, o seu coração vibrava, pulsava intensamente, no grande ideal, e a sua mente se enriquecia de conceitos, trazendo ao Auditorium estupefato de Cesareia uma mensagem diferente, de um mundo diferente. Aquele Auditorium que, provavelmente, ali comparecera mais com o objetivo de vaiá-lo, ou de zombar dele, ficara inteiramente paralisado, impressionado, com a sua capacidade de argumentar, com a sua dialética, com a sua maneira de falar, trazendo cada conceito e cada frase estruturada de forma magistral na sua elegância expositiva.

Foi quando Pórcio Festo, representante de César, verificando que a massa estava eletrizada por aquele homem diferente, e querendo quebrar o ímpeto das palavras dele, dirige o verbo a Paulo, dizendo-lhe: "— Ó Paulo! As muitas letras, as muitas letras te fazem delirar". Certamente fazendo referência à sua época quando fora, do Sinédrio, uma das figuras representativas.

Mas o Apóstolo dos Gentios, longe de acovardar-se — porque as almas nobres, elas não se acovardam nunca, somente a um espírito másculo na antecâmara da morte é possível sustentar seu testemunho —, em vez de tornar-se túbio e reticencioso, avança alguns passos, encara o representante di' César, e lhe responde: "— Não deliro! Não deliro! Ó potentíssimo Festo, falo de pura e sã consciência: porque Jesus Cristo, Jesus Cristo é a concretização da promessa divina".

Por Ele choraram todos os profetas que lhe anunciaram o Mestrado de Luz e de Esperança; por Ele choraram todos aqueles que se constituíram em amar-se por inteiro, sem ter o extraordinário levedo da nossa incompreensão; por Ele, nas horas tristes e apagadas da raça, muitas esperanças se fizeram sentir, acalentadas através do tempo.

Jesus é a concretização da divina promessa, porque os nossos profetas, todos eles, falaram do Senhor da Vida que haveria de surgir para esperar-nos o coração, para aliviar-nos a mente.

Miqueias falou dele quando disse que Ele nasceria na localidade de Belém, muitos séculos antes de tal fato acontecer. Quando nos fala em seus registros: "E tu Belém, terra de Judá, de forma alguma és de menor consideração que todas as de Judá, porque de ti nascerá o meu Salvador" (Miqueias, 5:2).

Dele falara Zacarias — não o Zacarias do Novo Testamento, marido de Isabel, de quem nascera João, o Batista —, mas o Zacarias, filho de Baraquias, neto de Ado, no Velho Testamento (Zc, 1:1). Por ele dissera Zacarias, quando acrescenta, que ele entraria em Jerusalém, a filha de Sião, montado num jumento e que ele seria vendido por trinta moedas. E realmente estas profecias que se encontram em Zacarias (9:9 e 11:12) se confirmaram plenamente, segundo o Evangelho de Marcos (11:1 e 11) quando mostra a Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém.

Filha de Sião nós sabemos que é um símbolo, é um emblema, é uma representação de Jerusalém. E sabemos, outrossim, que a passagem da entrega das trinta moedas correspondentes àquela situação provocada por Judas se estabeleceu, e fora comprado um campo a um oleiro, como estava na própria profecia de Zacarias, que dizia: "Que se tomaria das trinta moedas e se compraria um campo a um oleiro". Foi, justamente, neste campo, Aeldama, encontrado o cemitério dos estrangeiros, que até hoje permanece.



Paulo de Tarso diante de Agripa e Berenice de Caspar Luiken (1649-1712).

Dele falara Davi, quando tomando de suas harpas nas noites estrelejadas de Jerusalém recebia senhas a respeito da vinda do Messias. Davi falara que ele teria o seu vestido, a sua túnica rasgada, e que se lançaria sorte sobre ela (Sl., 22:18), como realmente aconteceu no dia do Calvário, quando soldados vieram, retiram a túnica do Senhor e lançaram dados sobre ela (Jo., 19:24), em costume muito comum em superstição vigente.

Quando a profecia dissera: "traspassaram-me as mãos e os pés" (Sl., 22:16), e realmente isto acontecera no dia do Gólgota, em que o Grande Espírito abandonava o mundo através de braços tristes e silenciosos do madeiro, depois da sua missão entre os homens.

Dele falara Isaías quando dissera: "Eis que o menino nos nasceu. O principado do reino está sobre seus ombros e não terá fim. Será chamado

Admirável, Conselheiro, Príncipe da Paz e Pai dos Séculos" — conforme se encontra na profecia de Isaías (9:6).

"Não deliro, ó potentíssimo César! Falo de pura e sã consciência, porque Jesus Cristo é a concretização da promessa divina".

E verificando que vivia momento extraordinário na própria vida porque conseguia falar a um representante de César e também conseguia expressar-se a um rei, Herodes Agripa, rei dos judeus, abandonou o ponto em que se encontrava junto à tribuna, contornou-a um pouco, foi do outro lado, olhou o rei Herodes bem nos olhos e acrescentou:

"Ó rei Agripa, ó rei Agripa, não pode ignorar essas coisas de que falo porque se é romano pela cultura, o seu sangue é judeu. Não credes assim, rei Agripa? Não credes assim?"

Herodes Agripa não podia contar com aquela. Ser abordado por um homem vulgar, no entender dele. Lembrava-se que os conselheiros, que são os patriarcas, para lhe dirigirem a palavra, no palácio, faziam mil e uma lisonjas, rapapés; e, no entanto, ali estava um homem simples que lhe dirigia o verbo, sabendo o rei, com tamanha emancipação, com tamanho desprendimento. E ficou reticencioso, sem saber o que fazer, porque fora arguido pelo próprio Advogado dos Gentios. Suor frio polvilhara-lhe a frente, e o Auditorium de Cesareia cravara-lhe o olhar.

Momentos de angustiosas expectativas passaram pesados. E o rei, sentindo que deveria sair da pergunta que lhe fora formulada, endireitou-se na cadeira, passou a mão, retirando o suor frio da frente e falou — como que num gracejo para quebrar a intensidade do momento:

"—Ora, ora! Por pouco me persuades! Por pouco me convences a ser cristão!"

E o apóstolo Paulo, longe de acovardar-se com que o rei dissera, falou-lhe:

"— Provera aos céus, rei Agripa, oxalá que pudesses entender o que eu vos falo agora. Não somente vós, mas todos aqueles que nos ouviram neste dia. Provera aos céus, rei Agripa! Que por pouco ou por muito vos fizésseis cristão. Não somente vós, mas todos aqueles que nos ouviram neste dia".

Esta é uma passagem que se encontra registrada no livro Atos dos Apóstolos, nos capítulos 25 e 26, e explanada de maneira mais aberta e substancialmente, pelo Espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, no livro Paulo e Estêvão (Ed. FEB, Segunda Parte, Capítulo VIII: Martírio em Jerusalém). É, realmente, uma passagem cintilante, maravilhosa, extraordinária, porque sabemos que embora estejamos dela recuados há dois mil anos, ela poderá ser, se o quisermos, inteiramente trazida, vertida à época atual, a fim de lhe apreciar os quadros e retirarmos dela as consequências lógicas, as decorrências de ordem moral.

Pórcio Festo: é o imenso mundo que aparteia. Herodes: é o imenso mundo que ironiza. Paulo: é a representação dos cristãos novos e de todos aqueles que receberam o legado do Consolador, através destas Virtudes Celestes que são os Espíritos do Senhor que se movimentam semelhantes a grandioso exército ao receber a ordem do comando de cima, e vêm à Terra, aflita e atormentada da época contemporânea — quando o materialismo sutil penetra em todos os departamentos das atividades humanas —, a fim de beneficiar, a fim de consolar, a fim de esclarecer.

E não mais a tristeza estabelecida pelo túmulo, mas a alegria, a vibração, a esperança. Não mais a ideia de morte, mas a ideia de vida, daquela vida que cultuavam os cristãos do Cristianismo primitivo e dela poderemos nos cientificar através dos epitáfios, dos dizeres que se encontram nas sepulturas cristãs encontradas em Roma nas escavações realizadas, principalmente, nestes últimos cem anos. Nas sepulturas de Calisto e Priscila, de Domitila e Sebastião, com mais de cento e cinquenta quilômetros de comprimento, onde eram encontrados jazigos, naquela ocasião chamados sepulturas, de cristãos que ali eram enterrados, muitas vezes mortos na arena ou sofrendo a perseguição do acicate, da mandíbula de ferro e do apedrejamento.

Sim, porque nós sabemos que a época atual exige essa definição do ser. E a Doutrina Espírita é, realmente, o maior antídoto contra o materialismo dispersivo, desagregador, pulverizador...

Vamos observar, aqui, o acontecido em Cesareia, tirando inúmeras deduções para o nosso aprendizado nas frases que foram proferidas naquele dia em que Herodes Agripa e Pórcio Festo, Berenice e elementos graduados da província ouviram a palavra de Paulo, falando-lhes a respeito do Mestre Divino. Observemos, primeiramente, a frase que lhe dirige Pórcio Festo:—" Ó Paulo! Ó Paulo! As muitas letras te fazem delirar!"

Na época atual muitos surgem, levianos e inconscientes, ou muitas vezes, inteiramente divorciados do postulado espírita, e nos dizem:—" Espíritas, espíritas! Os muitos fenômenos vos fazem delirar!", esquecidos de que os fenômenos que aí estão, mediúnicos, em toda parte, não foram criados por Allan Kardec na sua Codificação. Não foram criados por espíritas que deles se tornaram seguidores. Não são criados por espíritas contemporâneos. São fatos de todos os tempos, nas diferentes épocas da humanidade, através de raças, civilizações e povos, vieram mostrar que a vida continua além da Terra e que o espírito imortal liberto, canta e vibra.

Vieram mostrar que a dor é a sinfonia divina que desperta os corações humanos, porque, além da sepultura, a vida real começa. Vieram mostrar que se por muitas vezes temos saudades daqueles que partiram — por causa do imenso vazio que ficou em nossas almas —, eles não estão mortos, simplesmente, invisíveis. E aquela saudade, aquela saudade semelhante a uma vigorosa mão de bronze que aperta devagarinho as carnes do nosso coração, é substituída por uma saudade calma, meiga, dolorida sim, mas inteiramente esperançosa e reconfortante. Porque sabemos que aqueles que se ombreamos conosco até ontem, não estão perdidos e não estão aniquilados para sempre. Aguardam-nos em novas dimensões, esperam-nos num reino não físico. E um atestado disso é a mediunidade que existe no mundo, especialmente a observada no século passado e neste século, através de homens de escol, no campo da ciência e da filosofia, a princípio céticos e materialistas, que examinaram o fenômeno psíquico, aprofundaram-lhe as pesquisas, retiraram-lhe consequências e vieram observar que, realmente, a sepultura não é porta que se fecha para o nada, mas sim porta que se abre para um mundo diferente, organizado em estrutura diversa daquela em que nos encontramos, momentaneamente encarnados, ante as nossas provas, as nossas expiações, as nossas necessidades, as nossas tarefas.

Eles, os emissários da paz, os arautos da fé, os mensageiros da esperança, acordam mil e uma faculdades mediúnicas, deixam se empolgar no fenômeno post mortem, e nos trazem a grande bandeira da fraternidade, a grande mensagem de imortalidade.

"—Ó Paulo! Ó Paulo! As muitas letras te fazem delirar."

"— Espíritas! Espíritas! Os muitos fenômenos vos fazem delirar."

Fenômenos que não foram encontrados por nós e nem por nós fabricados, mas fenômenos que foram investigados, em médiuns nem sempre espiritualistas ou espíritas, por meio de observadores quase sempre materialistas.

Vamos observar alguns desses fenômenos para verificar a procedência do que dizemos.

Cesare Lombroso, o grande criminalista italiano recebe em 1888 uma carta do Professor Ercole Chiaia, de Nápoles, dizendo que estava em sua companhia uma mulher de meia idade, mulher simples, que se chamava Eusapia Palladino. Era portadora de faculdades mediúnicas e interessantes. Através dela surgiam fatos impossíveis de serem concebidos dentro de uma base científica tradicional. Bastava que Eusapia estivesse aquietada num ponto qualquer, dizia-lhe a carta, para que os objetos fossem transportados de um lugar para o outro, surgissem até mesmo fantasmas, momentaneamente, surgidos do mistério, a fim de confabularem com os vivos, deixando-se fotografar, deixando-se analisar. Tudo isto poderia ser visto por ele, Lombroso, se quisesse examinar fatos inabituais.

O Professor Cesare Lombroso não deu resposta imediata ao Professor Ercole Chiaia. Três anos depois vai a Nápoles, em 1891, e encontra-se com o Professor Chiaia, e Eusapia Palladino, a médium, ainda estava lá. E ele assiste, na casa da Condessa Celésia, a nove reuniões mediúnicas e uma delas ficaria para sempre marcada na sua consciência, no seu mundo interior.

Lembrava-se daquela noite de Nápoles quando estava assistindo a uma reunião de efeitos físicos e um fantasma se materializava bem junto à cabine do médium. Era uma mulher, configurava-se cada vez mais e concreta se tornava. E viera em sua direção, os olhos atônitos do grande criminalista registravam-lhe bem: "— Mas seria possível? A mamãe aqui! A mamãe aqui!" E o vulto chega bem próximo e fala-lhe numa expressão de voz inesquecível, no seu velho dialeto, na sua maneira de dizer: "— Cesare, fio mio!" [— César, meu filho]. Era a própria genitora que vinha do país das sombras dizer ao filho que a vida continuava além das limitações humanas, porque o espírito, em realidade, o espírito é enormemente grande para ficar limitado nas estreitas grades de um corpo sensorial, de um corpo carnal. E algumas vezes mais, estabelece, ele, contato com a genitora desencarnada. Observa o fenômeno mediúnico, estuda o hipnotismo e a mediunidade e escreve o seu livro *Ricerche sui Fenomini Hipnotici e Spiritici* [Pesquisas sobre os Fenômenos Hipnóticos e Espíritos], (12) no qual realiza a sua adesão ao campo da pesquisa da mediunidade.

Era o grande criminalista, era um homem famoso, cujos reflexos se prendiam a todo um mundo de observação e que narrava a realidade das suas experiências mediúnicas em Nápoles.

"—Ó Paulo! Ó Paulo! As muitas letras te fazem delirar".

"— Espíritas! Espíritas! Os muitos fenômenos vos fazem delirar".

12-Edição 1909, com o título Hipnotismo e Mediunidade, por Almerindo Martins de Castro, editado pela FEB, Rio de Janeiro, 1945, 1ª edição, e por Carlos Imbassahy, com o título Hipnotismo e Espiritismo, editado pela LAKE, São Paulo, 1960 [Nota dos organizadores]

Mas fenômenos impossíveis de serem controlados, humanamente, desde a simples mediunidade de incorporação, também chamada psicofonia, à mediunidade de materialização, também chamada ectoplasmia, na mediunidade que surge, no espírito que se apresenta, no médium que se lhe constitui momentaneamente o instrumento, e todo o mundo espiritual, se derramando em bênção de esperança, dizendo: que além das nossas limitações, das nossas tristezas, dos nossos problemas maiores ou menores — aqueles a quem amamos, aqueles de quem gostamos, vivem, não obstante, vivem para sempre. "O teu rapaz vive" [Mt., 8:13], dissera Jesus ao centurião.

No Circolo Scientifico Minerva, em Gênova, — organização que se especializara em trabalhos de mediunidade e observação e que recebera, em certa ocasião, a própria presença de Ernesto Bozzano —, realizara, certa noite, uma reunião especial de materializações de efeitos físicos com a médium Eusapia Palladino, na casa de um dos sócios do Circolo, Sr. Fellce Avelino. Era 5 de setembro de 1901...

O recinto estava todo calafetado, hermeticamente fechado. Eusapia era controlada pelos observadores que lhe prendiam as mãos, que lhe pisavam os pés. Um terceiro enlaçava-lhe a cintura. Ela estava, a rigor, manietada na cadeira. Súbito, através do fenômeno de voz direta, um visitante espiritual chega e diz: "— Boa noite, senhores!". A voz vinha de quatro a seis metros de distância de onde Eusapia Palladino se encontrava em silêncio. E quando devidamente se lhe solicitou a identificação, respondeu-lhe o espírito: "— Chamo-me John King. Sou um dos guias espirituais da médium, e vou demonstrar-lhes o que pode fazer um espírito, ou vários, compondo e decompondo a matéria, isto é, desmaterializando-a e rematerializando-a".

Seguidamente, houve um baque surdo de um objeto que cai numa mesa afastada a alguns metros do médium manietado. Devidamente autorizado para levantar o bico do gás, fazendo-se uma penumbra para a claridade, descobriram os observadores e estudiosos que se encontrava sobre a mesa um pão grande, de quatro pontas, chamado massa de soda, muito comum na Itália.

Perguntaram ao espírito John King se o pão poderia ficar para ser comido depois, e a entidade respondeu-lhes: "— Isto não me é possível fazer, porque eu o retirei de uma padaria, aqui ao lado, e eu não posso roubar, não sou ladrão. No entanto, se quiserem fazer a permuta, o câmbio, eu poderei levar a moeda, no valor de dois soldos — correspondente ao preço dele —, e colocar na caixa do padeiro, e ele ficará para ser comido depois".(13)

Vemos aí o fator moral na pesquisa psíquica. Não é a pretensão que tem esses parapsicólogos e metapsiquistas contemporâneos que querem obter o fenômeno psíquico de uma maneira mecânica, quando o fenômeno espiritual é controlado por bases morais. Geralmente os fenômenos de efeitos físicos ocorrem nas chamadas empestações de casas, nas casas assombradas, mas isto ocorre com a observação e ciência de entidades mais evoluídas do que aquelas que realizam tais processos mediúnicos, de obra ou de base material.

É a verdade da mediunidade trazendo uma manifestação de vida, mostrando a substancialização dos quadros da existência. É a Doutrina Espírita, através da mediunidade, mostrando que a vida continua além da Terra e que o espírito imortal liberto, canta e vibra.

"—Ó Paulo! Ó Paulo! As muitas letras te fazem delirar".

"— Espíritas! Espíritas! Os muitos fenômenos vos fazem delirar".

O Dr. Speer e o médium Sr. M. A., da Inglaterra, realizavam experiências em Shanklin, ilha de White, as chamadas sessões de tiptologia ou da mesa. A mesa batia, ou melhor, as entidades espirituais ionizavam o recinto, retiravam a gravidade do recinto — como o fazem sempre em trabalhos dessa natureza —, e os objetos ficam como que painas, podendo até flutuar. E naquela noite, na sessão de Shanklin, com três pessoas à roda de uma mesa pesada, uma entidade espiritual, batendo com um dos pés da mesa, se comunicou.

13- Ver Fenômenos de Transporte, Ernesto Bozzano, Edições FEESP, São Paulo, 1982, :2ª edição. Categoria1,pp48-51[Nota dos Organizadores]

Quando lhe perguntaram o nome, respondeu: "— Chamo-me Abraão Florentino". Ninguém conhecia Abraão Florentino. Mas, acrescentou a entidade, dizendo que tomara parte na guerra americana e, que se vivo fora, naquele dia estaria com a idade de oitenta e um anos, um mês e dezessete dias. Nada sabiam os participantes da sessão a respeito de Abraão Florentino, e a reunião fora encerrada.

No dia seguinte, o Sr. M. A. escreveu uma carta ao Sr. Spes Sargent, célebre espiritualista americano, solicitando informações a respeito de Abraão Florentino. Ele também não sabia, mas tomou da nota e fê-la publicar numa revista americana chamada *Banner of Light* [Bandeira da Luz] — era uma revista de estudos psíquicos e de pesquisas do supranormal, do inabitual. A revista circula e cai nas mãos de um leitor chamado Wilson Millar que trabalhava numa repartição, na função Agente de Recebedor das Petições dos Soldados, no estado de Nova Iorque. Ele leu o nome, parece recordar-se dele: "Abraão Florentino?" E teve a ideia de ir ao fichário da sua repartição para verificar se tal ficha não se encontrava lá.

Sim, Abraão Florentino tomara parte na guerra americana, em 1812. O Dr. Eugênio Crowell toma conhecimento do fato publicado na revista, pesquisa no catálogo de endereço e localiza a viúva do Soldado Florentino que residia no Brooklin, na Rua Kosciuszko, nº 119. De posse de tal informe, o Dr. Crowell estabelece contato com Madame Florentino e, depois de pequenino cálculo, por ele solicitado, a mulher acaba por dizer-lhe que se o marido fosse vivo, naquele dia da reunião da Ilha de Shanklin, estaria com a idade de oitenta e um anos, um mês e dezessete dias. Como poderia ser aí o fenômeno psíquico a exteriorização dos três figurantes, quando eles nada sabiam a respeito de Abraão Florentino. (14)

14- Ver Animismo e Espiritismo, de A. Aksakof, FEB, Rio de Janeiro, 3º edição, 1978, pp 191-194. Ver também No Invisível, Léon Denis, FEB, Rio de Janeiro, 8º edição, 1977, 2º Parte, Capítulo XVI, p 213 [Nota dos organizadores].

Quando surge o fenômeno mediúnicos assim, tonitruante, eclodindo numa intensidade de lógica e de beleza, quando surge a mediunidade assim, lançando as bases de uma vida superior, quando surge a faculdade mediúnica assim, no atestado de sobrevivência, recordamo-nos da pergunta 459 de O Livro dos Espíritos, formulada por Allan Kardec às entidades que lhe auxiliaram na Codificação: "— Interferem os espíritos nos atos de nossas vidas?" Resposta das entidades ao codificador: "— Muito mais do que supondes. De comum, são eles que vos governam os pensamentos". E aquela frase filosófica de O Livro dos Espíritos encaixa-se admiravelmente bem nos lábios do Professor Charles Richet, mestre da Sorbonne, descobridor da anafilaxia, prêmio Nobel de 1913, que na sua última aula dada na Faculdade de Medicina de Paris, no dia 24 de junho de 1925, acabou por dizer aos alunos que todos nós estávamos envolvidos por um mundo de fantasmas.

Na tela mental do Professor Richet, naquele instante, começavam a se desdobrar os fatos mediúnicos que ele observara durante quarenta anos com médiuns da Europa e da América, em diferentes capitais e cidades do interior, começara a observar os fatos acontecidos com a médium Marthe Béraud, também chamada Eva Carrière, na casa do General Noël, em Argel, em 1903. Quando naquela noite, Gabriel Delanne, discípulo de Allan Kardec, ajudava-o na verificação de determinadas experiências. Gabriel Delanne controlava Marthe Béraud adormecida no sofá e Charles Richet se colocara dentro da cabine para observar a formação do fantasma. E quando Bien-Boa, um espírito que se materializava através da médium citada, começou a corporificar-se no recinto, cada vez mais delineado, cada vez mais completo, e se aproximou de um copo onde estava a água de barita e um canudinho dentro e deixou o gás carbônico dos seus pulmões na água de barita, dando contraste — ele até mesmo ouvira o gluglu característico que fazia a entidade comunicante —, não podendo mais aguentar o clima de observação a que chegara, pergunta ao colega do outro lado da cabine: "

15- *Ver Metapsíquica Humana, Ernesto Bozzano, FEB, Rio de Janeiro, 3a edição, 1980, capítulo XI, pp. 144-5 [Nota dos organizadores].*

— Será que você está vendo Marthe?" Resposta de Gabriel Delanne ao professor Richet: "— Estou vendo Marthe Béraud inteiramente". (15) Estava assim comprovada a realidade de que Bien-Boa, a entidade que se materializava, não era a médium que estava adormecida calmamente, placidamente, num sofá.

E aquele pensamento filosófico de Charles Richet tocado de autenticidade científica, porque também observara, encontra plena aclimação na carta que Paulo escreve aos Hebreus (12:1), quando lhe fala o Advogado dos Gentios: "Todos nós estamos envolvidos por nuvens de testemunhas".

Testemunhas no bem, testemunhas no mal; testemunhas na paz, testemunhas na guerra; testemunhas no amor, testemunha no ódio; testemunhas nas virtudes, testemunhas nos vícios. Todos nós, encarnados, estamos envolvidos por milhares e milhões de criaturas desencarnadas que se nos prendem de acordo com o nosso temperamento, conforme o nosso caráter, consoantes às nossas inclinações várias. Milhares e milhões de seres que nos atrelam psiquicamente, envolvem-nos fluidicamente, expressando-nos os seus próprios pensamentos nos nossos pensamentos, encontrando aclimação e vivência.

Daí a necessidade da Doutrina Espírita trazer-nos o seu fator ético, a fim de que possamos cada vez mais fechar essa faixa de sintonia com o mundo invisível inferior e abrir-nos, cada vez mais, a nossa faixa de sintonia com o mundo invisível superior.

São as manifestações de vida e de esperança. É a mediunidade que salpica, aqui ou ali, a sua mensagem fenomênica, dizendo quo a vida continua além das nossas próprias disposições e daquelas dimensões, em que haveremos de manifestar sempre, e sempre, enquanto estivermos no corpo, porém, um dia nos afastaremos dele, através do processo desencarnatório, porque ninguém ficará para semente.

Daí a necessidade de aproveitar-se o curso do tempo, o benefício da hora, o favor do minuto, a autenticidade do mês, a mensagem do ano, a fim de que possamos realizar a nós mesmos, enfraquecendo o ontem negativo que nos oprime, a fim de que possamos ganhar expressões de Paz, em direção à Luz.

"— Ó Paulo! Ó Paulo! As muitas letras te fazem delirar."

"— Espíritas! Espíritas! Os muitos fenômenos vos fazem delirar."

E ele responde a Pórcio Festo:

"— Não deliro, não deliro, ó potentíssimo Festo! Falo de pura e sã consciência. Porque Jesus Cristo, Jesus Cristo é a representação da promessa divina".

E, deixando o lado da tribuna em que se encontrava, contorna um pouco, chega junto a Herodes Agripa, olha-o nos olhos e prossegue:

"—O rei Agripa, ó rei Agripa não pode ignorar essas coisas. Ele é romano pela cultura, mas o seu sangue, o seu sangue é judeu. Não credes assim, rei Agripa? Não credes assim? Sei que o credes, sei que o credes".

E o rei estonteado e perturbado diz:

"— Ora, ora! Por pouco me persuades, por pouco me convences a ser cristão".

Diz Paulo:

"—Oxalá, rei Agripa, que por pouco, ou por muito, vos fizésseis cristãos, não somente vós, — e olhando o auditório de Cesareia, acrescentou —, mas todos aqueles que nos ouviram neste dia".

Esta é a história de um rei que por pouco, quase se torna cristão, ha dois mil anos, mas ele não quis.

Essa é a história de um rei que quase, por pouco, pouco, altera a sua trajetória evolutiva há dois mil anos atrás. Mas ele não quis. Ele não quis, porque o livre-arbítrio é sagrado, e através da liberdade de querer, nós poderemos fazer ou não fazer, aderir ou dissentir, por, dispor, repor, contrapor, elaborarmos os mais diferentes pensamentos e os diversificarmos pelas mais variadas experiências, querendo possibilidades benéficas, querendo possibilidades maléficas, plantando sementes de amor e ódio no caminho da vida, porque o livre-arbítrio é sagrado.

"Ó Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes Eu quis reunir seus filhos como uma galinha reúne debaixo de suas asas os seus pintainhos." (Jesus -Mt., 23:37.)

Cristo quis, Jerusalém não quis, e o livre-arbítrio é sagrado!

Em verdade, poderemos querer isto ou aquilo, por algum tempo, por muito tempo, mas ficaremos constrangidos a voltar e engolir os detritos que a nossa inconsciência, que a nossa leviandade, espalharem pelos humanos caminhos.

Buda, em seu livro Dharmapada, escreve:

"Aquele que comete uma má ação receberá o choque de retorno, quer seja no céu, na Terra, ou em algumas das fendas da montanha".

Paulo de Tarso, escrevendo aos Romanos (14:12), assim se manifesta de forma que cada um de nós prestará contas de si mesmo a Deus.

Moisés, instruindo os irmãos da raça, na obra Deuteronômio (24:16), informa-nos de forma que o filho não se fará matar pelo seu pai, nem o seu pai se fará matar pelo seu filho, porque cada um se perderá pelo seu próprio engano.

E Ezequiel (18:20) acrescenta a mesma coisa: o filho não herdará o pecado do pai, nem o pai herdará o pecado do filho. A justiça do justo cairá sobre ele, como a impiedade do ímpio cairá sobre ele.

Eis que se ergue, através da Doutrina Espírita, o cálculo de responsabilidade individual, dizendo que, antes de sermos filhos de vossos pais carnis presentes, somos mais filhos do nosso passado espiritual do qual viemos, do qual proviemos. E se os vossos pais estão convosco, e se os vossos parentes estão convosco, e se os vossos amigos estão convosco, dentro da imensa Lei de causa e efeito, relacionamo-nos com pessoas as quais estiveram ligadas a nós, ou com as quais nós ligamos, através dos séculos que se foram, por civilizações, raças, povos.

É a história de um rei que por pouco, pouco, quase, quase, mudou seu caminho evolutivo. Mas Herodes Agripa não quis.

Por pouco, pouco, por enquanto, por enquanto tudo, tudo está desafiando a nossa capacidade de perceber, a nossa capacidade de sentir. Por enquanto estamos na vida, na vida encarnada — porque a vida que se passa na Terra é uma vida fenomênica, isto é, está acontecendo num vir-a-ser contínuo, tendo uma origem, uma trajetória, e um fim, em que todas as coisas passam por nós, e nós passamos por todas as coisas.

Por enquanto, o atleta exhibe musculatura flexível; por enquanto, o banqueiro movimenta talões de cheque; por enquanto, o comerciário, o comerciante desonesto, falseia no prato da balança; por enquanto, o delinquente perturba a vida da coletividade; por enquanto, o emissário da paz é bandeira da Luz; por enquanto, o forjador de guerra passa, deixando na retaguarda, trevas, orfandade, a prisão do espírito; por enquanto, o guerreiro surge muitas vezes, cheio de medalhas, de condecoração e de bravura, mas deixando sangue espalhado pelo seu próprio caminho; por enquanto, o historiador desonesto falseia o curso da história; por enquanto, o inocente surge à barra do tribunal, muitas vezes impossibilitado de conhecer-lhe a história desde o princípio e julgando-o afobadamente; por enquanto, o jogador deita no pano verde, sua moral, sua honra; por enquanto, o ladrão que rouba a sociedade não está sabendo que ele rouba, ou que está roubando a si próprio excelentes momentos de paz e cura; por enquanto, o mensageiro da paz é luz acesa na imensa noite da nossa ignorância milenar; por enquanto, o narcisista, o adorador do próprio corpo, contempla-o embevecido — corpo este que será amanhã, ou depois, entregue à Terra, mãe comum das formas perecíveis, das formas que morrem; por enquanto, o operário da paz é bênção na vida dos povos; por enquanto, o querelante perturba com o verbo insensato; por enquanto, o regenerado trabalha na recomposição do seu próprio destino; por enquanto, o regenerador que leva incêndio, miséria, sequestro e morte está carreando para o seu próprio destino explosões de dor e sofrimento que mais tarde se desatarão; por enquanto, o turbulento agita e desarvora; por enquanto, o universalista toma dos variados problemas que aí estão e busca encaminhá-los, afunilando-os em direção à unidade; por enquanto, o voluntarioso se crê centro da vida, achando que tudo deva girar em torno de si; por enquanto, o "X" do problema se encontra distante de nós, porque ainda não temos suficientemente capacidade para amar, suficientemente capacidade para entender; por enquanto, o zênite, ponto mais alto, se encontra afastado de nós também, porque ainda somos a elaboração de séculos de necessidades de dor, gritando o nosso fracasso portas adentro de nós mesmos, impe-dindo-nos, ainda, quer por enquanto, e durante muito tempo, a nossa integração com a Luz.

Tudo isto acontecendo, por enquanto, em nossos caminhos e através do que acontece uma Vida mais Alta vai observando, vai anotando, vai desafiando a nossa capacidade de aderirmos ao ponto de harmonia, e de nos afastarmos cada vez mais das faixas de sempre.

"Oxalá, rei Agripa! — que por pouco, ou por muito, não o fizeste cristão. Não somente vós, mas todos aqueles que nos ouviram nesse instante."

A mensagem que nos traz o livro Ato dos Apóstolos, nos capítulos 25 e 26, apresentando-nos Paulo dialogando com Herodes, rei dos judeus, e com Pórcio Festo, representante de César, é bem lição e advertência para as nossas necessidades, porque notamos que aí está o imenso mundo desafiando a nossa capacidade de entendê-lo, fazendo com que nosso coração se transforme num relicário de paz, numa manifestação de luz para acertarmos o caminho e, em nome de Jesus, lhes levamos aquela mensagem que eles, os homens, não têm e se desnor-teiam por sinuosos caminhos.

E na época atual, tão cheio de grandezas materiais, mas pobre de amor e sentimento; na época atual, em que o homem moderno rasga as profundezas da estratosfera e do espaço sideral e do subsolo, mas se detém no pórtico do túmulo com a mesma impressão dos gregos, dos egípcios, dos romanos, de épocas recuadas; na época atual, em que o homem se estilhaça como centro de unidade, pulverizando-se em processos de ilusão, por falta de uma mensagem mais alta que lhe regule a vida e que o oriente o destino, os Espíritos do Senhor que são as Virtudes Celestes, como nos diz o prefácio de O Evangelho segundo o Espiritismo, e que se manifestam semelhante a grandioso exército ao receber a ordem do comando de cima, não obstante as nossas paixões, as nossas perturbações, os nossos distúrbios, as limitações que carregamos conosco, porque os séculos não os esfumaram, eles, por muito nos amarem, cancelam a distância que existe entre a plenitude de Cristo e as nossas limitações.

E como, através da prece amiga, entramos em processo de sintonia com o mais Alto, e quando, através da integração espiritual, somos suscetíveis de entender os Mensageiros Celestes, eles, os Emissários da Paz e os Amigos da Esperança, envolvem-nos com os seus fluidos salutares e nos dizem essas boas palavras:

Na época atual a verdade como se configura numa formosa mulher, vem outra vez realizar o seu giro pelo mundo. Encontra à beira do caminho um homem cansado, desanimado, infeliz. O seu nome pouco importa. É um homem do caminho, como os há milhares, milhões. A sua posição social, o seu credo em especial, a sua cor, a sua raça, pouco importa, é um homem triste, como os há milhões à beira do caminho. E ela depois de lhe abrir os panoramas da vida superior, e ela depois de abrir os painéis da vida, que nunca morre, apieda-se dele, levanta-o em extrema compaixão, e seguindo com ele, lhe fala:

"Vem, atravessa comigo o limiar da vida e contempla o mistério. Vê! Tu não podes morrer nunca, nunca, nunca podereis morrer. Ávida é um cântico sem fim, e sinfonia de luz transborda nos ritmos dos fenômenos".

E o homem triste, desencantado, desanimado da época contemporânea, deixa-se externar num sorriso de satisfação. Muito natural, pois que ele se entende, pois que ele se compreende, sobretudo, pois que ele se sente herdeiro da eternidade.

Muita paz!

CHICO XAVIER – ANTENA PSÍQUICA

NEWTON BOECHAT COMEÇOU seus estudos no seu torrão natal em Apiacá (ES). Na época de seu nascimento ele não podia ser chamado propriamente de apiacaense, pois estas terras ainda não levavam o nome de Apiacá. Então vamos ver um pouco da história transcrita do site municipal:

"As terras que constituem o atual município de Apiacá pertenciam, até a data de sua emancipação, ao município de Mimoso do Sul. Os primeiros colonizadores, partindo de Limeira, localidade pertencente à freguesia de Itapemirim, subiram o rio Itabapoana e fundaram, à margem esquerda do rio, um núcleo populacional que deu origem à atual sede municipal. A fertilidade do solo influenciou no povoamento da região, com afluxo de desbravadores que se dedicaram principalmente ao cultivo do café de qualidade. A primeira denominação do distrito foi Antônio Caetano, alterada em 1911 para Boa Vista e, em 1943, para Apiacá, espécie de marimbondo de notável agressividade".

Em julho, os apiacaenses entram em festejos saudando a padroeira Nossa Senhora de Sant'Ana.

Newton me contava, achando muita graça, que uma escola municipal da localidade tinha uma placa na biblioteca com o seu nome.



CHICO XAVIER

Aos dez anos foi estudar na cidade de Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro, no Colégio Santa Teresinha. Era um aluno exemplar. E aqui não é papo de escritor puxando a sardinha para o lado do seu biografado. Não! Temos em nossos arquivos os testes e exames originais que Boechat preservou. Exemplo: na sabatina de história do Brasil, em 29 de setembro de 1938, ele tirou 99. Sua falha de memória — vê se pode! — trocou D. Manoel III por D. João III, como rei de Portugal na época do descobrimento. Em 10 do outubro de 1938, a professora H. Guimarães escreveu "Louvor — 100" na prova de geografia. No exame de Promoção 3º Série, mais um bilhete da mestra: "Distinção e Louvor" — Média escrita 10, Média da oral 10 e Média geral 10. No exame final da 4º Série a média geral foi 99,3 — a professora arredondou para 100. Desse último exame destaque uma frase que ele escreveu:

"Há trabalho para todos. Ele não falta. O que falta são trabalhadores de boa vontade".

Upa, menino esperto! É a pura verdade!

Por volta de 17 anos mudou-se para Belo Horizonte, quando iniciou estudos na área das línguas neolatinas, em nível superior, graduando-se quatro anos após. Foram anos árduos e de grandes dificuldades econômicas. Nessa época ele residia na Avenida Paraná, nº 298.

Nessa época, 1946, fez amizade em Belo Horizonte com vários membros atuantes do movimento espírita, tais como César Burnier, de quem se tornou grande amigo, Rubens Romanelli, Camillo Chaves, iniciando visitas que se tornaram posteriormente constantes a Pedro Leopoldo, quando conheceu Chico Xavier e Dr. Rômulo Joviano.

A partir de 1948 se intensificou a relação com o médium de Pedro Leopoldo, Chico Xavier. A intimidade trazia segredos do coração, de passado longínquo. Quantas vidas! Quantos segredos de alma!

Em meus arquivos guardo as muitas cartas, bilhetes e cartões da generosa amizade entre os dois amigos a serviço de Jesus na causa espírita. Evidentemente não devemos descobrir publicamente muitas confidências. Aliás, por recomendação do próprio Boechat que escreveu:

"Acredito que, no referente às cartas recebidas ou espontaneamente obtidas, talvez nunca serão publicadas, pois devemos fazer jus à confiança que as pessoas depositam em nós. Existem momentos em que a alma quer se entornar sem obstáculos, desfazendo amarras, como que por desafogo. Quem não viveu ou vive esses momentos, por certo está na Terra por descuido da Providência. Assim, o melhor mesmo é constituirmo-nos em túmulo fechado..." (Anuário Allan Kardec, 1978, São Paulo.)

Newton Boechat, inclusive, sabia, e com os mais íntimos comentava, as aflições dele e do Chico de optarem, nessa atual reencarnação, em se manterem solteiros. Um para a entrega total aos seus livros; o outro, para a entrega total às suas palestras. Sabendo dessas angústias, que qual ponta de iceberg emerge das profundezas da alma, ele guardava de memória, e aos risos recitava os versos que o Djalma Andrade compôs quando dos 42 anos (16) de nosso Chico Xavier:

Publicado no jornal O Poder de Belo Horizonte (MG), em 27 de abril de 1952 [Nota dos organizadores]

Sem paixões e sem amadas,
As suas horas se vão;
As mulheres encarnadas
Não lhe causam emoção.

Mulheres, nem só nem juntas
Perturbam seu claro dia,
Só depois que são defuntas,
Ele as vê com simpatia.

Ó Chico, se não perdeste
A fé que mora no fundo
Encontrarás, mesmo neste,

Uma mulher do outro mundo...

Assim, vamos só pinçar o que por ora seja possível:

Primeiro sobre a missão do Newton planejada pelo Alto:

"Estou impressionado com a sua movimentação em serviço espiritual. Creio que a sua viagem esta redundando em missão edificante que terá sido planejada do Alto. Assim sendo, meu caro irmão, rogo ao Senhor lhe multiplique as energias, de vez que sem qualquer expressão de lisonja vejo em você 'aquele sementeiro que saiu a semear', valioso missionário de nossa Causa, cujo exemplo é um apelo às nossas legiões juvenis. Deus o guarde, meu amigo, e lhe dê todos os recursos indispensáveis à vitória que lhe coroará o apostolado". (Chico Xavier, Pedro Leopoldo, 17.11.1954.)

Um outro exemplo de amizade eram os pedidos mútuos de favores:

"Apresento a você um meu amigo de infância, o Felisberto Barbosa, distinto chauffer aqui de Pedro Leopoldo que está em luta por obter alguns documentos no IAPTEC. Encaminho-o ao seu bom coração, pedindo o seu auxílio em nosso favor." (Chico Xavier, Pedro Leopoldo, 1.11.1949.)

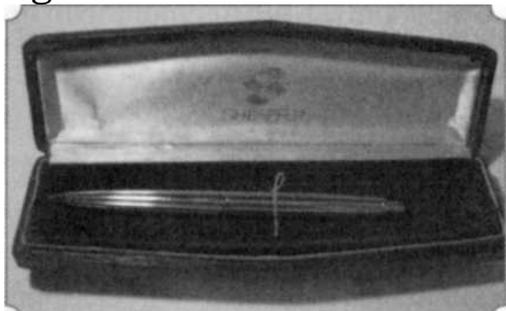
Tudo, então, saiu a contento:

"Mais uma vez agradeço a você quanto fez em benefício do irmão Felisberto e rogo ao Senhor o recompense pela caridade que nos prestou. Que o Céu lhe retribua, hoje e sempre." (Chico Xavier, Pedro Leopoldo, 16.1.1950.)

Há também bilhetinhos sobre reencarnações do Chico Xavier:

Chico foi Jeanne D'Arencourt, trazida de Aras pela Viscondessa Charney, Andréa (Odete Machado na presente vida), para servir na Corte, junto a Maria Antonieta. Emmanuel: Jean Jacques Turville, professor de filhos de nobres em Paris. Desencarnou na Espanha 10 anos após a Bastilha (Newton Boechat).

Durante o período de estudos, em Belo Horizonte, fundou, com grande dificuldade financeira, um jornal, em parceria com Gustavo Pancrácio, intitulado A Luz do Mundo. Esse jornal chegou a ter 7 números.



Caneta presenteada no encontro entre os dois amigos em 9.abril.1969, em Petrópolis (RJ).

Chico Xavier saúda a chegada de A Luz do Mundo com palavras de carinho todo espiritual:

"Recebi hoje a sua confortadora carta que agradeço, muito reconhecidamente, e também o número inicial de A Luz do Mundo que é mais uma folha viva do Evangelho a irradiar bendita claridade de Jesus para os nossos tempos. Com o meu abraço de sinceras felicitações pelo primoroso trabalho que a sua abnegação cristã nos apresenta, espero em Deus que o bom amigo seja sempre muito bem amparado em sua grande missão." (Chico Xavier, Pedro Leopoldo, 3.3.1950.)Havia também troca de presentes entre eles:— Uma caixinha contendo a Torá — a Lei dos Judeus — com dedicatória. Newton Boechat ofertou este presente ao Museu Espírita fundado pelo Antônio Lucena no Rio de Janeiro.— Uma caneta de metal presenteada no encontro entre os dois amigos em 9 de abril de 1969, em Petrópolis (RJ). Com ela Chico psicografou várias mensagens reconfortantes. (17)

17- Hoje esse objeto está ativo está em meu poder. Fiz algumas tentativas via Dr Roberto Silveira, meu sogro e grande amigo do Boechat, de doar a caneta à União Espírita do Petrópolis, mas tudo em vão. Parece que o movimento espírita só quer siglas, apostilas o nada com a história [Nota dos organizadores]

— Em 5 de setembro de 1970, Chico Xavier dedicou o disco "Nunca Estás Só" para o senhor Clodomiro Boechat, paizinho do nosso Newton. O Sr. Clodomiro quando residiu em Manhumirim (MG), por alguns anos, fundou o "Grupo de Estudos Espíritas Fred Fígner". Certa feita, Chico Xavier disse sobre o Sr. Clodomiro em carta ao nosso Newton: "Seu estimado pai, cuja amizade não me sai da memória." (Pedro Leopoldo, 14.9.1954.)

Chico Xavier vibrava muito com as palestras do nosso Newton, tanto que em 13 de fevereiro de 1968 foi assisti-lo no "Batuíra" em Uberaba. Em 6 de setembro de 1970, Chico marcou presença na sua conferência no "Centro Espírita Uberabense".

Aqui quero recordar a visita que fizemos, eu e Newton, a Uberaba a 8 de março de 1980. Boechat havia voltado do roteiro pela Europa e nosso Chico queria informações minuciosas. Em sua residência, calmamente e sozinhos com o medianeiro, depois de se falar sobre diversos assuntos, Newton discorreu sobre a sua atividade no continente distante. Quantas informações, perguntas, bênçãos, alegrias. Chico tudo queria saber e vibrava como vitória da Causa espírita. Ficou tão feliz e surpreso quando soube que Newton falara num auditório de uma igreja em Barcelona, onde acontecera o famigerado "Auto de Fé" das obras espíritas. Então, Newton abordou o espírito de redemocratização por toda a Espanha feita pelo Rei Juan Carlos.

Neste ponto eu o interroguei:

— O rei Juan Carlos não é candidato ao Prêmio Nobel da Paz? Newton então observou:

— E com o endosso de muitos chefes de estado dado à sua candidatura. — Chico, o páreo será duro!



Newton Boechat falando debaixo do abacateiro em Uberaba. Jorge Damas está de perfil, no canto esquerdo.

Então o médium, com a sua tradicional singeleza, respondeu:

— Ah! Newton vamos orar para ele ganhar, pois ele é que é bom!

Não me contive e ri muito. Não era ingenuidade, pois tudo transpirava amor, delicadeza e humildade...

Como é sabido de todos, mesmo com as orações do Chico, nem ele nem o rei Juan receberam o aplauso do comitê designado pelo parlamento norueguês.

Ainda nesse encontro de almas, Newton discorreu sobre um tema evangélico debaixo do famoso abacateiro de Uberaba. O tema da tarde vinha a propósito e nada por acaso, ante às expectativas do Prêmio Nobel: A Paciência.

É, dizia frequentemente Newton:

— "O acaso é o pseudônimo de Deus quando Ele não quer assinar."

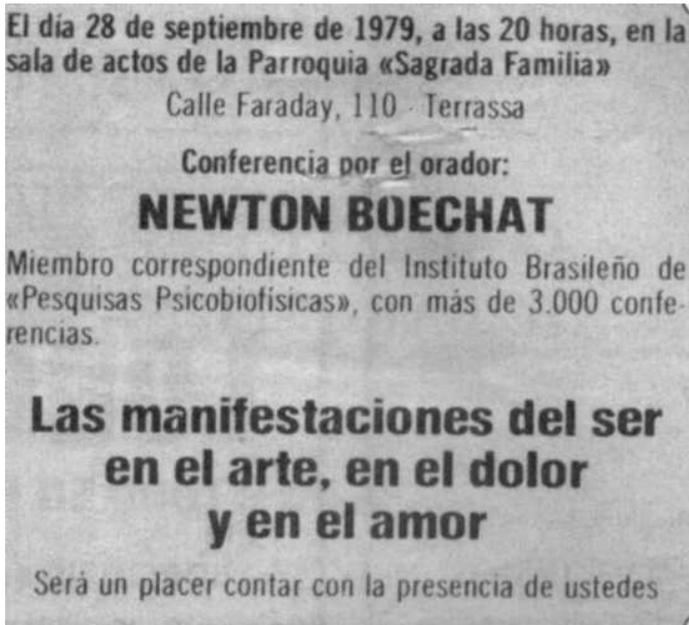
VI
O AUTO DE FÉ
DE BARCELONA

ANTES DE "OUVIRMOS" NEWTON BOECHAT quero destacar a carta enviada pela querida Josefa Darriba (Pepita), confreira que o ciceroneou em seu roteiro de palestras pela Espanha. A carta veio a mim dirigida de Reboreda e datada de 5.10.1979:

"Meu caro, saímos de Córdoba para Madri, onde o casal Molina já nos esperava na estação, de onde seguimos para Barcelona, Terrassa, onde a palestra foi realizada no salão da Igreja Católica Apostólica Romana, com pároco assistindo a palestra até o final, coisa inédita na história do Espiritismo na Europa. Nosso amigo fica nos anais da história". (18)

Eis o fato: no dia 28 de setembro de 1979, às 20 horas, na sala de atos da Paróquia "Sagrada Família", Calle Faraday, 110, Terrassa, Barcelona, próximo ao local onde ocorreu o "Auto de Fé", com a queima de cerca de 300 livros espíritas, Newton Boechat, como membro correspondente do IBPP, conferenciou sobre o tema: Las manifestaciones dei ser en el arte, en el dolor y en el amor. Tudo divulgado pelo Diário de Terrasa, Ano III, N2 326, Jueves, 27 de Septiembre de 1979.

18- Ressalvo que, muitos anos depois, em 31 de julho de 1991, através de contato telefônico — assim está registrado em meus arquivos —, a nossa Pepita disse que nessa conferência histórica se vendeu mais de 4 caixas de livros. Outro fato é que o padre presente era o provisório, acompanhado de freiras, mas quando o padre titular soube ficou "bem danado". Ela ainda informou que soube disso por volta de 1983 ou 84. Disse, ainda, que Boechat, inteligente, falou uma linguagem mais parapsicológica, mas citou Amália Domingo Soler e Miguel Vivez [Nota dos organizadores]



A repercussão foi grande. Dos muitos cartões que Newton enviou da Europa, em um deles ao confrade juiz-forano Kleber Halfeld, registrava o ineditismo. O amigo Kleber, surpreso e encantado, leu o cartão da tribuna de uma casa espírita da sua charmosa cidade:

"Meu caro Kleber, a minha primeira conferência foi realizada em uma das mais importantes cidades espanholas — Barcelona. Para seu espanto, e de todos nós brasileiros, a igreja enorme estava completamente lotada, com o consentimento do pároco local, o que é surpreendente porque a ciência espírita sempre foi combatida naquele país. O interessante é que há pouco mais de cem anos passados naquela mesma cidade, Barcelona, era queimada em praça pública uma remessa de livros enviados pelos confrades franceses, a fim de que fosse divulgada naquela nação a Doutrina dos Espíritos." (Ver artigo de Lauro Cataldi, Nova Era, Franca (SP), 15.11.1979.)

Nada disso nos espanta tanto, quando relemos as palavras que Chico Xavier certa feita escreveu ao Newton Boechat:

"Felicito a você, prezado amigo, por todos os valiosos empreendimentos a que se vem consagrando na sementeira da nossa Redentora Doutrina. Deus o abençoe e fortaleça, bom irmão." (Chico Xavier, Uberaba, 28.4.1959.)



Newton Boechat em confraternização em Terrassa — Barcelona.

O prestígio alcançado com a conferência chegou ao abrigo do coração da generosa Yvonne do Amaral Pereira. Isto vemos em carta que a nossa Josefa Darriba enviou ao próprio Newton Boechat:

"Meu caro, também estava esperando uma carta da Yvonne do Amaral Pereira que encheu de ternura meu coração, uma longa carta cheia de carinho e amizade, agradecendo os meus cartões postais e a minha carta de quando cheguei de Barcelona da nossa viagem. Carta em que eu contava toda a nossa viagem. Me conta, ela, que recebeu todos os seus cartões de França e Itália, diz que a palestra na Igreja Católica, férrea, desde milênios, é o fim do mundo... ou o princípio de outro mundo. Vai procurar revê-la, pois ela vai querer saber de você essa história direitinho. Yvonne é extraordinária!" (Reboreda, 5.12.1979.)

Yvonne Pereira queria saber de tudo direitinho, pois isso era assunto seu, de seu grande interesse. Ela se correspondia com o

padre Sebastião Bernardes Carmelita, residente em Uberaba (MG), que se tratava, nada mais nada menos, da reencarnação do bispo incinerador das obras espíritas. Ver sobre isso o livro Yvonne do Amaral Pereira — O Voo de uma Alma, de Augusto Marques de Freitas, 1ª edição CELD, Rio de Janeiro (RJ), 1999.



Yvonne do Amaral Pereira(Napoleão Figueiredo)

Assim como dizia ou diz o próprio Boechat, sem mais delonga, passemos ao tema anunciado:

O tema que propomos percorrer pode ser intitulado o "Auto de Fé de Barcelona". Vamos desenvolvê-lo de uma maneira bem didática, bem esclarecedora.

Provavelmente, pessoas há que estejam no chamado final de admissão ou no início do chamado primeiro grau — em se tratando da matéria abordada. Estas pessoas entendê-la-ão, e aqueles outros adultos, evidentemente mais amadurecidos pelo tempo, aproveitá-lo-ão também.

Passamos, portanto, para o nosso o Auto de Fé de Barcelona.

O outubro, em área espírita, é bem marcado por duas datas: O três — a desencarnação do Codificador lionês, Allan Kardec, e, o nove, o "Auto de Fé de Barcelona".

Primeiramente, é interessante lhes dizer o que era o Auto de Fé. O Auto de Fé era um documento que o clero, dominante, ligado aos poderes administrativos de países, realizava a fim de

poder punir alguém, em graus diferentes de punição, sendo que o máximo culminava com a morte física da pessoa, ou, então, na impossibilidade de uma punição pessoal — através de torturas e castigos e reclusões —, eles eram punidos através dos negócios, de suas propriedades, de seus pertences e de seus bens. Por quê? Porque ousavam pensar e sentir diferentemente daquilo que era a cadeia dos acontecimentos religiosos e administrativos em voga, em vigência.

Nós sabemos que os tempos são outros, sopram novos ares. A vida se encarregou, desde quando se estabeleceu uma sociedade industrial, e os sistemas de comunicação, principalmente o de transporte, estes sistemas se encarregaram de juntar os povos, de aproximá-los mais, conquanto o mundo fosse esta bola que é, com as dimensões de sempre.

Assim, a criatura consegue, rapidamente, colocar-se num país qualquer, numa região qualquer, em poucas horas, quando deixa que o seu corpo seja levado por máquinas poderosíssimas, a considerar as distâncias. Entretanto, nós sabemos que o homem terrestre poderá se levar a distâncias imensas. Poderá, até mesmo, atingir o espaço cósmico, porém, jamais realizará o voo espiritual sem as asas do conhecimento e da sabedoria.

Façamos, pois, votos para que mais e mais se nos abra o Inqim iln progresso, trazendo um conceito democrático de respeito, aquele respeito de que nos falava Voltaire quando dizia:

"Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo".

Que coisa extraordinária. Até mesmo sentimos empolgação perante este lema de Voltaire:

"Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo".

E, realmente, se pretendermos bloquear alguém, ou alguns, dificultando-lhes ou caçando-lhes a maneira de ser e de sentir, como haveremos de nos sentir bem em ter o nosso pensamento e o nosso sentimento, bloqueados, obstaculados, impedidos.

Eis aí um conceito do mundo moderno, contrapondo-se às velhas concepções e às velhas teologias que impediam que fôssemos nós mesmos, que pudéssemos liberar os voos conforme seja a nossa maturidade para fazê-los. E por isto é que clamamos

sempre por um conceito de responsabilidade com igualdade. Ou, então, um conceito de liberdade com responsabilidade.

Vejamos um fato curioso e que merece aqui ser situado. O lema da Revolução Francesa: Liberte, Égalité, Fraternité. Não resta dúvida, é um lema maravilhoso. Mas se pressupõe que este lema seja enxertado numa sociedade espiritual. É um lema, sem dúvida, constituindo-se para nós, um marco de luz, um amanhã, um amplíssimo e luminoso horizonte.

Entretanto, nós que já estamos calejados na vida... nós que já experimentamos processos de alma, no fundo do coração... nós que enfrentamos decepções e impactos, dos mais variados... vamos realizar, aqui, uma pequena anatomia nesse lema da Revolução Francesa e chegaremos a um resultado bem curioso.

Liberte, Égalité, Fraternité — Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Lema do 14 de julho da Revolução Francesa.

Eles dizem, por aí, que os franceses entravam na Bastilha cantando, a Marselhesa. Hoje em dia, a pesquisa histórica se incumbem de colocar tudo em termos, porque o hino, a Marselhesa, composto por Rouget de Lisle, não havia na época da Bastilha, da queda da Bastilha. A Marselhesa foi composta três anos depois e se chamava: Hino para os Combatentes da Margem do Reno. De forma que não havia Marselhesa na Revolução Francesa, e nem tão pouco entravam na fortaleza, derrubando-a, cantando, vibrando.

Isso vejamos: Liberte, Égalité, Fraternité.

Liberdade:

Para um chamado tipo inferior, baixo, denso, bruto, quando a criatura grita por liberdade, o que ela quer é que se lhe deixem inteiramente livre o campo do instinto para o qual ela se desloca para gerar carma outra vez.

Então, o que ela quer é estar livre para balburdiar-se e balburdiar a vida. Ela não sabe querer outra coisa. Ela é de nível baixo, ela é de nível denso, está a gritar liberdade. Então, nós verificamos que a liberdade aí surge como fonte de balbúrdias e confusões.

Igualdade:

Quando a criatura diz igualdade, e ela for, realmente, apoucada, limitada espiritualmente, o que ela quer, na realidade, é ser sempre igual ao maior, nunca igual ao menor.

Se se lhe disser que com a liberdade que ela quer, e com a igualdade que ela pretende; se se lhe disser que a igualdade que ela proclama vai fazer com que ela perca certos requisitos e certos benefícios que ela tem durante o ano, no sentido de vestir e alimentar a milhares, ela fica, inteiramente, contrafeita, porque o que ela quer é ser igual ao maior, e nunca ser igual ao menor. Então é uma igualdade desarrazoada, porque ela não está afirmada em valores espirituais.

Fraternidade:

E, finalmente, quando a pessoa grita por fraternidade, o que ela quer é ser fraterna numa mesa redonda na qual ela possa dirigir. Ela nunca pensa em perder um pouco da sua emancipação e da sua liberdade para que os outros tenham liberdade. O que ela quer, em realidade, é liberdade para poder dominar, dentro das suas características utilitaristas, imediatistas e absolutistas.

Então, não há negar, o lema da Revolução Francesa é maravilhoso. Mas pressupondo-se uma coletividade que já se encontre espiritualizada para poder vivenciá-lo até a plenitude.

Assim sendo, com este introito que julgamos possível e cabível para a nossa exposição, vamos partir para o "Auto de Fé de Barcelona".

Suponhamos que pudéssemos estar numa nave que não nos projetasse por velocidade, deslocando-se em quilômetros, mas uma nave que nos pudesse regressar para o passado, superando as condições de agora, e que todos nós fôssemos viajores desta nave, e não nos encontrássemos mais aqui, no presente, acomodados pachorrentamente em poltrona confortável.

Vamos nos deslocar superando barreiras de espaço e tempo, dando marcha a ré em direção ao passado.

Vamos, quais se fôramos nós testemunhas invisíveis e silenciosas, entrar em Barcelona, a capital progressista da Catalunha. Barcelona é o pulmão e coração da Catalunha, como dizem todos. Nós sabemos que a Catalunha é aquela região espanhola que se fronteiriza com a França, lendo a dividir os dois países, os Pireneus.

A Catalunha é maravilhosa. A sua língua é extraordinária, sonante. Quando nós estivemos na Catalunha e se nos

oportunou algumas visitas a cidades, de Barcelona, Tarragona, Igualada e Terrassa, ficávamos encantados de ver e de ouvir o catalão falar. Eles parecem meio atemorados. Um som maravilhoso, na conjugação de palavras despertando uma frase. É cantante, é vibrátil, é metálico o som da voz catalã.

De forma que Barcelona era o coração e o pulmão da Catalunha. Ambiente de liberdade e paz. Provavelmente, no século passado, a Catalunha era, de todas as províncias da Espanha, aquela em que mais vibrava o espanhol na sua desenvoltura, na sua liberdade, na sua hospitalidade tanto que os europeus chamavam Barcelona de "albergue de los extranjeros" [o albergue dos estrangeiros].



No verso da foto se lê: "Ao muito estimado Jorge Damas Martins, lembrança da minha passagem por Barcelona — Visita ao túmulo de Amália Domingo Soler (31.9.1979)— De seu sempre amigo, Newton Boechat— Rio, 14.4.1980".

Porque todos os perseguidos políticos, todos os famintos de justiça, todos aqueles que eram lesados e explorados, no seu coração e na sua mente, demandavam Barcelona, porque ali sabiam estar situados num reduto de paz.

E, justamente, neste momento, em que projetamos nosso pensamento nos quadros primeiros do tema "O Auto de Fé", vamos nos aproximando... nos aproximando de Barcelona, e cada vez mais... e nos encontramos nas proximidades do cemitério de Montjuic, e ali se encontram os jazigos onde foram enterrados os corpos de Amélia Domingo Soler, grande médium espanhola, e de José Maria Fernández Colavida, que foi o Kardec espanhol, o tradutor das obras de Allan Kardec.

Junto ao cemitério de Montjuic, ergue-se um bairro de características nobres. No século passado, o bairro ali estava. As

casas, de quatro ou cinco andares, muito padronizadas, comumente estruturadas em obras de alvenaria.

E vamos nos aproximar, então, junto ao cemitério de Montjuic para um burgo, onde se encontra uma casa coletiva de dois andares.

Penetramos devagarinho aquela casa. Passamos por vários quartos coletivos e vamos nos aproximar de um quarto, cuja luz se encontra acesa. É luz de lampião, e luz forte. Mas estamos como testemunhas invisíveis, e não há necessidade de bater à porta pedindo ao seu hóspede que no-la abra.

Devagarinho... devagarinho..., já nos encontramos dentro de um quarto. Um quarto de classe média, tendente a certas carências, revelando, até mesmo, certas dificuldades.

Alcançamos um homem que escreve numa secretaria. Era um homem que chegava, em 1861, na casa de seus quarenta e sete anos. Cabelos muito pretos, muito anelados, abobadados. E também uma barba, igualmente preta, em forma de pera, seguindo-se por dois lados do bigode, aparada, perfeitamente, abaixo do nariz. Pupilas muito negras. E este homem escreve à luz de um lampião.

Evidentemente que não haveremos aqui de dizer a carta toda que ele escrevia. Uma carta que deve ter sido elaborada no final do mês de agosto. Este alguém, vamos imediatamente identificá-lo como Maurice Lachâtre, autor do Dictionnaire Universel. Estava prisioneiro, também fugido na Catalunha. Napoleão III mandara prendê-lo, mas antes amigos bondosos interferiram no sentido de que sua fuga acontecesse, atravessando com muita dificuldade os Pireneus.

Maurice Lachâtre era o autor de um dicionário que, ao ser lançado, abalou os meios intelectuais de toda a Europa, e isto provocou uma inveja imensa em Napoleão III, porque ele não admitia tanta cultura, tanto esplendor de beleza literária a ofuscá-lo. Porque isso era um fenômeno natural que ocorria, independentemente de Maurice Lachâtre; independentemente do Dictionnaire Universel [Dicionário Universal]; independentemente da História dos Papas — que ele escrevera minuciosamente; independentemente da História da Inquisição — que ele tentara, com todo o realismo das cores e das movimentações registrar —, independentemente de tudo.

Maurice Lachâtre se encontrava há cinco anos em Barcelona. E, ali, ficaria até 1870, quando ocorre a Comuna, e ele retorna a Paris, num lance de ousadia. (19)

E no silêncio da noite, à luz do lampião, a sua mão elaborava uma carta para Allan Kardec. Naturalmente, como todas as cartas, ela começava assim: "Ilustríssimo senhor Allan Kardec...".

E o que pedia o autor do Dictionnaire Universel? Simplesmente — numa época como a atual, ébria de coisas espirituais — ele solicitava ao Codificador do Espiritismo lhe enviasse trezentos exemplares de obras espíritas, porque havia uma possibilidade muito grande, por parte da Catalunha, em assimilar esses conceitos. Primeiro, por causa da variedade de gente que lá se encontrava. Segundo, por causa do clima de liberdade que lhe era um atributo comum.

Pedia estes trezentos exemplares, abarcando vários títulos, e que lhe fossem enviados, pelo vapor, na primeira ocasião.

Mais ou menos no dia seis para sete de outubro de 1861, chegara à alfândega, a aduana de Barcelona, dois embrulhos, duas caixas contendo trezentos exemplares de obras variadas:

19- A vitória do governo e a violentíssima repressão levaram Lachâtre de volta a Espanha, onde manteve a sua intensa atividade intelectual. Com a anistia retornou à França, onde desencarna em Paris em 9 de março de 1900. [Nota dos organizadores].

O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; La Revue Spirite [A Revista Espírita]; O que é o Espiritismo; A História de Joana D'Arc ditada por ela mesma, recebida pela médium senhorinha

Ermance Dufaux; Fragmentos de uma Sonata, ditada pelo Espírito de Mozart e recebida pelo médium Sr. Bryon D'Orgeval; a Revista Espiritualista, de Mr. Z.-J. Piérat; Carta de um Católico sobre o Espiritismo, pelo Dr. Grand, e o livro A Realidade dos Espíritos demonstrada pela escrita direta, do Barão alemão Sr. de Guldenstubbé. (20)

Estes eram os livros que compunham as duas caixas chegadas à alfândega, com todas as tarifas pagas em Paris, e outras tantas que foram pagas na própria aduana de Barcelona.

As caixas foram abertas...

Entretanto Maurice Lachâtre foi avisado de que ele não poderia assumir a mercadoria, porque simplesmente ela deveria ser revista, ou deveria ser fiscalizada, ou anotada, por Dom Antônio Palau y Termens, bispo de Barcelona, que haveria de dar a palavra final quanto a haver viabilidade de ser entregue, ou não, a encomenda feita a Paris.

Dois dias depois, para espanto do talentoso autor do Dictionnnim Français Illustré, ele recebe em plena alfândega a resposta de que as duas caixas não lhe seriam devolvidas em virtude de encerrar motivos contrários à fé vigente.

Aqueles livros eram perniciosos, aqueles livros eram negativos, aqueles livros eram heréticos e induziam, a quem os ler, a um posicionamento contrário à tradicional religião.

Em vão, Maurice Lachâtre trouxe suas frases conciliatórias. Ele disse que estava paga toda a remessa dos livros. Ele disse que já havia acertado os emolumentos e taxas da recepção do livro. Entretanto a palavra de ordem foi uma só: Não é possível!

Ver a Revista Espirita, FEB, 1a edição, 4/2004, Brasília (DF), 1861, dezembro, pp. 465-470 [Nota dos organizadores]

Mas haveria um recurso (?)... poderia haver uma conciliação (?)... Que os livros fossem devolvidos a Paris, pelo menos, a fim de que não houvesse prejuízo. Mas viera uma resposta à sua

alegação: Estes livros não poderiam ser devolvidos a Paris porque eram perniciosos, e a Igreja, sendo de estrutura universal, tanto seriam perniciosos os livros na Espanha, quanto seriam perniciosos os livros em Paris. Eram uns livros que traziam um conceito diferente daquilo em que se posicionava, como uma assimilável e natural religião, penetrando, enxertando-se, no comportamento das massas. E, ainda mais, chocara-se Maurice Lachâtre quando soubera que para aqueles livros estava decretado um "Auto de Fé".

Sim! Eles seriam queimados.

Livros ordinários!

Livros contraproducentes!

Livros contra um princípio de fé vigente.

E, segundo o que se preceituou, este "Auto de Fé" seria realizado às dez e meia da manhã — quarenta e oito horas depois —, no nove de outubro daquele 1861, na esplanada de el Quemaderos que era, justamente, uma esplanada grande, onde até 1820 se executavam pessoas.

Entretanto, a voz popular foi tão grande e provocava tanta irritação e tanta indignação à execução de pessoas no el Quemaderos que a partir de 1820 o clero recuou um pouco. Liberais vieram, com a sua interferência, e os autos de fé aconteciam, apenas, para objetos e pertences ligados, ou de propriedades, daquelas pessoas que ousavam contrariar os regimes e as determinações vigentes.

Mas falemos um pouco a respeito da esplanada de el Quemaderos. É uma esplanada imensa e nela fora construída em 1716, pelo rei Filipe V, a fortaleza La Ciudadela.

Era uma fortaleza, em tudo, semelhante à Bastilha. Pentagonal, enorme, com muretas, com altos pontos para visão e em toda ela rodeada de fossos. Fossos estes que eram passados por pontes levadiças, a fim de que se pudesse adentrar a fortaleza de La Ciudadela.

Como foi construída esta fortaleza? Antigamente era tão bonito o bairro de La Ribera. La Ribera era um bairro de 1.262 casas; um bairro de classe média, de gente operosa e trabalhadora. No

entanto, os barceloneses não aceitavam o absolutismo de Filipe V, Rei de Espanha, que era dominador e autoritário.

Resistia, ali mesmo, o povo aos seus autoritarismos, aos seus desmandos. Mas quando o Rei e as suas tropas invadiram Barcelona, ele, com as armas e uniforme reluzentes ao sol, num cavalo garboso e acompanhado de milhares de militares — justamente para se vingar contra a resistência dos barceloneses —, ele chegara, justamente, ao bairro de La Ciudadela, onde se reuniam os intelectuais.

Ele chegara ao bairro de La Ribera e decretara o seguinte: as mil duzentas e sessenta e duas casas deste bairro serão destruídas e, aqui, perpetuando a minha memória, quero que se construa uma fortaleza, semelhante à Bastilha, e o seu nome será La Ciudadela.

Que coisa extraordinária! Ainda penetrando mais na história daquele tempo, essa fortaleza em cima tinha mais uma outra dependência de dois andares. Era a Torre de Santa Clara, onde os mais sórdidos e inomináveis crimes se cometeram. Milhares e milhares de barceloneses — quando penetravam na Torre de Santa Clara, no ponto mais alto de La Ciudadela — sabiam que passando pela ponte levadiça, era a última vez...

Semelhantemente é o que acontecia na Itália, na cidade de Veneza, no Palácio Ducal. Lá existe uma ponte chamada Ponte Dei Sospiri [Ponte dos Suspiros]. Porque, no instante em que o prisioneiro passava de um lado para o outro do palácio, ele olhava Veneza, pela última vez, e suspirava porque em corpo carnal não voltaria jamais.

O que acontecia aos presos e aos torturados da Torre de Santa Clara? Acontecia o inominável, a brutalidade, a perturbação, o descaso, tudo aquilo que se constitui fator magnético negativo, luciferino, desalmado, antivital. Ali, passavam por torturas...

Uma delas, a forca, a outra, o punhal, e a terceira, o garrote vil. Será que sabemos o que é a tortura pelo garrote vil? Era uma coisa terrível e indescritível. O garrote vil era um instrumento de tortura que se constituía de duas luvas de couro forte, e no lado

exterior das luvas, nas palmas das luvas, eram fixados pregos e lâminas e objetos cortantes. E os verdugos quando iam punir alguém, dando-lhe o caminho da morte, esta pessoa desde a madrugada era amarrada numa cadeira, nela sentada de costas, para uma porta onde penetrava o verdugo. Às vezes, duas ou três pessoas emparelhadas, e penetravam três verdugos. E eles caíam quais loucas feras sobre o pescoço da pessoa e estrangulavam. Não somente estrangulavam... O garrote vil era cortante, e era um verdugo tão hercúleo, tão forte, que eles apostavam, uns com os outros, qual aquele que seria capaz além de estrangular, degolar, decepar. E a força que imprimiam, em luvas cortantes, chegava a ponto de desligar do tronco as cabeças das vítimas, em meio a convulsões, em engasgues, em meio a muitos ais.

Esta era La Ciudadela; e esta era a casa de tortura, a Torre de Santa Clara.

Mas, naquele dia, para se cumprir o "Auto de Fé de Barcelona", a queima dos livros de Kardec e outros, às dez e meia da manhã, de uma quarta-feira, entraram, com paramentos especiais, um padre, representando Dom Antônio Palau y Termens, dois notários, um substituto de notário, um alto funcionário da aduana e três serviçais da alfândega que se incumbiriam de trabalhar no sentido de crepitarem as chamas do "Auto de Fé", queimando as obras. E o padre a estar em passos lentos, com seu paramento, fisionomia carregada, patibulada. Numa mão, uma cruz — a cruz do Cristo —, na outra mão, uma tocha — tocha que reduziria à cinzas as obras de Allan Kardec, as obras espíritas.

Mas os livros não poderiam ser queimados com facilidade. Experimentem realizar uma fogueira em torno de duas caixas de livros bem postos e fechados. O fogo custa a pegar. Eles tiveram de esgarçar, eles tiveram que rasgar os livros, destrambelhá-los, a fim de fazer uma fogueira triangular, ou a fim de fazer uma pirâmide triangular, através da qual aconteceria a fogueira.

E no momento exato em que o representante de Dom Antônio de Palau y Termens, o bispo de Barcelona, tocou com a tocha, por debaixo, naquelas páginas de tantas consolações, súbito, a fogueira começou a realizar o seu mister. As labaredas subiam e, quando subiam, pareciam subjetivamente desenhar as carrancas

e os rostos horrendos de inquisidores que morreram há muito tempo e que, em engasgos loucos, em gargalhadas sarcásticas, se jogavam naquelas fogueiras a fim de tentar uma segunda morte impossível, pois que eram espíritos desencarnados...

E não estava errada uma imaginação tão fértil. Observara-se, através do rodopio das chamas, aquelas figuras patibulares. Porque no outro lado, no mundo espiritual, realmente, eram os inquisidores espanhóis e portugueses, em gritos loucos, em gargalhadas indescritíveis, atiravam-se, atiravam-se gargalhando dentro da fogueira, procurando um suicídio impossível.

O povo começava a se aglomerar. Muita gente observava o "Auto de Fé", sem apoio. Porque já começavam a cansar as perseguições clericais por pequenas expressões, por motivos pequeninos, acerca disto e daquilo. Alguns, até mesmo, assobiavam e vaiavam, enquanto a fogueira, ali, estava a queimar as obras de Allan Kardec, as obras espíritas...

Depois, devagarinho, retirou-se o padre representante do bispo Dom Antônio de Palau y Termens, os auxiliares da alfândega, os moços da aduana...

E começou, na parte da tarde, às duas horas, às três horas, a soprar um vento calmo, frio, que vinha dos Pireneus, e aquelas folhas amareladas dançavam, rodopiavam e se desfaziam no além...

Muitas delas não estavam totalmente queimadas. Estavam encrispadas, aproveitáveis, em certos pontos.

Alguém se lembrou de tomar como um relicário de saudade, em meio de muitas lágrimas, algumas páginas de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns e outras. E estas páginas foram enviadas a Allan Kardec, em Paris. E o Codificador da Doutrina Espírita, para perpetuar o crime e a brutalidade do "Auto de Fé de Barcelona", as colocou numa urna de cristal, (21) que por muitos anos esteve exposta na Librairie Spirite, do Sr. Leymarie, ali na rue Sant Jaques, não muito distante do Jardien de Luxemburgo.

Ver Obras Póstumas, Allan Kardec, FEB, 1ª edição especial. 4/2005, Brasília (DF2/ Parte, pp. 368[Nota dos Organizadores]

Esta urna, contendo restos das páginas crispadas e queimadas de Barcelona, existiu até 1943, quando o nazismo invadiu a França, e os soldados nazistas foram a Librairie Spirite e quebraram a urna e destruíram estas páginas que evocavam tantas saudades.

Passaram-se os meses. Em nove de julho de 1862 desencarna, no palácio do bispado, Dom Antônio de Palau y Termens. Ele era levado para o mundo espiritual através de um insulto cardíaco imprevisível. E ele, nas suas rendilhas do quarto bispai, pensava em tudo aquilo, pensava na sua própria vida. E no momento exato de abandonar o corpo, quando os olhos e as glândulas requeriam concordata com a vida, o seu pensamento, como se fosse uma prodigiosa tela, trazendo em minúcias todos os feitos que se realizara nove meses antes e o panorama de sua própria vida, ele recuava no tempo e se via na paz de seminarista com quatorze anos de idade, com os botinões de inverno, rindo e cantando pelas terras da Catalunha, pela cidade de Valls, onde nascera, em 1806, em Tarragona.

Teólogo, ele era matemático, era uma criatura fina que, segundo o depoimento de muita gente, amava Jesus. Ele tinha, realmente, no tempo de seminarista e teólogo — um aos quatorze e outro aos vinte e cinco anos —, um acendrado amor pelo Cristo de Deus.

Era encontrado chorando nas suas preces e realizando casamentos contínuos entre a sua alma e a alma do Cristo em núpcias espirituais.

Entretanto, por que acontecera isto? Por que se desacertara? Por que não soubera traduzir o seu amor a Cristo em olhos de benevolência e aceitação do seu semelhante?

Amava sim à Jesus. Mas não soubera traduzir o seu amor. Passadas semanas, na Societé Parisiene d'Études Spirités [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas], em plena reunião mediúcnica dirigida pelo Sr. Allan Kardec, dois médiuns registram a presença do bispo.

Um a vê-lo num lado da sala, acabrunhado, com as mãos em concha guardando o rosto. E a sua mitra estava como que desarrumada. Um segundo, via-o inteiramente, instável, inquieto, soluçante. Um terceiro, dias depois, viera a captar-lhe a comunicação, que é todo o processo de exteriorização da alma sofrida: "Socorrei-me, Jesus! Valei-me, Mãe Santíssima!" — dizia Dom Antônio de Palau y Termens — "Como foi possível um tal ato de brutalidade? Eu era tão bom nos meus dias de seminarista. Eu amava Jesus! Eu cheguei a escrever um livro sobre o Mestre em seus tormentos e em seu martírio na cruz. Por que motivo agora minha alma se sente queimada, queimada como os livros que eu mandei queimar em Barcelona? Socorrei-me, Senhor!"

Lágrimas perolavam-lhe a frente.

Embargava-se-lhe a voz. O médium estava agitadíssimo ante a elevação do potencial magnético a que o bispo o levava por efeito de suas contradições e de sua instabilidade emocional.

Entretanto, mesmo assim penitente, Dom Antônio Palau y Termens fez uma profecia naquela mensagem lançada na reunião mediúnica dirigida por Allan Kardec.

Ele disse: "— Prevejo e sinto no Senhor! Eu peço a Deus para que seja varrida de Barcelona La Ciudadela, a Torre de Santa Clara. Eu não quero mais a esplanada. Eu não quero mais a fogueira infeliz. Um dia, não tardará. Um dia a fortaleza será derrubada. Derruir-se-ão os velhos torreões, ela virá ao chão e, ali, se fará um parque lindo, um parque lindo... Jardins calmos onde pessoas desalentadas poderão repousar. Um parque, um cisne singrando as suas águas calmas... As gardênias, as rosas, os lírios, os gerânios ornando os lagos de La Ciudadela. Desaparecerá para sempre de minha alma e do lado exterior, confio em Jesus! Desaparecerá! O monstrengo urbanístico, que era La Ciudadela, de tantos crimes, e de tantos ais, e de tantas vítimas".

Coincidência, ou não, o certo é que em 1869, justamente, no ano da desencarnação de Allan Kardec, o povo de Barcelona faz um abaixo-assinado pedindo a reurbanização das cercanias de La Ciudadela à administração da Prefeitura da cidade. Que fosse retirado aquele monstrengo urbanístico de Barcelona. Que se fizesse ali um jardim lindo, um parque belo, onde se pudesse repousar e descansar. E La Ciudadela, a antiga fortaleza, erigida pelo orgulho e pela vaidade de Filipe V, tinha de ser destruída e se construir um lindo parque.

Lá estivemos, em 1979, em Barcelona, num périplo doutrinário, realizando conferências. Andamos pelos jardins, pelo lago, por aquele paraíso que é o parque de La Ciudadela. Crianças álacres passando, jovens namorando nos seus folguedos. Velhos descansando à luz do sol, e vendo os cisnes, e sentindo o perfume dos gerânios e das rosas, dos miosótis que ali florescem, que aparecem em belas demonstrações de arte e de beleza.

Por coincidência, a Torre e a Fortaleza são destruídas no ano da desencarnação de Allan Kardec. E em 1888, em Barcelona mesmo, tem lugar o Primeiro Congresso Espírita Internacional presidido pelo Visconde de Torres-Solanot.

Vemos assim, como diz o francês: tudo passa tudo quebra, tudo cansa. A vida exterior é fugidia, fenomênica, instável, pela

sua própria natureza. Que loucura seria a nossa se pretendêssemos estabilizá-la? Porque não o poderíamos jamais.

Heráclito de Efeso, num momento de inspiração, vira o universo em perpétuo transformismo e dissera em grego: Panta rei! [Tudo flui!].

E Emmanuel nos fala no livro Fonte Viva uma frase que merece ser repetida aqui: "as circunstâncias da vida deslocam-se minuto a minuto". Nós não podemos segurar as coisas exteriores, como também não podemos reter para sempre o arcabouço físico que é o nosso próprio corpo físico. Estamos prisioneiros, aproximadamente, em três trilhões e quinhentos bilhões de células, que se nos constitui a armadura do corpo. Inquilinos da carne, por cinquenta, sessenta, setenta, oitenta ou mais anos. Mas dela haveremos de sair através do processo desencarnatório.

Allan Kardec, escrevendo na Revue Spirite, de 1862, informa-nos de maneira prudente: Dom Antônio Palau y Termens conquanto o fosse discricionário e autoritário, na medida em que mandara realizar a queima dos livros nossos, ele era diferente dos demais da sua grei. Porque, enquanto, em vez de se transformar em um obsessor, em verdugo, em um inquisidor a mais, como o cabia naquelas condições, por dezenas e dezenas de anos, e até mesmo por séculos, ele, imediatamente, viu o mal que havia feito, ele se recompôs, o que demonstra que havia uma grandeza de alma, que havia uma superioridade de espírito, como assinalava Allan Kardec.

Em vez de se tornar renitente, obstinado, sistematizado, cristalizado, não, ele, imediatamente, quando cai a armadura carnal, sente como espírito a sua ação, pede perdão a Deus e se torna ajoelhado em espírito, arrependendo-se daquilo que havia feito, numa penitência interior. O que era prova de superioridade espiritual, como nos diz Allan Kardec.

Os atavismos, os maus hábitos, as viciações dos homens, quando acontecem no nível baixo, neles permanecem além-túmulo por muitos e muitos anos. Em realidade, a criatura não sabe se ela é uma viva-morta, ou se ela é uma morta-viva. Entretanto, quando o espírito já tem ingredientes mentais, emocionais e éticos, mesmo se traduzindo o mal, mesmo se equivocando no painel terrestre, no teatro de lutas humanas, a

criatura imediatamente tende a se recompor, a se refazer, em base de humildade e interioridade.

Certa vez, nos bambuais de Pedro Leopoldo, Chico Xavier nos dissera fato que merece repeti-lo aqui: Nos encontrávamos em companhia de alguns confrades da capital mineira. Chico Xavier nos dissera uma coisa que ficara para sempre no imo da alma, no fundo da alma. Emmanuel estava a lhe dizer, e ele nos ensinava, que o que nos aproxima dos bons espíritos não é a nossa pureza, não. Nós temos pureza muito problemática. Nós somos personalidades oscilantes. Às vezes, estamos eufóricos, exteriores, receptivos, às vezes, estamos inteiramente para dentro, azedos, obumbrados. Pureza em nós?... Para entrar em contato com almas de arminho, quais Emmanuel e Bezerra, Zenóbia (22) e Eurípides, e tantos outros do elenco, da constelação espiritual: Pureza em nós? Onde? Como? Somos criaturas profundamente erradas e equivocadas, sedimentadas no passado. Nós somos formados de ondas que batidas em outras ondas, e noutras ondas, ainda, acabaram por fazer a cadeia de ondas do nosso presente que bate nas praias de nosso hoje, jogando toda a sua lama, jogando toda a sua escória, jogando todo o seu detrito nas praias do nosso hoje.

Estamos, deveras, compromissados com o nosso passado espiritual.

E aquela fera que nós supúnhamos domesticada em nós, dormindo, calmamente, o sono de séculos; aquela fera, ela acorda por dentro de nós com garra aduncas, com olhos ejetados prontos para ferir.

Diretora da Casa Transitória de Fabiano. Ver Obreiros da Vida Eterna, Espírito André Luiz, Médiun Francisco Cândido Xavier, capítulo IV, edição FEB, 11a, 1981, Rio de Janeiro, p. 54 [Nota dos organizadores].

E, habitualmente, ai de nós! Habitualmente, ressurgem em nós aquele atraso, aquela selvageria, aquela animalidade, aquela brutalidade, aquela interioridade que só vemos nos outros, mas que se cumpre em nós também.

Emmanuel, numa mensagem privativa, a Cleone Matos de Carangola falou-lhe assim: "O passado, o passado é uma força

poderosíssima inclinando-nos ao ontem, sem que muitas vezes possamos enxergar no hoje que flui o nosso alvará de libertação para o amanhã."

E quando ocorreu o "Auto de Fé de Barcelona" e que as vozes amigas de além-túmulo disseram à Allan Kardec que não tomasse providência alguma, por via administrativa, porque o "Auto de Fé" levaria a toda a Europa, a todo o mundo, uma propaganda maior dos conceitos da Doutrina Espírita...

E aí que, na Revue Spirite de 1861, o mestre escreve magistralmente, extraordinariamente, aquela frase que todos deveremos guardar para sempre: "— Não há Pireneus, por mais altos que sejam, que consigam obstacular, que consigam impedir o sopro das ideias novas".

As ideias novas sopram, sopram as cinzas de Barcelona. Sopram as cinzas da fogueira de Barcelona levando a todos as ideias de libertação e do espiritualidade.

E nesta mesma Revue Spirite, de 1861, o Codificador traz a sua frase de luz, grafada em letras de fogo: "Proibir um livro é provar que o tememos". (23)

Não pode haver coisa mais criminosa, não pode haver processo maior de lesa-consciência do que se proibir um livro. Seja ele qual for.

Ainda que sejam teses antiespíritas, deverão ser lidas, diz o codificador: anotadas, esquadrinhadas, observadas, estudadas por nós. O bojo da Doutrina Espírita é tão forte e resistente que ele compreende até mesmo o estudo de teses que atacam a Doutrina Espírita.

Ver Revista Espírita, FEB, 1ª edição, 4/2004, Brasília (DF), 1861, Fevereiro, p. 79 [Nota dos organizadores].

Allan Kardec, porém, fazia apenas uma exceção contra a vinculação do livro. Ele dizia que não se deveria transmitir, passar, presentear ou entregar o livro de feitura pornográfica. Era a única exceção que ele abria, mas as teses espíritas devem ser lidas. As hipóteses espíritas, as mais controvertidas, devem ser lidas porque proibir um livro é provar que o tememos. Nós não

podemos obstacular livro algum, nós não podemos impedir o fluimento de livro algum.

Existe uma tese ditada por uma entidade espiritual, se ainda não existe um consenso, se faltam maiores valores, se a vida ainda não amadureceu a ponto de trazer a focagem de novas luzes para aquela hipótese, nem por isto ela deve ser anulada, aniquilada. O que se deve fazer diz-nos o Codificador na sua tese maravilhosa. O que se deve fazer é, periodicamente, retomar a tese, reavaliá-la, observar os quadros, verificar se o progresso trouxe matizes e ângulos os mais diferentes que possam se contrapor, ou que se possam casar à tese espiritual que foi trazida pelo mundo invisível. A única restrição, o livro pornográfico, que encaminha à imoralidade. Mas fora disso, as teses espíritas, contra o Espiritismo, devem ser lidas. Fora disso, todas as revelações espirituais, ainda que não sejam genéricas e concordantes, devem ser retomadas periodicamente.

Proibir um livro é provar que o tememos. Em A Gênese, no capítulo I, nos parágrafos 13, 14, 15 e 55, em Obras Póstumas, no capítulo dos Cismas, Kardec diz a mesma coisa, mostrando a imensa liberalidade que fluía do seu coração.

Isto é muito importante porque precisamos saber se somos suficientemente fortes e avisados a fim de que não nos constituamos a ter mesmo no valoroso movimento espírita em que nos encontramos, se nós não possamos nos transformar num momento de fraqueza no bispo Dom Antônio de Palau y Termens, querendo impedir, querendo obstacular, querendo cercar alguém para que leia este livro ou aquele para enriquecer, conseqüentemente, os seus próprios pensamentos.

É o conceito da liberal democracia:

"Não concordo — diz Voltaire — com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo".

E Kardec: "Proibir um livro é provar que o tememos".

Se não houvesse um sentido crítico na vida, se não houvesse aqueles que se constituem especialistas num assunto qualquer, tanto no campo das artes, quanto no da filosofia, quanto no do direito, quanto no da ciência, quanto no da política. Se não houvesse aqueles que se queimaram a vida inteira na sua própria

especialidade para nos alertar; se não houvesse, o que seria de nós? Marcharíamos com antolhos, ficaríamos uniposicionados. Mas nós precisamos ter largueza, nós precisamos ter flexibilidade espiritual, nós precisamos conviver com os outros, respeitando-lhes o campo mental e emocional. Porque ninguém é igual a ninguém. Não existe um ser igual ao outro ser. Eles poderão ser muito assemelhados, entretanto, jamais iguais. Porque Deus não criou duas criaturas iguais. Se ele houvesse criado, uma delas seria excelente, a outra não teria sua razão de ser.

O cravo e a rosa são flores, ambas perfumam, porém, cada qual tem o seu odor e a sua característica particular.

As impressões digitais, com que nos apresentamos na cédula de identidade perante as autoridades do mundo, são individuais e intransferíveis. Somente nós as temos.

Isso vem mostrar que cada criatura é um mundo com leis próprias. Os homens se misturam, mas as suas leis não se confundem. Perante a vida, cada um de nós marcha sozinho, está sozinho, em pauta de destino, tal como o quis, tal como o quer.

Verificamos assim, conseqüentemente, que o melhor será marcharmos para um conceito de liberalidade, com responsabilidade. Observar as pessoas e anotar os níveis em que se expressam, vendo-as como criaturas que se escalonam em diversíssimos graus em direção ao infinito.

O hoje nosso pode ser ainda um remotismo amanhã para milhares e milhões. O hoje nosso pode ainda ser cauda para milhares e milhões que nos estão à frente.

Porque a vida é um fluxo e refluxo contínuo. Deslocam-se os horizontes conceptuais, o coração avança vibrando em níveis diferentes. E o ser cresce na inferioridade de um patrimônio de sabedoria e sentimento.

E nos diz Emmanuel no livro Pensamento e Vida que a criatura tem tanta necessidade de um amor que saiba quanto de uma sabedoria que ame.

Amor, somente amor, sem sabedoria é campo aberto ao fanatismo. Sabedoria, apenas sabedoria, sem amor é porta aberta para o materialismo. O amor acomodado na sabedoria e nela se equilibrando. A sabedoria acomodada no amor e nele se equilibrando. E os dois são a representação daquelas duas asas de que necessitam o pássaro humano para desferir o seu voo em direção a horizontes mais distantes, rumo a céus mais altos.

A sabedoria sem o amor é semelhante a um marco em deserto escaldante que aponta o caminho ao viajor cansado, mas não lhe

retira a sede do momento. Ao passo que o amor, sem a sabedoria, pode transformar-se num poço de água cristalina em noite escura que retira a sede do viajor para o momento, mas não lhe dá o caminho de saída.

Por isto mesmo, o Espírito Verdade, numa de suas apreciáveis lições constantes do capítulo 6a de O Evangelho segundo o Espiritismo, adverte-nos:

"Amai-vos! Eis o primeiro mandamento. Instruí-vos! Eis o segundo."

Sabedoria e amor serão assim, portanto, aquelas duas asas de que necessita o pássaro humano para deferir o seu voo em direção a horizontes mais distantes, rumo a céus mais altos.

O nosso movimento espírita aí está. O nosso posicionamento espírita, dentro do movimento, aí está. Evidentemente, o espírita é avulso. Uma criatura que pode errar, equivocar-se. O espírita não é um robô de insensibilidade como muitos pensam. Entretanto, o espírita avulso, dentro do movimento, poderá dar a sua nota, a sua tônica. O movimento espírita não poderá ser o mesmo em toda a parte, porque constituído de pensamentos e caracteres dos mais desnivelados, dos mais díspares.

Existem regiões do Brasil e cidades que apresentam o movimento espírita bom na forma e na substância. Mas existem outros lugares que o apresentam desfalcado, impossibilitado de fazer-se além, humilde, mais restrito, mais sóbrio. Porque o movimento espírita é constituído de gente, e as criaturas são humanos a braços com seu ontem negativo e antevital.

Nós sabemos o que a vida faz e como acontece na vida, como no exemplo que poderemos, até mesmo, aqui trazer. No exemplo da pororoca, aquele fenômeno que acontece eclodindo, vibrante, bruto, quando o Amazonas se lança ali nas alturas de Marajó, nas águas do oceano Atlântico. Nós vimos, certa ocasião, no fenômeno das pororocas, quando nos transportávamos do aeroporto de Belém indo para Macapá, capital do Amapá. É uma coisa poderosíssima em que, realmente, o elemento líquido furioso, ele se lança; é o encontro do rio com o mar. As águas doces vindo se rebentar contra a resistência do muro líquido, que

é o oceano Atlântico. Não se sabe qual dos dois, por enquanto, pode vencer uma parada dessa, pode concluir um objetivo desse. E quando há o estrondo, elas sobem, cem, e até mesmo tem havido pororocas de duzentos metros. É o estridor do combate, dois ciclópicos gigantes a se digladiarem.

Em nossas almas, ciclicamente, periodicamente, acontecem pororocas. São as crises de crescimento. Dir-se-ia que alguma coisa em nosso psiquismo se desloca um pouco para lá, ou pra cá, retirando todos os valores referenciais e aturdindo-nos momentaneamente.

A alma se vê em pânico, aturdida, porque perde os seus valores acrisolados, ou sistematizados, ou estabilizados. É aquela imensa verdade que flui de cima. O oceano Atlântico da vida espiritual querendo descer para fecundar embaixo. É todo aquele Amazonas que vem debaixo, a nossa triste biologia a subir. Mas se não houvesse a fecundação de cima para baixo, nós nos entregaríamos a nós mesmos, ficaríamos rodopiando, rodopiando, num como curto circuito mental e emocional, sem saber subir, sem saber ascender. E se, por outro lado, os divinais permanecessem nos altos céus, inexpugnáveis, transparentes, lindos e calmos, a vida não poderia se fecundar aqui embaixo.

E é, justamente, no acasalamento entre o ideal que vem de cima e a psicobiologia humana que vem debaixo, explode-se uma pororoca interior, justamente, atendendo em nós a uma crise de crescimento que varia de pessoa para pessoa, de etapa para etapa, de nível para nível, porque nós não somos iguais. Somos, às vezes, assemelhados.

Os mares, às vezes, na superfície, são agitados, medonhos, apavorantes. Ribombam os trovões, a procela, a tempestade marinha em noite escura. No fundo, porém, lá na profundidade, habita o inalterável e perpétuo silêncio das águas...

E as forças do silêncio, não o esqueçamos nunca, são as mais poderosas da vida.

Muita paz!

VII
BAILARINA DO NEPAL
REENCARNADA EM CAMPOS

EVIDENTEMENTE NÃO SE PODE CHEGAR a uma apreciação da ideia reencarnacionista através de pipetas ou lâminas de laboratório, porque ela é uma manifestação de caráter psicológico.

Pode-se, porém, anotar os casos que sugerem reencarnação, através daquilo que Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, denominava como Critérios Genéricos e Concordantes, e Ernesto Bozzano, de Análise Comparada e Convergência de Provas:

1º) A revelação reencarnacionista situando uma pessoa reencarnada noutra corpo, feita por espírito idôneo;

2º) Mensagem captada por médium credenciado e íntegro;

3º) Semelhança psicológica (ou fisionômica) entre duas figuras, em épocas diferentes;

4º) Objetos e pertences relativos à personalidade anterior e que vêm "por acaso" cair nas mãos da personalidade seguinte;

5º) Predileções e fobias, defeitos e virtudes, inerentes às duas personalidades.

Quando da Doutrina Espírita levanta a bandeira da reencarnação, traz, ao conturbado mundo moderno, soluções plausíveis para o problema do ser, do destino e da dor.

O fato narrado aqui se passou com o confrade Newton Boechat, orador e médium, dia 6 de junho de 1975 na residência do companheiro Aloysio Paiva, (24) em um de seus habituais cultos evangélicos do lar, à Rua Antônio Basílio, na Tijuca, no Rio de Janeiro.

24- Grande amigo do Newton Boechat. Dr. Aloysio, conselheiro da Federação Espírita Brasileira e diretor do Centro Espírita Bezerra de Menezes, no bairro do Estácio, Rio de Janeiro (RJ). Dr. Aloysio, profundo estudioso da obra de André Luiz e iniciador de Jorge Damas Martins no Espiritismo, em 1977. Desencarnou em 28 de março de 1978 [Nota dos organizadores].

Em meio à reunião, enquanto meia dúzia de pessoas ia se revezando no estudo de páginas evangélicas e espíritas, bem como de mensagens de André Luiz, o Dr. Armando de Oliveira Assis ao proceder um comentário sobre vidas sucessivas, de um capítulo do livro No Mundo Maior, daquele Espírito, Newton Boechat registrou a presença do poeta campista Azevedo Cruz, desencarnado em 1905 na cidade de Nova Friburgo (RJ), que lhe transmitiu o soneto alexandrino intitulado "A Bailarina do Nepal":

Em Katmandu, Nepal... Lembro-me, agora, sim...
Da bela dançarina em coleantes meneios...
Ei-la! Desnuda à turba os seus rosados seios
E na dança serpeia o colar de marfim...

Seus olhos são sensuais... Untada em benjoim
É toda languidez... Provoca mil anseios...
Da multidão açula os instintos mais feios...
E a olhá-la, embevecido, um velho mandarim...

Depois a morte vem e leva a bailarina;
As pulseiras de jade e as filigranas de ouro
São largadas ao léu, junto a templo budista...
No Brasil, localizo a antiga libertina
Do distante Nepal... do pequeno tesouro...
Mendiga ao deus-dará numa praça campista!...

Azevedo Cruz

Ao terminar o soneto, o poeta Azevedo Cruz, por clariaudiência, informou a Newton Boechat que se ele quisesse encontrar em vida a bailarina reencarnada, deveria ir a Campos com brevidade possível e procurar numa das organizações assistenciais daquela cidade ou informar-se com pessoas de lá a respeito de tipo tradicional, cognominado Rã.

Quarenta dias depois, indo a Campos, Newton pediu a colaboração de Alcione Peixoto, filha do inesquecível Peixotinho, médium de materializações já desencarnado e o esposo dela,

Gervásio, que confirmaram a existência da mendiga denominada Rosinha-Rã.

Munidos de máquinas de fotografar, procuraram-na no abrigo Padre Severino. Uma servidora daquela instituição dissera-lhes que a Rã havia mascado muito fumo, intoxicara-se e fora recolhida à Santa Casa de Misericórdia, onde poderia ser encontrada na enfermaria do primeiro andar. O pequeno grupo se dirigiu para o endereço citado e então estabeleceu o desejado contato.

Na ocasião foi tirada a foto que ilustra este capítulo. No "bate-papo" com Rosinha-Rã, e ela, a princípio abatida, vendo-se cercada de mimos, externou-se em largo sorriso. Disse aos visitantes que ficava admirada porque não compreendia o motivo de ser tão fotografada assim... Solicitou aos presentes dinheiro (uma importância que lhe foi entregue), joias, colares, brincos, leques e vestidos bem estampados quando a visitassem outra vez.



Newton Boechat ao lado do Rosinha-Rã— Bailarina de Nepal.

Estava com 96 anos, guardando boa lucidez para tão avançada idade. Veio a desencarnar em fevereiro de 1976, ganhando clichê e notícia de primeira página no jornal Monitor Campista, tradicional órgão de imprensa da terra da goiabada.

É interessante assinalar que, durante a conversação, os visitantes a chamavam apenas de Rosinha, evitando a palavra Rã, pois sabiam que ela tivera verdadeira ojeriza por este apelido e por causa dele correra, muitas e muita vezes, atrás de molecotes e irresponsáveis, ameaçando-os com varas e pedras nas ruas campistas.

Por último, observemos estes detalhes:

Azevedo Cruz nasceu em 1870 estando, portanto, com 30 anos em 1900; Rosinha-Rã estava com 96 anos ao desencarnar, assim em 1900 apresentava a idade de 20 anos. Provavelmente, mesmo como criaturas humanas, os dois deveriam ter-se conhecido... ainda mais levando-se em conta a pequena população da cidade no alvorecer do século...

VIII
REENCARNAÇÃO -
LEI BIOLÓGICA



CASTRO ALVES, INESQUECÍVEL POETA brasileiro, já retornado à vida espiritual, através do processo desencarnatório, expressando-se através do lápis mágico de Francisco Cândido Xavier, em Parnaso de Além--túmulo, assim nos fala:

Há mistérios peregrinos
Nos mistérios dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

Atentemos para os dizeres do grande poeta baiano:

Reencarnação, vida que se esquia, transmigração da alma, passagem do espírito através de variáveis corpos, tantos quantos sejam necessários a fim de que ele possa diluir as suas nódoas do passado, a fim de que ele possa romper as amarras que o prendam a um passado próximo ou distante, cheio de lutas, de experiências, de fatores dos mais variados, a fim de que ele possa, no presente, robustecer o seu patrimônio de sabedoria e sentimento em direção ao futuro.

Emmanuel, numa de suas maravilhosas lições constante do livro Caminho, Verdade e Vida, nos informa que, sem a reencarnação, o mundo seria um turbilhão de desordem e de anarquias. Porque, realmente, não conseguiríamos encontrar um pensamento diretor ligando problemas, pessoas, circunstâncias, os mais variados.

Sem a reencarnação, o pensamento humano não conseguiria, de forma alguma, sair do verdadeiro labirinto das questões que nos fustigam, que nos limitam, que nos apertam de todos os lados, a fim de que possamos respirar na paz dos cimos, na transparência do mais Alto.

Sem a reencarnação, não conseguiríamos resolver, de maneira plena, o problema do ser, do destino e da dor, tirando-lhes deduções no campo da filosofia, tirando-lhes consequências na esfera moral.

Sem a reencarnação, indubitavelmente, o mundo seria um turbilhão de desordem e de anarquia, porque o nosso pensamento permaneceria fragmentado, estilhaçado, sem nenhuma diretriz essencial.

Sim, com ela, nós conseguiremos observar as pessoas e os fatores, as experiências e as circunstâncias desta vida, examinando cada alma com o seu patrimônio de sabedoria e sentimento tal como o quis, tal como o quer realizar no campo da vida, de posse do seu livre-arbítrio, porque o livre-arbítrio é sagrado.

"Ó Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes eu quis reunir seus filhos como uma galinha reúne debaixo de suas asas os seus pintainhos." (Mt., 23:37.)

Cristo quis, Jerusalém não quis. O livre-arbítrio é sagrado!

Verdadeiramente, através dele, nós poderemos querer ou não querer, fazer ou não fazer, nesse ou naquele sentido, com maior ou menor consciência dentro de terminados quadros da jornada. Todavia, é da Lei que, em todas as infrações cometidas por nós, voltamos e engulamos os detritos, a escória, o lixo que a nossa leviandade espalhar pelos caminhos da vida.

Sem a reencarnação, o pensamento humano se mostraria desnorteado e não conseguiria resolver várias questões que limitam e aprisionam a criatura humana.

Filhos de uma mesma árvore genealógica, portadores de virtudes e defeitos, criaturas na vida, no mesmo painel de racionalidade, com as mesmas características de criação e de educação, variando em caracteres, em temperamentos, em possibilidades. E a vida nos apresenta assim, em escala variadíssima, com interstícios e graduações diversificados, destinos, viajores que se mostram, nesse e naquele momento do seu patrimônio evolutivo, tal como o quis realizar. Patrimônio de sabedoria e sentimento como quis elaborar dentro do plano da experiência que lhe diz respeito.

Essa é a chave mágica da Reencarnação e a Doutrina Espírita levanta, com a sua bandeira de Luz, mostrando que sem ela, realmente, evidentemente, o mundo seria, como nos diz Emmanuel, um patrimônio, uma perturbação, uma característica postiça, onde a alma se movimentaria inteiramente inócua, vazia, sem diretrizes no seu próprio destino.

No entanto, se a criatura é este cálculo de responsabilidade e ela se apresenta hoje na síntese de um patrimônio do passado com valores aquisitivos modernos, atuais, daí se lançando para frente, é interessante considerar que poderemos estudar a reencarnação, não somente dentro da esfera humana, onde se agitam tipos, porém, dentro de todos os quadros da vida, porque não há lei que abarca o psiquismo, a alma, desde a sua manifestação mais singela até a crista da onda, o máximo de suas possibilidades, onde vibram estes seres notáveis tão conhecidos como os artistas, os filósofos, os santos. Almas completamente amadurecidas que vêm a Terra para fecundar a experiência humana, nela tornando um fermento precioso no seu existir.

Mas é interessante observarmos, além da natureza humana, no que pode ela apresentar, a ideia da reencarnação vibrando, cintilando mesmo nas faixas inferiores das experiências que o ser consegue realizar. Observemos então, de passagem, alguns desses eventos, a fim de que se nos alicerce a convicção na realidade das vidas sucessivas.

Observemos criaturas simples de Deus, essas manifestações humildes na escala evolutiva, mas que já sabem se expressar como vida, como afirmação, como realidade. Tomemos alguns exemplos dentro da própria faixa animal.

Ver A Nova Civilização do Terceiro Milênio, Pietro Ubaldi, 13^o Ed. Fundápu, Campos dos Goytacazes (RJ), 1984, capítulo XXVII, pp. 365-6 [Nota dos organizadores].

Examinemos a larva de um himenóptero, uma pequenina larva que mais tarde se transforma na vespa sphex. A vespa deposita seus ovos junto às folhas da ribeirinha, mas não vai alcançar a descendência com vida, porque o seu ciclo de existência terminará. Sabe que a descendência precisará de alimento imóvel, porém, vivo. E que faz a vespa sphex? Sai à procura de um inseto, muitas vezes em tamanho superior ao seu próprio corpo, e quando o encontra passa sorrateiramente à sua retaguarda e crava a pinça no gânglio nervoso dorsal do inseto, paralisando-lhe as movimentações. Depois, traz o inseto anestesiado até junto aos ovos, colocando-o ali, evidentemente, como um alimento vivo, porém, imobilizado por certo tempo, e depois voa para muito longe para terminar o seu processo de vida. Assim a sua descendência, em nascendo, contará o alimento para a manutenção e perpetuação da espécie. (25)

Quem foi que ensinou anatomia à vespa sphex, que ela deveria cravar a sua pinça no gânglio nervoso de um inseto maior do que ela a fim de paralisar-lhe a movimentação? Quem foi que lhe ensinou a anestesia? Sim, porque, além de picar no lugar certo, emite somente determinada quantidade de veneno para não matar a vítima por antecipação.

E o homem materialista — sem aquele senso moral, que nos fala Allan Kardec, para penetrar a vida em sua profundidade —, o homem materialista insensível, simplesmente, enxergará por fora o fenômeno, sem ter uma condição espiritual para estudá-lo por dentro, dará de ombros e falará:

— É o instinto.

Mas nós perguntaremos:

— Que coisa é essa o instinto que já sabe realizar sem haver aprendido com outrem? Que coisa é essa o instinto que já sabe fazer sem que alguma coisa, ou outro ser, se lhe tivesse ensinado?

25- Ver *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*, Pietro Ubaldi, 3a Ed. Fundápu, Campos dos Goytacazes (RJ), 1984, capítulo XXVII, pp. 365-6 [Nota dos organizadores].

Observemos outro exemplo, agora colhido na família dos coleópteros, uma pequenina larva que depois se transforma num besouro *cerambix miles*. A pequenina larva do coleóptero passa parte de sua existência subindo pelo tronco de um carvalho. Em determinada altura, cava um buraquinho, desce o carvalho, passa para o outro lado, sobe novamente e, quando está na mesma altura que estivera antes, em linha horizontal, num prodigioso sentido de direção, começa a perfurar a madeira por dentro, chegando justamente, àquele ponto em que cavara, por fora, do outro lado, um buraco, uma cavidade. E quando chega, ali, vai acontecer aquilo que se chama a histólise, isto é, a transformação da larva no besouro.

O corpo gelatinoso e impreciso vai se endurecer, a carapaça vai surgir, outras peças resistentes do estruturado besouro se configurarão. No entanto, antes de acontecer isto, a larva do coleóptero muda o seu sentido de direção dentro do carvalho. Por quê? Para não ficar, depois, prisioneira do seu próprio corpo novo, concreto, transformado. Ficaria impedido de ganhar liberdade sem essa precaução, pois o inseto adulto, todo encouraçado, não poderia dobra-se para sair. (26)

Quem foi que ensinou a larva do coleóptero que deveria mudar o sentido de direção dentro do carvalho, do contrário dele não sairia jamais?

O homem materialista, sensório, exterior, superficial, que apenas apalpa as coisas por fora sem sensibilidade para senti-las por dentro, outra vez dará de ombros e dirá:

— É o instinto.

Mas nós tornaremos a perguntar:

— Que coisa é essa o instinto que já sabe realizar sem haver aprendido por fora com outros de sua espécie?

26-Ver A Grande Síntese, Pietro Ubaldi, Fundápu, 13ª edição, 1984. Campo dos Goytacazes (RJ), capítulo LXIX, pp. 242-3 [Nota dos organizadores].

É que a Doutrina Espírita através da técnica dos automatismos nos ensina que de tanto o psiquismo realizar aquela experiência em diferentes corpos, muitas vezes, reiteradamente, repetidamente, passa a agir sobre o ambiente, do ambiente receber reações que vai elaborando e lançando no organismo espiritual todos os mecanismos de instinto e de defesa. De tanto fazer e refazer, ela aprende e, automaticamente, surge o instinto.

Essa é a realidade da vida que vai se complexando, que vai se tornando cada vez mais extraordinária, na medida em que o ser espiritual sobe em seu carreiro evolutivo.

Aqui, um bico; ali, uma garra; mais adiante, uma asa; depois, uma pinça; em seguida, uma pena e vai o psiquismo avançando. Através de milhares e milhões de experiências, de estruturas exteriores de forma, atingindo, cada vez mais, possibilidades com as quais não contava antes, porque era uma alma exígua, pequenina, limitada.

É como diz Castro Alves:

Há mistérios peregrinos Nos mistérios dos destinos Que nos mandam renascer: Da luz do Criador nascemos, Múltiplas vidas vivemos, Para à mesma luz volver.

Observemos, em seguida, a realidade da ideia reencarnacionista no próprio campo da biologia, quando se dá a formação de um novo ser dentro das atividades humanas.

Nós sabemos que assim que ocorre o processo da fecundação, que o espermatozoide fecunda o óvulo, se observássemos o fenômeno num microscópio ultra aperfeiçoado, notaríamos que, imediatamente, começam a se formar, antes de que surja o embrião, três folhetos que tem o nome de folhetos blastodérmicos.

O blastoderma superior se incumbe de formar o sistema nervoso e epidérmico. O blastoderma inferior vai elaborar o longo tubo intestinal. E o blastoderma central, a coluna vertebral, os músculos e os vasos. (27)

27- Ver Missionários da Luz, Espírito André Luiz, Médiun Francisco Cândido Xavier, FEB, 13a edição, 1980, Rio de Janeiro, capítulo 14, pp. 244-245 [Nota dos organizadores].

Cada um deles trabalhando na sua própria área, perfeitamente. E depois que lança as linhas fundamentais, essenciais, eles se fecham graciosamente, como se fosse uma flor que se recolhe, fechando suas pétalas, e começa o processo embriogênico.

Surge um embrião, cada vez mais, cada vez se avolumando. Um organismo constituído de vários trilhões de células. Que coisa interessante! Nenhuma delas erra o seu sentido de direção.

Por que motivo uma célula incumbida de animar a córnea não se extravia passando para a alça sigmoide do campo intestinal? Por que motivo a célula incumbida de elaborar uma das papilas gustativas na superfície da língua não se extravia, passando para uma das paredes estomacais? Por que motivo trilhões de células se movimentam no embrião e no feto, cada qual, perfeitamente, se encaminhado dentro dele, numa prova de que já conhece o caminho e o sabe fazer perfeitamente?

E num organismo que através do metabolismo, assimilando e desassimilando, no catabolismo e no anabolismo, perfeitamente ele conhece sua trajetória, a sua finalidade.

Quem é, senão o espírito imortal, o agente e o elaborador deste imenso mar celular, em que milhões de células entram num organismo e que milhões de células do organismo saem, através de um processo de excreção, de retirada, mais tarde pelas leis fisiológicas comuns.

E é assim que o perísprito, ou o corpo magnético, vindo de um passado milenar impossível de ser concebido e compreendido, vindo realizar essas tarefas das espécies miúdas ou singelas; depois, vindo retornar nas espécies médias, com possibilidades medianas, desabrochando mais tarde, no ser humano, em milhões e bilhões de impulsos impossíveis de serem dimensionados, ele é todo uma expressão de vida, ele diz a qualquer momento: "eu", afirmando-se de maneira indiscutível, inquestionável, extraordinária.

Surge, mais tarde, na criatura portadora de livre-arbítrio, um fator que não existia nas espécies anteriormente existentes. É o fator moral, é o senso espiritual, é aquilo que vai premiar ou punir, conforme a criatura esteja dentro de um campo de harmonia ou de acordo com as infrações que ela estabeleça, dentro da harmonia das leis divinas.

A Doutrina Espírita, isto é bom considerar: a Doutrina Espírita não repele, a Doutrina Espírita não afasta a realidade da hereditariedade fisiológica, nunca, jamais. Seria um absurdo isso acontecer, mas a Doutrina Espírita contrapõe a hereditariedade psicológica, dizendo que antes de sermos filhos de nossos pais presentes, nós somos filhos do nosso passado espiritual. Antes que sejamos parentes da família consanguínea no presente, nós somos fortemente aparentados com o nosso passado espiritual que trazemos, inviolavelmente. E se temos a família que temos, se temos os pais que temos, se temos os parentes que temos, se temos as circunstâncias dos problemas que temos, tudo isso está dentro de um hall de possibilidades na lei do mérito ou demérito. Merecemos assim, fizemos assim.

E a Doutrina Espírita nos explica ainda que é este corpo magnético, ou organismo espiritual, o guardador zeloso de todas as virtudes, de todos os defeitos. De todas as possibilidades, de todas as carências, numa dosagem sábia do mecanismo da Lei.

O alcoólatra, o ébrio do passado que desvitalizou o seu centro esplênico, baço e fígado, por excesso de álcool, ele, em renascendo, vai elaborar o seu próprio feto, logicamente, agravando a ordem viciada ou negligenciada que não poderá responder em vitalidade plena, porque está magneticamente desfalcada. E assim, o beberrão do ontem é o candidato na época atual a uma esteatose hepática. Depois de determinado tempo, observa-se a desagregação das células do fígado, trocando-se em miúdo, a esteatose hepática.

Aqueles que provocaram cenas violentas, ou que negligenciaram com vista à saúde de terceiros que competia zelar, aqueles que cometeram um crime, aqueles que furtaram energia e sangue, dessa ou daquela maneira, do seu parceiro ou daquele a quem esfolheou, vai ressurgir na vida, e, em determinada época de sua existência material, passará por aquilo que na medicina é chamado de hipoplasia medular. Isto é, o organismo depois de determinado tempo passa a não fabricar mais glóbulos vermelhos. E assim, quer seja numa hipoplasia medular, ou numa anemia ferropriva, ou numa anemia clorofetal, o nome bombástico, exterior, cheio de foguetórios, pouco importa, o que importa é a lei moral que está no fundo. A criatura estará constantemente se premiando ou se punindo, de acordo com saldos negativos, gerando efeitos negativos, ou conforme saldos positivos, gerando efeitos positivos.

Há mistérios peregrinos
Nos mistérios dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver

Uma vez que apreciamos a reencarnação dentro da sua faceta moral, dentro do campo histólise dos insetos, dentro da faixa da biologia, vamos agora apreciá-la num campo mais psicológico, da alma mesma.

Os casos da regressão da memória como ocorriam, testados e experimentados por magnetizador notável como Albert de Rochas, grande experimentador francês do passado ou, atualmente, por um desses famosos que aí estão nas páginas das revistas modernas.

No entanto ficaremos com um caso que abalou o mundo, e até mesmo se constituiu em reportagens em várias revistas de grande circulação. Citaremos a "voo de Pássaro", o caso de Blanche Batista: **(28)**

A revista teosófica Ultra, de Roma, publica, em seu número de 1912, a comunicação seguinte do Capitão Florindo Batista (Roma, Via dello Statuto n° 32), de cuja honestidade e caráter sério se faz abonadora a aludida revista.

Em agosto de 1905, minha mulher, que estava grávida de 3 meses, foi testemunha, estando de cama, porém, perfeitamente acordada, de uma aparição que a impressionou profundamente. Uma menina, que perdêramos havia três anos, apresenta-se subitamente diante dela, com aspecto alegre e infantil, dizendo, com voz suave, essas palavras: — Mamãe, eu volto; e, antes que minha mulher tornasse a si da surpresa, a visão desapareceu.

Ver A Reencarnação, Delanne, Gabriel, FEB, 5U edição, 1979, Rio de Janeiro, Capítulo XII, pp. 258-260 (Nota dos organizadores).

Quando entrei em casa e minha mulher, ainda comovida, me fez a descrição do estranho acontecimento, tive a impressão de que se tratava de uma alucinação; não quis tirar-lhe a convicção em que se achava de um aviso da Providência e lhe aquiesci imediatamente ao desejo de dar à futura filha o nome da irmãzinha morta: Blanche. Nesse momento, não só não tinha conhecimento nenhum do que aprendi mais tarde — muito tarde — acerca de Teosofia, como chamava louco a quem me falasse de reencarnação, persuadido que estava de que, uma vez morto, não se renasce mais.

Seis meses depois, em 1906, minha mulher deu, felizmente, à luz, uma menina que em tudo se parecia com a irmã defunta, de quem tinha os grandes olhos negros e os cabelos abundantes e anelados.

Esta coincidência em nada abalou minha convicção materialista; minha mulher, porém, cheia de alegria pela graça recebida, convenceu-se de que o milagre se realizara, tanto mais quanto pusera no mundo, por duas vezes, o mesmo pequeno ser. Essa criança tem hoje cerca de 6 anos, e, como sua irmãzinha defunta, viu-se nela um desenvolvimento precoce, tanto de sua inteligência, como de sua pessoa. Ambas, aos 7 meses já pronunciavam a palavra *mama*, enquanto os outros filhos, também inteligentes, não o conseguiram antes dos 12 meses.

Devo acrescentar que, quando era viva a primeira Blanche, tínhamos por criada uma certa Maria, suíça que só falava o francês. Havia ela importado de suas montanhas natais uma cantilena, espécie de berceuse, que devia seguramente ter saído da cabeça de Morfeu, tanto sua virtude soporífica agia instantaneamente em minha filhinha, quando Maria a cantava.

Depois da morte da menina, Maria voltou para a pátria, e a canção, que tanto nos fazia recordar a criança perdida, sofreu em nossa casa pleno ostracismo.

Passaram-se 9 anos, e a cantiga desaparecera-nos por completo da memória; um fato extraordinário, realmente, no-la veio lembrar. Há uma semana, achava-me, com minha mulher, na sala de jantar, junto ao quarto de dormir, quando ouvimos, como um eco longínquo, a famosa cantilena, e a voz partia do quarto onde tínhamos deixado a filha adormecida. A princípio, comovidos e estupefatos, não tínhamos distinguido, nesse canto, a voz de nossa filha; mas, havendo-nos aproximado do quarto de onde partia a voz, encontramos a criança sentada na cama cantando, com acento francês muito pronunciado, a berceuse que nenhum de nós lhe havia ensinado. Minha mulher, sem se mostrar muito maravilhada, perguntou o que ela cantava. Com prontidão pasmosa, respondeu que cantava uma canção francesa, apesar de não conhecer desse idioma senão alguns vocábulos, que aprendera da irmã.

— Quem te ensinou esta bela cantiga? — perguntei.

— Ninguém, eu a sei sozinha — respondeu a criança, e continuou o canto, alegremente, com ar de quem nunca cantara outra coisa na vida.

O leitor tirará daí a conclusão que quiser; quanto a mim, os mortos voltam.

A clara lembrança da canção que adormecera a primeira Blanche, revelou-se na segunda com um caráter tão preciso que é impossível explicar esta reminiscência sem ser pela verdadeira recordação, por parte da menina, de uma particularidade de sua vida anterior.

O capitão especifica que, depois de 9 anos, essa cantilena não mais fora cantada na casa; não houve qualquer sugestão dos pais, irmãos e irmãs; foi realmente uma prova de que a jovem Blanche tinha retomado o seu lugar no lar paterno.



Banerjee, famoso parapsicólogo indiano.

A REENCARNAÇÃO avança, já temos a famosa memória extracerebral. O próprio indivíduo se lembra no presente o que ele fez no passado de uma maneira clara. Certamente não falaremos do nosso Chico Xavier, alma profundamente evoluída, sem os empecilhos da matéria para recordar e mergulhar nesse ontem. Falaremos mais uma vez das crianças, porque, realmente, na criaturinha tenra como a mente ainda não se embaralhou nos problemas da existência atual, elas estão mais aptas a mergulhar no passado e ter essas lembranças, essas reminiscências de vidas anteriores.

O caso mais sensacional ocorrido, e que na parapsicologia é considerado o Número 1 de prova à reencarnação, foi pesquisado pelo cientista indiano Dr. Hamendras Nat Banerjee, da Universidade de Jaipur: (29)

"Sou um Brahmin. Sou filho de Sharma. Meu pai encontra-se em Mathura."

"Você também tem irmãos?"

"Naturalmente. Eu tinha três, e um deles me matou com um tiro."

29- Ver Vida pretérita e futura - Um impressionante estudo sobre reencarnação, Dr. Banerjee, H. N., Edição Nórdica, 1979, Rio de Janeiro, pp. 31-33 [Nota dos organizadores],

Eis uma parte da estranha conversa mantida usualmente entre Gupta e seu filho Gopal, em Délhi, Índia. Gopal nasceu da família Gupta em 1956.

No decurso de suas conversas, dizia que morava em Mathura durante sua vida anterior e era dono duma firma farmacêutica chamada Sukh Sanchrak Company.

Os pais, de início, consideraram estas afirmações como pura tolice. Mas Gopal continuou a repeti-las e, certo dia, seu pai falou aos amigos a respeito delas. Disseram-lhe que, possivelmente, a criança estava certa, porque, há algum tempo, um fato dessa natureza ocorreu em Mathura, no qual o Sr. Shaktipal Sharma, proprietário da Companhia Sukh Sanchrak, fora morto a tiro. Na sequência dessa conversa, o pai de Gopal dirigiu-se a Mathura a fim de confirmar o alegado incidente.

Quando os membros da família Shaktipal souberam que um menino em Délhi afirmava ser Shaktipal renascido, a viúva de Shaktipal e sua nora dirigiram-se a Délhi e visitaram Gopal. Este reconheceu a ambas. Gopal falou com sua nora, mas não disse uma única palavra para sua esposa. "Quando lhe solicitei cinco mil rúpias, ele recusou-se a me ceder essa quantia e disse-me que tirasse da companhia. Dirigi-me para lá e meu irmão mais novo matou-me a tiro". A viúva de Shaktipal Sharma confirmou a exatidão da afirmação de Gopal.

Em seguida, Gopal foi conduzido a Mathura para ver se conseguia reconhecer pessoas e lugares da sua vida anterior. Em Mathura, no Templo Dwarkadheesh, pediram-lhe que indicasse o caminho dali para "sua" casa. Num instante, ele chegou à Companhia Sukh Sanchrak e proclamou em voz alta: "Eis a minha firma." Então, caminhando a passos inseguros através de ruas tortuosas e gramados, encontrou logo a casa de Shaktipal. "Eis minha casa. Habitava um quarto no andar de cima", disse. Na casa, reconheceu a filha de Shaktipal. Quando lhe deram um álbum de fotografias, reconheceu todas as fotos de Shaktipal. Em seguida, perguntaram-lhe sobre o local em que tinha sido morto. Foi outra vez à Companhia e indicou o exato local em que fora assassinado. Informou em detalhes a localização do seu escritório, o lugar em que se encontrava e de que modo se achava de pé, de que direção veio a bala e em que parte do corpo fora atingido.

A viúva de Shaktipal confirmou a autenticidade das afirmações de Gopal.

Mas é interessante aqui frisarmos o seguinte: a criança do presente, embora tenha esta penetração muito grande para coisas do passado em que fora Gopal, não é feliz. A sua mente encontrava-se traumatizada, um pouco confusa porque baralha os assuntos da vida anterior com os assuntos da presente vida. Ele é cheio de assédios psicológicos desfavoráveis e angustiantes. Porque o cérebro carnal foi feito para receber a carga de uma vida apenas e não de duas, porque isso traria um grande baralhamento, notadamente se não houvesse um fator espiritual muito forte no reencarnado.

É a prova extraordinária da reencarnação por meio de uma percepção extracerebral, de uma penetração fora das disposições do cérebro carnal da presente vida.

Por isso é que às vezes nos surpreendemos com pessoas que ignorando os princípios da Doutrina Espírita nos abordam, perguntando: Mas se existe reencarnação, por que motivo não me lembro da minha vida anterior? Por que motivos eu não me lembro das peripécias da existência que passou? É que as pessoas que aqui nos argüem estão pensando que o problema só está circunscrito ao lembrar, mas não é apenas isso. É ao lembrar e ao sentir. Porque a lembrança virá acompanhada da sensação, e se a criatura na vida anterior foi criminosa, se ela asfixiou uma criança, se ela se lembrar no presente o que fez na vida anterior, a sensação é tão grande que o complexo de arrependimento e de culpa a surta, e ela se encontra inteiramente desvairada no presente como se tivesse meia hora atrás se tornado criminosa.

É um pulo de uma vida para outra, com a consciência funcionando inteiriça, sem fragmentar-se, sem estilhaçar-se. Por isso é que através da reencarnação nós caímos como que numa sonoterapia a longo prazo — o corpo carnal oferece como uma estufa, entorpecendo, apagando, momentaneamente o espírito a fim de que ele emancipado, livre, possa realizar um atalho novo, sem complexo de culpa, sem circunstâncias desfavoráveis da vida que passou.

Há mistérios peregrinos Nos mistérios dos destinos Que nos mandam renascer:

Da luz do Criador nascemos, Múltiplas vidas vivemos, Para à mesma luz volver.

Assim, observando psicologicamente a reencarnação através da regressão da memória, ou então através da percepção extracerebral, a percepção das coisas fora das vias sensoriais, carnis, comuns, vamos ver agora o seu aspecto mais vibrante, mais palpitante, através da expressão religiosa.

Nós sabemos que nos livros religiosos todos os povos têm ora velada, ora ostensiva a ideia da reencarnação. Os chamados Pais da Igreja aceitavam-na nos primeiros séculos. Nos velhos alfarrábios, nos livros antiquíssimos de raças e civilizações que se perderam no tempo, a ideia vem ora potente, ora discreta, mostrando a realidade da transmigração do espírito, através de cortes vários, na sua ânsia de progredir e resgatar as nódoas que tanto o enlameiam.

Observemos a reencarnação no aspecto religioso ou escriturístico:

Vemo-la acontecendo com o profeta Jeremias (1:5), o grande profeta de Israel. Jeremias estava na adolescência, provavelmente com treze ou quatorze anos, debaixo de uma amoreira, quando se lhe apresenta o mensageiro espiritual dizendo-lhe:

"Jeremias, vá pregar as belezas do céu ao povo de Israel."

E Jeremias, ainda criança, adolescente, provavelmente se assusta com a medida espiritual e pergunta a seu turno:

"Mas como se poderá dar isto comigo? Não vês que sou um menino." E o ser espiritual volta a falar:

"Não temas, Jeremias! Porque antes que tu te formasses no ventre de tua mãe eu já te conhecia e antes que tu nascecesses eu já te havia santificado como profeta em Israel."

Ora! Se Jeremias era conhecido pelo espírito do Senhor antes de ser formado no ventre materno é uma prova indiscutível de que o corpo espiritual de Jeremias era anterior ao próprio feto que ele mesmo elaborou para se tornar visível na sua tarefa missionária ou profética em Israel.

Todavia, onde a ideia da reencarnação pulsa, cintila, flameja, é no chamado processo Elias, o grande Elias, das tradições hebraicas, que se reencarna quatro séculos depois como João Batista, filho de Isabel l Zacarias, da turma de Abias (La, 1:5).

É interessante considerar, para que a imagem possa ser vista num painel maior, a figura de Elias, bravo, leonino, possuidor, sim, de mediunidade profética, mas muito convencionalizada ainda à sua época e às circunstâncias em que vivera.

E assim, para que tenhamos uma ideia de conjunto, uma visão esférica, vamos voltar um pouco o nosso entendimento às páginas da história, nove séculos antes do nascimento de Jesus ou de João Batista, e assistir a uma cena que vai se desenrolar numa tarde nas cumeeiras de um monte chamado Carmelo

(1 Rs., 18:20-40).

No alto do Carmelo, de um lado, judeus liderados por um deles mais alteroso, mais penetrante, mais dominador, sem carregá-los, provavelmente cabelos muito negros como os de sua raça, caídos pelo dorso, vestindo uma túnica de tecido grosseiro e creme. É o grande Elias das páginas bíblicas. Capitaneando muitos judeus que ali se encontram em sua companhia.

Do outro lado do morro, das cumeeiras do Carmelo, vamos encontrar 450 sacerdotes de um culto exótico dos adoradores de Baal. Era um ídolo de bronze de três metros de altura e que tinha o ventre em forma de um panelão. E ele era então erguido quando se encontrava em forma de brasa. Então, numa cerimônia sinistra, jogava-lhe, na intimidade, crianças de até dois anos que eram diluídas no ferro em brasa do monstro de Baal.

E os 450 sacerdotes com os seus vestidos escarlates, depois que fatiam bumbas em tambores da tribo, e que se espetavam com estiletos, sangrando o corpo todo, começavam a cantar, e em seguida se desdobrava a prática sinistra.

Eles queriam provar, sim, a realidade de Baal: Não existia Jeová, o que existia era Baal, o ídolo de bronze, que se manifestava dominador através da casta sacerdotal.

Do outro lado, Elias e os seus companheiros querendo provar a localidade de Jeová, de Deus que sempre foi, e é, e assim será.

Então, o teste deveria ser feito, como não poderia deixar de ser, através de fenômenos de efeitos físicos, porque somente uma mediunidade material poderia abalar aquelas criaturas tão sensórias, imaturas.

Primeiramente, os sacerdotes de Baal pediram a realidade da presença de seu Deus, mas Baal não lhes atendeu as súplicas, os reclamos. Posteriormente, Elias pede a Jeová que de uma prova de sua existência. E a prova consistiria nisso, viria fogo do céu, ferveria a água de um reservatório junto a um velho templo, reduzindo a cinzas a madeira que ali se encontrava. Viera fogo do céu, a mediunidade de combustão, hoje nós chamaríamos de piropsiquia, e reduzira a madeira a carvão, e se evaporara toda a água. Estava assim evidenciada a realidade de Jeová. Mas Elias não satisfeito com isso, revoltado incompreensivelmente, ordenou que os seus acompanhantes lançassem mãos dos profetas de Baal e os matassem nas proximidades de um riacho chamado Quisom, e as suas margens estiveram sujas de sangue durante muitos dias.

Correram os anos...

Voltemos, outra vez, para o futuro, que será o passado de há dois mil anos, e vamos encontrar as penas da Lei da reencarnação: Elias volta e é decapitado (Mt., 14:8-11). Os seguidores de Elias voltam, e foram as crianças que Herodes mandara decapitar (Mt., 2:16) (30) no pressuposto de encontrar entre elas o menino Jesus, que em companhia de seus "pais" tomava a direção da Líbia rumo ao Egito.

Há mistérios peregrinos
Nos mistérios dos destinos
Que nos mandam renascer:
Da luz do Criador nascemos,
Múltiplas vidas vivemos,
Para à mesma luz volver.

30- Ver Elucidações Evangélicas, Sayão, Antônio Luiz, FEB, 1933, Rio de Janeiro, na parte das Comunicações, Mensagem nQ 31, do Espírito Allan Kardec, Médiun: Frederico da Silva Jr., pp 585-587 [Nota dos organizadores].

E a Doutrina Espírita, quando evidencia o postulado da reencarnação, prova, exuberantemente, que não se conseguiria encontrar uma solução satisfatória para os problemas psicológicos ou para as questões materiais que não fora a chave mágica da reencarnação, abrindo a porta do mistério e tirando dele todas as consequências lógicas, todas as decorrências morais.

E na época atual, tão cheio de grandezas materiais, mas pobre de amor e sentimento; na época atual, em que notamos um homem desesperado, sem norte, sem um guia, entregando-se a todas as fugas de si mesmo, numa ilusão, logicamente, porque ninguém conseguirá resolver problemas da alma fugindo dos problemas ou fugindo de si próprio. O que importa é, de uma maneira corajosa, encarar a si mesmo e, ainda que não possa vencer alguns problemas do presente, buscar recursos na prece, na meditação, na assistência social, num apelar contínuo de almas, através da disciplina, a fim de melhorar-se ao longo do tempo.

É bem verdade que a empresa não é fácil, porque nós estamos afogados em mares de perturbação, de leviandade, de inconsciência. O nosso atavismo é forte. As ondas do nosso passado são violentas, em realidade. Mas se começarmos a tarefa nós atingiremos, mais cedo ou mais tarde, o almejado rendimento.

Quedas, aqui, dificuldades na subida, ali... fracassos além... flutuações inúmeras... subida para a crista da onda, outra vez recuo, mas sempre alguma coisa fica, substancializando, reformando, modificando. E uma prova de que assim é, vemos em todos esses luzeiros da vida eterna os espíritos do Senhor que nos constituem pontos de sabedoria e de amor. Eles não foram criados assim, eles não foram elaborados assim, tiveram o seu ontem formidável de negações e perturbações, mas recompuseram o seu próprio passado enodado. E se hoje convivem conosco por amor, é porque também do amor necessitavam quando estavam em processos negativos e infelizes.

O amor, a essência da vida, o alimento das almas, a finalidade última do próprio existir. Deus é amor! (I Jo., 4:8 e 16).

E eles, os emissários da paz, os mensageiros da concórdia, os arautos da esperança, por amor, quando nós nos aquietamos nas asas da prece, quando existe certa paz interior, quando buscamos refúgio na oração ou no trabalho de assistência social, na meditação ou na concórdia, aqueles músicos celestes aproximam-se devagarinho, vêm como finuras, vêm com meiguices, vêm com as blandícias de asas de anjos adejando sobre nós, envolvendo-nos com seus eflúvios salutares e nos dizendo palavras de vida e de esperança:

Na época atual encontramos o nosso mundo confuso, assim com os departamentos de atividades perturbados, assim com a humanidade desnorteada, assim... Mas, uma vez que temos o Cristo conosco, não obstante as nossas frustrações, desânimos, decadências, experiências negativas, persistamos! Persistamos! Ouvindo-o portas adentro de nós mesmos, ouvindo os mensageiros espirituais que se movimentam qual um imenso exército e espalham-se por toda a superfície da Terra para iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

NEWTON BOECHAT NA EUROPA

O SEMEADOR SAIU
A SEMEAR A SUA SEMENTE...

CONVIDO O AMIGO E A AMIGA LEITORA para viajarmos juntos com Newton Boechat pela Europa. Turismo sem taxas, alfândegas, passaportes etc. Liguem o chip da imaginação e boa viagem, ou melhor, bon Voyage!

Newton percorreu 4 países, Portugal, Espanha, França e Itália em 3 meses e 10 dias. De 26 de julho a 5 de novembro de 1979.

O seu desembarque em Portugal foi o melhor possível:

"Chegamos bem, em oito horas e meia. Muita animação no aeroporto do Portela, em Lisboa!" (Cartão de Coimbra, 27.7.1979.)

Newton inteligente e cuidadoso se precavia e resguardava o corpo em saúde:

"Diga ao Burnier que o tempo fora de palestras é só usado para descanso e passeios matinais." (Carta de Coimbra, 27.7.1979.)

E continua, agora em carta ao próprio César Burnier:

"Tenho gozado excelente saúde, tido boa alimentação e geralmente acordo às 10 da manhã. Nada de programas doutrinários fora das noites estabelecidas. Assim, há poupança corporal." (Lisboa, 23.8.1979.)

Aliás, esse cuidado com o desgaste nas lides doutrinárias já havia sido recomendado a ele por Chico Xavier:

"Todos fazemos votos para que você descanse o máximo, porquanto precisamos de sua saúde, de sua paz e de sua cooperação." (Chico Xavier, Pedro Leopoldo, 6.11.1954.)

O Alto e sua disposição psicobiológica reajustada favoreciam o bom andamento das palestras:

"Hoje, quero dizer-lhe que a segunda palestra saiu como saem as daí, com o auxílio do Alto." (Portimão, 4.8.1979.)

O objetivo do roteiro era de arejamento, abertura, querendo levar a mensagem a espíritas, espiritualistas e simpatizantes:

"Em Setúbal, Portimão, Olhão e Beja, contamos com diferentes pessoas. As conferências são realizadas em recintos não espíritas. Só vendo que lindas e artísticas salas!" (Lisboa, 9.8.1979.)

Em outra carta ele explica mais:

"Das palestras marcadas, somente duas foram em instituições espíritas, para favorecer a ida de pessoas preconceituosas ou medrosas... E deu certo!" (Viana do Castelo, 17.8.1979.)

O fato é, e não se pode negar: há carência de penetração do Espiritismo por essas terras, principalmente naqueles tempos, hoje, século XXI, graças a Deus, a coisa anda melhor:

"As obras espíritas, nossas conhecidas, circulam acanhadamente, pouco numerosas, em contraposição a outros livros espiritualistas do Brasil, de outras editoras, que chegam às toneladas do Brasil. Tenho também encontrado leitores de Pietro Ubaldi, com coleções completas ou quase, o que muito me causa admiração!" (Lisboa, 9.8.1979.)

Mas a animação fraterna continuava:

"Jorge, meu afetoso abraço. Estou escrevendo de Aveiro, cidade praiana. Aqui ocorrerá a oitava palestra. Há muita animação no roteiro, bem como noite de autógrafos."

"Achei a vida em Portugal barata, pois o escudo está custando 50 centavos."

"Lembranças ao seu pai e Fátima, bem como às suas tias." (31) (Aveiro, 13.8.1979.)

Newton conferenciava, mas não deixava de passear, observar pessoas e estilos de vida:

31- Sobre meu pai, Oswaldo Rodrigues Martins, ver o capítulo "Capitão Sebastião e o Narcotráfico" neste livro. Fátima é a minha irmã gêmea, mais nova por três minutos. As tias são Maria José Rodrigues de Barros (Zizinha) e Maria Luiza Rodrigues Martins (Lulu). Esta última me criou generosamente após o falecimento de mamãe. Newton Boechat constantemente almoçava em seu apartamento, em especial os inesquecíveis cozidos. Certa feita, na oração do Ângelus, que titia não se esquecia de vibrar, ao som do rádio e tendo ao lado a água fluídica, Newton testemunhou a incorporação de seu espírito protetor, uma ex-escrava de nome Maria, das terras de Cabinda (Angola) [Nota dos organizadores].

"Visitei muitas cidades e mais de cem vilas. Portugal está todo asfaltado. Lindos restaurantes nas margens das estradas e nos centros das cidades." (Carta ao Mario Luiz Castanheira da Cruz, português residente no Rio de Janeiro, seu grande amigo, Viana do Castelo, 17.8.1979.)

Em outra carta a mim dirigida ele acrescenta:

"Visitei uma porção de castelos, marcos, monumentos e túmulos. Cortei Portugal em várias direções. Ele é do tamanho do estado do Rio." (Lisboa, 23.8.1979.)

Newton era bem explorado, no bom sentido. Não só conferências, mas havia entrevistas e sessões de perguntas e respostas:

"Ontem foi animadíssima a noite de 'bate-papo' doutrinário no 'Perdão e Caridade', que o Casimiro Duarte dirige! Não houve palestra, mas perguntas e respostas, 'Ping-Pong'. As reuniões em Portugal começam depois das nove horas da noite por causa do verão europeu. Nove da noite a tarde está caindo. Imagine!" (Lisboa, 23.8.1979.)

Pode o amigo e amiga leitora imaginar o custo de um roteiro tão caprichado? É o que Newton também se perguntava:

"O roteiro todo deve ter ficado numa nota, porque as palestras foram proferidas em recintos leigos e confortáveis de hotéis com salas ou salões de conferências. Os casais ficam em suítes e os solteiros em apartamentos individuais." (Carta ao Burnier, Lisboa, 23.8.1979.)

Newton era formado em línguas neolatinas e, além da boa memória, recebia a ajuda espiritual. Assim chegamos em nossa viagem imaginária com o Boechat na Espanha e vamos nos surpreender com o seu domínio do castelhano. Ouçamos o testemunho da Pepita:

"Queria que visses o nosso querido amigo falando o espanhol de Cervantes, ou Cervantes falado por intermédio dele, tal a perfeição com que Newton falava o espanhol, até Rosita e Manolito, meus sobrinhos, estavam de boca aberta, como vês as conferências serão um sucesso." (Reboreda, 29.8.1979.)

Evidentemente o domínio do espanhol facilitava a compreensão da mensagem, mas era o arejamento das ideias veiculadas o maior motivo à aceitação pelo coração:

"Ontem foi a vez de Vigo, capital da Galícia. O público era constituído de vários posicionamentos mentais. Tudo é diferente e temos de dar a mensagem espírita, sem propósito de catequese, senão a assistência se irrita. No Brasil, a exposição encontra natural campo aberto. Em Portugal, também. Da Espanha para cima a coisa é diferente, requerendo atração por sugestão, sem imposições. Falei em espanhol por 55 minutos, em recinto neutro, no 'Centro Desportivo Municipal', devidamente cedido pela secretaria do governo de Vigo, em nova fase da Espanha. O tema foi 'La facultad mediunica de Arigó, Ia Parapsicologia y echos dei mundo de hoy'. Falei em espanhol com sotaque, mas falei. Pepita que estava na primeira fila se surpreendeu e me disse que a impressão geral foi boa — isto, graças queridos, aos amigos espirituais que, em nome de Jesus, nunca nos abandonaram... (Vigo, 8.9.1979.)



Newton Boechat com Santiago Gene, o casal Molina e Pepita.

Ah! E por falar em queridos amigos espirituais, vemos que a assistência era bem ostensiva:

"Dom Molina e sua esposa, Manoli, estiveram na herdade da Pepita, de automóvel, para acertar os detalhes do programa espanhol. Sem que os conhecesse, imediatamente identifiquei, num passeio a El Grove, a genitora de Manoli, Jacinta, ao lado dela. Ficou profundamente emocionada!" (Vigo, 8.9.1979.)

A proteção espiritual não dava motivo para esquecimento das vibrações fraternas vindas dos diversos cultos evangélicos nos lares por ele frequentados:

"Ponha o meu nome nos cultos para proteção espiritual. Diga ao Gilberto Perez que o clima psíquico na Europa não está nada bom." (Vigo, 8. 9.1979.)

Outro ponto de sustentação vibratória é a sua generosa lembrança dos amigos. Sabia conquistar:

"Até agora, entre cartas, postais e impressos, enviei 271 correspondências a diferentes pessoas de diversos países." (Vigo, 8.9.1979.)

Ah! Carinhoso, não esqueci de outros regalos:

"Tomei assinaturas de Divulgación Espirita para você, Gilberto Perez e Carlos Luiz Cruz hoje; Assim não perderemos mais contato com o movimento espírita da Espanha. As assinaturas de vocês são presentes, regalos meus.

"Remeti-lhe livro sobre reencarnação, escrito pelo apresentador da minha palestra, de Vigo. Ao Gilberto Perez, enviei livro sobre Cabala e Profecias, editado em Lisboa. Ao Gilberto Guarino, (32) obra que trata de esoterismo nas grandes óperas. Tudo deve estar chegando aí, paulatinamente." (Vigo, 8.9.1979.)

Jesus, o Mestre da Alegria, disse para os seus seguidores: "O vosso coração se alegrará, e ninguém arrebatá de vós essa alegria" (Jo., 16:22). Sim, o cristão verdadeiro, apesar das lutas no bom combate, é alegre, otimista e sabe irradiar bom humor. O nosso Boechat era, ou melhor, é assim. Pepita registra um flagrante que retrata bem seu estado de espírito:

"Agora, meu amigo, estamos na nossa primeira noite em Madri, capital espanhola. Na estação encontramos o Molina e a Manoli, estas criaturas fora de série. Eles têm 4 filhos, 3 homens e uma moça. O filho mais moço e o mais velho são casados, sendo que o mais velho casou-se com uma francesinha encantadora. É na casa desse casalzinho que estamos hospedados. Agora prepare-se você, o Newton se antes estava incorporado por Cervantes, agora entrou na 'dança' Victor Hugo. É um barato, fala pelos cotovelos. É português com uns e espanhol com outros e agora francês, e se desempenha extraordinariamente bem. Jorginho junta todas essas cartas e quando Newton chegar desta maratona dê um interrogatório nele, faça-o confessar, como é que aí ele escondia o jogo, é um 'cara de pau' este nosso amigo." (Madri, 14.9.1979.)

32- Gilberto Campista Guarino, Juiz de Direito, grande médium, escritor e conferencista [Nota dos organizadores].

Evidentemente que toda essa vibração contagiava. Podemos dizer que Newton arrastava multidões. Os espanhóis deram presença. Dizia sim! Vejam:

"A palestra em Andalucia foi animadíssima, com público muito variado! Os anúncios da palestra estavam colados nos postes e nas casas de comércio da cidade. Noite inesquecível, com assistência enorme!" (Jaén, Andalucia, 22.9.1979.)



Pepita e Newton Boechat visitam Toledo.

Newton sabia ser pródigo. Não esquecia de agradar sempre. Fora as cartas e os cartões em abundância — só da Espanha ele enviou mais 200 (33) — ele enviava passagem de trem, entrada em museus, passagem de metrô e ônibus, panfletos, folders de hotéis, cartazes, mapas da cidade, jornais, revista, guias turísticos, guardanapos de papel, envelopes de açúcar e sal, guardo, com carinho, todas essas lembranças.

Mas o que mais impressionava era seu carinho dedicado para com os enfermos e aflitos, nos mais variados motivos da alma, principalmente aqueles que sofriam com a separação pelo transe da morte. Era, assim, que mesmo na agitação da viagem, na correria das palestras, não se esquecia deles. Tenho aqui nos arquivos, cartões pessoais, retratinhos e listas de nomes que ele enviava para levarmos para os cultos de Evangelho no Lar. Chegou a escrever:

33-Em carta de Madri (28.9.1979), Boechat escreveu: "daqui, até agora, 200 cartões. Desta vez vou a falência" [Nota dos organizadores]

"Os anexos da carta são para serem atendidos. Leia-os, todos, pois estão orientados. Muitos enfermos por aqui." (Madri, 28.9.1979.)

E mais, não se esquecia dos doentes que assistia aqui com visitas, preces e passes:

"Veja para mim o estado de saúde do José Urrutigaray Jr. É a segunda vez que lhe peço isto, por carta e você nada falou." (Madri, 28.9.1979.)

Ê, me sinto envergonhado... Vamos orar! Vamos em frente!

Agora, meus leitores e leitoras, estamos em Paris. Na linda loucura de Paris!

Newton em estado de gozo registra:

"Aproveito o dia para registrar tudo o que observo nesta cidade estranha e linda. Paris deve ser vista e não descrita." (Paris, 3.10.1979.)

Eu, em 2007 e 2010, estive em viagem por Paris. Não é fácil o custo de vida por lá. Mas não fui desprevenido, nem pego de surpresa, pois Boechat desde 1979 já me havia alertado:

"Infeliz de quem vier aqui somente com tostões. Passará apertado. Graças a Deus, além de ter sido grandemente ajudado por confrades, tenho encontrado segurança total. Estou calmo. Agora mesmo, precisei lavar e passar um terno na Rua Flutot e o serviço ficará em 35 francos, ou 210 cruzeiros... No 'duro' que voltarei com os outros sujos ou amassados. Enfim... são experiências! Não tenho me limitado em coisa alguma. Vamos ver para frente." (Paris, 3.10.1979.)



*Hotel Cujas (18, rue Cujas) onde Boechat se hospedou em 1979.
Foto de Jorge Damas, em 17.8 2007.*

E continua a visita a Paris, descrevendo-a, o emocionado Boechat:

"Estou hospedado há um quarteirão do Jardim de Luxemburgo, perto da Sorbone, no chamado Quartier Latin. Vi tudo o que se podia ver em 6 dias, racionalmente. Fui ajudado por espíritos e por amigos físicos. Pode dizer ao Burnier que hoje estive lanchando no Bar Danton, a poucos metros da estátua dele. A Cláudia Bommartin, jovem senhora brasileira que reside em Paris, e profunda conhecedora do francês falado na rua, muito me ajudou! Lembrar-me-ei sempre dela! Estou carregado de emoções em Paris! Em cada rua, em cada organização, em cada visita uma surpresa! Isto não me aconteceu noutras cidades. Se o Burnier vier a Paris — esta linda loucura, coisa doida é Paris —, pode até desencarnar... de emotividade! Haja coração!..." (Paris, 3.10.1979.)

E ainda acrescenta:

"Orem por mim! Tenho sentido presença espiritual como nunca senti! Velhos vultos do passado estão ao nosso lado, assistindo-nos! Visitei praticamente o essencial. Louvre, Tulleries, Jardim de Luxemburgo, Notre Dame, Arco do Triunfo, Bastilha, Sorbone, Praça da Concórdia, Palais Royal, Faculdade de Medicina, ruas famosas, Sena, Túmulo de Kardec (Pére Lachaise), o Observatório, Museu Grevin (de cera). Diz ao Burnier que é chocante o assassinio de Marat. Parece que está acabando de acontecer! Visitei ruas, praças, andei de metrô, de ônibus, a pé etc." (Paris, 3.10.1979.)

Agora o roteiro de nossa viagem virtual com Newton Boechat chega na Itália dos Césares. Nossa primeira parada é Florença e depois Veneza:

"Aqui estou, tendo realizado ontem palestra doutrinária em Florença, capital artística não da Itália, mas do mundo, pois nela a Renascença começou. Florença faz babar qualquer pessoa, embora tudo tenha de ser visto rapidamente." (Gênova, 12.10.1979.)

"Veneza é uma beleza!" (Cartão de Veneza, 20.10.1979.)

A santa terrinha de Portugal requisitava o Newton de novo. Então, lá vamos nós pelos arquivos legados pelo Boechat. Agora ele vai realizar o roteiro B, como ele chamou a sua segunda estada em Portugal, o novo trajeto abarcará Lisboa e Funchal (Ilha da Madeira). Acompanhem-lo na Ilha:

"Desta distante Ilha da Madeira, envio-lhe saudações." (Funchal, 31.10.1979.)



Estátua de Georges Danton — Foto tirada quando o casal Regina-Jorge Damas visitaram Paris — 17.8.2007.



O Casal Regina Jorge Damas sendo direcionado por Cláudia Bommartin em Paris — 17.8.2007

Newton foi sucinto, pois a beleza expressiva do cartão postal falava por si mesma.

Queria terminar a nossa viagem com uma frase profética do Newton:

"Europa, no meu caso, não mais se repetirá (tenho certeza!). Vim no momento certo, estive onde podia estar e dando o recado segundo minhas possibilidades, embora limitadas." (Paris, 6.10.1979.)



Cartão Postal enviado por Newton Boechat de Funchal (Ilha da Madeira) — Portugal.

X

NOTAS E FATOS

NEWTON BOECHAT NA EUROPA

Comunicação mediúnica em Portugal (34)

NEWTON BOECHAT EM CARTA pessoal, postada em 24 de agosto de 1979, em Cascais, Portugal, assim determinou:

"Jorge: — Datilografe esta página e a envie, com urgência, ao Jianini Pascali do Jornal Espírita, São Paulo (SP). Cortei algumas letras, porque está redigida no português de Portugal."

Pedido solicitado — Tarefa cumprida! Segue artigo estampado no Jornal Espírita:

Newton Boechat, além de orador, também é médium vidente e auditivo. Numa de suas visitas a Portugal, exatamente no Algarve, às 17h do dia 5.8.1979, recebeu a visita do seu Mentor Espiritual, Jardel, acompanhado de outra entidade.

No local, estavam presentes além do conferencista, Casimiro Duarte, Júlio Lopes Trindade, Albino Trindade e José da Silva Gabriel que testemunharam o fenômeno.

Após percorrerem de automóvel várias localidades, decidiram parar em Silves para uma rápida visita ao interior das ruínas do seu castelo histórico

Não muito distante de onde se encontra a estátua de D. Sancho, Newton Boechat recebeu uma comunicação de seu mentor que, por clarividência, transmitiu o seguinte recado, anotado às pressas no verso de um cartão postal pelo confrade Albino Trindade:

"Pretenderam, o Izidoro e o Firmino, seja eu o ser humilde que aqui esteja para enlaçar-vos, em abraço de amor fraternal."

"Quantas vezes, na carne, sonhei com uma terra livre em que pudéssemos difundir a Consoladora Doutrina e o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo! Neste reduto amigo de tão grandes recordações para mim, trago-vos saudações fraternas."

34- Jornal Espírita, São Paulo, novembro de 1979 [Nota dos Organizadores]

"Ao Gabriel, o meu muito obrigado pelo que tem feito para nossa comunidade."

"Aos corações queridos, abraços fraternais do companheiro que continua vivo, mas numa faixa diferente de manifestação."

“Celestino Rocha”

A identificação do espírito comunicante só foi obtida mais tarde. Estando a mensagem dirigida especialmente a José da Silva Gabriel, este não se recordava no momento de nenhum Celestino Rocha, embora na região residisse a família Rocha.

Somente à noite do mesmo dia, obtiveram a identidade do espírito, quando souberam presentes à conferência um filho já idoso e uma neta da entidade comunicante. A mensagem aludia ao apoio que Gabriel tem dado a um pequeno Culto que estuda mediunidade em Silves e que fora frequentado por Celestino há mais de quarenta anos.

Izidoro e Firmino foram seus amigos em vida. O primeiro, Izidoro Duarte dos Santos, batalhador espírita do país, e o segundo, Firmino de Assunção Teixeira, doador de bens à Federação Espírita Portuguesa, desencarnado há muitos anos.

UMA ANÁLISE DO
MOVIMENTO ESPÍRITA NO BRASIL

Por Newton Boechat, em Portugal.

O ESTIMADO E COMPETENTE Newton Boechat, em Portugal, deu longa e substancial entrevista à revista *Fraternidade*, de Lisboa (outubro de 1979), dirigida pelo confrade Eduardo Fernando de Matos.

Em carta pessoal que Boechat me remeteu de Lisboa, em 23 de agosto de 1979, ele registra:

'Amanhã, haverá almoço no Lar Rainha Santa Isabel, presidido pelo Eduardo de Matos, Diretor da Revista *Fraternidade*.

No mesmo dia Boechat escreve, também, para o César Burnier e, em certa altura, diz:

"O Jorge tem sido o meu distribuidor por causa das cópias que ele tira e despacha rapidamente."

E assim era feito. Despachava por carta as cópias por ele pedidas e enviava para a lista de confrades informada nas cartas. Ele chegou a recomendar em outra carta de Portimão (Algarve), em 4 de agosto de 1979:

"Tudo pode ser através de porte simples. Não se preocupe com o peso. Depois acertaremos."

Em 9 de setembro de 1979, em mais uma carta dirigida a mim, agora de Vigo, Espanha, ele prossegue cheio de expectativa vibrante:

"Dei entrevista ao Eduardo de Matos, da *Fraternidade*, gravação de uma hora e dez minutos. Se ele publicar na íntegra... 'a cobra vai fumar'."

Vamos à entrevista tão aguardada por Newton Boechat:

— Haverá Espiritismo sem Allan Kardec?

— Aceitamos Kardec como codificador da Doutrina Espírita, mas não aceitamos todos os pontos de vista que ele dispensou para o século passado. A Verdade total ninguém a tem, porque a Verdade total está em Deus e Deus ainda não revelou o total da Sua sabedoria aos homens. O de que dispomos é de verdades maiores, verdades parciais a que chegamos, à medida que o ser se refina no carreiro evolutivo. Ora, se a razão iluminada pela intuição é deslocável e oscilante, como se pretende situar todas as pessoas num mesmo esquema de razão? O critério de interpretar a Doutrina Espírita se constitui num excelente acelerador de evolução, mas não chegaríamos nunca ao exagero de dizer que não possam ocorrer outros caminhos de renovação, de composição, de refazimento. Não chegaremos, por exemplo, ao absurdo de dizer que somente seriam válidas as preces com o carimbo espírita, porque a prece que uma mãe faça em agoniada expectativa, no berço do filhinho agonizante, no mundo espiritual tem o mesmo valor quer ela seja cristã, budista, muçulmana ou hinduísta.

Daí para nós uma conceituação muito interessante e muito especialmente no que diz respeito à unificação tão acalentada por Wantuil de Freitas, um dos grandes espíritas do Brasil: Unificação em termos de fraternidade. Unifiquemo-nos em fraternidade, vivenciarmo-nos em princípios evangélicos. Mas unificarmo-nos em torno de coloridos conceptuais diferentes é um absurdo, por que isso valeria pegar de cinco ou seis faixas de naturezas diferentes e nivelá-las, rebaixá-las ou esmagá-las numa faixa única.

É interessante observar que em Espiritismo foi dada a primeira palavra, mas jamais será dada a última. No Brasil, de um modo geral, vive-se muito no campo da Unificação através do carinho espontâneo, mas quando se quer colocar essa unificação em termos normativos de papéis, de selos, de carinhos, de modelos com rígidas recomendações, isto provoca revolta.



Josefa Darriba (Pepita) visita o túmulo de Allan Kardec.

— Em face da Doutrina dos Espíritos não poderíamos considerar esta Doutrina como infalível, visto não ser uma Doutrina Humana, suscetível de erros?

— Se nós cometêssemos o exagero de dar a Allan Kardec a infalibilidade, em primeiro lugar o lesaríamos porque jamais ele pretendeu tal coisa. Em segundo lugar, cometeríamos o mesmo erro ou o mesmo desacerto que cometem católicos, dando ao Papa infalibilidade, e pretensão dos protestantes, dando à Bíblia infalibilidade. Existem supostamente, no Brasil, seis milhões de espíritas ditos na área de Allan Kardec como codificador da Doutrina. Existem 35 milhões de reencarnacionistas que se expressam no umbandismo, no rosacruzianismo, no esoterismo, no orientalismo e em outras escolas.

Pois bem, no Templo Tupyara, que é um dos maiores templos do Rio de Janeiro, com um auditório onde presumivelmente cabem 4 a 5 mil pessoas, Bezerra de Menezes e as datas comemorativas são comemorados através de conferências e os oradores chamados a fazer essas conferências são espíritas, porque eles não dispõem de oradores umbandistas. Então, todos os conferencistas espíritas residentes no Brasil passaram e passam pelo Tupyara e não se incomodam de ver seus nomes impressos em convites. Todos ali falam, mas para isso não há necessidade, absolutamente; qu<! nos submetamos ao seu culto e aos seus termos. Até porque, quando nós vamos a uma cidade qualquer, devemos respeitar a ementa, o cardápio da casa. Se não estamos satisfeitos, sem alarde, sem briga, afastamo-nos dali e vamos procurar outra, adequada às exigências do nosso paladar. Se ainda não estivermos satisfeitos com esta outra, criamos uma instituição para nós. Ninguém está proibido, por lei, de criar quaisquer organizações de buscas espirituais, uma vez que não atentem contra a ordem constituída.

Quando nós temos muita dificuldade em aceitar os outros como eles são, teremos dificuldade em nos aceitarmos a nós mesmos. Estes são os conceitos que Emmanuel, André Luiz, Pietro Ubaldi e outros tantos nos ofertam a cada instante.

Eu penso, numa palavra, que devemos viver a unificação, não no papel, não nesta amontoeira de modelos, de normas, de orientações, de quadros e de ligas, porque tudo isso é um verdadeiro mar de recomendações que atravancam o Espírito e o afogam. O espírita deve ser ordenado pelos seus setores de tarefas cuidadosamente selecionados. Mas sem chegar ao exagero de trocar o espírito pela matéria, a substância pela forma.

— Em Portugal, o Racionalismo Cristão está procurando avançar. Que ideia faz de mais este credo espiritualista?

— O Racionalismo Cristão tem tanto direito a manifestar-se quanto a umbanda, quanto às outras escolas. Em questão de gosto, cada qual come da ementa desejada. O que nós achamos, particularmente falando, é que eles se desdobram dentro de uma atividade muito fria, muito mecanicista. Falta-lhes o amor homogêneo, a compreensão, aquele algo mais que o raciocínio puro e simplesmente não pode dar, porque o processo da vida não é apenas elaborado através de vias intelectivas, mas também através dos canais do coração. Existem certas verdades que se fecham completamente ante uma pesquisa agressiva e se abrem por amor. Isso nós estamos verificando a todo o momento, principalmente no que diz respeito às filtragens mediúnicas sérias.

- Devemos pactuar com a mentira? Sabemos que em todas as escolas religiosas há gente de bons sentimentos, gente amorosa, bem-intencionada. Devemos respeitá-los pelos seus predicados ou pelas suas crenças?

— Pactuar com a mentira, isso nunca; mas devemos respeitar as crenças como degraus diferentes da escada da verdade, semelhante àquela contida no livro A Gênese, porque cada expressão religiosa constitui um degrau da grande escada.

As religiões devem ser vistas como se fossem ilhas que por cima e por fora estivessem separadas por braços de mar. Se, todavia, descermos à profundidade, verificaríamos que todas elas se unem num bloco único. Na nossa posição espírita, temos a nossa trajetória espírita, nós temos as nossas decorrências espíritas; mas nada disso impede que convivamos fraternalmente com aqueles que não se afinizam com a nossa maneira de ser e de ver.

— Devemos aceitar o Espiritismo somente porque é uma Doutrina baseada numa crença, ou como algo de maior amplitude?

— Para nós, o Espiritismo é sinônimo de vida e a vida é preferível ser sentida do que vivida. Se for vivida, nós a limitaremos.

— Somos de opinião que devemos estudar e respeitar as crenças de todo mundo, mas só deveremos aceitar aquela que tenha lógica e que nos prove não estar errada. Que motivos pode acrescentar a este modo de pensar?

— O capítulo do respeito mútuo é tudo. Nós, infelizmente, confundimos duas coisas: convivência e solidariedade. Quando formos visitar um detido na penitenciária, nós podemos ser solidários com ele, mas coniventes jamais. Solidários no sentido de levar ao preso o nosso abraço fraternal e nosso apoio moral; mas coniventes, isso não.

— O Espiritismo está firmado em três facetas: a científica, a filosófica e a mística. Dentro desta concepção nós poderemos classificá-lo como uma religião ou a religião?

— Já dissemos que o Espiritismo é vida e, portanto, sinônimo de vida. Infelizmente, nós teremos necessidade de selecionar as áreas para nossa pobre vida relativa. Nós temos que selecionar a área de ciência, a área de filosofia e a área de religião.

Se existe o fenômeno, é campo experimental, é ciência. Por que existe fenômeno? É a faixa filosófica, arguidora. Para que existe o fenômeno? É a faixa moral, religiosa. Mas, em realidade, tudo deve ser visto dentro de um golpe único de visão: se, por que e para que ocorrem simultaneamente. Se um fenômeno existe, se ele vem, é a ciência; porque ele vem é filosofia; e para que ele vem é a ética.

— Dada à circunstância de que o homem necessita de uma religião e se no mundo os espíritas consideram o Espiritismo a sua religião, é de se admitir que o Espiritismo seja religião. Como poderemos compreender o Espiritismo como religião, tomando em conta que seria mais uma a acrescentar a tantas outras que existem?

— O Espiritismo é, dentro da sua ética, religião, mas não é culto organizado. Geralmente, quando falamos de religião, lembramo-nos de sacerdotes, de paramentos, de liturgias, de rituais, de velas etc. Portanto, não é uma religião de culto organizado, mas é uma religião onde se opera a integração da criatura com seu criador.

— Isso quer dizer que o Espiritismo forma religiosos?

— Exato!

— Se é uma ideia para formar religiosos e se o Espiritismo nos fala de um modo lógico, aceitável à nossa compreensão, é por vezes bastante difícil e bastante lento deprendermos que o Espiritismo não seja uma religião, mas sim a Religião como não existe uma única religião no mundo: aquela que Deus criou, o Amor.

— É verdade. O que nós ficamos admirados muitas vezes é como os homens gostam de complicar o que é fácil! O que importa não é brigar por causa de conceitos e de palavras, mas sim da vivencialidade que faz de cada ser um digno filho de Deus.

— Aqui em Portugal e no Brasil formam-se grupos a torto e a direito por pessoas mal orientadas, desconhecedoras dos mais elementares princípios da Doutrina Espírita, mas que se arrogam, pretensiosamente, em tudo saber sem admitir uma advertência ou um conselho amigo. Por vezes, os seus médiuns são pessoas que não leem porque os seus guias lhes dizem que não precisam ler. Basta-lhes que se submetam, porque eles, Espíritos guias..., tudo sabem e os orientam. Isto tem criado ambientes de fanatismo onde preabunda gente ignorante que tudo aceita sem discernir dos Espíritos que se manifestam.

Nós perguntamos: Que prestígio poderá advir para a causa com grupos desta natureza?

— Essas são tarefas, situações e circunstâncias que somente o tempo as devastará porque, em verdade, ninguém pode impedir que até surjam grupos mal orientados e distorcidos, que se requeira um alvará qualquer e que abram uma sede social e funcione. Não há possibilidade de o impedir, não temos meios legais de impedir. É interessante mencionar que não podemos impedir que os umbandistas se rotulem de espíritas; não temos instrumento legal para o impedir. Primeiro que a lei humana não toma partido nisso; em segundo lugar, não temos meio de coagir, constranger ou de anular a criatura de que ela se proclame espírita, mesmo que adote a religião umbandista com os seus rituais.

Nós acreditamos que a única maneira de se poderem resolver esses problemas é o desbastamento das arestas e dos rebiques através do tempo, principalmente chegando-se de maneira bondosa junto a diretores ou organizadores dessas tais células e, na base da paciência, do exemplo e da observação, ensinar-lhes a maneira de procurar uma conceituação mais alta, dispensando velas, imagens, símbolos, ritualismos etc. Mas impedindo--os na expressão da palavra, isso jamais. Não podemos impedir os umbandistas de se proclamarem espíritas assim como os católicos não nos podem impedir de nos proclamarmos cristãos. Se o uso da palavra está errado, se é colocada num campo inadequado, se não se vive os conceitos de pureza da Doutrina Espírita, isto constitui problema de quem usa, segundo a madureza do seu espírito; mas cassar-lhe o direito da proclamação é assunto que nem nos diz respeito e nem diz respeito à lei civil a que estamos subordinados enquanto nos contamos por cidadãos encarnados.

— Qual o melhor processo de contribuir para a propagação Doutrina Espírita? Será o respeito por tudo quanto se faça de errado dentro da Doutrina que desejamos ver prestigiada?

— Acreditamos que a melhor forma de vermos prestigiada e propagada a Doutrina Espírita é através do exemplo. Porque não existe maior pregação do que aquela que é feita através do exemplo. A palavra abala, mas o exemplo arrasta. Jesus brilha no evangelho, mas resplandece na exemplificação.

Então, mesmo quando nos agridam, mesmo quando nos subestimem, o exemplo conta magneticamente e as forças da vida nos sustentam. Quando realmente uma pessoa disser que é justa, que é honrada, que é honesta e o for mesmo, ainda que milhões proclamem o contrário, as forças da vida que trabalham para o bem a sustentam. O melhor meio da expansão da Doutrina é a pregação através do exemplo. A teoria pode ser muito útil e respeitável, mas o exemplo é uma situação de fato palpável na vida ou observável por intuição por parte daqueles que convivem conosco.

— Os espíritas, tanto do Brasil como de Portugal, encontram-se divididos. Qual seria a melhor forma de haver entre eles uma união perfeita?

— Eu volto à mesma situação: O único denominador que poderá aglutiná-los é o da fraternidade exercitada e vivida; mas pretender-se unificar faixas mentais diferentes, concepções díspares com madurezas desiguais entre pessoas, seria o mesmo que fazer um embrulho harmonioso com um guarda-chuva e uma panela. É impossível!

Como é que poderemos pegar criaturas que vivem diferentes momentos de madurezas e padronizá-las numa faixa rígida? Devemos proporcionar alimento a todos que nos procurem, porém, tendo sempre aquele cuidado de apalpar psicologicamente a pessoa, verificar-lhe o nível de madureza e proporcionar-lhe recurso segundo essa mesma madureza. Mas isso requer uma certa psicologia que nem todos têm.

O perigo, também, da chamada unificação muito rígida, com determinações hierárquicas, é o de agir como que se não quisesse impor, mas, na realidade, ela impõe. Ainda recentemente ocorreu um fato desagradável no Brasil, apontado pelo jornalista Luciano dos Anjos, no Jornal Espírita, que circula com cem mil exemplares em todas as bancas mensalmente no Brasil.

Um determinado companheiro, (35) militante espírita, escreveu um artigo a respeito da queda espiritual num jornal espírita do Rio de Janeiro. E ele foi punido em outro estado — Minas Gerais —, em Ata, com a recomendação de que todos os outros Centros o alijassem e não o aceitassem para falar na cidade. O que é certo é que ele voltou lá e aquela assistência de 300 pessoas se multiplicou e em vez de 300, eram mil a ouvi-lo no auditório. As entidades mais preocupadas em preservar uma unificação de papel silenciaram de maneira perigosa e deixaram então que se patenteasse uma injustiça.

— Um dos motivos que contribui para a desunião dos espíritas no Brasil deve-se ao fato de a FEB ter editado os livros de Roustaing, que os dividiu entre roustanguistas e kardecistas. Que nos pode dizer acerca desta circunstância?

35- O fato se deu com o próprio Newton Boechat. A cidade da pretensa excomunhão é Juiz de Fora. Ver Jornal Espírita, São Paulo (SP), de novembro de 1977. p.2 [Nota dos organizadores],

— O assunto é longo e consumiria muito tempo, mas em linhas gerais podemos dizer: eu acredito que não existem roustantuistas nem kardecistas. O que devem existir são espíritas. Quem puder aceitar um Cristo carnal, ressurgente neste mundo com um corpo físico, pela concepção sexual, pois que o aceite, se isso lhe apraz e lhe traz felicidade. Se o outro não admite mais Jesus portador de um revestimento celular simplesmente, mas com um poder colossal demonstrável a ponto de aglutinar fluidos e, através deles, se concretizar aos olhos, que também o aceite se isso lhe apraz. O que importa é não transformar isso tudo em azedume.

Emmanuel, prefaciando o livro de Antônio Lima intitulado A Vida de Jesus, diz que fora ridículo proibir a elucidação. O que se deve impedir é o azedume da polêmica. (36) E, realmente, a polêmica não constrói nada, porque coloca companheiros brigando com companheiros por causa de um caso que está circunscrito no capítulo de opção.

— Que nos diz de médiuns desconhecedores completamente da Doutrina e, até, pouco honestos e que realizam prodígios?

36- A Vida de Jesus. Antônio Lima, FEB, Rio de Janeiro, 3ª edição 1979. Prefácio. Antônio Joaquin de Lima foi fundador da União Espirita Mineira [Nota dos organizadores].

— Existem várias alternativas para isso. Quando uma verdade maior se quer manifestar, ela cancela, de imediato, verdades menores, obstáculos, possessões, barreiras etc. Se um doente se faz credor do socorro espiritual, por ele interferem encarnados de mérito ou desencarnados com boa atividade espiritual. O médium mais imoral do mundo pode tornar-se, momentaneamente, um canal maravilhoso para a expressão espiritual, redundando em benefício do doente. Mas isso constitui uma exceção. (37)

Quando se é médium nato, ele vai, entre acertos e desacertos, entre ziguezagues de avanços e recuos, desdobrando-se, vida afora, até que encontre, através de experiências bastante duras, algo que o fará entrar no caminho missionário. Existem falsos médiuns e médiuns honestos, mas com o tempo eles próprios se desmascaram.

Porque existem médicos abusivos, imorais, charlatões, não se infere daí que a Medicina não preste. Porque existem rábulas, advogados desonestos, empedernidos, de negócios fáceis, não se vai dizer daí que o Direito se prostituiu.

Então o que importa não é possuir mediunidade, mas sim sublimar a faculdade de que se é portador.

— Algumas organizações espíritas estão procurando padronizar o aprendizado, o desenvolvimento mediúnico. Não acha isso razoável, tomando em atenção a existência do mediunismo barato e pretensioso que prolifera e que se faz pagar bem caro?

— E como dissemos já: precisamos de elementos de coordenação, porque se não houver coordenação há um balburdiamento na vida. O que se deve evitar é o exagero das sutilezas, porque então chega-se a um ponto em que a vida tão corrida, tão sofrida e tão cheia de exigências não vai mais proporcionar que se possa sequer se dirigir a um Centro para desenvolver a mediunidade.

Nós conhecemos casos de pais que levaram filhos obsidiados ao Centro Espírita, mas, em vez de se atacar o problema de imediato, fizeram-se tantas exigências que se não tivesse havido o atendimento numa outra organização séria, fora daquela cidade, eles teriam desencarnado.

37- Um bom exemplo é a personagem O da Mae Brown (Whoopi Goldberg) do filme Ghost [Nota dos organizadores].

Quando alguém chega aflito num pronto-socorro, o que tem que se fazer, primeiramente, é atacar o problema mais próximo; depois, mais devagar, iremos verificar o outro esquema.

— O que não quer dizer que seja absolutamente necessária a preparação mediúnica antes desses médiuns ou influenciados começarem a fazer trabalhos de mediunidade!?

— Sem dúvida! Está com toda a razão. A mediunidade sempre continuará existindo e talvez até cresça nestes conturbados tempos; mas não a mediunidade missionária, mas não a mediunidade tarefeira; porém, mediunidade transviada que precisa de orientação.

— Precisamente porque existe essa mediunidade transviada é que existem muitos médiuns, não esclarecidos, incipientes, que nada sabem do Espiritismo; apenas sabem que são médiuns e caem em determinadas ratoeiras, preparadas pelo baixo astral, que deles fazem uns farrapos humanos, talvez por consequências cármicas. Eles podem assim desprestigiar o Espiritismo. Que nos pode dizer sobre o assunto?

— Isso é uma condição natural, porque se vemos agora efeitos próximos de causas remotas e se esses efeitos se multiplicam, serão a seu termo causas de efeitos mais dificultosos e nisso existe responsabilidade de parte a parte. Não pode haver obsessão se não houver obsessão e obsidiado. É inútil pretender admitir-se que só o obsessão tenha responsabilidade. Se o médium chegou aonde chegou é porque admitiu o obsessão desde o princípio.

Hoje foi a primeira visita da entidade perturbadora buscando, numa presença rápida, um simples ponto. Amanhã, mais um ponto e, depois, outro e mais outro. Aquela quantidade de pontos acaba por formar-se num painel.

— Mas não acha que esses médiuns fogem a essa mediunidade missionária porque se submetem aos obsessores que os levam, consentaneamente, a explorar os incautos?

— Quem fizer isso está juntando brasas para o próprio coração. A pior coisa que se pode fazer é mercantilizar a mediunidade. Ainda mais: mesmo que o médium aceite a mercantilização da mediunidade, o Alto não a suporta, vendo-a com repugnância e deixando a pessoa livre ao baixo astral. Mesmo quando o médium possui boa faculdade, convertendo-a em favor do próximo e nada cobrando, mas quando possua as chamadas imperfeições, lacunas e fraquezas humanas passionais etc. Se ele se render ao Bem, de maneira pura e desinteressada, os amigos espirituais o endossam porque sabem que ele é imperfeito, que não consegue ainda durante muito tempo aparar arestas, mas lhe darão endosso. O que os Espíritos do Bem não suportam é a mercantilização das coisas espirituais.

— Podem os médiuns espíritas prestar serviços fora dos Centros?

— Acredito que em relação aos médiuns psicofônicos como psicográficos, excelente seria que eles apenas trabalhassem dentro da organização espiritual, porque já estão acobertados, a toda a hora, pelo campo magnético dos guias e pelos companheiros mais avisados que os alertam com referência a pequeninas discrepâncias e derrapagens. Mas se o médium já está seguro daquilo que realiza e se já existe uma longa sedimentação, no tempo, que lhe proporcionou a criação de uma capa magnética de defesa, ele poderá, nas chamadas horas de recolhimento do seu lar, entrar em sintonia e receber livros espirituais. O melhor seria, em regra geral, que o médium desse a colaboração apenas no Centro Espírita. E se fosse apanhado em alguma falha ou em alguma derrapagem da alma, em vez de ser tolhido ou ser despedido como um cão raivoso, dever-se-ia dar-lhe mais atenção e bondade porque, se houver um gesto de brutalidade por parte de dirigentes da organização, esses mesmos os levam para o despenhadeiro e para o abismo. A nossa entrada, se houver, deve ser como pretendente à recomposição, nunca ao refugio e à desarmonização que não é uma atitude evangélica.

— Devem as sessões psicofônicas serem de caráter público ou privado?

— De caráter privado. Provavelmente, se houvesse necessidade, seria mais interessante diferenciar as sessões chamadas de desenvolvimento mediúnico, com médiuns bisonhos, neófitos e iniciantes, e uma outra mais puxada (como se diz no Brasil), de experimentação mais grave, mais delicada e mais séria, com médiuns desenvolvidos, tendentes aos chamados casos de desobsessão violenta. Existem várias organizações no Brasil e uma das mais fortes, rendendo há longo tempo trabalho eficiente, é a Casa do Cinza, (38) em Uberaba. É uma das Casas mais capacitadas para atender aquelas chamadas tarefas de desobsessão violenta, em que a criatura já está fortemente obsidiada ou está possessa na expressão da palavra.

— Quanto às entidades que se manifestam através desses médiuns que não inspiram confiança, devemos aceitá-las mesmo que se manifestem no incógnito? Quer dizer: essas entidades fazem-se passar pelo que não são e outras vezes incognitamente?

— Quando a entidade espiritual é magneticamente negativa, quando é má ou tem tendência para o mal e se camufla, mais cedo ou mais tarde ela se desmascara porque a árvore boa não dá mau fruto e a árvore má não dá fruto bom. Isto tem servido de pretexto a que sacerdotes, leigos, doutores, pessoas de variados níveis não aceitem a mediunidade, invalidando-a radicalmente.

— Há espíritos que se manifestam e que não são espíritos. Tomados ainda pela influência das suas religiões, isso não constituiria motivo para os desmascarar, desde que eles, inteligentemente, pretendessem impor-nos a sua religião; ou devemos orientá-los no bom sentido do esclarecimento espiritual?

— A essa pergunta somente podemos dizer que é preferível a queda de um só do que a da coletividade inteira.

— Como havemos de proceder quando determinados espíritos gesticulam como se estivessem abençoando segundo os ritos de determinadas religiões, acompanhando esses gestos de palavras e expressões de dogmatismos religiosos?

Rua Quirino Luiz da Costa, 50 - Bairro Estados Unidos, Uberaba (MG) [Nota dos organizadores].

— São irmãos que vêm de longe, imantados nas suas criações mentais. Nelas se fixaram e nelas se comprazem. Mas há um critério generalizado de concordância, tal como preceitua Allan Kardec, o inesquecível codificador da Doutrina Espírita. Nós devemos, na realidade, nos precaver e receber esses Espíritos como criaturas necessitadas do nosso informe e da nossa orientação.

— Assim procedemos, mas eles vêm senhores do seu papel, como se tivessem autoridade religiosa e impressionam a maioria dos ignorantes presentes que colocam o médium num pedestal e no qual veem o símbolo máximo do Espiritismo que perfilham.

— Uma verdade maior não pode condicionar-se a uma verdade menor. Se a vida se pudesse orientar pelos nossos caprichos, ela nunca funcionaria. Se a vida funciona em variados graus de evolução, tendentes às mais incríveis faixas hierárquicas, é que existe um sistema de vida elaborado. Se nós pudéssemos contrapor ao esquema da vida os nossos caprichos, as nossas quizilas, os nossos cacoetes mentais, todas as nossas limitações, o mecanismo da vida pura e simplesmente deixaria de funcionar porque nós quereríamos que assim fosse. Entretanto, não é assim. Mesmos aqueles que trabalham contra o progresso, mesmo aqueles que se enfurnam em expressões ou esquemas ridículos, cujas trajetórias jamais satisfazem às exigências do tempo, quando se dão conta estão lá atrás, encerrados em triste bolsão, porque simplesmente a vida não pode esperar por eles. São criaturas que trazem quistos no organismo, que atrapalhavam, de certa forma; mas enterrar definitivamente a marcha doutrinária, isso não, porque a palavra continua sendo Evolução.

— E como encarnar a ideia de que é preferível rejeitar 99 verdades a aceitar uma mentira?

— Essa expressão não existe na obra de Allan Kardec. Ela é do Espírito Erasto e limita-se a 9 verdades perante uma mentira e se encontra em O Livro dos Médiuns que diz ser preferível repelir nove comunicações mediúnicas verdadeiras do que aceitar uma falsa. Como também nada prova que a expressão que se encontra no túmulo de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise, em Paris ("nascer, morrer, renascer, progredir sempre"), seja da sua lavra.

Supõe-se que, quando Madame Amélie Boudet com outros simpatizantes da Doutrina Espírita pretenderam uma expressão que sintetizasse a obra do codificador, eles acharam este dístico luminoso.

— Eu gostaria que, se estivesse de acordo, fizesse a sua despedida e dissesse da sua volta a Portugal.

— Queremos levar a todos os corações amigos que nos escutaram em Portugal, aderentes ou não às ideias espíritas, aceitando-as como renovadoras da própria vida ou repelindo-as por enquanto, nós queremos levar a todos os corações, vibrações de Paz e de Amor e dizer-lhes que devemos, todos, propugnar por um mundo melhor e por uma coletividade mais feliz. Continuamos às ordens, no Brasil, no movimento espírita, aos trancos e barrancos, porém, crescendo sempre. A Doutrina Espírita é vibrante, fulgente e bonita.

É bem verdade que a Doutrina Espírita é sempre esférica, mas o movimento que a representa é quadrado por causa do bitolamento em que vivem os homens; mas isso, por fim, não importa porque nós sabemos que entre mortos e feridos se salvam todos...

ASPECTOS DA CRUCIFICAÇÃO E RESSURREIÇÃO DE JESUS

Meus amigos, inicialmente, desejo-lhes a paz de Jesus, nosso
É um tema fascinante, maravilhoso, porque nos ensina a absorver o perfume dos tempos idos, a fragrância de Jesus, os postulados maravilhosos que ele deixou de amor e de sabedoria, para todos nós necessitados dos milênios e que nos julgamos destituídos daqueles patrimônios de que carecemos para poder avançar além daquilo em que se nos exprime a vida.

Quero dizer-lhes que para a elaboração deste tema, tivemos de consultar, trabalhosamente, algumas obras raras e especializadas no assunto, obras estas que, provavelmente, sejam até mesmo desconhecidas de grandes áreas do movimento espírita. Tivemos de consumir várias horas, semanas e meses de nosso tempo em livros preciosos, cujos autores são mundialmente conhecidos porque também muitos se esmeraram no sentido de trazer-nos, aproximadamente, o desdobrar das motivações da crucificação e ressurreição de Jesus, fato este que se encontra distante de nós no tempo, aproximadamente, há dois mil anos. As obras que tivemos de observar e anotar foram:

1) As de Pierre Barbet, Doutor em medicina que escreveu um livro curiosíssimo intitulado: A Paixão de Cristo Segundo o Cirurgião.

2) Holzmeister, considerada a maior autoridade mundial em assuntos da crucificação com seus artigos notáveis na revista *Verbum Domini*, do Roma, de 1934, dos meses de maio, julho, agosto e setembro.

3) Do Dr. Le Bec no seu artigo "O Suplício da Cruz", publicado na revista *L'Evangile dans la Vie* [O Evangelho na Vida].

4) Algumas monografias de Cordonnier e Lagrange.

5) Como também um trabalho aperfeiçoado do tcheco Dr. R. W. Hynek, considerado também notável em assuntos de crucificação.

Vamos, portanto, observar o que eles têm para nos dar, procurando encaixar os seus escritos, os seus dizeres, nos evangelhos tradicionais de João, de Marcos, de Lucas e de Mateus, bem como em algumas obras psicografadas pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Com este preâmbulo, comecemos, pois, sem delonga, o nosso tema.

ERA MADRUGADA FRIA, daquele décimo sexto dia do mês de Nisan, pouco antes de romper a aurora...(39) A primavera desabrochava tímida, pois que ainda sopravam frios os ventos do Líbano e da Arábia. Jerusalém dormia o sono das horas tardias. Do alto da elevação, onde se encontrava o Monte da Caveira, chamado também de Gólgota, parte da cidade santa era contemplada. O casario padronizado e decadente... Por trás da colina, onde estava a Torre Antonia, um pinheiro, à semelhança de enorme punhal, parecia partir a Lua.

Havia silêncio, silêncio intenso naquelas horas da madrugada.

A trinta metros do Calvário, existia um vergel pertencente ao senador José de Arimateia, (40) onde a guarda palaciana de Pilatos dava vigília no túmulo pertencente ao mesmo senador, onde fora encerrado o corpo de Jesus por trás de grande laje. A guarda palaciana era composta de um capitão de milícia e alguns comandados.

39- O mês de Nisan (Hb), na Palestina, correspondia, mais ou menos, ao nosso abril. [Nota dos organizadores],

40- Jose de Arimateia era também senador dos judeus, Lucas, 23:50 [Nota dos organizadores]

Era noite, e noite fria, naquele dia de Nisan, e os soldados, para de alguma forma amortecerem as inclemências do tempo, acenderam algumas candeias para aquecerem as suas falangetas grossas.

Ninguém falava, de quando em vez, entreolhavam-se assustadiços porque algo lhes dizia que estava para acontecer alguma coisa que racionalmente não poderia, por enquanto, ser decifrada.

O silêncio, de quando em vez, era quebrado por uivos de animais noturnos ou pelo tilintar das armas dos soldados que se revezavam naquelas horas tardias, vindos da Torre Antonia.

O capitão de milícia era amigo de Pôncios Pilatos. Provavelmente nunca se lhe saberá o nome, nunca se lhe conhecerá a origem; porém, é testemunha importantíssima do processo da crucificação e da ressurreição de Jesus. Por ser amigo de Pôncios Pilatos tinha livre trânsito no Palácio do Governador, no Sinédrio, (41) no Templo, na Torre Antônia e no Pretório. E por que motivo a guarda se encontrava ali, ao lado do sepulcro, vigiando o túmulo de Arimateia, lacrado? Isto porque, na hora nona, mais ou menos, as três da tarde na nossa contagem de tempo, no Ocidente, logo depois que a Vítima Divina expirou no madeiro, Caifás, acompanhado de algumas autoridades do Templo e do Sinédrio, foi até Pilatos pedir-lhe uma audiência. E quando devidamente autorizados a falar com ele, adiantando-se, assim se expressou:

— "Senhor, lembramos de que aquele impostor, quando entre nós, dissera que se lhe derrubássemos o corpo, ele o levantaria em três dias. Manda-nos a tua guarda! ...manda-nos a tua guarda!" (42) E Pilatos então destaca a própria organização policial do Palácio e a entrega ao sumo sacerdote para vigiar o túmulo de José de Arimateia.

41 Que era o tribunal-senado onde se dirimiam as dúvidas político-administrativas da palestina [Nota do Organizador]

42- Jesus chamado de impostor: Evangelho de Mateus, 27:63[Nota dos Organizadores]

Encontrava-se assim o capitão de milícia pensando em muitas coisas, principalmente nas peripécias que se desdobraram nos últimos dias quando a população de Jerusalém e adjacências fora levada ao máximo de tensão mental e depois se quedara com o martírio de três homens considerados perigosos pela lei: Jesus Cristo e os chamados salteador da esquerda e salteador da direita, habitualmente conhecidos com o nome de Gestas e Dimas, embora não estejam consignados com estes nomes nas páginas escriturísticas.

O capitão de milícia começou então a desdobrar quadros psíquicos, a movimentar-se por entre a população e os maioraes, entrando e saindo do Palácio de Pilatos, e armara, em sua mente, todas as circunstâncias até aquele ponto em que se encontrava ele no vergel de Arimateia, dando guarda no sepulcro, onde fora por trás de grande pedra chumbada colocado o corpo de Jesus.

Lembrara-se o capitão de milícia do flagelo estabelecido aos três.

Lembrara-se do suplicio imposto aos três figurantes do alto do madeiro.

Era terrível a crucificação!

Nós que nos encontramos distanciados daqueles horrídeos tempos não podemos imaginar de leve o que representava condenar-se a alguém a morte infamante, a morte no madeiro, no stauos como diziam os gregos.

Lembrava-se o capitão de milícia que desde as primeiras horas da madrugada do dia em que seria crucificado alguém por crime de lesa--majestade, homens embriagados, ou soldados displicentes, chegavam até junto à cela em que estava o condenado e começavam a ameaçá-lo numa terrível guerra de nervos, movimentando um suplicio mental para a futura vítima. Exibiam-lhe o terrível flagrum, que era um instrumento de suplicio, constituído de um cano de madeira de trinta a quarenta centímetros de comprimento e que terminava em duas tiras de couro, de também trinta centímetros, que se alongavam e se prendiam nas bordas, por patinhas de carneiros, chamadas de tale, ou então de bolinhas de ferro, em número de seis ou oito. E exibiam à futura vítima o flagrum dizendo-lhe de maneira irônica, sarcástica:

— "Prepara as costas! ...prepara as costas! Você vai ver logo mais. ...Você vai ver logo mais... Machuca de três formas: Aqui, é a madeira — quebra! Aqui, são as tiras de couro — surra! E aqui, são as patinhas de carneiro ou as bolinhas de ferro — rasgam!... Prepara as costas!... Prepara as costas!"

E o condenado era assim triturado, moralmente, entrando em num processo de pânico mental.

Lembrara-se o capitão da milícia daquele momento em que os juízes de Israel, acompanhados de figurões do Sinédrio e do Templo e de grande massa orientada por eles próprios, pelos seus beleguins ou pelos seus subalternos, vieram até ao Pretório numa grande tarde, e depois surgira Pôncios Pilatos, representante de César, a maior autoridade na Judeia, e se sentara num local em que os gregos davam o nome de Lithróstotos, e os judeus davam o nome de Gabatá [Jo., 19:13]. Pilatos, em meio do silêncio, observou Jesus. Os olhos dos dois se encontraram. Procurou pré-testar falsa grandeza, olhando o Divino Mestre por cima, mas no fundo, no fundo da alma, estava inteiramente confundido por aqueles olhos divinais. Depois de alguns instantes, pergunta-lhe:

— "És Rei?"

Jesus lhe responde altaneiro e calmo:

— Sim, sou Rei! Mas o meu reino não é deste mundo.

Jesus se proclama Rei. Os seus próprios lábios dizem: "Sou Rei! Mas o meu reino não é deste mundo"; isto é, o reino de Jesus não tem bases físicas, percíveis, materiais, carnis.

E hesita Pilatos para dar uma sentença definitiva, porque momentos antes funcionário adiantara-se discretamente junto dele e trouxera-lhe um recado de sua própria mulher, Claudia Prócula, dizendo que não sentenciasse a Jesus porque aquele homem era um justo. Tivera um sonho antes em que alguém lhe falara que aquela criatura estava inteiramente inocente e muito sofrerá por causa dele. Não obstante a advertência de Claudia Prócula, Pilatos entrega Jesus aos juízes a fim de que pudesse a sentença concretizar-se até a execução.

Primeiramente, o Governador, como de hábito no protocolo, passou as atribuições da punição ao lictor que era um oficial de justiça. Em seguida, o lictor entrega-o a dois centuriões que o despem até a altura do umbigo, amarrando-lhe as mãos num poste de cinquenta centímetros de altura, deixando o dorso ligeiramente arqueado.

E foram-lhe aplicadas trinta e nove vergastadas de flagrum, do instrumento a que nos referimos. Trinta e nove, sim! Porque a lei preceituava quarenta, mas também dizia que se o soldado aplicasse uma a mais, ele receberia a mesma quantidade no próprio corpo. Então, por precaução, eram sempre aplicadas trinta e nove batidas de flagrum. Sangrava Jesus abundantemente, riscavam o corpo do Senhor deixando marcas azulinhas, com levantamento de cartilagens, de músculos, de tecidos.

Ele era bem a representação do varão das dores de que nos falara o profeta Isaías séculos antes.

Além disso, dois soldados vieram e colocaram nos ombros do Senhor o chamado madeiro horizontal, ou pau dos braços, que tinha o nome patibulum, e pesava cerca de quarenta quilos.

É interessante dizer-lhes de passagem que o condenado à morte na cruz nunca carregava a cruz inteira. Era impossível fazê-lo. O madeiro dos braços pesava quarenta quilos e tinha dois metros e trinta de comprimento. O madeiro que sustentava o corpo pesava oitenta quilos e tinha três metros de comprimento. A soma dos dois: 120 quilos; impossível de ser levada, ladeira acima, até o alto do Gólgota — nem mesmo os atletas ou os homens que se exercitavam na arena, depois do martírio psicológico, depois das vergastadas de flagrum, não tinham condições psicofísicas para carregarem 120 quilos colina acima. Do Pretório, onde se sentava Pilatos, na Gabatá, até o alto do Monte da Caveira, por uma via mais direta, o percurso se desdobrava em 670 metros. Todavia a procissão constituída daqueles que levaram a Jesus no alto do monte percorreu um caminho de dois quilômetros e duzentos metros, porque as vielas, muito íngremes e apertadas, não suportavam a quantidade de massa e de soldados que esbarravam em Jesus, cuspidando nele, ironicamente exibindo-lhe flagruns, e também ridicularizando a sua própria pessoa.

Logo depois que foi estabelecida a sentença de condenação, alguns centuriões, sádicos, chegaram junto a Jesus e faziam menção de reverência, dizendo:

— "Ah! Ele é Rei? Ele é Rei?"

E em vez de se ajoelharem junto dele, esbofeteavam-no. Outros se aproximavam também e cuspiam-lhe na face. E começavam, numa ronda sinistra, a falar sempre:

— "Mas ele se disse Rei!... Ele se disse Rei!"

— "Então, viva o nosso Rei!"

— "Viva o Rei!"

— "Ave rex!"

— "Viva o nosso Rei."

E um deles, ainda malicioso e mentalmente pesado, demonstrando o quanto de maldade lhe ia na alma, olhou significativamente para os demais companheiros e acrescentou:

— "Mas vocês já viram rei sem coroa?"

— "Eu nunca vi rei sem coroa!"

E depois acrescentou:

— "Façamos uma coroa para o nosso Rei."

— "Uma coroa para o Rei!"

— "Uma coroa para o Rei!"

— "Não há Rei sem coroa!"

— "Não há! Não há!"

E procuraram, ali mesmo junto aos vergéis de Arimateia, um vegetal flácido, de seiva ardente, espinhento, que tinha o nome de zizyphus e é classificado hoje com o nome de zizyphus spina Christi. Fizeram para Jesus não propriamente uma coroa, mas um gorro de espinhos. E quando vieram debochados e levianos, e atocharam o gorro de espinhos na cabeça do Senhor — nós sabemos que a cabeça é uma região altamente sanguínea —, imediatamente se romperam alguns capilares; pontos da cabeça e da nuca receberam os espinhos, e filetes rubros desceram pelo peito e pela região dorsal, passaram ao longo do corpo; e assim, ele caminhava, sangrando... sangrando sempre... Mas, de vez em quando, alguém falava:

— "A coroa do rei vai cair!"

— "São muitos os movimentos que ele faz e pode perder a coroa."

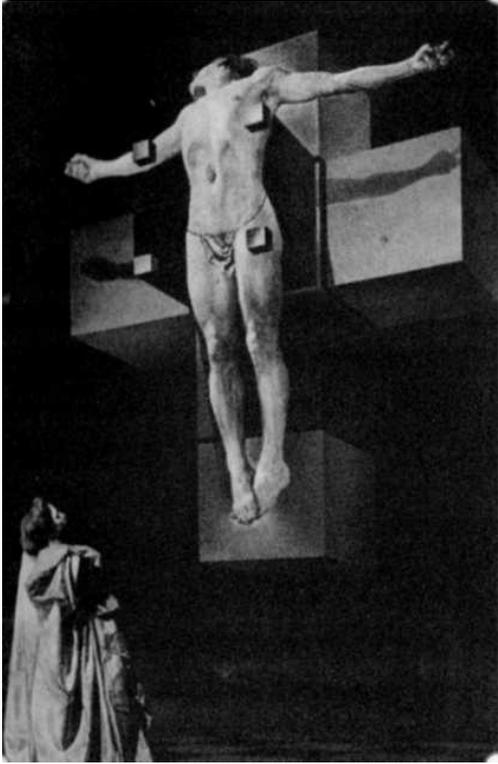
— "Não podemos deixar o rei perder a coroa."

E procuraram uma outra vegetação naquele local que tem o nome de jujubeira, chamada também de açofeifeira. Na Síria, tem o nome de maçãs de anáfega, uma espécie de cipó com folhas semelhantes à da nossa acácia. E foi justamente com essa açofeifeira, ou com essa jujubeira, que amarraram a coroa de espinhos a fim de que ela não se desligasse da cabeça.

Depois da procissão — hilariante, absurda e negativa — a levar o Cristo Divino até o alto do Monte da Caveira, ali pararam um pouco e retiraram da cavidade o tips crucis — que era justamente o pau que sustentava o corpo, o pau vertical da cruz —, colocaram-no no chão, sobre ele pregaram o patibulum — que era o pau dos braços. É na junção do madeiro do corpo com o madeiro dos braços que se fazia o suplício no instrumento a que se dava o nome de cruz. Em seguida, colocaram Jesus em posição dorsal e prenderam-lhe as mãos e os pés com três cravos, pelas leis romanas. Cravos estes que tinham o comprimento de 22 centímetros e dezoito milímetros de diâmetro.

Mas é interessante acrescentar o seguinte: o condenado à morte na cruz não era pregado pelas palmas das mãos. Por quê? Porque elas são constituídas de carruagens muito finas, muito flácidas. Fizeram vários exames em laboratório, com defuntos, crucificando-os, e verificou-se que eles não podiam permanecer muito tempo nesta posição, porque o peso do corpo rasgava as cartilagens e então o corpo pendia.

De que maneira Jesus Cristo foi pregado? Pela região do carpo, que faz parte da mão também, constituída de oito pequeninos ossos, ligados entre si por uma constituição cartilaginosa mais dura, no ponto justamente em que terminam os ossos, rádio e cúbito. Um prego numa das mãos. O outro prego, ou cravo, na outra mão. E um terceiro cravo passando pelos dois pés, traspassando-os. Os nervos não estavam seccionados, cortados, e sim, perfurados. E o sofrimento era grande porque levava toda a ressonância de dor até ao centro registrador do cérebro.



Crucifixo — 1954 — Salvador Dali (1904-1989) — Aqui, urna homenagem a Newton Boechat que sempre falava que desejava ver esta pintura em um de seus livros por escrever.

Imediatamente com o levantamento da vítima na cruz, começava uma irregular distribuição muscular ocorrendo câimbras em diferentes pontos do corpo. Existia uma câimbra que envolvia os músculos e os nervos das pernas. Um outro tipo de câimbra se manifestava do piloro ao diafragma. O terceiro tipo irradiava por todo o músculo mastoideo. E um quarto tipo se manifestava justamente onde se encaixam as extremidades dos maxilares, irradiando um sofrimento fino e penetrante em todo o osso zigoma, também chamado malar.

Imediatamente o sistema neurovegetativo no condenado à morte na cruz começava a declinar. Sofrimento intensíssimo. Suor abundante. Uma hipersudorese, como se diz em medicina, começava a manifestar-se.

Com o sofrimento, com a perda de sangue, a vítima tinha uma sede intensíssima. E naquele instante exato em que Jesus disse: "tenho sede", os soldados tomaram de algumas esponjas, ligaram-na em suas lanças, e levaram a uma vasilha, que trazia uma bebida fermentada chamada de posca — que era uma mistura de vinagre, ovos e água. (43) No instante exato em que nos lábios do Senhor a esponja veio com a posca se cumpriu uma profecia de Davi, de cerca mil anos antes, do seu Salmo 69:21, quando assim se expressa:

— "E na minha sede deram-me vinagre."

Da hora sexta à hora nona, de meio dia às três da tarde, permaneceu Jesus, assim, no seu suplício; como também permaneceram os chamados salteadores da esquerda e da direita.

Quando a Vítima Divina pendeu a cabeça, na hora nona, os soldados foram dizer isto a Pilatos. E ele se assustou, não pode compreender uma morte tão rápida. Porque se o flagelo era intenso, também era duradouro. Flagelados existiam que permaneciam durante doze, vinte e quatro, trinta e seis e até quarenta horas dispostos no madeiro, conforme fossem as suas constituições físicas.

Tito César e Cerealis, acompanhados de alguns cavaleiros na estrada de Têcua, encontraram cinco crucificados vivos. Apiedaram-se deles e fizeram-nos descer da cruz. Com reagentes enérgicos dois sobreviveram e os outros três pereceram. (44)

No instante exato em que Jesus pereceu ou que se imobilizou na cruz — era a hora nona — e todo o pessoal que se encontrava rente ao madeiro começou a se exteriorizar através de murmurações.

43- Porque quando os militares romanos estavam de serviço não podiam beber bebida alcoólica. E eles tomavam então a posca, que era chamada, tradicionalmente, em nosso mundo ocidental, de fel [Nota dos organizadores].

44- Ver Seleções de Flavius Josephos- Histórias dos Hebreus, capítulo "Autobiografia" Ed. Madras S.P 2005 pp 315 [Nota do organizadores]

O sangue que escorria vinha pelas pernas e através dos dedos dos pés pingava naquele chão arenoso junto ao madeiro que era transformado em papa pelas sandálias de ferro dos centuriões romanos que controlavam a multidão para evitar transtorno ou pânico.

É interessante também de passagem dizer-lhes que existiam dois tipos de cruz: Existia a cruz sublimis e a cruz humilis. A cruz sublimis tinha cinco metros de altura por dois e trinta de largura. Era uma cruz majestosa! Era uma morte em honra que se dava àqueles que traíam César, num crime de lesa-majestade, com serviços prestados ao império, com títulos, com honras. Era uma espécie, atualmente, de morte de militar por fuzilamento, em vez de ser por força. Mas a cruz humilis, ou a cruz humilde, não! Esta era desprezível, pequenina, humilhante. O condenado pregado nela ficava na mesma altura de uma pessoa adulta de pé. Jesus, como acontecera a Gestas e a Dimas, fora pregado na cruz humilis. Nenhuma honra de Estado a seu favor. Nem um bafejo oficial a seu favor. Tanto que o golpe de lei que era desferido, seccionando à aorta, fora dado não por um cavaleiro, mas por um lanceiro. Se ele tivesse sido crucificado na cruz sublimis, de cinco metros de altura, seria preciso um militar montado a cavalo para espetá-lo um pouco mais acima. No entanto, o Evangelho consigna que este golpe fora dado por um lanceiro.

Quando queriam provocar a agonia do condenado, que deveria se desdobrar por muito tempo a fim de que ele sofresse mais e mais, pregavam, nos chamados stipes crucis ou madeiro vertical — entre as coxas do condenado — no pau da cruz, uma como que cadeirinha denominada sedile — era semelhante a um guidão de bicicleta. Quando começavam os espasmos e as convulsões, a tendência do crucificado era sentar um pouco na sedile, logrando descansar a parte baixa do corpo. Mas ocorriam simultaneamente espasmos pelas dores que vinham dos pés transpassados, e a tendência, por convulsões, era novamente o corpo subir. E, então, ocorriam dores terríveis que vinham irradiadas das mãos. E esta sedile provocava, justamente, um prolongamento do supliciado. Quando queriam antecipar a morte no madeiro, quando queriam eliminar a vítima por conveniência ou por determinação, retiravam a sedile — a cadeirinha de sustentação —, e aplicavam o suplício do crurifragium, isto é, vinha um soldado e com um malho ou com uma espada virada pelo copo e quebrava, violentamente, os ossos perônio e tíbia, que são os da perna, e então o corpo arriava de vez.

Os pulmões, que trabalhavam já de maneira deficiente, por causa do sofrimento intensíssimo, apresentavam-se como se fossem folas já em relaxamento. E dentro de alguns instantes a morte ocorria por tetania. (45) Isto é, por espasmos violentos na glote, sobrevindo, então, o colapso. Tanto que a falta de oxigenização nas células, a tetania, deixava no corpo do supliciado as suas mãos e pés azulinos, denotando a falta de oxigenização.

Era assim que se desdobrava o suplício do madeiro. Não suplício originariamente judeu — porque os judeus o receberam dos gregos, que a seu turno o receberam dos persas —, era a morte terrível, apavorante, indescritível, a que se submetiam todos aqueles que incorriam em infrações graves.

45-Não por tétano. Porque, como sabemos, o tétano é uma doença infecciosa provocada pelo bacilo de Nicolaier, causando enrijecimento no maxilar e convulsão nas extremidades [Nota dos organizadores]

No momento exato em que Jesus se imobilizou no madeiro, ocorreram fatos estranhos do lado exterior da vida. A natureza que estava tão sorridente — ela ficou plúmbea. O ambiente ficou cinzento. O sol, momentaneamente, não deu a sua luz intensa. E lá embaixo, no santuário, no local chamado Sanctum Sanctorum — que é onde estava o chamado véu do Templo —, inexpugnável, uma como que invisível mão, indignada, o rasgou de cima a baixo, separando-o em dois. Era um véu estruturado, fabricado com jacinto, bisso, escarlata e púrpura. O sacerdócio se apavorou. Aqueles que se constituíam zeladores do Templo também não podiam compreender o estranho fenômeno de efeitos físicos que se processara.

E assim permaneceu por alguns instantes Jesus, até que vieram as piedosas mulheres que sempre estiveram com ele, a mãe santíssima e alguns discretos companheiros para a chamada retirada da cruz.

Primeiramente, fora desligado um dos cravos — pendera um dos braços. Em seguida o outro cravo — o outro braço pendera. E depois, alguns companheiros o seguraram pelo tronco para que os dois pés fossem liberados do cravo de baixo.

E colocaram Jesus numa laje. Havia sempre junto aos locais de suplício da crucificação uma laje onde eram colocados os corpos para ali serem embalsamados.

As mulheres trouxeram alguma quantidade de nardo, panos — linhos — para envolverem o corpo, costume tradicional dos judeus. Fora autorizado isso pelo próprio Pilatos numa audiência que concedera a José de Arimateia que viera pedir o corpo do Divino Mestre para ser colocado em seu jazigo.

Nesse instante, surgiu a figura do Rabi Nicodemos, ou melhor, apareceu ele em companhia de quatro servos, trazendo ânforas, com aloés e mirra, perfumes caríssimos. Poucas famílias em Israel dispunham de alguns gramas de aloés e mirra. Eram perfumes que vinham da Arábia, sofriam um longo processo de beneficiamento até ao ponto em que era consumido. Segundo o que está escrito no Evangelho de João (19:39), o Rabi Nicodemos gastou cem libras de mirra, isto é, quarenta e cinco litros e novecentos gramas, no corpo de Jesus. Que amor que Nicodemos tinha pelo Divino Mestre! Nunca pudera esquecer-lhe aquela lição do nascer de novo numa noite sigilosa em que conseguira chegar até junto ao Senhor e arguir a Jesus a respeito desse tema. E depois de Jesus lhe falar, instruindo ao Rabi suficientemente, acrescenta:

— "Pois que és mestre em Israel e ignoras estas coisas?" (Jo., 3:10.)

Daquele dia em diante passou a existir entre o Rabi Nicodemos e o Divino Mestre um relacionamento afetivo, um relacionamento de amor, que nunca mais se apagaria... O amor, alimento das almas! O amor, essência da vida. O amor, finalidade máxima de nossos próprios destinos. Deus é amor, e a evolução lançará, invariavelmente, no futuro de cada ser um transbordamento de amor.

O Rabi Nicodemos era uma dessas criaturas que não sabe poupar amor, que não sabe economizar amor. Gastara no corpo de Jesus quarenta e cinco litros e novecentos gramas de mirra, dando, provavelmente, tudo o que possuía. Deveria ser um homem de meia idade, muito fino no trato, senador dos judeus. E o seu hobby, ou seu costume, era o de guardar perfumes ou de colecionar perfumes. E ele, carinhosamente, tomava de linhos, inflava-os nas ânforas contendo nardo, ou contendo mirra e aloés, para poder banhar o corpo de Jesus, retirando dele aquela terra arenosa, o suor pastoso, ou o sangue coagulado, nos cabelos e no tronco. E o Rabi Nicodemos, carinhosamente, banhava e limpava o corpo de Jesus...

A prevalecer a carta que foi encontrada em velho vaso de mármore, numa placa de cobre, no castelo do Duque Cesarini — e que se encontra atualmente em poder dos irmãos Lazaristas, na capital de Roma —, Jesus Cristo era uma figura empolgante, fascinante. Os seus cabelos eram finos e iam até as orelhas, tinham a cor das amêndoas maduras, e depois se derramavam num amarelo vivo, vivo como os trigais das margens do Jaboque, (46) afluente do Jordão. A testa de Jesus — perfeita. O nariz de Jesus — afilado, belo. Os olhos de Jesus — azulinos como as águas tranquilas do lago de Tiberíades. A boca de Jesus — aquela boca que pronunciara o Sermão da Montanha que tanto consola — estava imobilizada. Os lábios rompidos pelas batidas impiedosas dos flagrunes. E o Rabi Nicodemos, carinhosamente, lavava e limpava o corpo de Jesus... O tronco de Jesus — onde pulsara o diamantino coração — paralisado. Aquelas mãos de Jesus — que só sabiam beneficiar, apaziguar, curar — enrijecidas, na inércia. E o Rabi Nicodemos, carinhosamente, limpava o corpo de Jesus...

Depois, as piedosas mulheres passaram na epiderme de Jesus pastas odoríferas, costume muito comum entre os judeus antigamente. E em seguida, tiras de linho em torno das variadas peças do corpo, e depois, o sudário.

46- O Rio Jaboque ("o que derrama") é um dos principais tributários do rio Jordão ("declive"), à margem leste, na Jordânia. Percorre 130 quilômetros e deságua no Rio Jordão, entre o mar da Galileia e o mar Morto, para onde seguem unidos por 32 quilômetros. É mencionado na Bíblia diversas vezes, a primeira por ter sido atravessado por Jacó, em conexão com sua luta com um anjo (Gen., 32:22), antes do encontro com seu irmão Esaú. Atualmente, é conhecido em árabe como Nahr ez-Zarqa [Nota dos organizadores].

Em seguida carregaram-no até junto ao túmulo de Arimateia, a trinta metros da cruz, onde estava o túmulo que ele mesmo construía — porque os judeus ricos tinham o costume de construir, por antecipação, a morada do seu corpo. Era um túmulo que tinha um metro e sessenta de altura por dois metros e vinte de comprimento, escavado numa rocha e do lado de dentro uma banquetta, ou um balcão, estruturado na própria rocha, onde se depositava o corpo. Mas ainda não podia o corpo ser colocado lá dentro porque teria de vir um levita, e um escriba também teria de surgir e anotar a cerimônia que era assistida pelos soldados romanos credenciados no Sinédrio e na Torre Antonia, como também por maiores do Sinédrio. Depois, então, o corpo era depositado no túmulo. E uma pedra enorme, rolada, era chumbada ao túmulo. E sobre ela fora colocado o terrível selo romano, o selo de Pilatos. Em seguida, deste selo, partia para o chão, algumas trancas e fios, onde os maiores do Sinédrio passavam e deixavam as mascas de seus anéis nas reentrâncias da rocha.

A pedra, no túmulo e no chão, e os fios dos lacres dos sumos sacerdotes e dignitários do Sinédrio recebiam, como cola, um basalto ceroso que era tirado do litoral do Mar Morto, em região não muito distante, onde hoje em dia se situam as chamadas grutas de Qumran, onde em 1947 o pastorzinho Mohamed ed-Dhib encontrou os famosíssimos manuscritos, com relatos de dois mil e cem anos atrás, causando um enorme rebuliço, uma agitação, um dos maiores acontecimentos arqueológicos religiosos do presente século.

E o capitão de milícia, de vez em quando, deixava as candeias — onde procurava se resguardar daquela noite tormentosa do mês de Nisan —, dava alguns passos e ia até junto à pedra, colocava as carnes dos seus dedos sobre a rocha e conjeturava e pensava:

— "O que haverá do outro lado da pedra?"

— "Um defunto ou Cristo vivo?"

Nunca pudera esquecer Jesus. Ainda se lembrava do último olhar que lhe lançara o Divino Mestre, pouco antes de se tornar inerte, no madeiro. Alguma coisa lhe dizia, interiormente, que aquele Mestre... era um Mestre diferente.

Parentes seus, seus comandados, pessoas com as quais se relacionava no chamado mundo representativo do Sinédrio e do Templo, pessoas inúmeras, com as quais se relacionava na sua própria função, lhe contaram coisas admiráveis promovidas por aquele profeta diferente. E um dos seus parentes lhe narrara como fora a ressurreição de Lázaro:

"Jesus chegara a Betânia — muita gente pensa que Betânia esteja lá nos confins. É uma ilusão, um engano. A palestina era um ovo, tudo estava próximo, com uma facilidade muito grande de contatos e relacionamentos. Do Palácio do Governador à Betânia a distância é de dez quilômetros. E Jesus chegara em companhia de seus discípulos junto às cercanias de Betânia, quando Maria e Marta, irmãs de Lázaro, correram e foram esperá-Lo às portas da cidade, dizendo-lhe:

— 'Ah, Senhor! Nós temos certeza de que se tu tivesses chegado dois dias antes Lázaro não teria morrido!'

Jesus deixa-se ficar com as duas irmãs de Lázaro mais dois dias — portanto quatro dias. E em seguida, acompanhado de alguns judeus, amigos delas, dirige-se para o túmulo, onde se encontrava Lázaro ou o corpo de Lázaro. Mas antes esclarece às duas irmãs que a doença que Lázaro sofria não era para morte, deixando com isso entender que existe aquela doença que vai vitimar o corpo físico, mas existem muitas outras doenças que simplesmente ocorrerão na criatura a fim de que ela possa, através de sofrimentos vários e continuados, purgar o seu passado negativo, queimar o seu carma, retificar o seu ontem enodado, quer seja ontem, desta vida, ou ontem, das vidas que se foram. Imediatamente, a pedra é afastada do túmulo, Jesus penetra na intimidade dele, ressona o seu psiquismo e fala a frase que os evangelistas para sempre registrariam:

— 'Lázaro, vem para fora!' (Jo., 11:43.)

Por alguns instantes, segundos expectantes se desdobraram... Havia uma tensão geral, uma expectativa incomum. Depois, um frêmito, num dos ombros, um frêmito, no outro ombro, uma mão, que procura romper a tipoia de linho... E, depois, os movimentos, a princípio lento e devagarinho... Lázaro se levanta, desatado nas suas ligas, cai-lhe o pano da cabeça. E a ressurreição causa um enorme rebuliço, uma perturbação imensa, os comentários fervem em toda a Palestina, em toda a província...

Lembrava-se o capitão de milícia de fato idêntico que ocorrera à filhinha de Jairo, chefe da Sinagoga. O pai estava de coração oprimido e a menina, o corpo dela, já preparado para seguir em direção ao túmulo. E os flauteadores executavam, em longos flautins, o cântico da despedida daquela menina para o país das sombras... Quando Ele, Jesus, chegou. Chegou simples, discreto, em companhia de alguns seguidores, adiantou-se até onde estava o esquife, colocou seus dedos no corpo enrijecido e falou:

— 'Talitá cume! — Menininha, levanta!' (Mc, 5:41.)

E ela também se levantou...

Contaram ao capitão da milícia o caso da hemorroíssa (Mc, 5:25-34.) Da mulher que durante doze anos sofrera de fluxo sanguíneo. E no meio da turba, apertada aqui, dificultada ali, olhara Jesus e dissera:

— 'Quem me dera encostar a mão na fimbria de sua túnica. Tenho certeza que se isto eu fizer, me curarei.

E com dificuldade muito grande, a hemorroíssa toca na túnica do manto de Cristo, por trás, e, imediatamente, Jesus fala:

— 'Que me tocou? Senti sair de mim uma virtude!'

O capitão de milícia sabia, por um secreto impulso, que aquele Mestre era um Mestre diferente. Era um Mestre que exteriorizava amor, que se manifestava no amor e que no amor vivia. Porque sem amor, a vida não consegue traduzir-se. Sem amor, a vida se escureceria. O amor é o alimento das almas! É o amor que faz com que as mensagens das galáxias cheguem até a nós. É o amor que faz tremeluzirem os astros no espaço. É o amor que faz com que os regatos serpeiem nos bosques floridos e trescalantes. É o amor que faz com que os homens se relacionem. Sem amor, a vida não teria finalidade alguma. Por causa disso mesmo, como suprema razão de ser, Jesus Cristo se torna, pelo que faz, pelo que é, pelo que fala, o Mestre do Amor, o Senhor da Misericórdia.

Era madrugada fria, naquele décimo sexto dia do mês de Nisan, pouco antes de romper a aurora. Súbito — um perfume. Perfume trescalante, em vagas deliciosas, impregnando tudo, saturando tudo. O capitão de milícia pela primeira vez o sentiu e observou que os seus soldados passaram também a senti-lo. O inabitual acontecia. Que perfume seria aquele — pois se não havia rompido de vez a primavera e se sopravam frios os ventos do Líbano e da Arábia? O perfume de Jesus cada vez mais penetrante, mais trescalante. Súbito — tudo como que se tornou mais claro. O túmulo de Arimateia — mais claro... Os saíotes dos centuriões — mais claros... As candeias — mais claras... O arvoredado próximo — mais claro...

Em seguida, ouviram eles um rumor surdo que partia do centro, das entranhas da terra. E o chão começou a tremer, e algumas candeias saíram do prumo e caíram. Nesse instante, um venábulo de luar, uma como que luz de luar viera e pousara junto à pedra e se transformara numa figura de um anjo. E a pedra — a pedra que lacrava o túmulo de Arimateia — começou a sofrer impactos impossíveis de se lhe configurar a origem e esbarrondara levantando os arenitos e os fragmentos da rocha. E no ar de espanto, o capitão de milícia e os seus comandados observaram dentro do túmulo, banhado em azulina luz espiritual, o sudário, o sudário aberto, o pano da cabeça de lado e a mortalha dobrada. Sim, agora compreendia o miliciano chefe:

— Ele era o Senhor da Vida! Ele era o Senhor da Vida.

Desceram pelas escarpas, deixando fragmentos de suas roupas e armas pelo meio do caminho. Passaram pela primeira guarda. Passaram pela segunda guarda e se dirigiram ao Templo para colher uma entrevista, naquela hora inabitual, com o Príncipe dos Sacerdotes — com Caifás.

Quando devidamente autorizados a ganhar o recinto faiscante do santuário, não podiam falar. O capitão de milícia estava com os olhos desmesuradamente abertos como se estivessem retidos para sempre em uma imagem não física. As narinas iam e vinham como foles desordenados em movimentos bruscos. Paralisara-se lhe o centro da fala.

Pressentindo que alguma coisa muito grave houvera acontecido, o Príncipe dos Sacerdotes determina ao capitão de milícia:

— 'Fala! Fala!'

— 'Dize! Dize!'

E quando ele pode acionar outra vez o verbo, num ar de espanto indescritível, pronunciou a palavra terrível:

— 'Resurrexit! Resurrexit! Resurrexit!' (Ressuscitou! Ressuscitou! Ressuscitou!)

Paradoxalmente, a primeira propaganda da ressurreição não fora feita pelos discípulos de Jesus. Não fora feita pelas piedosas mulheres que lhe acompanharam os passos. A primeira propaganda da ressurreição de Jesus partira dos próprios lábios dos soldados romanos, ignorando com isto que estavam solapando, ali mesmo, dali para frente, as bases do grande império. A ressurreição de Jesus fora assim propagandiada pelos lábios dos próprios centuriões romanos.

E enquanto isto as piedosas mulheres, que na manhã de domingo subiam o monte na direção dos vergéis de Arimateia para depositarem perfumes — aloés, mirra e nardo — junto à pedra — numa homenagem muito comum aos de sua raça —, chegaram e notaram que também os judeus, espantados, olhavam para dentro do túmulo sem nele quererem entrar. Porque ninguém entrava. Estava apavorada a turba, e o comentário cada vez mais se provocava, mais fervilhava de motivações: Alguém, que contava para alguém, que espalhava a nova, a boa nova da ressurreição.

E elas, a princípio hesitantes, se ausentaram um pouco. Maria, Salomé — mãe de Tiago e João — e Madalena dali se afastaram. Procuraram meditação num lugar à parte. E Madalena estabeleceu contato com alguém que ela supôs ser um jardineiro, mas que depois se lhe decifrava o entendimento porque era o próprio Cristo que se lhe apresentava. E num assomo de deslumbramento, ela se lhe lança aos pés dizendo-lhe:

— 'Rabôni! Mestre dos Mestres!'

E foi então que embriagadas de felicidade as santas mulheres se afastaram do vergel de Arimateia e foram buscar a comunidade de Jesus assustadiça, desanimada, fugidia... E quando encontraram os seguidores do lago da Galileia desencantados, aqueles que receberam dos Seus próprios lábios mensagens de vida e esperança, cantavam e dançavam o hino das alvíssaras, o hino da alegria, o hino dos judeus:

— Aleluia! Aleluia! Aleluia!'"

Foi naquele instante exato que todo o Cristianismo se levantou.

Se não tivesse havido a ressurreição de Jesus tudo teria sido muito belo. Muito lindo, mas inconsistente. Se não tivesse havido a ressurreição de Jesus, o Cristianismo teria morrido no seu nascedouro. Foi a ressurreição de Jesus aquele selo que marcou para sempre a autenticidade do Cristianismo. Tanto que quando os judeus lhe perguntaram — conforme se encontra no Evangelho segundo João, no capítulo 2, versículos de 18 a 22:

— "Mas qual é a prova que nos dais? Qual é a autoridade que tens para falar o que falas? E fazer o que fazes?"

Jesus Cristo lhes responde com a ressurreição porque sabia que se dirigia a corações empedernidos, a corações endurecidos:

— "Derrubem este Templo que, até três dias, eu o levantarei." (47) Mas os judeus, não compreendendo isto, voltaram a arguir:

— "Pois quê? O Templo de Jerusalém levou quarenta e seis anos para ser reconstruído e vens e dizes que se o Templo for derrubado tu o levantarás em três dias?"

Mas o apóstolo de Betsaida esclarece peremptoriamente:

— "É que ele lhes falara do Templo do próprio corpo. Quando, pois, ocorrera à ressurreição, lembraram-se eles do que Ele lhes houvera dito também e acreditaram." (48)

O maior acontecimento da história do mundo foi a ressurreição de Jesus. Porque enquanto na natalidade, em Belém, temos a promessa que se vai concretizar na ressurreição, temos a autenticidade e a autoridade da missão cumprida. Foi a ressurreição de Jesus o sangue novo que alicerçou para sempre o Cristianismo, fecundando a vida e dignificando-lhe os quadros.

47- Conforme se encontra no versículo 19 [Nota dos organizadores].

48- Como está nos versículos 21 e 22 [Nota dos organizadores].

O maior acontecimento da história do mundo foi, pois, sem sombra de dúvidas, a ressurreição de Jesus. Nem as guerras de Alexandre, nem a estratégia de Aníbal, nem a invenção da imprensa, nem a descoberta da luz elétrica, nem a criação do telefone, nem a descoberta da múmia de Tutankamon, nem a remessa de petardos ao espaço exterior, nem a chegada do homem à Lua, nem ogivas de satélites para astros distantes enviadas. Nada disso se compara, em beleza, em potência, em fecundidade, à ressurreição de Jesus. Porque estes engenhos são feitos e criados por criaturas falidas e falíveis que poderão se apresentar dentro dos requintes da técnica, mas poderão trazer também no coração pavorosas ruínas. Os heróis do mundo que vencem nos galarins da fama ou nos carros de combate, amanhã seguirão em direção ao pó e ao esquecimento. A ressurreição de Jesus foi, assim, a mensagem que ensejou Vida, Vida em abundância, Vida em plenitude, para a história do Cristianismo.

Segundo o que relata o Evangelho de Lucas (24:6), quando as mulheres chegaram junto ao túmulo de Arimateia encontraram um ser espiritual que lhes dissera:

— "Porque procurais entre os mortos aquele que vive!"

— "Ressuscitou!"

— "Não está aqui."

Milhares e milhões de túmulos, em milhares e milhares de locais, apresentam o clássico: aqui jaz. Aqui jaz fulano, nascido em tanto, morto em tanto. E, em seguida, vem as prováveis virtudes do morto. Mas no túmulo de Nosso Senhor foi diferente! No túmulo de Jesus não houve mármore de luxo. E o epitáfio e os dizeres do túmulo do Cristo não foram escritos por mãos humanas porque foram proclamados pela boca de um anjo:

— "Ressuscitou!"

— "Não está aqui."

E no mesmo Evangelho segundo Lucas (24:39) quando, uma semana depois, Ele comparece perante os discípulos assustados e diz-lhes na intimidade do coração:

— "Não temais! Vede que sou eu mesmo, porque um espírito não tem carne e ossos como vedes que eu tenho."

E — nos versículos seguintes — assim pergunta:

— "Tendes aí alguma coisa de comer?"

E lhe deram uma porção de peixe assado e um favo de mel que ele comeu na frente deles. Estava totalmente materializado. O Espírito quando desce ao máximo de concretização, quando o perispírito se adensa no máximo possível, ele fica semelhante a um corpo humano comum gerado biologicamente.

— "Resurrexit! Resurrexit! Resurrexití (Ressuscitou! Ressuscitou! Ressuscitou!)

— "Aleluia! Aleluia! Aleluia!

E temos assim o Cristianismo se fortalecendo e fixando através da autenticidade do próprio Evangelho.

De resto, é interessante considerar: a Cruz do Cristo foi diferente das nossas próprias cruzes. Sim, porque a Cruz de Jesus era Cruz de redenção. Sem que Ele tivesse culpa alguma, mácula alguma. Abandonou o centro mesmo da Luz para conviver com as nossas fraquezas e as nossas necessidades. Por isso é que a sua Cruz foi Cruz de redenção. Mas as nossas cruzes não, mil vezes não! Porque as nossas cruzes são cruzes de provas e expiações. Porque estamos fincados no nosso ontem negativo. Estamos espetados em nosso próprio passado espiritual.

E quando penetramos através da lembrança nesta revivescência do Cristianismo nascente, notamos que foi ele que ensejou mais tarde o surgimento da ideia espírita entre nós com o nascimento do missionário Allan Kardec, em Lyon, França, em 1804.

Sem Cristianismo não teria havido Espiritismo!

Poder-se-á objetar que os séculos estariam no seu plano de exigência, que as pesquisas psíquicas teriam de se consumir, que o relacionamento entre vivos e mortos teria de haver. Sim, nós concordamos. Mas tudo ficaria entregue a uma configuração de metapsíquica e de parapsicologia. Em que, através de uma vaidade, tender-se-ia a determinar sempre sobre os Espíritos Superiores, como se eles fossem os nossos criados e nossos capachos. Mas, através da Doutrina Espírita, impregnada pela Luz do Evangelho, notamos que o que desce de mais Alto é a Luz pura, é a Luz abençoada das grandes Coletividades Crísticas, das Falanges Evangélicas que descem para atender às nossas carências, às nossas fraquezas e às nossas necessidades.

Quando nos deixamos, assim, impregnar por esse perfume crístico; quando rememoramos o sacrifício da cruz e a apoteose maravilhosa da ressurreição, é que podemos aquilatar o quanto de bondade os Espíritos do Bem externam; o quanto de amor eles ressumam para envolverem a nós mesmos com seus eflúvios salutareis; quando nós lhes propiciamos, lhes facultamos tal relacionamento.

E nas nossas tristezas e angústias, nas nossas paixões e desacertos, quando não obstante, fazemos silêncio dentro da alma para ouvir o cântico dos músicos celestes, eles, os Arautos da Paz, os Mensageiros da Fé, os Missionários da Esperança, envolve-nos com seus eflúvios salutareis por muito nos amarem. Por aquele amor de Jesus que sabem externar e nos dizem palavras de Vida, palavras de afirmação, palavras de bondade. E falam-nos, no íntimo da alma, a linguagem da advertência, a linguagem da realidade espiritual:

Vós que viveis errando lá por fora, No caminho onde a treva impera e mora, Ansiando a vida à busca do interesse, Nesse egoísmo brutal que dia a dia cresce Em vossos corações; vós, almas tristes, Se não vistes a luz, se a luz não vistes, Almas sem fé, sem crença, sem ideal. Que amais a treva, o crime, o ouro, o mal...

Vós que viveis errando lá por fora,
Onde a desgraça o negro manto arvora,
Entrai! A vida é curta, é tarde, entrai...!
Depois, maravilhados, ajoelhai
Ante este altar e no peito encruzai as mãos —
Vendo em cada canto olhos irmãos
Enquanto a vossa prece para o céu se evola,
Porque aqui dentro há um Templo — o Templo-Escola;
Ah! Não sabeis, é certo, ele redime.
E apaga as manchas da alma e apaga o crime
Da noite que trazeis no coração,
Com reflexos de luz que em ciências dão.
Não sabeis... Mas, entrai, porque vereis
O infinito poder de suas leis...
Há muita luz cá dentro, é a luz das almas
Que lutam, que se esforçam, ansiando palmas,
No mister da conquista e da memória,
Sonhando com o céu, a luz, o amor, a glória!
As escolas pequenas são — estrelas,

As grandes — sóis reais — sente-se ao vê-las
Um clarão que acende, que alumia
A estrada celestial — sabedoria!
A escola é um facho, é um sol que não se esconde
É um mundo que interroga e que responde,
Evangelho de Amor que vive aberto,
É o próprio Deus! A Escola é Deus, por certo!

Dizem que houve no Oriente, um Ser, outrora,
Que sendo espiritual, fez-se homem, embora,
E entre os grandes de então, das leis os sábios,
Sem consultar os falsos alfarrábios,
Foi Mestre, sendo humilde nazareno,
E era grande, o Maior, sendo pequeno.
Concentração astral o que a ciência encerra
Ele desceu, iluminando a Terra!
E a fé pregando, a fé que nos consola,
Cristo — era o verbo, era uma escola.
Verbo, Sol, Clarão, Verdade!
Voz do Cristo! Visão do Céu! Como há de
Passar o ser humano sem ter luz
Se és estrela, se és farol, se és Jesus?..
Minha alma, pois, vos pede, vos implora:
Vós que viveis errando lá por fora,
Fugindo do Dever, manchando a História,
Entrai! Que a Escola é paz, é luz, é amor, é gloria!

E eles, os augustos seres da Vida Maior. E eles, os Mensageiros da Paz, da Esperança, quando se aproximam de nossos sofridos corações, balsamiza-os com seus eflúvios salutares, soerguendo-nos o Ser, ditando-nos palavras de estímulo e esperança, fecundando-nos a alma e dizendo-nos assim:

— "Acorda amigo!"

Porque uma alvorada de paz, de luz, de harmonia esparge-se por todos os cantos do Universo, anunciando aos séculos que Jesus ressuscitou.

Aleluia!

XIII

IDE E PREGAI-

DEPOIMENTO (49)

O ANO DE 1965 FOI REALIZADA em Marília (SP), a 1º COMJEB —na chamada Semana Santa daquele ano. Compareceram delegações de quase todos os estados da federação. Uma verdadeira festa de confraternização que contou, inclusive, com a presença de um representante da Federação Espírita Brasileira, o Dr. Lauro Santiago.

Na COMJEB participei, como representante do nordeste do estado de São Paulo, do concurso de Oratória que se realizava, então, para a revelação de novos expositores espíritas. Lembrome de que da banca examinadora participavam: Divaldo Pereira Franco, Jacob Holzman Neto, Therezinha Oliveira, Noberto Pasqua e Newton Boechat.

Assim que terminei a minha apresentação, Newton Boechat levantou-se e veio em minha direção. Cumprimentou-me e me entregou um papel onde estava escrito o seu endereço. Em seguida, anotou os dados relativos ao meu endereço. Depois, afetuosamente, deu-me um prolongado abraço e fez referências muito amistosas ao Dr. Agnelo Morato, na residência de quem sempre se hospedava em Franca (SP). Pediu-me, assim que pudesse, escrevesse dando notícias.

49- Felipe Salomão é militante no movimento espírita de Franca (SP) e adjacências, Muito amigo do Newton Boechat e nosso. Pedi o depoimento do Felipe, como poderia pedir de tantos outros amigos do Boechat. Que todos se sintam, através do Felipe, Representados [Nota dos Organizadores]

Quando retornei para Franca, lembrando os fatos, acreditei tratar--se de um gesto educado de alguém mais experiente desejando estimular

O iniciante. Qual não foi minha surpresa, porém, quando chegou-me uma carta, uma semana depois, do grande Newton Boechat, falando dos acontecimentos de Marília e pedindo notícias. Nem sabia como responder. Mas respondi dentro das naturais limitações. Daí em diante, nunca mais se passou uma semana sem que lhe recebesse as linhas. Linhas com orientações. Com ensinamentos. Com corrigendas. Com instruções. Com esclarecimentos. Uma amizade que se prolonga até hoje, embora estejamos em planos distintos...

Como era bom ouvir o Newton. Suas palavras eram sempre de sabedoria. Sabia expor como poucos! A palestra "Prisões sem Grades" proferida na CONJESP de Bauru, em 1962, foi um acontecimento! Após a palestra, todos repetiam o bordão: "E o Fernando, vem ou não vem?"

Conhecia a língua portuguesa em profundidade e a todos ensinava, prazerosamente! Dono de uma memória invulgar, conhecia a Bíblia de cor. Na intimidade, contava casos e "causos" que, na sua verve, adquiriam um colorido todo especial.

Por muitos anos participou das reuniões doutrinárias de Pedro Leopoldo (MG), presididas pelo médium Francisco Cândido Xavier, ocasião em que proferia suas inesquecíveis palestras.

Era profundo conhecedor da Doutrina Espírita segundo a Codificação de Allan Kardec, bem como das obras de J. B. Roustaing, Pietro Ubaldi, Emmanuel e André Luiz. Fazia citações literais de páginas e páginas que havia memorizado. Era puro de coração! Tão puro que beirava à ingenuidade. Não se apegava a valores materiais e tudo, para ele, tinha relativo valor.

Foi grande amigo do Dr. César Burnier, no apartamento de quem sempre comparecia para um lanche da tarde.

Andou pelo Brasil todo e fez palestra no exterior.

Quando vinha a Franca, cognominada por ele de a "Betânia Paulista", relacionava-se com todos os grupos e sempre, sua presença, era uma festa de corações.



Palestra de Jorge Damas em 29.6.2008 nas dependências do Templo Espírita Vicente de Paulo — Franca (SP), no "I Seminário Francano para Estudos das Obras de Pietro Ubaldi". No encerramento da palestra Jorge recitou o poema Escola que o Newton Boechat sempre encerrava os seus eventos. O Templo Vicente de Paulo no seu Departamento Assistencial mantém o Núcleo Assistencial Avelina Maria de Jesus, onde funciona o Centro Espírita Newton Boechat. (Jardim Aeroporto 3, Rua Alely Antunes Paula, nu 1844).

Revelou muitos talentos para a tribuna espírita, como: Jorge Damas Martins, Eduardo Guimarães, Gilberto Perez Cardoso e tantos outros.

Foi grande incentivador da divulgação doutrinária. Poucos, como ele, seguiram à risca o "Ide e Pregai". E com que entusiasmo ele proferia as conferências!

Por tudo isto, só nos resta dizer: "Ave, Newton. Seus devedores te saúdam!"

XIV

PRISÕES SEM GRADES

ASSIM ESTAVA EU CAMBALEANTE na terra fofa... A rigor, eu não sabia dizer se o nevoeiro começava no íntimo da alma, ou se estendia em derredor.

Aqui e ali, cruces. Acolá, anjos de pedra pareciam entoar horrendas áreas, cantos fúnebres.

Urnas de barro, lousas solitárias, traziam-me a lembrança das coisas mortas.

Era noite, e noite escura. Do alto da colina, de dentro do Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, onde me encontrava, descortinava a cidade em visão panorâmica. Tremeluziam as suas luzes, e o vento gemia nos ciprestes, nos chorões da metrópole.

Por que motivo me encontrava, naquela hora, dentro do Cemitério do Bonfim?

Não o sabia, por enquanto.

Lutava com dificuldade na terra fofa para ensaiar alguns passos, mas, à medida que tentava trocá-los, experimentava a sensação de repuxamento. Era alguma coisa de mim mesmo que ficava para trás, não me deixando prosseguir, não me deixando andar.

Passei por alguns jazigos e tumbas. Observava inscrições em alto e baixo relevo, passei posteriormente, pelas aleias, vi-me junto à porta de saída do Bonfim. Mas que coisa esquisita! Vi-me, surpreendentemente, fora dela, embora os portões não se fizessem abertos.

Observei a alguns metros de distância e vi que estava prestes a sair de seu terminal um bonde do Bonfim, e gritei ao condutor que parasse o veículo, ou que me esperasse, porque eu queria voltar para minha casa. Mas ele não ouvia. Positivamente, ele não me ouvia e, como qualquer pessoa, corri e tomei o bonde em movimento.

Observava coisas desconexas, extravagantes. O condutor estava vestido com um uniforme dourado e botões de diamantes. O motorista, ou motorneiro, também assim se encontrava, e alguns raros viajores da noite, também, ali estavam dentro da condução. Os bancos, os bancos do bonde, se me afiguravam como se fossem talhados em ouro, em ouro maciço. Sentei-me, esperei que a condução descesse a colina e se detivesse junto à feira permanente de amostra. Abandonei-a, e como não dispusesse de um outro veículo naquela hora tardia, apressei os passos, corri a pé, em direção ao meu lar, no bairro dos Funcionários.

Não pude entrar em casa, porque a porta da residência estava fechada.

Abramos e fechemos parênteses aqui, para dizer que o espírito recém--desencarnado, mormente aquele que se encontra, ainda, muito preso às coisas exteriores, materiais, sente-se inibido ante as chamadas barreiras materiais, julgando não poder atravessá-las. E o nosso focalizado assim se encontrava. Continuemos, ouvindo-lhe a narração:

Esperei a nossa empregada, nas primeiras horas da manhã, a fim de que ela abrisse a porta e eu, com ela, penetrasse. E foi, justamente isso, o que aconteceu. Fui aos quartos onde dormiam os parentes, gritei-lhes a plenos pulmões, que eu estava ali, mas, positivamente, devia me encontrar numa outra faixa, numa outra dimensão, porque ninguém me ouvia, ninguém me ouvia falar...

Assaltavam-me fenômenos físicos naturais, triviais. Lembro-me que estava possuído de grande fome, e fui a uma dispensa, e sobre uma cestinha se encontrava um pão. E no afã de pegá-lo, no momento em que o toquei, ele se apresentava como se fosse uma barra, uma barra de ouro maciço.

Sem poder compreender tudo aquilo que se desdobrava, assim, saí de casa aturdido, e andei durante muito tempo pelas ruas e praças de Belo

Horizonte, também encontrando criaturas que passavam afoitas, estabanadas, sozinhas ou em bando, não davam conta de mim...

Lembro-me de que certa ocasião, experimentando sede, e como se me achasse próximo ao bairro de Santo Antônio, fui até ao alto do morro onde existe uma das caixas d'água que abastecem a cidade. E no instante em que transformei as minhas mãos em cuia para tomar do líquido e sorvê-lo, a água se me apresentava purpurada.

Saí dali e lembrei-me que, talvez, a minha situação pudesse ser decifrada, melhormente aclarada, por amigo padre, que dispunha numa igreja de bairro distante. E quando lá chegara estava, justamente, no instante de começar a missa das sete. No instante em que ganhei a intimidade do templo, o enorme crucifixo da parede central, se me apresentava como se fossem gigantesco cifrão. A sacristia parecia um guichê de banco. E pessoas estranhas também ali se encontravam. Esperei o final da missa e quando o padre começou a depor na língua dos crentes a hóstia, ela se me apresentava como se fossem moedas, moedas tilintantes.

Abandonei mais perturbado e mais preocupado, ainda, aquela casa de orações e andei desesperado, como que fragmentasse a mente, como se me estilhaçasse o raciocínio, sem uma diretriz, sem uma meta, sem uma busca essencial. Internei-me, posteriormente, num parque e comecei a pensar sentado num de seus bancos: O que se passaria comigo? Por que motivo me vira assim tolhido do benefício do contato com parentes? Do afeto dos meus? Onde estavam os meus amigos? Tudo se me transformara tão de repente... tão de repente... que naquela minha aflição pensei em alguém que pudesse resolver o meu problema ao sugerir-me um melhor caminho. de forma alguma assimilar as ideias espíritas que agasalhava, porque as achava absurdas, estapafúrdias.

50- Cícero Pereira, (50) o herói evangélico que eu conhecera nos dias do passado na cidade de Grão Mogol (MG) e que posteriormente viera a reencontrar em Belo Horizonte, a quem muito admirara, mas que não pudera

Cícero dos Santos da Silva Pereira (1881-1948), ex-presidente da União Espírita Mineira, adepto da linha febiana do Evangelho em espírito e verdade e fundador do Grupo Espírita Paz e Caridade, cujo mentor espiritual era Antônio Luiz Sayão [Nota dos Organizadores].

Cícero Pereira começou a ser delineado na minha frente ante meu pensamento solicitado. Olhou-me grave e humilde, colocou uma de suas mãos num dos ombros meus e disse-me que eu estava sofrendo de uma viciação mental. Fora dono de uma grande organização bancária (51) e durante quarenta anos pensara no ouro, alimentara o ouro, plasmara o ouro, vivera o ouro... E que tanto o rebatia, que tanto o reiterava, que tanto o repetia dentro de mim, que acabei criando uma pavorosa fixação mental, uma obsessão dourada.

Não que a moeda em si seja agente de destruição, de aniquilamento, tanto que a moeda poderá converter-se em luz, na gota de leite ao recém-nascido pobre, como também se transformar em algema de sombra a quem se fez magoar.

Vinha, então, a saber, que o dinheiro em si mesmo, como as demais coisas da vida, é neutro. O que importa é a direção que se lhe dê, positiva ou negativa, boa ou má, celestial ou luciferina.

Vivera numa prisão dourada, estava agora entregue a uma viciação mental. Não que o dinheiro fosse um agente de destruição puxando para baixo, mas eu não criara e não exercitara também na minha mente qualidades positivas que eu poderia alimentar, pelo menos, equilibrando-me entre possibilidades inúmeras do grande caminho, socorrendo de alguma forma a todos aqueles que desafiavam, em nome de Jesus, a nossa capacidade de servir, de entender, de amar.

51- Ver Instruções Psicofônicas, Espíritos diversos, médium Francisco Cândido Xavier, FEB, Rio de Janeiro, 3ª edição, 12/1974, capítulo nº16, "Amarga Experiência", Espírito F, pp. 77-84 [Nota dos organizadores].

Prontificou-se o professor Cícero Pereira a levar-me à uma reunião, onde eu me acalmaria. Era o Grupo Meimei (52) de desobsessão na cidade de Pedro Leopoldo. E, mais, que eu encontraria motivações luminosas por lá e preciosos corações, certamente, me amaciariam o entendimento, trazendo-me paz.

Quando cheguei àquela cidade e me dirigi ao culto espírita, no atendimento aos sofredores desencarnados, outra vez se me rodopiavam as obsessões douradas. A fixação, como que aflorava do meu mundo interior e vinha trazer o mesmo monoideísmo, a mesma fixação mental, me torturando sempre, me perturbando sempre: As mensagens avulsas de preclaros guias espirituais sobre a mesa, eu as via como se fossem cheques avulsos. Os livros doutrinários, de encarnados e de desencarnados, eu os apreciava e os entendia como se fossem livros de contabilidade, de organizações bancárias. E assim me encontrava perturbado.

Depois, estes mesmos corações começaram a me aplicar energias calmantes, através do passe que refaz, que alivia...

Integrei-me, presentemente, numa coletividade que atende a favelados inspirando-lhes bons pensamentos. É a minha atividade humilde, porém, mas que poderá se me constituir preciosa âncora de equilíbrio, retirando--se devagarinho e enfraquecendo essa terrível prisão em que me encontro, para que eu possa agora abrir-me as asas para o bem e para a felicidade.

Ainda, recentemente, amigos, que felicidade tive. Estava junto ao guichê da organização que outrora me pertencera, quando alguém ia depositar vultosa quantia em conta pessoal, e consegui inspirar-lhe pensamentos... Fiz tudo por fazer chegar ao seu espírito o eco da minha própria vibração, e em palavras inarticuladas dizia-lhe: — Mas por que tanto dinheiro, assim, em seu nome? Vê, o inverno se aproxima, há órfãos no caminho, criaturas regeladas, velhinhos sem pão... Coloca parte do teu dinheiro na conta de uma organização filantrópica, e cuida deles...

52-Instituição fundada em 31 de julho de 1952. Inicialmente, as reuniões mediúnicas aconteceram na Rua de São Sebastião, na residência da viúva de José Cândido Xavier, Geni Pena Xavier, dois anos depois, as atividades foram transferidas para a sua sede definitiva, à Rua Benedito Valadares, n° 61-A. Ver o livro O voo da garça, de Jhon Harley, Editora Vinha de Luz, Belo Horizonte, 1 - edição de julho de 2010, pp. 196 e 198 [Nota dos organizadores].

Certamente, o depositante humano não registrou as palavras de maneira articulada, através dos condutos auditivos, mas ele me registrou em forma vibratória, numa intenção do bem, num impulso de melhorar a si mesmo, compadecidamente. E pensou: — Não posso fazer isso, é muito dinheiro no meu próprio nome. Haverá de colocar esta quantia na instituição X para que ela possa cuidar um pouco dos infelizes do caminho e que desafiam, em nome de Jesus, a nossa capacidade de amar, de entender.



Espirito Memei - Irmã de Castro - 1902-1946 (Napoleão Figueiredo).

Prisões, prisões mentais, prisões espirituais, prisões sem grades.

— Ali estava eu cambaliante na terra fofa...

O Livro dos Espíritos na pergunta 459, em sua resposta, informa ao leitor, que milhares e milhões de espíritos, encarnados ou desencarnados, se associam através de leis magnéticas tendentes ao bem, refinando--se para cima, ou inclinadas ao mal, prendendo para baixo. De forma que a mente de quem quer que seja, revestida de um corpo de carne ou fora do corpo através do processo desencarnatório, não pode agasalhar, simultaneamente, no mesmo instante, um pensamento bom ou um pensamento mal. Ou bem, nós nos sintonizamos no bem, ou mal, nós nos sintonizamos no mal. O que não pode é entrar, simultaneamente, uma ideia boa, uma ideia má, porque a criatura não pode pensar em duas coisas ao mesmo tempo. A não ser que ela guarde grandes faixas de suas buscas nos campos benéficos, mas também, dada às suas inclinações, imperfeições, se sintonize, de alguma forma, com os campos maléficos. E assim, o seu entendimento, pensamento e emoções se tornam como um baralho de cartas positivas ou negativas, cuidando a pessoa, se ela for diligente, de cada vez mais ir retirando, no escoar do tempo, as cartas negativas, e cada vez mais, no escoar do tempo, ir alimentando e criando o surgimento de cartas positivas. Porque o bem ou o mal que fizermos serão, inevitavelmente, os nossos advogados de defesa ou de acusação, onde quer que nos encontremos.

Buda, o iluminado, o príncipe Shakyamuni, no seu livro Dharmapada nos fala:

"Aquele que comete uma má ação, sofrerá o choque de retorno, quer esteja no céu, na terra, ou em algumas das fendas da montanha".

A Doutrina Espírita levanta o conceito de responsabilidade individual, dizendo que nós mesmos somos os artífices de nossa própria imortalidade. Causas benéficas ou maléficas, com alguém, com alguns, por algum tempo, ou por muito tempo, aqui, ali, além, revertem sobre nós mesmos. E é da lei que tenhamos que colher os frutos podres, deteriorados, que a nossa insensatez, que a nossa leviandade, que a nossa inconsciência espalharam pelos humanos caminhos.

Levanta a Doutrina Espírita o conceito de responsabilidade individual, dizendo que nós somos filhos de nossas próprias obras, associados aqueles outros que conosco conjugam o seu pensamento, ou sentimento, em função da vida. Basta que sondemos a nós mesmos, basta que saibamos ouvir este, como que sismógrafo invisível que registra as mínimas oscilações do nosso mundo interior.

Conosco mesmos, constantemente, estamos à volta lutando, numa dificuldade tremenda, ante o mal que está cristalizado, querendo, uma vez mais, repetir-se, e o bem que anseia expandir-se e crescer, para a vida e para paz.

É aquele quadro grandioso, gigantesco, ciclópico, que Paulo de Tarso retrata muito bem, escrevendo aos Efésios (4:20-24):

"Quanto a vós, não foi assim que do Cristo vos foi ensinado, se é que ouvistes falar dele e nele fostes instruídos, conforme a verdade que há nele — em Jesus. Precisais deixar a vossa antiga maneira de viver e despojar-vos do homem velho, que vai se corrompendo ao sabor das paixões enganadoras. Precisais renovar-vos, pela transformação espiritual de vossa mente, e vestir-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, na verdadeira justiça e santidade".

O homem bom, o homem mal, ambos situados na intimidade do próprio ser, que assiste através de qualidades positivas ou de qualidades negativas, ora o domínio de um, ora o domínio de outro. Dir-se-ia que anjo e besta estão atrelados na intimidade do homem, na arena do seu próprio coração, querendo cada qual abarcar a personalidade da criatura inteira, para o seu próprio lado. É uma luta aterradora, pavorosa. E quem nunca viveu esses momentos da alma, esses baixios da onda, estas depressões de espírito, não poderá avaliar o que sejam eles. E quase sempre, essas flutuações de personalidade eclodem em nosso mundo interior e, do lado de fora, todos continuam impassíveis, nas suas tarefas comuns, se relacionando conosco, porque o fenômeno é intrínseco, é espiritual, quase sempre ele não é desabrochável, ele não é exteriorizável.

Prisões, prisões mentais, prisões espirituais, prisões sem grades.

— Ali estava eu cambaleante na terra fofa...

André Luiz, através de suas obras magníficas, sabe nos apresentar essas almas como são e onde estão, recortando-as e lançando-as na ribalta da nossa mente, para que possamos examinar-lhes a sua trajetória, estudar-lhes causa e efeito, verificar tudo aquilo que elas fazem, que redundam em paz e guerra, em amor e ódio, em felicidade e desgraça, porque o livre-arbítrio é inviolavelmente sagrado, na intimidade de cada ser.

São almas que surgem através de suas páginas luminescentes, aclarando-nos o entendimento e se constituindo como uma advertência, em função do futuro. Porque nós estamos no grande caminho e, à semelhança de um rio, haveremos de nos desembocar no imponderável.

Por enquanto estamos guardados na carne, nela nos refestelamos, e ela se nos apresenta, como se fosse, uma carapaça protetora. Mas no dia em que a carne se acabar, e que nos virmos inteiramente sem ela, sem poder realizar a fuga no entorpecimento de suas células, o que será de nós? Como se portará a nossa mente nos desvãos sombrios da consciência prensada? Como nos poderão nos atender aqueles que ombreamos conosco e a nós se ligaram por amor, se nós mesmos, dada a nossa densidade, estamos querendo ficar, por enquanto, por algum tempo, por muito tempo, embaixo, sem ânimo para o galeio da subida.

Vem-nos a Doutrina Espírita dizer que existe um momento precioso em nossas vidas que se chama AGORA. O agora, o maravilhoso agora, no qual poderemos retificar o nosso ontem, enodado, ignominioso, abominável, negativo, estúpido, desarmônico; e, ao mesmo tempo, sublimar, por antecipação, o amanhã feliz, etéreo, luminoso, refinado, transparente, que nos espera.

Prisões, prisões mentais, prisões espirituais, prisões sem grades.

É a experiência do banqueiro belorizontino que viveu no benefício da carne passageira, ausentando-se dela através do processo desencarna-tório, sem uma ambiência no mundo espiritual, porque não quis ou não pôde, ou não soube exercitá-la na fluidez das horas, dos meses, dos anos terrestres.

Outro quadro vem...

André Luiz conta a passagem de um boêmio. (53)

Fernando vivera, realmente, muitos anos, desmazelado de corpo e alma, entregue à boêmia. Nas rodas noturnas, nas orgias constantes, sempre ligado com alcoólatras, sempre ligado com ébrios desencarnados. E de tanto buscar aquilo que se lhe constituía sua paixão, sua busca acabou por criar uma grossa estrutura magnética em torno de si próprio, alimentada por desencarnados que a ele se associaram no curso do tempo; porque quem procura acha, segundo o que nos diz o Evangelho.

Mas Fernando agonizava... Desvitalizara-se-lhe o corpo em virtude das farras contínuas e do desgaste que o álcool estabelece. Estava vivendo as agruras de uma anemia e de uma esteatose hepática. O fígado começava a se lhe desagregar e, ele, não poderia mais segurar a máquina corporal, porque devagarinho, devagarinho, a vida física estava se acabando, pela sua imprevidência.

Mas a genitora radicada a algum tempo no mundo espiritual, preciosa colaboradora do Bem, pede a Vida mais Alta que pelo menos facilite, no sentido de que ela possa interferir pelo seu Fernando, a quem amava, provocando-lhe um amaciamento no processo desencarnatório, ainda que não pudesse abrigá-lo, por enquanto, de vez, num hospital espiritual, ou numa colônia de refazimento. Ele haveria de ficar, durante algum tempo, entregue a si próprio, na companhia dos seus iguais, para poder valorizar o campo da vida nas mensagens que o tempo nos traz.

E uma equipe espiritual, constituída das entidades: Aniceto, Vicente, André Luiz e outras, dirige-se para o subúrbio do Rio de Janeiro, onde agoniza, nos últimos minutos, o alcoólatra Fernando...

O quadro era aterrador...

Havia, nos centros de força que sustentavam os órgãos e glândulas, uma tendência à balbúrdia, que se instalava dada a falta de vitalidade dele para criar resistência na defesa orgânica.

53- Ver Os Mensageiros, Espírito André Luiz, médium Francisco Cândido Xavier, FEB, 11ª edição, 12/1978, Rio de Janeiro, capítulo nu 50, pp. 258-262 [Nota dos organizadores]

Respirava Fernando com dificuldade, o centro de consciência não funcionava mais de maneira coordenada.

No quarto apertado, alguns parentes, familiares, o médico, a sua mulher e o seu irmão, como que lhe guardando as horas derradeiras...

Entidade, do plano espiritual, influencia no sentido de que alguém pelo menos abra uma janela, a fim de que ele possa respirar livremente...

E quando o seu irmão se aproxima da janela e a abre, três figuras horríveis, como que dessas cobrinhas que surgem das caixas mágicas — uma vez que lhe abra a tampa depressa —, três cabeças brancas que se prolongavam em grandes pescoços, ganharam, simultaneamente, a intimidade do peitoral e gritaram para dentro do quarto:

"— Como é? O Fernando vem ou não vem?"

Eram alcoólatras desencarnados, companheiros das farras e das boêmias, das bebidas e das longas noites, entrelaçados com ele, magneticamente, e lhe buscavam agora o convívio...

E isso, porque todos nós, quer queiramos ou não queiramos, acreditemos ou não na mediunidade, sejamos favoráveis ou contrários à lei do karma, todos nós estamos dentro da grande lei de atração e repulsão de fluidos, que aproxima as pessoas ou as desliga conforme sejam a sua tendência, a sua predisposição, a sua vontade, nisso ou naquilo, porque o livre-arbítrio é sagrado.

Almas desfilam na passarela da vida e, da maneira como o fazem, falam sem palavras deixando escritas, através de seus atos, as mais lindas páginas e as mais tristes páginas. Porque, em realidade, quase sempre, devido ao nosso atraso, à nossa falta de acuidade espiritual, devido ao nosso apoucamento mental — porque ainda estamos muito presos a reflexos negativos que toldam a visão e que nos cancelam o vislumbra-mento de quadros felizes —, quase sempre nós nos desacertamos muito mais, do que nos acertamos. E é por causa disto que o passado reage em nós, pedindo que façamos a quitação de contas que ainda não foram feitas.

É bem verdade que a meta que Deus traçou para a criatura é a felicidade. É bem verdade que a evolução vai lançar, no futuro de cada ser, um transbordamento de amor. Mas é da lei que, para que possamos saborear a paz dos cimos, tenhamos de voltar, e engolir os detritos da nossa inconsciência espalhados pelos humanos caminhos.

E prosseguem as páginas maravilhosas de André Luiz.

Agora nos narrando um quadro impressionante de vida, numa faixa espiritual justamente de transição, entre uma mais densa e outra menos densa.

Nós sabemos que espíritos existem, que se tornam, hierarquicamente, portadores de mil e uma tarefas, de seleção, de aprendizado, de observação, deferindo, selecionando, modificando, enquadrando valores, verificando pessoas, tirando-nos possibilidades, anotando-lhes fraquezas, para que não haja injustiças no mecanismo da grande Lei.

E naquele ambiente espiritual que era, justamente de transição, entre uma esfera mais densa e a de um prolongamento menos denso, ou mais fino, o vigilante Paulo (54) estava atento. Era um espírito que desenvolvera o poder do magnetismo e de lucidez magnética. Possuía uma, como que, capacidade de raios-X, para penetrar nos escaninhos da alma, das almas, e sondar-lhes as reais intenções.

E, ele, aí estava no seu posto, conforme a tarefa que a Vida lhe houvera dado, de acordo com a sua madureza espiritual, encaixável na hierarquia de valores espirituais, quando aquela mulher, como que uma mendiga, ali chegou.

Trazia o organismo espiritual em estado deplorável; vestia-se, se assim se pode dizer de pedaços de tecidos de andrajo fétidos. As pernas inchadas, que se abriam em feridas; rosto desfigurado; cabelos em desaninho, e começou a falar:

"— Mensageiros do bem e da esperança, espíritos que guiam a vida de seus estágios mais altos, iluminados por ações do mundo invisível, atendei-me. Eu sou uma desventurada do caminho da vida. Aflições inúmeras tenho arquivadas em meu próprio coração, mas, agora, anseio a paz. Perdi as derradeiras forças... Eu empreguei a existência auxiliando a maternidade na Terra e, também, fui visitada por desilusões inúmeras no escoar do tempo. E agora, venho me entregar a vós, venho me recolher ao vosso amor e à vossa sabedoria e, por isso, quero penetrar neste clima de felicidade e paz."

Ver Nosso Lar, Espírito André Luiz, médium Francisco Cândido Xavier, FEB, 18ª edição, 5/1977, Rio de Janeiro, capítulo nº 31, "Vampiro", pp. 168-174 [Nota dos organizadores].

Mas o mensageiro espiritual que sabia ver, que sabia olhar, que sabia penetrar, que não se deixava enganar pelo véu fantasioso da aparência, na grande ilusão, porque realizava uma penetração ao íntimo da criatura, explorando-a, decifrando-a inteiramente, observou a mulher, e depois falou:

"— Minha amiga, infelizmente tu não podes entrar aqui, por enquanto. Embora, as frases que proferes, os desejos que dizes alimentar, os anseios que informas possuir, estão em contraposição àquilo que revela o teu mundo interior, a tua natureza íntima. Por quê, minha amiga? Por que te entregastes na Terra à tarefa sinistra do aborto? Olhe em torno de sua aura e verifica o que trazes rodopiando em torno de tua cabeça: 58 pontos negros, que são a representação de 58 criancinhas que mataste, sem a possibilidade de que elas viessem à luz. Os teus braços poderiam se transformar em galhos da árvore da vida, albergando as avezinhas do céu, se transformaram em garras, em garras de perdição".

E a mulher, megera, a mulher vampiro, a mulher aborteira, vendo-se decifrada no profundo do próprio ser, porque não era possível confundir, não era possível iludir, não era possível fingir. Desesperada, revoltada, como milhares e milhões se revoltam no mundo espiritual ante o impacto da vida nova que se lhes apresenta, criando um conflito desesperado entre aquilo que é e o lado feio que nós somos, ou que está em nós — ah! o nosso lado feio, o nosso lado feio que aparece e transparece a cada instante, entristecendo-nos, confundindo-nos —, ela se revolta e, renitente, fala, esbraveja, grita, a plenos pulmões:

"— Para trás os oportunistas de além-túmulo, o reino dos céus me pertence, sempre fui uma enfermeira digna, sempre fui uma parteira honrada, isto é mentira, isto é mentira!"

E foi-se recuando, e foi cada vez mais se afastando daquela zona, onde se fronteirizam campos espirituais diferentes e, endurecida, como uma representante triste das sombras, se perdeu nas brumas.

O mundo espiritual está, constantemente, nos advertindo a respeito do fator moral.

Provavelmente, ela, aqui na carne, na sua indústria de aborto, poderia ter subido dentro do plano das considerações sociais. Poderia ter sido proprietária de muitas casas e muitos apartamentos, com fazendas de interior, onde existem piscinas de água fria e quente, com futuras possibilidades em expressões bancárias, com títulos que sempre sobem na bolsa de valores, grandiosa no plano da forma. Mas, depois que a vida acaba, e que a carne se desfaz, desagregando-se, vem o grande momento da verdade. E o pior de nós mesmos aparece e transparece, a cada instante.

E aquelas mãos, provavelmente tão hábeis para penetrar na intimidade do ventre e retirar possibilidades de recomeço para muitos; aquelas mãos que se revelavam exímias nos bisturis e nas pinças, no algodão e na gaze; aquelas mãos que eram hábeis para extrair os frutos da vida sem que eles pudessem acontecer, desde a terra mesmo, sem que precise alguém desencarnar para a modificação ocorrer, vai se operando na estrutura do corpo espiritual uma metamorfose, uma mudança, vai havendo um desajuste sinérgico. A sinergia é o esforço simultâneo que todos os órgãos provocam para estabelecer uma função. Ela que se degrada magneticamente, aqui mesmo na Terra, embora os nossos olhos não vejam do lado exterior — que são mãos sempre finas, bem cuidadas —, mas, do lado interior, são as mãos que apresentam garras de morte, garras de vampiro.

Prisões, prisões mentais, prisões espirituais, prisões sem grades.

"—Ali estava eu cambaliante na terra fofa"... "— Como é? O Fernando vem ou não vem?"

"— Abaixo os oportunistas de além-túmulo, sempre fui uma enfermeira digna. Sempre fui uma parteira honrada. E desapareceu, confundida, revoltada, raivosa, em direção à faixa de sombra".

Quando meditamos nas narrativas de André Luiz, casando-as com os comentários de Allan Kardec, respeitante aos diversos estados da alma na erraticidade; quando somos abençoados pela revelação dos guias; quando páginas, que aí estão desafiando a nossa capacidade de entender, surgem, despertando em nós a valorização dos quadros da existência, concluimos, em realidade, que a Doutrina Espírita é uma luz acesa na imensa noite da nossa ignorância milenar, sensibilizando-nos o coração e aclarando-nos a mente, para uma busca mais feliz em dias futuros de grande paz.

Na época atual, tão cheia de grandezas materiais e pobre de amor e sentimento. Na época atual em que o homem moderno se encaminha, desastrosamente, para fora de si mesmo pulverizando-se em processos de ilusão, em vez de se encaminhar para dentro de si próprio, unificando-se na paz. Na época atual em que sentimos desolados à técnica sublimática, e cada vez mais nos apresenta uma ciência sem consciência, que cuida, tecnicamente, de resolver problemas por fora, mas deixando o espírito, inteiramente, desarvorado à matraca. Os seres do bem, os emissários da paz, os arautos da esperança, quando lhes damos encaixes, envolvem-nos com seus eflúvios salutareos nos momentos de prece ou de recolhimento, quando conseguimos casar o nosso silêncio íntimo com o silêncio exterior, somos passíveis de lhes ouvir a mensagem da paz e da esperança falando-nos, edificando-nos, alimentando-nos, dizendo-nos:

Num rio, as suas águas correm, sobre as águas, um defunto. E o cadáver vai descendo o rio, e as suas águas correm. Voando, a certa altura, um abutre vê o cadáver e em voo direto pousa nele e começa a introduzir as suas garras em sua intimidade. E o defunto vai descendo o rio e sobre o corpo morto o abutre, cada vez mais se introduzindo no defunto. As águas começam a se encrespar. Surgem as corredeiras e a ave entretida, entretida na sua posse, não vê o perigo próximo, além. Vai surgir o abismo aquoso do despenhadeiro descomunal... Noventa metros, oitenta, setenta, sessenta, cinquenta, quarenta, e as suas águas crescem, e a encrespação cresce, e o instinto de defesa avisa ao abutre que virá o perigo. E, ele, querendo se desligar da presa bate as suas asas em vibrações de desespero. Quer voar, mas não pode, não pode mais... Tão associado se encontra na intimidade do defunto que se lhe torna difícil um voo, era impossível a libertação. E acabam, abutre e cadáver, despejando-se no abismo líquido, no despenhadeiro da morte.

Às vezes copiamos a posição desta ave de rapina. Vamos a vida inteira inconscientes acumulando cadáveres: cadáver da vaidade, cadáver do orgulho, cadáver da ambição, cadáver do falso domínio, cadáver da ilusão.

E quando o túmulo bate à porta da alma, implorando renovação, muitas vezes, somos impotentes para abandonar os frutos podres que a nossa leviandade por tantos anos acumulou pelos humanos caminhos.

Que Jesus, o mestre da Paz, o emissário da Esperança, dilate o nosso coração, focalize abundantes luzes nele, a fim de que possamos abandonar estes cadáveres e marchar para a Luz.

XV
O CAPITÃO SEBASTIÃO
E O NARCOTRÁFICO

A mediunidade do nosso newton boechat era surpreendente. Digamos mesmo, *sui generis*! Acontecia de sobressalto, como um ladrão. E, quase sempre — aí o espetacular —, vinha recheada com saborosa alegria, graça e fino humor. Chegava de surpresa...

Testemunhei muitos e variados fenômenos. Em março de 1981, num roteiro de dobradinhas doutrinárias, com o Boechat, pelo estado de Goiás conduzidos pelo "médium de transporte" Militão Ferreira dos Santos, na sua Variant azul metálico, corremos por Anápolis, Goiânia, Abadiânia, Ceres, Vianópolis, Uruana, Trindade. Antes tínhamos passado por Brasília (DF) onde conferenciamos no XVI "Encontro" Pietro Ubaldi, no Centro de Convenções — Eixo Monumental.

Em Trindade, terra famosa por eventos católicos, não havia centro espírita. Era a primeira palestra dessa natureza e, é lógico, a cidade estava num agito e grande expectativa. Panfletos e faixa, na praça, anunciavam o evento.

O Club Roller Dance estava lotado. Todos queriam saber o que estava por trás das palavras condenatórias que o padre esbravejava do púlpito. Depois das apresentações de praxes, Newton Boechat toma a palavra e, inspirado, decorre sobre a fenomenologia mediúnica nos Evangelhos como prova incontestada do Espiritismo, que só se agiganta quando vive Jesus. O auditório estava estupefato!

Enquanto a comissão organizadora representada pelo dirigente da sessão agradecia e dizia as palavras finais, eu, do outro lado, na ponta da mesa, estava meio que incomodado vendo a fisionomia do Newton Boechat nitidamente mediunizada. Era sempre assim, ele ficava com as faces meio que, febris, o nariz adelgado, um olhar firme e penetrante, as mãos num abrir e fechar constante, era como se tudo estivesse pronto para desaguar numa explosão impossível de ser contida. Não sabíamos se era ele ou o Jardel, sacerdote essênio, seu mentor. Melhor seria, Newton-Jardel ou Jardel-Newton!

Terminada as falas, ele desce de imediato a pequena escada do palco e, decidido, se encaminha para um grupo de senhoras da primeira fila, que conversavam ainda sobre o efeito eletrizante da palestra. Boechat então se dirige a uma delas e diz de chofre:

— Quem é Maria do Ó?

A senhora, meio envergonhada pela visita do ilustre conferencista, mas surpreendida pela pergunta inesperada, responde em cheio:

— Ela é minha madrinha, mas já faleceu há mais de cinquenta anos. E Newton-Jardel sem titubear registra em acerto:

— Sim, mais precisamente, 52 anos. Ah! E ela manda dizer que não dá ferroada em ninguém.

A senhora enrubesceu de vez. Estava assombrada e muda...

Newton corta o silêncio e indaga mais uma vez:

— Como era o nome completo de sua madrinha?

A senhora sai do torpor e responde:

— Maria do Ó Tupynambá Marimbondo!

Boechat, então, conclui para deleite de todos:

— Sim, ela está aqui e diz que é Marimbondo, mas não dá ferroada em ninguém.

Era assim que acontecia a mediunidade do querido Boechat. Tudo de surpresa e de um ineditismo sem precedente.

Numa outra vez, no início de 1980, no Club Frigorífico na cidade de Mendes (RJ), Newton Boechat e eu chegávamos debaixo de chuva para palestrarmos. No salão, ainda vazio, do outro lado da quadra de futebol, três pessoas conversavam descontraidamente... Então, como um relâmpago, o Newton com as mesmas características mediúnicas já descritas, parte em direção ao grupo e diz para um deles, Sr. Rubens, um dos diretores de instituição espírita da localidade:

— O senhor conhece o seu Zico Costa?

e o homem meio admirado diz:

— Sim, é meu compadre já falecido.

Boechat, então, continua:

— Ele manda dizer que não pode trazer a sua cara-metade.

— Ah! — diz feliz o interpelado — era assim mesmo que ele chamava a sua esposa.

— E, mais ainda — continua Boechat em espírito de graça —, ela manda dizer que agora apaga fogo de alma.

E o senhor Rubens, lacrimejando e rindo ao mesmo tempo diante do insólito, confirma:

— Zico Costa era militar bombeiro de profissão.

São casos maravilhosos da mediunidade a serviço da divulgação espírita. São provas que encantam e edificam, firmando a fé na imortalidade da alma, assento principal do Espiritismo.

Mas há mais! A mediunidade do Boechat era pródiga.

Aqui, em casa, muitos fenômenos se deram. Ele era frequente no nosso culto do lar das segundas-feiras, às 20 horas. Trazia o queijo de minas para o lanche após o culto. Nele, fazíamos comentários de pequenos flashes dos Quatro Evangelhos, do Bhagavad Gita, do Corão, de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec, e de O Consolador do Espírito Emmanuel. Aliás, Newton Boechat chamava o livro O Consolador, publicado pela FEB, de "O Livro dos Espíritos do século XX".

Newton Boechat chegava cedo, de tardinha... Enquanto eu fazia o mate e o bolo de laranja, Boechat falava, gesticulava, ria, contava casos da mediunidade do Chico, do César Burnier, falava, e como falava, das andanças pelo movimento espírita...

Como disse ele era assíduo. Só faltava por motivo de palestra em viagem por aí fora... Há até o impressionante relato por ele descrito em carta a mim dirigida de Lisboa — Portugal, em 26 de outubro de 1979:

"Como você observa, voarei de Lisboa para o Rio voo 397 da TAP que sai daqui meia noite do dia 4/11 e, como os fusos-horas são de 4 horas de diferença, a chegada deverá ser às 7 horas da manhã do dia 5, mas com o despacho de malas, alfândega etc, só estarei mesmo no saguão do aeroporto do Galeão às 8 horas. Levo duas malas, uma grande meio pesada e outra menor. Sei que vocês estão às voltas com estudos, trabalhos etc O meu objetivo é apanhar um táxi no Galeão e tocar para o centro da cidade (deixando as malas na casa do Mario Cruz (55) ou sua casa mesmo, porque, como é segunda — à noite —, alcançarei o culto. Diz desta minha ideia ao Perez Cardoso, (56) quando você estiver com ele".

55-Mario Luiz Castanheira da Cruz, grande amigo comum e que morava no bairro do Estácio - Rio de Janeiro (RJ). Nós frequentávamos semanalmente a residência do casal Rosa-Mario Cruz. E, eles, às vezes, vinham no culto daqui de casa. Um de seus filhos, o Carlos Luiz era frequentador assíduo [Nota dos organizadores].

56-Dr. Gilberto Perez Cardoso [Nota dos organizadores].

Um dia, em 1981, conversávamos no meu escritório e biblioteca animadamente, e, fato recorrente, a fisionomia psíquica do Boechat muda e, no mesmo instante, a porta do meu apartamento, na esquina da movimentada Rua Haddock Lobo, bate, indicando que alguém entrava. Só podia ser papai, e era, de fato.

Papai, Oswaldo Rodrigues Martins, já falecido, dirigiu, por muitos anos, com minha mãe Jordélia Damas Martins, o Educandário Santa Filomena —



Educandário Santa Filomena Mamãe Jordélia segura Jorge Damas Papai Oswaldo está ao fundo

Instituição de ensino, no bairro de Todos os Santos no Rio de Janeiro, que abrigava 150 meninas órfãs, de 3 aos 10 anos.

Papai era uma personalidade empreendedora. Era ele quem cuidava das obras e manutenções do educandário, do sítio no bairro do Recreio e de três casas no distrito de Muriqui, pertencente à cidade de Mangaratiba, no estado do Rio de Janeiro. Estas casas, em Muriqui, papai constantemente as alugava para reforçar o orçamento de funcionário público municipal. Principalmente, quando o colégio precisou ser fechado, por motivo de saúde da mamãe, que veio a falecer, em 1973, por circunstâncias cardíacas.

O caso mediúnico se deu assim: Newton transfigurado ficou de pé enquanto ouvíamos os passos de papai adentrando pelo corredor. O silêncio pairava no ar. Havia cheiro de espírito. Quando papai aparece no escritório, Newton corta os cumprimentos rápidos e atenciosos e dispara em clima de voz emocionante:



O casal Jordélia-Oswaldo com os gêmeos Jorge Damas e Maria Fátima.

— Seu Oswaldo, alguém de mais Alto, que vela por todos da casa, informa que o senhor alugou, imprevidentemente sem saber, uma das casas de Muriqui para um grupo de bandidos ligados ao narcotráfico. Esses bandoleiros estão acompanhados de entidades perversas do mesmo naipe. Assim, foi indicado pelo Alto, para acompanhá-lo e protegê-lo, o Espírito do Capitão Sebastião. (57)

"Na escala evolutiva existe uma hierarquia de valores, pela qual quem é mais avançado utiliza como instrumento quem é mais atrasado, mas ao mesmo tempo o educa, levando-o a viver coordenado com outros elementos no seio de unidades mais complexas e assim a funcionar em formas sempre mais evoluídas. Maravilhosa e complexa organização da vida, pela qual quem é mais avançado se volta em direção aos que lhe são inferiores para admiti-los no seu próprio trabalho, mas, ao mesmo tempo, com isso os envolve e os arrasta consigo na sua própria evolução" - A Descida dos Ideais, Ubaldo, Pietro, Fundápu, Campos - RJ, 2ª edição, 1984, capítulo VIII, Desenvolvimento do Cristianismo, p. 186 [Nota dos organizadores].

Papai, meio temeroso, mas com os olhos fitos nos céus, ouvia como se estivesse em estado de prece. Aliás, papai era um tipo alegre, brincalhão e festeiro, mas tinha uma religiosidade, a seu modo, impressionante. Todos os dias estava na missa matinal, das 6 horas, na igreja, aqui ao lado, de São Sebastião dos Capuchinhos.

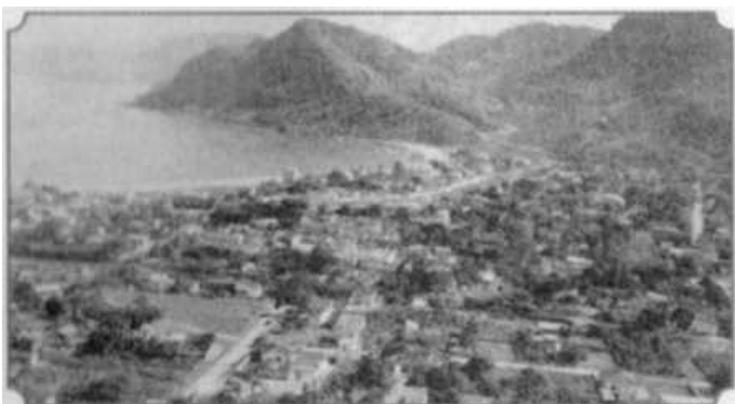
— E Newton-Jardel — redigo —, com voz determinante, como se estivesse vendo o fim completo do caso, continua:

— O senhor deve, na maior brevidade possível, se dirigir à casa alugada e dizer a eles que, por motivo de visita familiar, está precisando imediatamente da casa. Não se preocupe. Aja com confiança nos desígnios do Alto. O capitão estará à sua frente e ajeitará tudo. Eles obedecerão a sua voz de comando, como subordinados.

Papai, como sempre, não sabia deixar nada para depois, tomado de fé, agradecendo, e falando frases curtas de orações conhecidas, e repetindo nome de santos — Santa Bárbara! São Jerônimo! São Jorge! Santa Filomena! —, dizia que iria partir imediatamente para tomar o decidido espiritualmente.

Mas Newton Boechat o interrompe na sua resolução de partida e diz:

— Se o senhor, depois, quiser saber quem é o Capitão Sebastião basta se dirigir à orla da extensa praia de Muriqui e indagar dos que ali gostam de um carteadado. O capitão é figura conhecida de muitos, pois gostava de jogo de pôquer enquanto tomava umas e outras, isso desde que se aposentou.



Vista aérea de Muriqui, distrito de Mangaratiba (RJ).

Papai partiu...

Três dias depois Newton Boechat passa aqui por casa para me buscar, iríamos pegar o Dr. Gilberto Perez na Santa Casa de Misericórdia, na Sétima Enfermaria, na Rua Santa Luzia, no Centro da cidade e depois, na lanchonete em frente, tomaríamos o tradicional café com leite acompanhado de sanduíche de carne assada, aí sim partiríamos para o apartamento do casal Cesarleda, em Copacabana, pois era dia de culto por lá.

Enquanto Newton falava, gesticulava e traçava nosso roteiro da tarde--noite, sua fisionomia começava a mudar, suas pupilas palpitavam como que percebendo algo que não víamos... de repente a porta se abre e papai surge carregando um cesto de laranjas...

E, aí é que se deu o interessante. Não se entendia nada. Os dois falavam ao mesmo tempo:

— Como foi?

— Tudo certo!

— Graças a Deus!

— A Misericórdia não abandona as solicitações de quem merece e que vela do mais Alto.

Papai, então, mais calmo, se pôs a narrar o ocorrido. Disse que tudo aconteceu como o previsto. Chegou a casa com o pensamento em oração e solicitou a retirada dos bandeiras que, com palavras cheias de gracejos e gírias, obedeceram de pronto, vindo a se retirarem no mesmo dia.

Ah, e mais surpreendentemente, no outro dia, com armas pesadas, dão fim a um conhecido hoteleiro da região que resistiu a um assalto da facção. Confusão, perseguição policial, disparos, correrias e fuga espetacular.



As casas da família Oswaldo Martins em Muriqui.

Papai estava de boca-aberta! Contava o fato, e, surpreso, repetia, repisava, intercalando nomes de santos...

Newton-Jardel prossegue indagando:

— E o Capitão Sebastião, o senhor localizou dados de sua pessoa chistosa?

E papai de pronto:

— Tudo certo, porém, com uma ressalva, todos só conheciam um certo Tenente Tião que gostava de baralho, umas goladas e pescarias antes do sol nascer...

E foi quando veio o melhor:

— Mas, seu Oswaldo, o senhor não observou com tento. Ele está aqui ao seu lado e manda dizer, mostrando na farda que veste o distintivo com três estrelas, e se dizendo capitão, pois com o seu falecimento, como de praxe, o exército o homenageou com a dignidade de capitão. Ah, e com relação ao nome, Tião, como era conhecido na intimidade das rodas na praia, preferia usar, agora, o seu nome mesmo, Sebastião, pois estava a serviço de alguém que vela do mais Alto, e precisava manter a postura no comando da ação outorgada.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

XVI

NEWTON BOECHT

PESQUISA ERNESTO BOZZANO:

A MAIOR FIGURA DO ESPIRITISMO CIENTÍFICO (58)

EM CARTA PESSOAL DO AMIGO NEWTON Boechat datada de 26 de outubro de 1979, de Lisboa, o estimado conferencista observa:

"Estimado Jorge: Saúde e Paz!

Após 17 dias na Itália, com contatos e palestras, retornei dia 23, à noite, a Lisboa, voando de Milão para Madri, via Alitalia e trocando de avião na capital espanhola, chegando a Lisboa e reencontrando amigos.

[...]

Diga ao Luciano que ele vai babar com o assunto completo que levantei na Itália, recamado de informes e fotografias (pesquisa sobre Bozzano). Coisa inédita para o movimento espírita daí. Veremos o melhor meio de evidenciar o ineditismo da coisa espetacular e que custou muita paciência e espera. E há coisas do arco-da-velha".

E, assim, aconteceu e virou manchete!

58- Reformador, em nota do lúcido Guillon Ribeiro, diz que Ernesto Bozzano é a mais alta e indiscutível autoridade em assuntos psíquicos - 14.10.1933 [Nota dos organizadores].

O jornalista e confrade Luciano dos Anjos estampou a pesquisa do nosso Boechat no Jornal Espírita, São Paulo (SP), no nº60, de junho de 1980. Tomamos, então, a liberdade de transcrevê-la:

Em entrevista que concedi ao confrade Ramiro Gama e publicada na edição de setembro de 1975 do Jornal Espírita (pág. 3), declarei, sem rodeios, que a maior figura do Espiritismo Científico, para mim, era Ernesto Bozzano. Na verdade, coloco-o acima de todos os demais, pois sua contribuição não se limitou a experiências isoladas constituindo-se antes numa longa e crescente perquirição sobre toda a área científica do Espiritismo, à qual juntou, sempre, as suas mais lúcidas e irrefutáveis conclusões.

Apraz-me, portanto, registrar aqui o transcurso, neste mês, de junho, da desencarnação do grande e inesquecível missionário italiano. Bom seria que eu pudesse divulgar, em sua homenagem, ampla e farta biografia de Bozzano. Infelizmente, não possuímos, nem eu me sinto capaz de elaborá-la. Vou, portanto, transcrever, a seguir, o documento, que me parece mais completo. É uma longa carta, de sua autoria, dirigida ao amigo Bragadin, publicada pela primeira vez na Revue Spirite de fevereiro de 1939. Oportunamente pretendo reproduzi-la nesta página. Enquanto não o faço, vou alinhar alguns dados que me foram oferecidos, em primeira mão, pelo conhecido orador espírita Newton Boechat que, por sua vez, os obteve com o seu amigo Giovanni Naitana, de Gênova. Foi em seu apartamento que Newton Boechat se hospedou, durante a recente tournée realizada pela Europa. Na Itália, Newton Boechat fez conferências em Milão, Gênova, Florença, Veneza, Verona e Pisa. Giovanni Naitana não é espírita, mas hospedou de bom grado o amigo brasileiro e até se prontificou, a pedido deste, a apurar detalhes da vida de Ernesto Bozzano, os quais desconhecíamos. Na verdade, forneceu algo de grande importância: a verdadeira data da desencarnação do grande pesquisador. Ao contrário do que tem sido divulgado no Brasil, ela se deu no dia 24 de junho de 1943, conforme documento expedido pelo "Inspettorato dei Cimiteri", aqui reproduzido.

Transcrevo, a seguir, outros dados que me foram igualmente cedidos por Newton Boechat.

Ernesto Bozzano era filho de Paolo e Clotilde Marcenaro. Nasceu em 9 de janeiro de 1862, em Gênova, na Via Assaroti, nº 17, Casteleto, apart. 11,

Mod. 8


COMUNE DI GENOVA
STATO CIVILE
 Ufficio N. 1

CERTIFICATO DI MORTE

Anno 1943 Parte 1 Serie 11 N. 228

L'UFFICIALE DELLO STATO CIVILE

Certifica che è morto in Genova
 il giorno 24
 del mese di giugno
 dell'anno millenovecento 43
 (cognome) Bozzano
 (nome) Ernesto
 nato in Genova a. 81
 (atto di nascita n. Genova p. — s. — anno —)
 residente in Genova
 di condizione benemerito
 di stato civile celibe

Rilasciato il presente in carta libera da videri in tutti i casi per i quali la Legge non prescrive il bollo.

Genova. [Signature] L'Imbrigato

L'Ufficiale dello Stato Civile [Signature]

Certidão de óbito de Ernesto Bozzano.

Jurisdição da paróquia delle Vigne. Sua desencarnação ocorreu também em Gênova, na Via Oberto Cancelliere, nº 20, apart. 5, 2o andar, às 10 horas em ponto do dia 24 de junho de 1943. Era solteiro e bem situado financeiramente. Seu sepultamento foi realizado no cemitério Staglieno, em Gênova, no jazido 10 do Campo Inferior dei Cipresti, próximo ao cemitério "dei Bambini", mais para o lado protestante.

O Staglieno é considerado um dos mais famosos cemitérios do mundo, em virtude dos milhares de jazigos talhados em mármore. Está incluído no roteiro turístico da cidade, havendo, no seu interior, ponto de ônibus, com trajeto normal até a cidade.

Antes de ser localizado o túmulo, em Gênova, a pesquisa ficou desorientada, em face das informações erradas levadas do Brasil. Newton Boechat, Giovanni Naitana e a pintora Cinyra Novaes foram à Savona, cidade afastada de Gênova (1 hora de carro), a fim de levantar informes no Cemitério de Zinola e no de San Bernardo (afastado ainda mais). Tudo em vão. Até que se chegou ao famoso Staglieno. Para atingir o local onde está o túmulo de Bozzano, segue-se em linha reta, a partir da entrada principal, até uma escada, com porta. Continuando em frente, sobe-se a segunda escada à direita, de poucos degraus, existindo aí um cercado. Do outro lado, há um pátio de catorze tumbas, sendo o primeiro jazigo duplo e, os demais quatro, em três tumbas sobrepostas. A de Ernesto Bozzano é a última, inferior, do pátio.

O pai de Bozzano (Paolo) era proprietário, filho de Luigi. A mãe (Clotilde Marcenaro) era filha de Giovanni Battista, nascida em 1838. Clotilde e Luigi tiveram, ainda, os seguintes filhos, além de Ernesto: Emília (27.5.1858), Adolfo (3.9.1859), Vittorio (31.8.1860) e Alexandra (12.7.1865). Estes dados foram extraídos do Censo Genovês de 1872.

A família habitava a Piazza Sansone, nº 9, Sestriere (bairro) de Portoria, Paróquia de Santo Stefano.

Aos 20 anos, Ernesto Bozzano, ainda estudante, tornou-se voluntário na 31ª Infantaria, com matrícula nº 9344. Viveu durante muitos anos na Via Oberto Cancelliere, nº 20. A Sra. Zunino, de 77 anos, moradora do apartamento 7, declarou que Bozzano era seu vizinho do 2º andar, apartamento 5, na mesma direção do apartamento dela, em cima, da fachada do edifício à esquerda de quem entra, com Varandim. Esclareceu que vivia em companhia dele uma governanta, de quem adquiriu um "papagallo" (pichorra, urinol de cama), uma vez que ela era herdeira do metapsiquista. Este, no entanto, premido por dificuldades (ainda mais que estava em plena Segunda Guerra), vendeu muita coisa que possuía.

O Sr. Parodi, do apartamento 8, disse a Giovanni Naitana que adquirira de Bozzano uma tesoura de podar árvores frutíferas. E acrescentou:

— "Parecia que Bozzano não morreria nunca! Ele era alto, 1,90m e empinado como vela".

A tesoura ainda lhe pertence até hoje e está em pleno uso. Perguntando se queria vendê-la, alegou que a peça era cômoda e útil para podar sua figueira, razão porque não se desfaria dela.

Ernesto Bozzano apreciava e praticava a caça, em San Matino di Stella (província de Savona, na Ligúria, região italiana) e ali se hospedava na Pensão Colomba.

A Federação Espírita Brasileira traduziu as principais obras de Ernesto Bozzano. Mas ó justo referir, também, as traduções de Francisco Klors Werneck, para a Editora Eco, que muito têm contribuído para a divulgação do trabalho e do papel da maior e mais importante figura do Espiritismo Científico.



Túmulo de Ernesto Bozzano

AMOR,ALIMENTO DAS ALMAS!

O TEMA QUE SERÁ PERCORRIDO nestas páginas poderá receber como título: "Amor, Alimento das Almas". Aqui, estaremos nos derramando acerca do amor e suas implicações.

Se nos perguntam: — o que é o amor?

Evidentemente, tal como acontece ao próprio Deus, não se pode definir o amor. Porque se o definíssemos, o limitaríamos. A criatura, no seu contínuo caminhar dentro da vida, dilatando patrimônios e percepções vários, vai sentindo o amor à medida que se afina o seu campo de percepções e que se lhe refina a sensibilidade. Mas, numa linguagem didática, poderemos dizer que o amor é a inclinação que possui a pessoa para dar presença carinhosa, afetiva, junto a outras pessoas, buscando metas e ideais. Essa é uma definição assim comum de amor. É a afetividade que se entorna da criatura para as demais criaturas ou para aquilo que se lhe constitui a meta, a pesquisa, o objetivo na vida.

Nós sabemos que este sentimento varia à medida que o ser se espiritualiza; e ficamos observando o amor nas suas multiformes facetas, desde aquele momento em que o primitivo homem, deste mundo, tomava violentamente a fêmea de assalto, até ao amor superespiritualizado do santo, que vibra e, à semelhança de uma vela, se esgota imperceptivelmente, com quanto haja claridade em derredor.

Evidentemente, a forma de amor que se expressa num tipo inferior, imaturo, iniciante no seu jornadaear, não pode ser aquela que exterioriza o artista, o filósofo e o santo, pois que a substância se quintessenciou. Não foram dois amores diferentes, não foram dois processos diferentes. Simplesmente foi o mesmo processo, a mesma substância que se alterou. Porque dentro de uma visão monista, tudo na vida está armado em esquemas maiores que se seguiram aos esquemas menores, e estes vieram de esquemas ainda mais singelos:



A Palestra Amor, Alimento das Almas! foi uma dobradinha Newton Boechat-Jorge Damas, no Grupo Espírita Batuíra, em Perdizes, São Paulo (SP), em 27.2.1980. Aqui só transcrevo a parte referente ao Newton Boechat. Na foto Jorge Damas está sentado ao lado do Boechat que conferência.

À semelhança de um rio caudaloso que depois de receber afluentes pela margem esquerda e pela margem direita, acaba por iniciar-se num olho d água.

O deserto cheio de dunas que são formadas de fragmentos e partículas de areia. A melodia completa e fascinante, que apenas começa na pauta com sete notas musicais.

Tudo aquilo que existe começa simples, começa hesitante, começa às palpadelas, com expressões singelas no seu existir, mas à medida que se encorpa no campo do seu existir vai recebendo expressões cada vez mais alias, cada vez mais variadas.

Ora, o amor é o alimento das almas, como tão propriamente o chamou André Luiz num dos capítulos do livro *Nosso Lar*. E ficamos pensando como seria possível compreendermos o mundo se não houvesse o amor a traduzi-lo? Como seria possível compreender o universo? Em vão, a luz das galáxias distantes ou dos astros longínquos trariam as suas luzes cambiantes em a nossa terra. Em vão, o regato serpearia no bosque perfumado. Em vão, as flores desabrochariam num multicolorido. Em vão, os homens se relacionariam entre si. Em vão, tudo poderia acontecer na Terra, mas seria tudo frio, inócuo, vazio, sem consistência. Por isso mesmo, o amor é o princípio que sustenta e a finalidade última, porque, sem amor, a vida não teria sentido algum.

Este é o conselho que o evangelho como meta levanta. Porque nós sabemos que Deus é amor e que Jesus Cristo é a manifestação divina que abandonou o centro mesmo da luz onde se aclimava, sofreu as densidades vibratórias dos planos para baixo, acomodando-se perispiriticamente, para um convívio direto com as nossas fraquezas, paixões, limitações, a fim de ofertar-nos amor, a vida em abundância que ele nos traria, como de fato no-la trouxe:

"Vim para que tivésseis vida, vida em abundância, vida em plenitude".

Ora, no campo do amor, sentimos que a criatura depois que já se encontra espiritualizada, e podendo seu leque evolutivo abrir-se cada vez mais, penetrará num campo de fragrância ainda maior, e dele receberá aquele subsídio, aquela suplementação, que deverá entornar em benefício de seus irmãos, porque não pode existir maior felicidade do que receber do Amor para transmitir ao amor.

Escritor célebre nos ofertou acerca disto uma página maravilhosa. Contava-nos da existência de um frade, que toda a vida pretendeu um contato místico e direto com Jesus. Ele vivia num mosteiro, em região fria. Fazia jejuns, meditava profundamente e, não deixando as mãos vazias, canalizava-as em direção aos órfãos, aos velhos, aos doentes, aos pobres do caminho... Mas sempre, e sempre, tendo como supremo coroamento da sua própria vida, a manifestação do Cristo em plenitude, em beleza, em bênçãos...

Até que um dia, encontrava-se já de tanto esperar desanimado em sua cela, quando a figura divinal se lhe apresentou: Os olhos azulinos como as águas tranquilas do Lago de Tiberíades, cabelos à nazarena e a figura como que entecida em névoa radiosa. E ficou o Frei extático ante a visão da cela, quando, imprevisivelmente, um retardatário da noite gelada batia com a sua canequinha no portão do mosteiro, dizendo das agruras da fome, e que não se podia fazer avançar além por falta de alimento. A estridência do bater da canequinha vazia se chocava com a absorção lá dentro da imagem divinal. O frade relutou por pequeno tempo, sem saber se iria atender ou se ficaria extático ante a imagem do Cristo... Mas depois, num impulso maior, resolveu atender ao pedinte da noite, e se lhe apagou a imagem linda pela qual tanto sonhara... Atendera ao doente, ao pedinte, reconfortara Lhe o estômago com a sopa quente, e dispensara-o em paz, com saudações fraternas. Voltara outra vez em direção a sua cela e meditava, triste, na linda imagem que tivera perdido, daquela visão pela qual suspirara a vida inteira, e justamente naquele dia em que fora acontecer, um ruído, um reclamo, uma turbacão exterior, impedindo-lhe a visão mística. Mas quando chegou assim, desconsolado e triste, na intimidade da cela — oh, maravilha! —, Jesus estava empolgantemente mais lindo, mais fascinante, à sua frente, e lhe disse:

"— Se você tivesse permanecido aqui eu teria saído".

Vê-se pela história, que ele deixou o Cristo para encontrar o próprio Cristo. Ele deixou Jesus, para encontrar a Jesus. Dentro de um sentido mais amplo, dentro de um conceito de amor que doa...

Ora, mas verificamos também, em torno do amor, um fato muito curioso. À medida que o ser evolui, passa a gostar de uma comunidade muito próxima; depois, amplia esta sua predileção, e vai a uma comunidade maior. E, assim, acontece o amor pátrio, a princípio, depois o amor que se derrama para outras famílias e outros continentes, e, em seguida, O amor que cobre toda a Terra. E, bem depois, conforme a capacidade do suportaçãõ de cada espírito, manifesta um amor que vai abarcando a humanidade inteira...

Lázaro [Espírito], em Paris, na mensagem que transmitira em 1862, cede uma frase fascinante:

"Quando Jesus proferiu a divina palavra Amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo".

É justamente o amor, o milagre de amor, que cancela o imenso abismo que existe entre a plenitude de Cristo e as nossas miserabilidades, e as nossas fraquezas, e as nossas falências. Se nós ficássemos entregues a nós mesmos, e se pudesse o amor furtar-se de nos atender, quando sairíamos de nossos rodopios evolutivos? Quando poderíamos quebrar a casca de nossas próprias limitações? A concha do egoísmo em que nos comprazemos, para nos fazer além, dentro da escala evolutiva.

Entretanto, nós sabemos que a finalidade máxima da vida é o amor; e quando o amor se entorna em plenitude de bênçãos, a vida, como que, fica mais suave e perfumosa.

Uma manifestação patente de amor agudo é nos contada em o Novo Testamento, na carta que Paulo de Tarso dirige a um amigo seu — Filemon, em Colossos.

Era Filemon o comerciante que ele mesmo doutrinara a Jesus e de quem recebia, surpreso, na sua prisão romana, depois que chegara a Roma prisioneiro, a visita de um escravo que abandonara Colossos. Viera ele fugido para Roma, mas não se acomodara ao ambiente libertino e fragmentado daquela capital. Após uma de suas preleções, na sala grande a que fora confinado, embora tivesse liberdade vigiada, porque era cidadão romano de Tarso — e Tarso tinha regalias oficiais por parte de César, embora Paulo fosse judeu também —, ao terminar a sua palestra vespertina, ele foi alcançado por aquele escravo, chamado Onésimo. E o escravo lhe dissera que estava fugido, em Roma, mas não conseguira agradar-se da capital e pretendia voltar a Colossos, mas não sabia como o seu senhor o receberia... Então Paulo, já cedido, macerado pelos sofrimentos, para consolá-lo, escreve uma das mais lindas cartas de Amor de que se tem notícia. É a Carta a Filemon, em o Novo Testamento, quando ele começa:

"Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e [Timóteo] à Afia, a Arquipo e ao nosso amado Filemon — e prossegue a carta — num pedido para que ele, Filemon, receba Onésimo, o seu escravo, não mais como escravo, mas como filho dele, Paulo, gerado no sofrimento daquelas algemas, daquelas prisões..." E ele prossegue:

"Talvez fosse melhor eu te determinar, Filemon, como me convém, entretanto, prefiro pedir-te, em nome do amor, sabendo como sei que tu és um discípulo do amor. Vai-te de volta Onésimo, teu criado que fugiu e tu o receberás não mais como escravo, mas como meu filho gerado do sofrimento dessas prisões. Quem te pede é Paulo. Eu, Paulo! Eu, velho! Eu, prisioneiro de Jesus Cristo!"

Ele numera três situações interessantes — "Eu, Paulo", pois já possuía uma forte influência no Cristianismo naquela região. Depois, ele diz: "Eu, velho!", o que subentendia as muitas lutas e peripécias pelas quais havia passado. Em seguida, diz: "Eu, prisioneiro de Jesus Cristo", e, por isso, se encontrava em total liberdade; porque os açoites, as pedradas, as algemas, nada lhe retiravam, absolutamente, a tranquilidade interior.

E naquela carta mesma — uma carta de amor —, encontra-se, provavelmente, dentro de toda a Bíblia, um único trocadilho. E o seu autor é Paulo de Tarso. Num seu versículo está escrito assim:

"Ele que te foi inútil noutros tempos, agora te volta útil".

Porque Onésimo, o nome do escravo em grego, significa: útil — Onésimos. Quando Paulo escreveu: ele que te foi inútil, por uns tempos, agora te volta útil, ele queria dizer: ele que em outros tempos te foi um Onésimo sem valia, agora voltará valoroso para o seu coração, substancializado no amor do Cristo. E ainda diz mais:

"Se te deveu alguma coisa ou se algum prejuízo houve, coloca-o na minha conta, que eu, Paulo, te pagarei".

Que coisa interessante! A carta da amizade-amor, depois de pedir, depois de situar, depois de localizar o escravo, ainda fala de possível prejuízo que ele tivesse dado ao senhor. E pede a Filemon o coloque a sua conta.

Nós outros, que aqui nos encontramos, encarnados e desencarnados a grande humanidade, o grande mundo —, embora não queiramos, por muitas vezes bitolados como estamos, embora não aceitemos ou não tenhamos sensibilidade para poder sentir, para poder preterir, mas o certo é que todos nós estamos empenhados ao amor do Cristo. É a misericórdia de Jesus que não deixa, absolutamente, nos confundamos com as trevas, permanecendo, indefinidamente, em seu seio ou em suas garras. Porque quando isto acontece, movimenta-se a Misericórdia de mais Alto, e surgem tecidas em nossa terra, as mais diferentes manifestações de dores morais e físicas. Porque somente a dor é grande e forte para tirar o espírito da sua recalcitrância, do seu orgulho, da sua vaidade, do seu inconformismo, do seu desespero e deslocá-lo em função do bem e da paz.

No Oriente, o cultivador de pérolas artificiais, pretendendo obtê-las, o que faz? Abre o corpo da ostra e introduz na mucosa dela um pequenino fragmento. Fragmento este que começa a arranhar a intimidade da ostra, e o molusco, para se ver livre do fragmento que o incomoda, começa a segregar uma substância chamada madrepérola, que envolve o fragmento, esferiza-se, consolida-se, e, assim, se obtém a pérola. Se a ostra não sofresse, a pérola não poderia ser obtida.

Existem verdadeiros cultivadores de ostras humanas — que somos nós —, no mundo espiritual. Quando tudo aqui se desmazela, de toda a forma, quando a criatura se mostra renitente, recalcitrante — que coisa esquisita a natureza humana —, semelhante a um luar: custa a trocar os passos, e, às vezes, quando troca, troca de má vontade. Se se deixasse a vida a critério do ser, ele não obraria sair das suas cogitações imediatas, impregnados nelas, imantados nelas. Por isto é que estes agulhões surgem de cima, patrocinados ou tecidos pelos Mensageiros espirituais, pelos cultivadores de pérolas espirituais, a fim de que a criatura se predisponha movimentação, em direção à Luz.

O amor se toca dessas belezas, e dessas grandezas. A princípio, no seu manifestar, ele pode ser muito grosseiro, sensorial, imediatista, particularista, egoísta. Mas depois, à medida que a vida vai se fazendo, vai avançando, ele também vai se adaptando, se modificando, até um dia, no escoar de milênios, pouco importa o tempo, ele se abre em beleza e se nos mostra na figura grandiosa do artista, do sábio e do santo, que são os seus expressadores no campo da forma.

E é interessante, de passagem, contar-lhes a lenda do amor, que é a lenda de Nayá, tal como nos é narrada por Alfredo Ladislau no seu livro Terra Imatura.

Diz-nos ele, na lenda de Nayá, que lá no norte do Brasil, naquela imensa aranha hidráulica que se encontra na extremidade do país, existia, há muitos e muitos anos, uma tribo. E essa tribo adorava um deus que tinha aspecto duplo, quer dizer, era um deus hermafrodita. Tinha uma fase masculina e uma feminina.

Quando ele se manifestava em forma masculina, procurava na tribo uma virgem com quem se relacionasse, por busca, para que a vida pudesse se perpetuar... E Nayá, a filha do cacique, possivelmente impressionada, por ouvir a lenda narrada por velhos guerreiros, tuxauas e morubixabas, mais velhos, foi se deixando, devagar, apaixonar-se, endoidecer-se, pelo deus Lua.

Em vão, os seus amigos, os da tribo, os guerreiros mais fortes, demoviam-na do louco intento de se casar com a Lua. Nas madrugadas de luz, pelos igarapés, pelas colinas e pela vegetação, corria Nayá — quando a lua se fazia linda... linda... sobre as nuvens —, querendo obtê-la, querendo possuí-la. Tinham-na de vigiar continuamente a fim de que acidentes não ocorressem por parte da jovem índia.

Mas Alfredo Ladislau termina a sua história dizendo que, numa noite em que Nayá burlara a vigilância de toda a tribo, andando... andando..., passou pelos vaiados e pelos igarapés, e se deteve, admirada, impressionada, frente a uma lagoa cujas águas estavam paradas, e olhou, no espelho delas, a lua no céu. E num paroxismo de amor, e num arrebatamento de amor, jogou-se às águas, para obter a lua, para possuir a lua, sacrificando-se assim...

Entretanto, por ter sido o seu amor tão grande, o deus Lua, em vez de transformá-la em mais uma estrela, como ocorrera a tantas da tribo, anteriormente, resolveu modificá-la, aqui mesmo na Terra, numa vitória-régia dos vaiados amazonenses. E quando, nas madrugadas de luz, os impuros olhares humanos não contemplam, abre-se nas margens dos igarapés uma vitória-régia, e dela surge Nayá, para receber o beijo da lua.

Não mais se nota, na índia transfigurada pelo sofrimento, a sua carnação compacta. Não mais se observa nela a correria, a sofreguidão, a impaciência de outros tempos, porque o sacrifício lhe refinara até mesmo o corpo, em que se expressava, para receber o beijo da lua, na perpetuação do amor.

Nisto vemos que, no amor, importa sacrifício. Infelizmente, nós compreendemos que quando não existe suficiente luz na alma — o que o Evangelho pode focar claridade no entendimento e que a doutrina espírita pode proporcionar —, a criatura fica sem condições de situar-se em pauta de destino e começa a hesitar-se, a ziguezaguear-se, por falta de uma orientação íntima. Entretanto, depois que ela tem o vislumbre evangélico, depois que ela tem a seu favor as bênçãos celestes, através dos guias que lhes falam para tempos novos — a mensagem de Jesus —, ela passa a compreender que o verdadeiro amor não aprisiona, o verdadeiro amor liberta. A diferença que existe entre amor e paixão é justamente esta — embora as duas sejam expressões em escalas diferentes. Enquanto a paixão abarca, perturba, pretende a tudo possuir sofregamente, egoisticamente, o amor, permanentemente liberta.

Infelizmente, ainda estamos muito longe de admitir a possibilidade de que possamos amar pessoas, em variados níveis de evolução, mas sem teleguiá-las, porque não é isto que há mil dadas vezes se dá. Nós dizemos que o nosso amor é muito grande, mas queremos exercer sobre os objetos de nosso amor — afetivos, familiares, de colegas, de repartições, de camaradagens —, nós queremos realizar uma verdadeira tirania, uma verdadeira imposição. Queremos que em nome do amor, as criaturas sejam escravizadas a nós. Queremos, em nome do amor, que elas percam completamente as suas caracterizações próprias, para serem nossas, para nos agradar, se nos constituir um verdadeiro papel carbono. Mas a vida não é assim, porque questão de gosto não se discute, e os seres não estão no mesmo nível de maturidade.

O que se pode considerar é que à luz do Evangelho, haveremos de romper essas amarras que tanto nos prendem a retaguarda, a fim de marcharmos impregnados do amor do Cristo. É Jesus que nos situará o caminho. É o julgo leve dele que deverá estar conosco:

"Vinde a mim todos vós que vos encontrais aflitos e sobrecarregados que Eu vos aliviarei".

É a mensagem da esperança, do conforto, da presença, do carinho, inegavelmente.

Entretanto, observemos como esta vazada a frase: "Vinde a mim."

Ele não obriga. Se a criatura quiser deslocar-se, ele atrai. Se a criatura não quiser deslocar-se num sentido benéfico, mais cedo ou mais tarde, ela se deslocará na base da dor, porque é da vida, da vida mais Alta, que se a criatura pudesse recalcitrar sempre, resistindo sempre, sem se encaminhar em função do bem, ela criaria um verdadeiro quisto, um verdadeiro curto-circuito no mecanismo das leis universais — o que seria um absurdo —, porque ela acabaria por decretar a sua própria falência e a capitulação das Leis Divinas, que não souberam prover e prever em benefício dela.

Então, quando as leis espirituais gastam: uma, duas, dez, quinze, vinte, cinquenta ou mais experiências, e que não obstante o ser resiste, a faceta da Misericórdia momentaneamente desaparece, e surge a faceta da Justiça. Ela, a criatura recalcitrante, irá aos trancos e barrancos. No seu psiquismo, na sua limitação, no seu raciocínio imediato, poderá pensar até que seja um estrago na sua natureza, que estão violando o livre-arbítrio dela. Mas o que fazer? Se ela mesma não sabe prover a respeito de si própria.

Examinando o pensamento do amor, chegamos à conclusão de que Jesus Cristo, em verdade, substancializa a vida. O Mestre é aquela Luz acesa na imensa noite da ignorância humana. E quem quiser, por aquiescência, inebriar-se na Luz dele, Ele ilumina. Quem não quiser, terá de purgar as suas revoltas e o seu desespero através de choques que importam na própria reação da Lei. Mas o amor é mensagem de vida. Sem ele, a vida não subsistiria. Nós não poderíamos nos movimentar, porque não teríamos a nosso favor os recursos da Misericórdia do Pai.

XVIII

A REVELAÇÃO ESPÍRITA

E A HOMOSSEXUALIDADE (59)

VIDKNTKMKNTE, NÃO FAREMOS AQUI estudo de homossexualidade, até porque para tal existem obras variadas e compêndios elaborados por sexólogos ou psicanalistas, ou ainda por especialistas que na dita área colhem dados e observações, há décadas, nem nos alongaremos historicamente no assunto em pauta, porque são milhares de livros que tecem considerações a respeito do "amor que não ousa dizer o nome"... (60)

Os vigentes preconceitos humanos são milenares e renitentes. Se, consoante o que nos informa a Doutrina Espírita sua progressiva eliminação corre "pari passu" com a evolução do Espírito, teremos de esperar, talvez, várias décadas, para que, devagar, outra visão possa ser obtida a fim de que a alma humana seja estudada, percebida e, sobretudo, sentida, com novos enfoques.

Através de idôneo órgão divulgador da Doutrina Espírita em São Paulo (Folha Espírita), o talentoso jornalista Fernando Worms, do Rio Grande do Sul, em série de artigos, buscou situar o estudo acerca daquela realidade psicológica que milhões de seres carregam, concernentes à sua sexualidade diferente da tradicional dicotomia mente-corpo catalogável na maioria das pessoas. O assunto, como não poderia deixar de ser, foi vazado em linguagem alta e digna, almejando trazer subsídios para o estudo e a colocação da homossexualidade (e transexualidade).

59- Newton Boechat escreveu este capítulo em meados de 1986. Com o passar dos anos, ele foi acrescentando algumas novas referências. Temos em nossos arquivos o original, em manuscrito, desse trabalho [Nota dos organizadores].

60-"O amor que não ousa dizer o seu nome", de François Porché [Nota de Boechat].

Admirou-se ele da granítica resistência psicológica, até mesmo no movimento espírita, quando a Doutrina é libertária na sua essência, a última que seria inclemente e inflexível para os que carregam provas desta natureza ou "que são o que são" na evidência de biologia diferente dos tradicionais padrões da heterossexualidade garantidora das formas físicas.

O Evangelho está a nos declarar que "quem menos ama menos perdoa" (Lc, 7:47). A Doutrina dos Espíritos habitualmente nos alerta para a nossa condição de espíritos faltosos e a vida, nos seus círculos reencarnacionistas, tem nos mostrado que, geralmente, nossas deficiências, carências e limitações são gêmeas de iguais condições das outras pessoas. É, portanto, sempre atual a lição "da primeira pedra." (Jo., 8:7.)

Sobejam-nos experiências na tribuna espírita, levando o conceito imortalista a diferentes pessoas e auditórios, em ambientes espírita, espiritualista, mundano, leigo etc. Foi um "sem fim" de contatos após as conferências com criaturas de diferentes armações mentais, emocionais e éticas, distribuídas em variadas faixas etárias, religiosas e níveis intelectuais e sociais. Curiosas umas, aflitas outras, buscavam-nos e buscavam, sem rodeios, objetivando informes, esclarecimentos ou necessitando de desafogo em suas próprias tensões.

Assuntos e questões dessa natureza devem ser focalizados lealmente e nenhum fenômeno da vida ou qualquer problema serão resolvidos fugindo deles. Há de se posicionar numa visão realista, aceitando-se as pessoas como são, sem diminuí-las ou refugá-las a pretexto de pretensa superioridade ou santidade falsa, até porque entre a meta de luz e a limitada realidade que somos nós, medeia um abismo.

Será que, realmente, estamos em condição de julgar? No fundo temos sido soberbos, aleijando-nos de corações que vivem suas vidas diferentemente? Estaria, principalmente, o espírita em condição de juiz, passando a "fita métrica" no alheio comportamento, pretendendo soluções róseas, imediatas, santas, quando a evolução se evidencia em lenta maturação, nos desgastes de reflexos "sem fim"? Não temos solicitado dos outros qualificações e virtudes dais quais ainda não vivenciamos singelos percentuais e não estamos dispostos, por enquanto, a suportá-los?

De maneira ideal, o espírita não deveria errar, ou errar menos, mas, mesmo quando erra, deverá advir-lhe uma lição em dois lances:

1º) A de que ele não é tão "santo" quanto supõe;

2º) a compaixão que deverá ter para com os que se equivocam e provavelmente não dispõem de dez por cento da visão de que dispõe o adepto da Terceira Revelação.

No trabalho presente, vamos, talvez sem um rígido sentido orgânico, focalizar a homossexualidade, um comportamento efetivo e afetivo do Ser encarnado ou desencarnado, de passo com as preciosas revelações espirituais filtrada por entidades nobres, de Mais Alto. Quedar-nos-emos assombrados ao ver que os preconceitos humanos correm mesmo por conta nossa, em contraposição com a vida em níveis Mais Altos, continuamente reformulando e mudando apreciações à medida que se deslocam as referências entre tipos e situações.

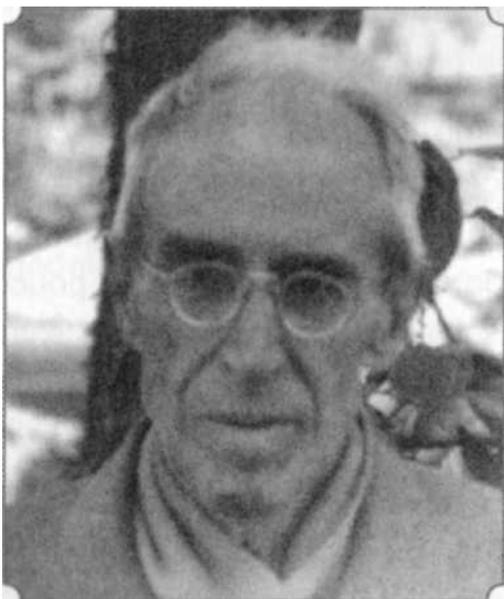
No respeitante à homossexualidade, é muito comum "pontificar", "condenar" e vazar conhecimentos muitas vezes cáusticos, quando as pessoas visadas não são irmãs, filhas, pais ou netas nossas, ou atreladas ao nosso mundo emocional.

César Burnier, talentoso confrade nosso, historiador e orador primoroso, observador, costuma dizer que "a alma é cheia de esconderijos... É incrível a capacidade de camuflagem na criatura, em seu mecanismo de defesa do ego". Podemos conviver com muita gente, durante muito tempo, até mesmo no reduto do lar, e conhecer muito pouco as pessoas. Fatores inúmeros incidem nelas, desenvolvendo astúcia e adaptações, para efeito de sobrevivência. Mas adiante, encontraremos o Espírito André Luiz a falar quanto a isso.

A dar crédito na existência de uma "queda espiritual" (veja Os Quatro Evangelhos, coordenados por Roustaing, O Sistema, de Pietro Ubaldi e O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, perguntas 120 a 125 e 262), **o ser infalido era unitário** e depois que infracionou o mecanismo das Leis Divinas se dualizou (abertura das duas polaridades), descendo suas dimensões e surgindo no universo fenomênico-dicotômico (energético-material). O que objetiva a evolução, em tempo incalculável é um cerzimento, uma restauração daquilo que se cindiu (ainda que haja na trajetória para a reharmonização, dores morais e físicas). Da queda das dimensões: Espírito —» Energia -» Matéria, recompõe-se a vida lentamente da Matéria —> Energia —> Espírito. E o preço da queda será sempre resgatado com a moeda da dor.

Verdade que esmagados embaixo, ofuscados pela própria queda, não podemos avaliar, racionalmente, o que seja o Esquema Harmonioso que preexistiu (Roustaing) ou o Sistema, de Ubaldi, ou as Esferas Superiores--Mundos Divinos (Kardec - O Livro dos Espíritos) ou o "Paraíso" (linguagem tradicional das religiões), porque justamente nos encontramos "anestesiados", "mortos em espíritos" nas dimensões baixas. Quase nos anulamos com a queda, se não fora em nós a existência da Centelha Divina (substância de Deus), indestrutível. Podemos corrompê-la, desagregamo-nos psicofisicamente, mas jamais nos anularemos como centelha espiritual.

O Espírito lidimamente considerado sem falência, sem queda, não é homem nem mulher (polaridades dualizadas), mas é unitário, soma, fusão das duas polaridades, que na escalada evolutiva vai cada vez mais unificando-se, tomando das duas polaridades e transfundindo-as e nunca pretendendo que uma substitua a outra (ex.: "serei homem (ou serei mulher) para sempre e não abro mão!"), do contrário ele se posicionaria numa só expressão ou asa. Por isso, em vão, nas esferas mais altas, refinadas, conseguir-se-á localizar o "macho" ou a "fêmea" (Roustaing — Os Quatro Evangelhos). Kardec, o grande missionário, foi inspirado quando escreveu:



Pietro Ubaldi (1886-1972)

"Se o Espírito só se reencarnasse como homem, só saberia o que sabem os homens" (comentário após a resposta da pergunta 202 de O Livro dos Espíritos).

Podemos fazer também o mesmo raciocínio para as mulheres.

Ninguém se deslocará para a Vida Eterna, nos ciclos reencarnacionistas, como homem ou apenas como mulher. Ocorrerá, inevitavelmente, o tricô com as duas cores, o homem, por exemplo, sendo representado pelo azul e a mulher pelo amarelo. O Espírito irá ficando cada vez mais verde — que é a mescla do azul com o amarelo. A evolução objetiva descaracterizar o "macho integral" ou a "fêmea integral", ou, pelo menos, quem se imagina como tal.

Kardec, apreciando a manifestação de Sanson (espírito muito evoluído), escreve que "os espíritos que ainda se supõem 'homens' ou 'mulheres', ou estão muito presos à biologia de que se ausentaram (materialidade), ou muitos singelos na Escala Evolutiva." (O Céu e o Inferno, adiante citaremos com amplitude.)

Se se supõem eles, assim, é porque ainda estão muito "anulados" ou "anestesiados" como Espíritos longe de uma "sensibilização" que lhes propicie a sentirem-se como Espíritos. (61) A evolução que é sinônimo de sensibilização cuidará disto, devagarinho. "A Vida não fala, a Vida age." (62) Ávida deixa o indivíduo pensar o que quiser, no seu grau evolutivo, mas ela vai operando de fato, nas experiências existenciais, o seu objetivo.

Houve exagerado machismo no mundo (quanto mais para a origem, mais brutalidade, mais ofuscamento) e ainda há muito! Provas? Inquiri-se ao chamado homem comum, "lugar comum", que está fortemente preso ou condicionado à manifestação heterossexual: "Podendo renascer na Terra, você quer voltar mulher?" A resposta virá pronta, carregada de resistência: "Deus me livre!" Por que "Deus me livre?" Perguntam-nos? O que esse homem pensa da sua própria mãe? Qual o juízo que faz da sua esposa, sua filha, sua neta, sua irmã?

Por isso é que a evolução não lhe deixa entregue as rédeas do destino vulgar. A evolução toma as providências para ele, porque Deus não criou "espíritos masculinos", nem "espíritos femininos", mas criou-os, simplesmente, Espíritos, habitando na morfologia masculina ou feminina, sem preferências. Em O Livro dos Espíritos, questão 201, Kardec pergunta aos Espíritos:

"Que prefere o Espírito, nascer homem ou mulher?"

Respondem eles:

"— Isto pouco lhe importa".

61-Quando Espíritos Superiores ou muito elevados se manifestam com forma masculina ou feminina é para atenderem à necessidade de identificação, não que sejam "machos" ou "fêmeas" [Nota de Boechat],

62-Pensamentos, Pietro Ubaldi, p. 105 [Nota de Boechat].

Mas na Revista Espírita, órgão de divulgação fundado pelo Codificador, há outros subsídios:

"O Espírito pode nascer homem ou mulher à vontade, conforme o gênero de provas a que vem submeter-se para o seu adiantamento; que a diferença não está senão em seu invólucro exterior." (Revista Espírita, junho, 1867). (63)

"Pobres homens! Se refletísseis que o Espírito não tem sexo; que o que hoje é homem pode ser mulher amanhã; escolhem indiferentemente e, por vezes, de preferência o sexo feminino...". (Revista Espírita, junho, 1867). (64)

"A mulher, sabeis-o, tem a centelha divina absolutamente como vós, porque a mulher é vós, como sois vós a mulher." (Revista Espírita, julho, 1867).BS

63- Allan Kardec, 1ª edição FEB, 2/2005, Brasília (DF), pp. 231-2 [Nota dos organizadores].

64- Dissertação Verbal, médium Sr. Morin, sonambulismo espontâneo, Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867, 1ª edição FEB, 2/2005, Brasília (DF), p. 235 [Nota dos organizadores].

65-Ibidem. P. 236.

O DR. IAN STEVENSON, Parapsicólogo, Psiquiatra, professor da Universidade da Virgínia (EUA) publicou interessantes obras, no livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, recolheu em vários pontos do mundo relatos que importaram pesquisa minuciosa, entre eles os acontecidos no Brasil. Aponta número considerável de casos de crianças e pessoas de morfologia masculina, mas basicamente femininas e vice-versa. Stevenson supõe que, cedo ou tarde, a reencarnação será estudada na órbita da homossexualidade ou no desencontro entre o "sexo mental" e "sexo físico".

Gnanatilleka Baddewithana (66) é um exemplo. Nascida havia um ano (1956) citou o nome dos ex-genitores; aos dois anos já dava informes da vida anterior, quando tivera dois irmãos e muitas irmãs e a cidade de Talawakele. Isto ficou apurado de sua última encarnação: em 9 de novembro de 1954, sua antiga família viu desencarnar aos 14 anos (13 anos e 9 meses) num hospital, o filho Tillekeratne (queda de um móvel). Foi ela mesma, Gnanatilleka, quem disse ter sido o tal menino antes.

A menina, indo à cidade onde vivera reconheceu a casa, ex-familiares, o D. Sumithapala, seu professor. Ela declamou frente ao professor um conto que ele lhe ensinara (na época de "menino"). Reconheceu a mãe, o pai, membros da família, mas tratou com certo desdém seu ex-irmão Buddhadasa.

Gnanatilleka foi visitada novamente em 1966 (aos 10 anos) e outra vez em 1970, já com 15 anos. Apresentava ainda temor subconsciente de médicos e hospitais e evitava galgar um ponto de onde pudesse despencar. Em 1970, Tillekeratne ia desaparecendo da lembrança de Gnanatilleka, de agora.

66- Ver *Reencarnação- Vinte Casos*, Ian Stevenson, Segunda edição Revisada e Ampliada. Centro de Estudo Vida 7 Consciência Editora Ltda. São Paulo (SP) 2010 pp 190-212 [Nota dos Organizadores]

O coronel Albert de Rochas, (67) antigo diretor da Escola Politécnica de Paris, pesquisou durante muitos anos a regressão de memória.

Honório Pires de Carvalho, no seu livro *Buscando o Caminho*, narra também fato que merece sintetizado.

Um paciente do Dr. Kelsey, de 40 anos, era desde a puberdade homossexual, membro da Igreja Anglicana, após 13 sessões de "Regressão", objetivando abrandar sua solidão, a hipnose revelou-o bela e ciumenta esposa hitita de um governador provincial que abandonou pelos encantos de um bonito moço.

A jovem abandonada pediu a um sacerdote de Baal a maldição para o esposo e "que morressem todos os que por ele viviam". Ela própria veio a sucumbir apunhalada.

Então veio a saber o Dr. Kelsey ter sido ele aquela mulher. Outra:

"Embora alto, atlético e vigoroso, o jovem tinha a ideia fixa de possuir algo de feminino em seus quadris, além de sentimento de culpa e inferioridade".

Em "regressão de memória" veio "a identificar-se como uma jovem filha de pequeno comerciante de uma cidade universitária a qual se apaixonara por um estudante nobre que a abandonou, tão logo se viu grávida".

Aos 5 meses de gestação, submetendo-se a várias e diferentes tentativas de aborto, resultou morrendo exangue e sozinha e aterrorizada numa miserável cozinha, amarrada à improvisada mesa operatória.

Em *A Gênese*, Kardec escreveu que "com a desencarnação desaparecem os preceitos de raça e casta, pois o mesmo espírito pode nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, livre ou escravo, homem ou mulher". (68)

67-Ver As Vidas Sucessivas, Lachâtre, Bragança Paulista (SP), 1ª edição, novembro/2002 [Nota dos organizadores].

68-Ver A Gênese, Capítulo I, Caracteres da Revelação Espírita, item 36, pp. 42-3, FEB, 1ª Edição Especial 3/2005, Brasília (DF) [Nota dos organizadores],

Há questão de alguns anos, o Dr. Hernani Guimarães Andrade em entrevista a Folha Espírita opinou sobre a Homossexualidade. Acredita o preclaro estudioso paulista, presidente do IBPP, que "a homossexualidade não é doença". Ele nada mais fez que reiterar o pensamento de Allan Kardec e Emmanuel.

Kardec.

"Quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal, numa nova encarnação, trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito, e poderá sob essa impressão conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres" (Revista Espírita, janeiro de 1866) (69)

Ora, anomalia é doença e aparente significa aquilo que aparece, mas não é. Porquanto, uma falsa doença.

A Organização Mundial de Saúde há alguns anos retirou a homossexualidade do quadro das enfermidades mentais, o mesmo acontecendo à Associação Psiquiátrica Americana (1973).

Hernani Andrade adota, ainda, a opinião de que homossexuais sofrem mais pela carga amarga e a ironia da sociedade sobre eles do que o juízo que fazem de si mesmos.

Emmanuel no livro Vida e Sexo esclarece que:

"Gradativamente a coletividade compreenderá que os conceitos de normalidade e anormalidade deixam a desejar quando se trate simplesmente de sinais morfológicos" (capítulo 21).(70)

69-1º edição FEB, Brasília (DF), 9/2004, p. 17 [Nota dos organizadores].

70- Ver Vida e Sexo, 5a edição FEB, 4/1977, Rio de Janeiro (RJ), p. 90 [Nota dos organizadores].

O caráter está, portanto, acima da morfologia. Do mesmo Espírito:

"As criaturas em experiência dessa espécie solicitam atenção e respeito, em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais" (capítulo 21). (71)

Neste citado capítulo, Emmanuel informa que:

"O fenômeno da bissexualidade vai aos poucos se pronunciando em todas as criaturas." (72)

"Recosturamento", diremos nós, das polaridades que a queda espiritual cindiu.

Mais ainda:

"O mundo de hoje caminha para o mais alto conceito-entendimento de problemas de amor e do sexo, porquanto, à frente da Vida Eterna, os erros e os acertos de irmãos de qualquer procedência, nos domínios do sexo e do amor, são analisados pelo mesmo elevado gabarito da justiça e da misericórdia". (73)

Os héteros e homossexuais têm erros e acertos...

"Isto porque todos os assuntos nessa área da evolução e da vida se especificam na intimidade da consciência de cada um".⁷⁴

O assunto é, portanto, privativo a cada pessoa e só a ela diz respeito.

Admito que os Espíritos sábios e superiores situam as coisas assim, porque, transferidos de dimensão e portadores de evolução acentuada que lhes prodigalizam visão interior, não mais se limitam a preconceitos milenares; vão desfolhando, pétala a pétala, a flor da ilusão, para o contato pleno da verdade sem véus.

71- Página 90 [Nota dos organizadores].

72- Ibidem.

73- Página 92 [Nota dos organizadores].

74- Emmanuel, Página 92 [Nota dos organizadores].

Quando o ínclito Emmanuel escreve que "milhões de homens e mulheres em experiências homossexuais solicitam atenção e respeito em pé de igualdade ao respeito e à atenção devidos às criaturas heterossexuais" (cap. 21), deve-se ler isto — essencializado e não pensando seja um floreado —, para aceitar o que se diz por aí, em tribunas espíritas, verdadeiros desacertos, como se "quem" fosse corpo e não espírito. Doutrina Espírita é a Doutrina dos Espíritos e não de gente encarnada. E no caso que estamos tratando existe "generalidade e concordância", princípio sustentado pelo Codificador. Há repetição de fato em vários níveis, a tipo único, como tão bem escreve Pietro Ubaldi, ao mostrar-nos que o objetivo é fundir a dualidade na Unidade.

Abordado a respeito da natureza "masculina" ou "feminina" do espírito Sanson, responde Allan Kardec (O Céu e o Inferno):

"Nós não nos conservamos de natureza masculina ou feminina: os espíritos não se reproduzem. Deus os criou à Sua Vontade e, por seus desígnios maravilhosos, quis que os espíritos se reencarnassem sobre a Terra, devia ajuntar a reprodução das espécies por macho e fêmea. Mas, vós o sentis, sem que seja necessária explicação alguma, os espíritos não podem ter sexo."
(75)

Em milhares e milhares de comunicações mediúnicas, por diferentes vias ou médiuns, nunca foram registrados homossexuais masculinos ou femininos serem trazidos à doutrinação em mesas dos chamados "trabalhos práticos". Ninguém viu isto, pelo menos em livros considerados sérios, por médiuns idôneos. Já a coisa pode mudar de figura quando envolve fatores negativos, tragédias, dramas, frustrações, mágoas passionais ou lesões do sentimento próprias ou a outrem impostas; mas têm nisto tudo tanto homossexuais quanto heterossexuais. A homossexualidade em si, no componente psicofísico, não é fatalidade negativa; pode vir a sê-lo, tal qual acontece nos relacionamentos promíscuos homens-mulheres ou mulheres-homens. Muita gente se entrega ao "jogo do prazer", querendo de qualquer maneira usufruir criaturas, transformando-se em objeto para a sua satisfação pessoal, sem nenhuma conscientização ou responsabilidade. É como se fosse à feira da esquina, comprasse uma fruta e a comesse... Jogando depois a "casca" (corpo físico) fora.

75-Ver 1º Edição Especial FEB, 10/2004, Brasília (DF), Capítulo 11, Sanson, item 11, P 222 [Nota dos organizadores]

Tanto h eteros quanto homossexuais necessitam de educação {Vida e Sexo — Emmanuel).

Aqui no Ocidente costuma-se encarar com exacerbação puritana a poligamia de alguns países orientais. Acontece, porém, que uma quantidade esmagadora de homens transformam-se em sult es ao longo da vida, neste lado do mundo, tendo em 10, 20 ou 40 anos se relacionado intimamente com dezenas, talvez centenas de mulheres. No caso, o harém foi o tempo que correu de sua juventude   velhice. Como na outra dimensão não há tempo contado como na Terra, tudo fica como agora.   promiscuidade ou não é?

A homossexualidade   condição da alma humana (fenômeno psicológico). Não deve ser estimulada nem reprimida. Não há "tratamento" para a homossexualidade porque ela não   "doença", devendo, sim, ser coordenada e responsabilizada (direitos e deveres) na legislação futura... e não tarda...

Tomar-se da criatura homossexual, principalmente maior, e pretender "torc -la" para que vire heterossexual   violência, tortura inominável, verdadeira mutilação. Ademais, imediatista e utilitarista como é o ser humano, ele não v  por que motivo terá de submeter-se a "tratamentos" caros, com dispendiosas idas a psiquiatras ou psicanalistas.

Como obrigar-se a um homossexual (homem ou mulher) a abster-se totalmente, provocar verdadeiro "arrolhamento" em si mesmo? Se ambos encontram-se em processo singelo ou médio de evolução e se a libido for cancelada, a alma se desmotiva cessando a possibilidade de realizações, porque se lhes fechou a porta da energia (o amor-sentimento se manifestando em grau qualquer). Mas os h eteros que os aconselham, amiúde, têm o "alimento íntimo" com alguém ou alguns, ou com muitos "algu ns"... , por semanas, meses ou anos... Conformer-se-iam aqueles? O certo é que nos tais "doutrinados" haverá buscas ou escapes na I>.r.«- da astúcia, porque eles não se deixariam matar impunemente, por "estrangulamento psicológico" (o sexo, sabemo-lo, vibra na base da vida).

Até lá, na chamada meta alta a que todos aspiram, heterossexuais e homossexuais v o abandonando suas cascalheiras, sua "ganga impura" nas bateias da dor ou das experiências, em lenta rarefação.

Estamos ainda bem longe das renúncias e desprendimentos espiritualizados dos santos e anacoretas. Eles são exceções no campo da vida, produto de séculos ou milênios de adaptações e vontade impulsionada numa só direção. Temos de raciocinar e compreender sobre a existência de infinitos graus na escala evolutiva. Estamos mais próximos de nossas origens do que de nossas supremas realizações.

Convém verificar o que diz o instrutor Félix quando arguido sobre o assunto:

"Acrescentou, entretanto, que no mundo porvindouro os irmãos reencarnados, tanto em condições normais, quanto em condições julgadas anormais, serão tratados em pé de igualdade, no mesmo nível de dignidade humana. Reparando-se as injustiças assacadas há séculos contra aqueles que renascem sofrendo particularidades anômalas, porquanto a perseguição e a crueldade com que são batidos pela sociedade humana lhes impedem ou dificultam a execução dos encargos que trazem à existência quando não fazem deles criaturas hipócritas, com necessidade de mentir incessantemente para viver sob o Sol que a Vontade Divina ascendeu para todos." (76)

Se vai ocorrer equiparação, obviamente não mais existirá discriminação.

É ato de caridade fazer chegar estes esclarecimentos aos que vivem realidade psicofísica diferente da maioria ou aos seus familiares ou amigos para que muitas lágrimas sejam estancadas e dissabores minimizados. Mas sempre fazendo questão de ressaltar a responsabilidade e a conscientização que devem seguir com as pessoas, a fim de que não se desvairem elas nas aventuras inconsequentes, brincando com os sentimentos alheios e "coisificando" gente.

76-Sexo e Destino, Espírito André Luiz, médium F. C. Xavier, 5a edição FEB, 3/1975, Rio de Janeiro (RJ), capítulo IX, p. 274 [Nota dos organizadores].

Pesquisadores opinam que a média atualmente é de dez por cento de homossexuais em cada povo. A revista Manchete publicou recentemente reportagem sobre as condições homossexuais no mundo. A reportagem da citada revista é intitulada "Você é homem ou Mulher?" Diz ela que já se foi o tempo em que se afastava a fralda do bebê para saber "se é homem ou mulher". Geneticistas, embriologistas, psicanalistas e psicólogos já estão pouco crentes na verificação apenas através do sexo morfológico.

Surge, então, André Luiz a orientar-nos:

"A sede do sexo não se acha no corpo, mas na alma, em sua sublime organização". (77)

"A Genética mais hoje, mais amanhã, poderá interferir nas camadas secretas da vida humana, perturbando a harmonia dos cromossomos, no sentido de impor o sexo ao embrião; todavia não atingirá a zona mais alta da mente feminina ou masculina, que manterá característicos próprios, independente da forma exterior ou das convenções estatuídas". (78)

Não faz muito tempo, o jornal O Globo (de 5.7.1986. "Japoneses escolhem Sexos dos Bebês"), do Rio de Janeiro, publicou que os japoneses estão pensando em promover à luz da genética a produção de centenas de milhares de "machinhos" para compensar o desequilíbrio populacional de certas áreas. Daí, como diz o Hermínio de Miranda, a necessidade de "uma ética para a genética".

O fenômeno da natureza humana é o que é. As adaptações longuíssimas ("bissexualidade que quase todos os Espíritos possuem" — Emmanuel — Vida e Sexo — capítulo 21) têm de ser do Ser e não da técnica ou da química dirigida.

As características masculinas e femininas vão se "descaracterizando", paulatinamente, à medida que o Espírito avança na evolução, escreve André Luiz:

77- No Mundo Maior, Espírito André Luiz, médium F. C. Xavier, capítulo XI, Sexo, 6ª edição FEB, Rio de Janeiro (RJ), 11/1973, p. 156 [Nota dos organizadores].

Página 160 [Nota dos organizadores].

"Quanto à perda dos caracteres sexuais, estamos informados de que ocorrerá, espontaneamente, quando as almas humanas tiverem assimilado todas as experiências necessárias à própria sublimação, rumando após milênios de burilamento, para a situação angélica, em que o indivíduo deterá todas as qualidades nobres inerentes à masculinidade e feminilidade, refletindo em si, nos degraus avançados da Perfeição, a glória divina do Criador." (79)

Os Espíritos têm energias criadoras e não aparelho genital definitivo. Outra não é a essência da pergunta 200 de O Livro dos Espíritos:

"Têm sexo os Espíritos?". Resposta:

"Não como entendeis..."

Mas têm sem rígido condicionamento morfológico ou uma definitiva "topografia física".

Noutro ponto do livro *Evolução em Dois Mundos*, André Luiz esclarece que os dois últimos centros de força (chacras) que se desfiguram no perísprito são o gástrico e o genésico (fome de amor que vibram na base da vida, milenarmente). Em níveis espirituais inconcebíveis para nós, humanos, o organismo espiritual será um "pulsante vibrátil" destituído de qualquer ideia de anatomia humana.

Pietro Ubaldi, médium de A Grande Síntese, o inspirado da Úmbria, um dos maiores espíritos vindos à Terra com missão de rasgar os véus da ignorância, escreve em *Ascensões Humanas*, pág. 12 (Ed. LAKE):

"A diferenciação morfológica no Espírito Humano é produto de queda espiritual". (80)

79-Evolução em Dois Mundos, Espírito André Luiz, médiuns F. C. Xavier e Waldo Vieira, 4a edição FEB, 8/1977, Rio de Janeiro (RJ), Segunda Parte, Capítulo XII, "Diferenciação do Sexo", pp. 193-4 [Nota dos organizadores].

80-A própria cisão do tipo humano, em dois sexos, é uma forma evoluída, em que cada unidade procura completar-se na outra metade, sem a qual permanece incompleta Pietro Ubaldi, Ascensões Humanas, Fundápu, Campos (RJ), 3J edição, 1983, p. 20 [Nota dos organizadores].

Ela é resultado do dualismo em que se cindiu a unidade. Tanto que o mesmo André Luiz avança no citado livro *Evolução em Dois Mundos*:

"Há por isto consórcios de infinita gradação no planeta terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico antes que as engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia". (81)

Numa palavra: O objetivo máximo da Evolução é o Ser atingir justamente aquela situação em que estava antes da queda. Mas esta recomposição é tecida em dor (moral ou física, devido à revolta propulsora da queda).

Em nosso presente evolutivo nada estamos encontrando que seja realmente novidade, a "primeira vez". Posicionamo-nos justamente naquela altura de reconquista do que se anulou, em face à descida vibratória provocadora da brutalidade da queda. Mas, no ápice, Deus recebe com o mesmo amor "tanto os que se transviaram quanto os outros" (Resposta da pergunta 126 de O Livro dos Espíritos).

É sempre oportuno lembrar que "há os que se transviaram" e "os outros" que permaneceram aderentes ao Esquema de Harmonia existente desde o Princípio. Se todos os Espíritos fossem obrigados a errar, para aprender, haveria a fatalidade do mal na Obra Divina.

Em *Problemas Atuais* (82), *Problemas do Futuro* (83) e *Descida dos Ideais*, (84) Ubaldi, inspirado, escreve que "as polaridades masculinas e femininas devem ser somadas e nunca uma substituir a outra". "O tipo completo, espiritual, é a fusão das duas polaridades do ser".

81- *Evolução em Dois Mundos*, Espírito André Luiz, médiuns F. C. Xavier e Waldo Vieira, 4a edição FEB, 8/1977, Rio de Janeiro (RJ), Segunda Parte, Capítulo XVIII, "Sexo e Corpo Espiritual", p. 144 [Nota dos organizadores].

82- Pietro Ubaldi, 2a edição Fundápu, Campos (RJ), 1981, capítulo VI, "A Teoria da Reencarnação" (1º Parte), pp. 212-3 [nota dos organizadores].

83-Pietro Ubaldi, 3a edição, 1983, Fundápu, Campos (RJ), capítulo XII, "Equilíbrios", pp. 182-197 [Nota dos organizadores].

84-Pietro Ubaldi, 2a edição, 1984, Fundápu, Campos (RJ), capítulo IX, "Psicanálise das Religiões o Aspectos do Cristianismo", p 247 [Nota dos organizadores]

Escudados assim na contraprova da fonte, não nos afastamos um centímetro do que se constitui a Revelação Espírita atinente ao tema abordado por nós. Se a própria reencarnação ainda é bicho de sete cabeças, imaginemos "algo" que tem sido milenarmente um tabu: o sexo.

Todos sabem que no 1ª "Pinga-Fogo" a que Chico Xavier compareceu, ele respondeu a inúmeras perguntas diretamente. A respeito da realidade psicobiológica assim falou:

"O homossexualismo, tanto quanto a bissexualidade ou bissexualismo, como a assexualidade são condições da alma humana. Não devem ser interpretadas como fenômenos espantosos, como fenômenos atacáveis pelo ridículo da humanidade. Tanto quanto acontece com a maioria que desfruta de uma sexualidade dita normal, aqueles que são portadores de sentimentos de homossexualidade ou bissexualidade são dignos de nosso maior respeito e acreditamos que o comportamento sexual da humanidade sofrerá, no futuro, revisões muito grandes porque nós vamos catalogar do ponto de vista da ciência todos aqueles que podem cooperar com a procriação e todos aqueles que estão numa condição de esterilidade. A criatura humana não é só chamada à fecundidade física, mas também à fecundidade espiritual". (85) No 2º "Pinga-Fogo" a que Chico Xavier compareceu, transcrito no livro que saiu à época, intitulado Chico Xavier— dos Hippies aos Problemas do Mundo, (86) respondendo pergunta formulada pelo Dr. Hernani Andrade, diretor do IBPP, assim considerou: Mas não devemos desconsiderar de maneira alguma a maioria dos nossos irmãos que vieram e que estão na Terra em condições inversivas do ponto de vista do sexo, realizando tarefas muito edificantes no caminho da redenção de seus próprios valores íntimos. "Consideramos isto com muito respeito e acreditamos que a legislação do futuro saberá criar dentro da família, sem abalar as bases da família, a legislação humana saberá incorporar à família humana todos os filhos da Terra, sem que a frustração afetiva venha continuar sendo um flagelo para milhões de pessoas".

85- Ver "Pinga-Fogo" com Chico Xavier, Saulo Gomes, Entrevistas, Catanduva (SP), março de 2010, p. 105 [Nota dos organizadores].

86-Edição LAKE 3º edição, capítulo 25, pp. 223-4. Ver também Ibidem pp 223 -I [Nota dos organizadores]

"Devemos ter esperanças de que todos os filhos da Terra serão amparados por leis magnânimas com base na família humana para que o caráter impere acima dos sinais morfológicos e haja compreensão humana bastante para que os problemas afetivos sejam resolvidos com o máximo respeito às nossas leis e sem abalar de um milímetro o monumento da família que é a base do estado".

Acrescenta André Luiz, no seu livro *Ação e Reação*:

"Não será preciso alongar elucidacões. Considerando-se que o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do Ser, é natural que o Espírito acentuadamente feminino se demore durante séculos e séculos nas linhas evolutivas de mulher, e que o Espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem. Contudo, em muitas ocasiões, quando o homem tiraniza a mulher, é conduzido pelos agentes da Lei Divina a renascimento doloroso em corpo feminino, ocorrendo idêntica situação à mulher criminosa, requisitando quase sempre a internação em corpo masculino. Nessa definição, porém, não incluímos os grandes corações e os belos caracteres que em muitas circunstâncias reencarnam em corpos que não lhes correspondem aos mais recônditos sentimentos, posições solicitadas por eles próprios, no intuito de operarem com mais segurança e valor de si mesmos, como também a execução de tarefas especializadas". (87)

Então, a madureza dos tempos propiciará a elaboração de leis que terão por escopo dar amparo legal a essa realidade psicológica diferente, que engloba milhões de pessoas em todo mundo.

Evidentemente, diversificam-se de casos, como variam as pessoas homossexuais. Vão dos prudentes aos debochados, dos discretos aos abusivos. Tot caput foi sensus [Cada cabeça, cada sentença], como apregoavam os antigos romanos.

87- *Espírito André Luiz, médium F.C Xavier 7º edição FEB, 12/1980, capítulo 15, p.209 [Nota dos organizadores]*

Heterossexuais pretenderem julgar homossexuais pelas circunstâncias padronizáveis, será o mesmo que alguém, portando lentes côncavas, pretender enxergar uma imagem reta.

Quando se nos apresenta um homossexual (masculino ou feminino), temos duas perguntas:

1º) Como é que quereríamos que ele fosse?

2º) Qual é a solução que teremos para que ele não fosse mais?

Fala-se, ultimamente, da existência de "tratamento" na Suíça, tentado reverter o homossexual em heterossexual. Dito "tratamento" custaria 250.000 dólares (estamos em 2/90). Boa pedida para o brasileiro que "vive" com o salário mínimo.

Adão, quando foi criado, o foi bissexual. Em Gênesis, 1:27, Jeová o fez "macho-fêmea"; só no capítulo 2:22 é que apareceu a mulher, segundo o relato bíblico em sua tradicional simbologia.

Os saduceus perguntaram a Cristo a qual dos sete irmãos pertencerá a mulher que, consoante a Lei Mosaica, casou-se com cada um deles, sem deixarem semente. A mulher também morrerá sem deixar filho. Cristo lhes responde:

"Errais não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus; porque na ressurreição nem casam, nem são dados em casamento, mas serão como os anjos no Céu." (Mt., 22:29-30.)

Na Ressurreição a que se alcança quando se perde o último ponto de sombras, diluído na Glória da Luz de Deus, o primado é unicamente do Espírito, sem revestimento de matéria e energia, vestiduras a que chegou o Espírito quando baixou a frequência vibratória, na brutalidade em que se envolveu ao se ausentar do Esquema Harmônico da Lei, trocando-o pelo fruto de uma grande ilusão.

A CIDADE ESTRANHA (88)

"Incapacitados de prosseguir além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando, entre si, a dominação da Terra. Conservam, igualmente, quanto ocorre a nós mesmos, largos e valiosos patrimônios intelectuais e, anjos decaídos da Ciência, buscam, acima de tudo, a perversão dos processos divinos que orientam a evolução planetária". (Xavier, F. C. — Libertação, pelo Espírito André Luiz; Rio de Janeiro: FEB, 1949, Cap. I, p. 20).

88- Este artigo foi publicado na Folha Espírita, São Paulo (SP), por Karl W. Goldstein, pseudônimo do Dr. Hernani Guimarães Andrade, na época Presidente do IBPP- Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas e grande amigo do Newton Boechat. Em carta pessoal a Jorge Damas Martins, de Lisboa - Portugal, de 9 de agosto de 1979, Boechat escreve: "O 'IBPP' do Hernani é muito conhecido e gente fina com quem dialogo, após às palestras, perguntam por ele e suas monografias". Boechat se apresentou na Europa como Membro Correspondente do IBPP Em outra carta a Jorge Damas, agora de Paris, de 6 de outubro de 1979, Boechat diz: "A reunião de hoje, às 15 horas na 'USFIPES' -Union des Sociétés pour L'Investigation Psychique et L'Étude, secretariada por André Dumas, foi muito boa!... André Dumas, muito gentil, me ofertou livro de sua autoria La Ciencia de L'Ame de 495 páginas. Disse que já conhecia o IBPP de nome e que leu trabalhos do Hernani, em inglês" [Nota dos organizadores].

NOS PLANOS DO ASTRAL INFERIOR

EM 1949, A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA lançou a obra intitulada *Libertação*, ditada pelo Espírito André Luiz através da psicografia de Chico Xavier. Este trabalho contém minucioso relato acerca das regiões umbralinas situadas no mundo astral inferior. Em obras anteriores, André Luiz já houvera também feito alusões a essas tenebrosas zonas purgatoriais existentes no Além.

Com o desenvolvimento da Transcomunicação Instrumental (TCI), efetuada por inúmeros investigadores nos EUA e principalmente na Europa, obtiveram-se interessantes revelações a respeito das paragens espirituais inferiores, que confirmam e complementam as informações fornecidas por André Luiz, através da mediunidade do nosso querido Chico Xavier.

As primeiras alusões detalhadas, feitas por comunicadores espirituais, às zonas do astral inferior, obtidas através de instrumentos, encontram-se na obra de Friedrich Juergenson, intitulada: *Sprechfunk Mit Verstorbenen* (1967). Este livro foi vertido para o português e editado, em 1972, sob o título *Telefone Para o Além*, pela editora Civilização Brasileira.



Hermani Guimarães Andrade (1913- 2003)

No capítulo 20 do trabalho de Friedrich Juergenson, encontram-se interessantes descrições acerca do que ele chama de "cavernas do submundo". Ei-las:

"Depois me foi descrito o plano inferior que abriga os representantes de pavorosas deformações do espírito humano. Tais deformações podiam assinalar-se como consequência direta da crueldade em geral, cuja força cega criou, dentro da plasticidade de fácil configuração da matéria das esferas sutis, regiões ocultas, que os meus amigos chamam de cavernas. As ondas negativas de pensamentos e emoções — sobretudo o pavor, a inveja e o ódio — mediante a força do desejo e da imaginação, formam, facilmente, com a matéria astral, elementos que correspondem exatamente ao caráter desses impulsos emocionais. O estado da coisa em si, ou seja, a formação do ambiente parece processar-se de modo quase automático, independentemente, portanto, da vontade individual". (Juergenson, 1972, p. 80-81.)

Os Espíritos daqueles que sistematicamente praticaram o mal, exercendo a crueldade e vivendo à custa de atividades criminosas, ao morrer resvalam automaticamente para o interior dessas cavernas do astral inferior. Ali demoram anos e até séculos, engolfados em delírios horrendos e sofrendo terríveis torturas criadas por eles próprios, como consequência dos fatores ideoplásmicos criados pelas suas mentes enfermigas e maléficas.

Hernani Guimarães Andrade (1913-2003).

Juergenson foi informado pelos seus amigos espirituais comunicantes, através de instrumentos eletrônicos, que sobrevieram mudanças significantes para os habitantes daquelas regiões tenebrosas. Estas mudanças têm ocorrido graças à "propagação de ondas especiais de rádio". Tais ondas criadas no próprio Plano Astral, por técnicos desencarnados, "atuam de forma estimulante sobre os encarcerados naquelas lúgubres cavernas". Devido à sua natureza mecânica e impessoal, as referidas "ondas" produzem um despertar casual e passageiro nos Espíritos em estado de intensa perturbação, facilitando o estabelecimento de um melhor contato com eles. Por esta razão um certo grupo de Espíritos resolveu irradiar uma onda especial de propagação, visando a apressar o reerguimento dos referidos condenados.

Esta operação libertadora, cuja denominação é "Despertar dos Mortos", tem um papel relevante. Como diz Juergenson, embora possa parecer fantástico, tudo indica que "a maioria dos mortos das regiões do astral inferior encontra-se em um estado de sono profundo, principalmente aqueles que tiveram morte violenta". (Opus cit, p. 81.)

A referida operação de "despertamento" equivale a uma intervenção psíquica — diz Juergenson — mediante a qual os adormecidos podem ser arrancados do jugo de seus pesadelos e obsessões. Ele acrescenta o seguinte: — "Esse sonho astral, que é uma espécie de tolhimento, é intensamente vivido pelos adormecidos com imaginação plástica fluídica, portanto, como realidade objetiva. Com o despertar, eliminar-se-ia uma parte das maiores dificuldades, pois então os mortos encontrariam aberto o caminho para os seus novos planos de existência em comunhão com almas humanas". (Opus cit, p. 81.)

Estas operações de despertamento e resgate de entidades devedoras situadas nos abismos do astral inferior têm sido levadas a efeito há muitos milênios e por variadas formas. Incumbem-se delas os espíritos das esferas mais elevadas. Dessa forma, periodicamente, levadas imensas de entidades espirituais são reinjetadas nas correntes da vida carnal, provocando mudanças profundas nos hábitos sociais, revoluções, guerras e também progresso, desenvolvimento cultural e técnico. Os Mentores Espirituais que orientam o processo evolutivo da humanidade dosam, sabiamente, o ingresso dos "ingredientes" espirituais na massa humana planetária, de maneira a obter-se, finalmente, algum progresso efetivo das criaturas. (89)

89- Semelhantemente, comenta Emmanuel: "Não se administra à criança a alimentação devida ao adulto e não se oferece ao adulto a alimentação artificial da chupeta". Ver Seara dos Médiuns de F. C. Xavier, Espírito Emmanuel, FEB, 2a edição, 10/1973, lição: "Revelações e Preconceitos", p. 168 [Nota dos organizadores].

Está claro que, concomitantemente, retornam à esfera em que vivemos, também, aqueles Espíritos missionários que se destinam a promover a elevação intelectual e moral dos homens, o desenvolvimento científico e tecnológico, a melhoria das condições de vida etc. Em contato com a influência desses Seres Superiores encarnados, as entidades inferiores devolvidas às correntes da vida carnal ganham um certo aprimoramento, ao mesmo tempo que contribuem para a maior aperfeiçoamento dos Espíritos missionários incumbidos de ensiná-los.

Tal processo de interação dialética vem se processando ao longo dos milênios, representando a paciente sistemática forma como a Divina Consciência opera no sentido de levar as criaturas à máxima perfeição. Quem compulsar cuidadosamente a História, verificará a realidade dessas transformações periódicas; dos momentos de grandes crises, lutas e tragédias sociais, seguidas de progresso e revoluções nos costumes e comportamento humanos. Esse atrito constante, gerador de altos e baixos, seguidos de mudanças e progresso, não ocorre apenas no total da humanidade. Tal fenômeno manifesta-se, também, particularmente, em cada setor da vida diária, nos países, nos estados, nas cidades, nos núcleos menores de atividade, nos lares e nos próprios pares de indivíduos.

Para termos uma ideia do preparo de uma operação de reciclagem de Espíritos devedores, destinados ao reingresso nos circuitos da vida carnal, tomamos, como exemplo, um episódio que nos foi relatado há trinta anos pelo nosso caro amigo, o conferencista espírita Newton Boechat. Ei-lo:

A CIDADE ESTRANHA

EM 1959, FICAMOS CONHECENDO Newton Boechat. Ele acabara de findar um roteiro de palestras e, passando por São Paulo, aproveitou a oportunidade para visitar-nos iniciando então um relacionamento amistoso conosco, o qual tem durado até os dias de hoje, cada vez mais firme e cordial.

Naquela ocasião ouvíamos, interessados, as informações muito atualizadas que Newton nos comunicava sobre o movimento espírita e, particularmente, a respeito de seu convívio com o grande médium de Pedro Leopoldo: Chico Xavier.

Newton Boechat esteve recentemente no IBPP, para uma breve visita, dia 16 de janeiro de 1989, às 14 horas, em companhia do professor Apoio Oliva Filho e sua digna esposa, D. Neyde Grandolfi Oliva. Nesta oportunidade aproveitamos para relembrar o nosso primeiro encontro ocorrido há trinta anos. Pedi ao Newton que tornasse a contar o episódio que lhe fora revelado pelo Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, e que ele me transmitira naquela ocasião em que nos vimos pela primeira vez. Os que conhecem o Newton são testemunhas da sua notável memória. Aproveitamos então para obter a gravação do seu depoimento e conservá-lo, mais fielmente, para a posteridade e para os arquivos do IBPP (90). Eis uma sùmula do que nos foi informado pela segunda vez:

Newton Boechat iniciou explicando que inúmeros fatos têm sido contados por Chico Xavier, em caráter íntimo, aos seus amigos, e que, na ocasião, algumas vezes não era oportuna a sua revelação ao público. Entretanto, com o passar do tempo, tais confidencias, foram se tornando livres de censura e poderiam ser dadas a conhecer sem quaisquer inconvenientes. Assim, por exemplo, quando Newton estivera com Chico Xavier, em 1947, na cidade de Pedro Leopoldo, o livro intitulado No Mundo Maior tinha sido recentemente psicografado por aquele médium (mais precisamente terminou de recebê-lo em 25 de março de 1947). Nesse livro há um capítulo versando sobre o sexo (cap. XI). Cerca de trinta por cento da matéria deste capítulo recebida psicograficamente teve de ser suprimida, para não causar reações negativas, devido aos preconceitos ainda vigentes em nosso meio, naquela época. Somente mais tarde, puderam vir a lume livros que abordaram, um tanto, livremente, as questões ligadas ao sexo.

90- Há várias gravações do Newton Boechat nos arquivos do IBPP. Possuímos cópias dessas gravações que a gentil Suzuko Hashizume, que secretariava o instituto, nos enviou [Nota dos organizadores].

Mas o episódio que Newton ficou sabendo, foi-lhe relatado justamente logo após o Chico Xavier haver recebido o livro No Mundo Maior, aproximadamente há uns quarenta e um anos. Em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, havia um bambuzal onde o médium costumava passear e conversar com os amigos que o procuravam. Foi ali que Chico revelou o caso ao Newton. Ei-lo:

Em um dos constantes desdobramentos astrais ocorridos com o nosso médium maior, durante o sono, Emmanuel conduziu o duplo-astral de Chico Xavier a uma imensa "cidade espiritual", situada numa região do umbral. Esta lhe pareceu extremamente inferior e bastante próxima da crosta planetária.

Era uma "cidade estranha" não só pelo seu aspecto desarmônico e antiestético, como pelas manifestações de luxúria, degradação de costumes e sensualidade dos seus habitantes, exibidas em todos os logradouros públicos, ruas, praças etc. Emmanuel informou ao Chico que aquela vasta comunidade espiritual era governada por entidades mentalmente vigorosas, porém, negativas em termos de ética e sentimentos humanos. Eram esses maiorais que davam as ordens e faziam-se obedecer, exercendo sobre aquelas entidades um poder do tipo da sugestão hipnótica, ao qual tais Espíritos estariam submetidos, ainda mesmo depois de reencarnados.

Pelas ruas da referida cidade estranha desfilavam de maneira semelhante a cordões carnavalescos, multidões compostas de entidades que se esmeravam em exibições de natureza pornográfica, erótica e debochada. Os maiorais eram conduzidos em andores ou tronos colocados sobre carros alegóricos, cujos formatos imitavam os órgãos sexuais masculinos e femininos.

Uma euforia generalizada parecia dominar aquelas criaturas, ou, mais apropriadamente, assistia-se a uma "festa de despedida" de uma multidão revelando a certeza da aproximação de um fim inexorável, que extinguiu a situação cômoda até então usufruída por todos. De fato, aqueles espíritos, sem exceção, haviam recebido um aviso de que estava determinado, de maneira irrevogável, pelos "Planos da Espiritualidade Superior" o seu próximo reingresso à vida carnal na Terra. A esse decreto inapelável não iriam escapar nem os próprios maiorais.

ALGUNS ANOS SE PASSARAM

O RELATO DE NEWTON BOECHAT fora-nos transmitido aproximadamente dez anos depois do seu bate-papo com Chico Xavier, em Pedro Leopoldo. Na ocasião em que nós o ouvimos, o fato causou-nos forte impressão e pudemos gravá-lo bem na memória.

Cerca de doze anos se passaram depois que Newton nos fez esta revelação, lembramo-nos de que ainda trabalhávamos em uma Divisão do DAEE, em São Paulo. Um dos nossos colegas havia regressado de uma viagem de férias. Ele estivera nos países do norte da Europa e, surpreendidíssimo, vira em bancas de jornais, em algumas capitais, revistas pornográficas expostas à venda livremente. Impressionado com aquela novidade, ele adquiriu algumas revistas e trouxe-as para mostrar aos amigos o que estava se passando naqueles países "ultracivilizados".

No dia em que o nosso colega recomeçou a trabalhar, ele nos mostrou as tais revistas. Imediatamente, lembramo-nos do episódio que nos fora relatado pelo Newton e, inadvertidamente, deixamos escapar uma expressão que nenhum dos nossos colegas entendeu:

"Oh! Eles já estão aí!"

Realmente, percebemos imediatamente que aquelas revistas deviam ser um dos sinais típicos do reingresso daqueles Espíritos que jaziam nas zonas do baixo astral, na corrente da vida terrena. Com eles viriam mudanças profundas nos costumes da humanidade: a licenciosidade; as "músicas" ruidosas e desequilibrantes; a rebeldia dos nossos filhos; a instabilidade das instituições familiares e sociais; e, finalmente, o que presenciávamos, hoje em dia, com o recrudescimento da criminalidade e da insegurança, além do cortejo de outros inúmeros problemas com os quais se defrontam as criaturas humanas neste atribulado fim de século.

CONCLUSÃO

E' ELEMENTAR, E POUCOS IGNORAM, que a história da espécie humana apresenta-se pontilhada de períodos de grandes crises seguidos de fases de prosperidade e reequilíbrio. É semelhante a uma sucessão de ciclos que se desenvolvem como uma espiral em constante ascensão. Há um lento progredir, apesar dos episódios negativos. Provavelmente, os "Planos Superiores da Espiritualidade" velam pela humanidade, dosando sabiamente os "Ingredientes" injetados na corrente da vida: a par dos Espíritos rebeldes, reencarnam também aqueles que lutam pelo bem, pela Ciência e pelo aperfeiçoamento do homem.

Não percamos a esperança...

NEWTON BOECHAT
É PRESO EM FORTALEZA

ÁVIDA É ARTEIRA! Quando e onde e com quem menos se espera chega, como que de improviso, beirando a traquinice.

Newton Boechat foi fazer palestra em Fortaleza (CE), em 1964, e ao ser fotografado fazendo turismo frente ao Forte N. S. da Assunção, ele e os irmãos anfitriões foram conduzidos à 10a Região Militar.

O fato no mínimo inusitado nos chegou às mãos pela gentileza do confrade e grande pesquisador de Vianna de Carvalho e Bezerra de Menezes, o cearense Luciano Klein Filho.

Luciano, hoje Presidente da Federação Espírita de Ceará, enviou-nos uma carta pessoal revelando os fatos:

"Caro amigo Jorge,

Perdoe-me a demora na entrega do artigo sobre o nosso Newton Boechat.

A demora deveu-se às buscas que fiz para encontrar a matriz (boneca) do nosso jornal Gazeta Espírita da época. É melhor, caso você queira utilizar para reprodução.

O artigo e a fotomontagem são da autoria do confrade cearense Mário Kaúla, testemunha do fato.

Na fotografia é visto o prédio da guarnição no mesmo ângulo em que Newton e seus descuidados companheiros se posicionaram na década de 1960.

*Um afetuoso abraço,
Luciano Kleir Filho"*

Vamos ao furo jornalístico:

FATOS EM FOTOS (91) A FOTO PROIBIDA

O FATO OCORREU EM MEADOS dos anos 1960, após a Revolução Militar de março/1964, quando visitava Fortaleza pela vez primeira Newton Boechat e saiu a passeio pela cidade ciceroneado por Orlando Borges, Mário Kaúla e Marcus Venicius portando uma "Kodak" para registro da visita ilustre.



Veio fazer palestra no período da Revolução de 1964 e ao ser fotografado fazendo turismo frente ao Forte N S. da Assunção, ele e os irmãos anfitriões foram conduzidos à 10ª Região Militar.

91- Gazeta Espirita - Órgão informativo e doutrinário do Centro de Documentação Espirita do Ceará - CDEC, Ano III, Março/Abril, 2002, p. 9 [Nota dos organizadores].



Diversos pontos turísticos da bela cidade foram visitados e ao se aproximarem da antiga Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, local onde funciona o Quartel General da 10ª região Militar, quando se preparavam

para documentar com fotos o local onde teve início a cidade e origem de seu nome, foram interceptados por uma patrulha do Exército que informou ser proibido fotografar o QG da 10ª RM e os conduziu até o interior daquela guarnição militar para prestarem esclarecimentos, vez que Marcus Venicius negou-se a entregar a máquina fotográfica à patrulha que os detivera. Chegados ao Corpo da Guarda, logo após identificação de Marcus (1º Ten. R-2 IE, da turma de Aspirantes do CPOR de 1957) foram conduzidos ao Estado Maior onde logo o reconheceu o Oficial Superior que ali se encontrava (Maj. Luciano Leite Jucá) e que havia sido seu Cap. Comandante quando estagiara junto ao 10º GA 75T nas funções de Almoxtarifista e Aproveisionador.

Abraços entre todos foram trocados, ficando claro que aqueles quatro detidos pela "patrulha" não queriam fotos para fins de sabotagem nas instalações daquela guarnição e nem eram inimigos da Pátria. Assim, Newton Boechat em sua primeira visita a Fortaleza foi detido no Quartel Geral da 10ª RM e a foto vai publicada como feliz lembrança daquele fato marcante.

XXI
ALÉM DA
FRONTEIRA DE CINZAS

“Crê ou morre, mas, crê se tua razão o quer”.
Revista Espírita, Allan Kardec (.92)

CARO EDUARDO, (93) Inicio essa mensagem lembrando as palavras do Apóstolo Paulo: "Para mim viver é Cristo, morrer é lucro".

Realmente, o mais importante na existência de cada ser mergulhado no escafandro da carne é viver Cristo, o que significa viver a Lei da Justiça, Amor e Caridade, que Ele tão bem exemplificou.

Agradeço a lembrança carinhosa que tenho recebido de ti e não poderia ser outra, tua postura fraternal e amiga, dado os laços fraternais que nos ligam, não de hoje, mas de ontem, como sabes, e, inevitavelmente, se solidificarão na perpetuidade dos tempos.

Tuas orações chegam a mim como brisa suave a perfumar-me o coração, confortando-me e estimulando-me a prosseguir nas atividades que hoje me felicito e me enriquecem de esperanças.

Como são diferentes as coisas do "lado de cá". Todo o conhecimento, estudo, as experiências por nós vivenciadas na militância mediúnico-doutrinária, todo acervo acumulado na pesquisa, observação, relacionamento com a Vida Imperecível tomam um colorido diferente, quando o abajur da carne apagado nos permite dilatar as percepções e as fronteiras da mente edificada na moral cristã e no conhecimento doutrinário.

Continuo no trabalho, procurando agora não mais o campo da oratória que nessa encarnação constituiu-se-me em vestibular para a vida eterna. Agora, estou vendo e sentindo o quanto é importante a interação conhecimento-prática.

92 - 1º edição FEB, 9/2004,1863, Fevereiro, p. 93 [Nota dos organizadores],

93 -Eduardo Guimarães, conhecido orador espírita e militante no movimento espírita da cidade de Niterói (RJ) [Nota dos organizadores].

Quem sabe e não faz, erra! Quem conhece e não pratica, vive dramas inimagináveis de consciência. Quantos corações tenho encontrado que lamentam o tempo perdido, quantos companheiros espíritas a derramarem lágrimas de arrependimento por não terem feito o que deviam e deixaram de fazer o que precisavam. Mas o livre-arbítrio é patrimônio sagrado, e cada um o usará conforme o desejo.

Peço-te continuares no caminho que vens trilhando. Oração, estudo, trabalho no bem, difusão doutrinária. A divulgação através das palestras representa a essência de uma vivência voltada para Cristo e que resultará em lucro, porquanto, virão os testemunhos, as provações, a solidão, os ataques, a inveja, as lágrimas, a calúnia, para obstacularem nosso propósito de renovação moral e amadurecimento espiritual.

Continue, tenha bom ânimo, persevere no bem, continue inclusive a orar por mim, tuas recordações e lembranças são-me sempre benfazejas.

Deixo um abraço carinhoso e um ósculo para você, para os Ludovice (94) aqui presentes e a nossa Pepita (95) meu reconhecimento e gratidão.

Deixo um abraço para o Gilberto (96) e para o Jorge Damas, recordando a todos a necessidade imperativa de continuarem combatendo o bom combate como aprendemos com o Apóstolo da Gentilidade.

94-Zilda e Antônio Ludovice, amigos de Newton Boechat. Ele era frequentador do Culto do Lar do casal, na Rua Prado Júnior, Copacabana, Rio de Janeiro (RJ) [Nota dos organizadores].

95-Josefa Darriba, grande amiga de Boechat. Ele frequentava o seu Culto do Lar Teresa D'Ávila e, inclusive, desencarnou sob seus cuidados, em seu edifício no bairro do Flamengo - Rio de Janeiro (RJ) [Nota dos organizadores].

96-Dr. Gilberto Perez Cardoso, médico particular e autor de vários livros com Newton Boechat [Nota dos organizadores].

Minha saudação a todos os companheiros do Fabiano.⁹⁷

Sou o irmão em Cristo que acompanhado de César Burnier⁹⁸ peço à Virgem Maria que abençoe teu coração, robusteça a tua fé, fortaleça a tua vontade para que você persevere no bem até o fim.

(Mensagem recebida no Grupo Espírita Fabiano, na reunião de 29.4.1991. Médiun: José Salomão Mizrahy).

A DESENCARNAÇÃO DE NEWTON BOECHAT foi relatada pela querida Josefa Darriba, na intimidade Pepita, assim:

E Newton lhe telefonou dizendo que não estava se sentindo bem. Acreditava tratar-se de um mal-estar digestivo. Estava com tonturas e enjoado. Pepita, então, se dirigiu ao seu apartamento e o encontrou deitado. Eram cerca das 10:30 horas. Ela preparou-lhe um caldo reconfortante e providenciou um Plasil. Às 17 horas, Boechat já se sentindo restabelecido solicitou a Pepita que rumassem para o seu apartamento no Flamengo, pois era dia de seu compromisso em participar do Culto Teresa DÁvila que Pepita dirigia em sua residência. Assim foi feito, e rumaram num táxi. Ao chegar ao edifício, Newton teve uma síncope e caiu em estado de coma, ali mesmo, tendo, Pepita, num primeiro impulso, em estado de prece, repousado sua cabeça em seu colo aconchegante. Depois vieram as solicitações de emergência... Uma rádio-patrolha que fazia a ronda foi acionada e, diligente, o conduziu ao Hospital Souza Aguiar, onde foi constatado seu falecimento. Eram 22 de agosto de 1990.

A vida roda... A saudade operosa persiste!

97-Grupo Espírita Fabiano - Méier - Rio de Janeiro (RJ) [Nota dos organizadores].

98-Ver o livro Um Amor Muitas Vidas - As Revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre as Reencarnações na Revolução Francesa de Jorge Damas Martins, 5ª edição Novo Ser, Rio de Janeiro (RJ) [Nota dos organizadores].



Julio Cesar Grandi Ribeiro

Os cultos sobre Teresa D'Avila continuaram espalhando bênçãos...

Um dia, cerca de cinco anos depois do “susto” da partida, em 24 de abril de 1995, no escritório da amiga Rafaela Damásio de Jesus, em Vila Velha (ES), o médium Julinho —, num repente, capta um beijo, em forma de palavra vibrante do Newton Boechat para a nossa querida Josefa Darriba:

PEPITA

Um coração de mãe em peito aberto...
Acolhimento afetuoso e bom:
Espanholado, diz, errado: 'irmon'
Mas sabe ser a irmã no instante certo!

Mediunidade, nela, é um santo dom,
Que o estudo doutrinário ampara, perto;
Traz dentro de si, o espírito referto
Do Evangelho vibrante, em claro tom.

Pois, eu que o diga... quanto recebi...
Talvez, por isso, venha, então, aqui.
Trazer meu coração como ele está:

Agradecendo o apoio, a guarda, a messe...
E até, no meu 'regresso", a doce prece,
Lembrando esta obra prima: Pietà.

Newton Boechat

Pepita, no seu linguajar espanholado 'errado", mas certo da confiança na imortalidade, no canto direito do papel onde está datilografado o poema, escreveu de próprio punho para mim:

"Quando Newton desencarnou, eu fiquei de juelhos com ele no meu colo, por isso lembrou a estatua da Pieda. O médio nada sabia sobre esse assunto. Abraços, Pepita".

EM 1978, EM 25 DE JULHO, aniversário do nosso Newton Boechat, a Théo, um amor de carinho na vida de nosso amigo comum, o presenteou com um dos maiores livros de todos os tempos, A Grande Síntese, (99) captada pela antena apostolar de Pietro Ubaldi, e que se constitui em "o quinto Evangelho", na linguagem acertada do Carlos Torres Pastorino. Na dedicatória há o registro da amizade:

"Ao Newton, com os votos de crescentes aquisições no campo de entendimento. Rio de Janeiro, 25/7/1978, Théo".

Ora, como o leitor e leitora podem lembrar, em 1978 eu conheci o Newton e ele me recomendou a leitura dedicada das obras de Pietro Ubaldi — naquela época uma raridade de sebo. Terminada a festinha de aniversário, com direito a bolo, prece e passes, na casa do César Burnier, eu e o Boechat pegamos o ônibus 433 — Leblon/Vila Isabel, via Copacabana — e desembarcamos na Tijuca, onde, aquela noite, ele repousaria aqui em casa.

Sossegado em meu escritório, ele — deixando de lado outros presentinhos — folheava a obra A Grande Síntese, revirando as páginas de um lado para outro. Até que, de repente, parou num ponto e leu para mim:

99-Edição LAKE, São Paulo (SP), Tradução de Mario Corboli, 10 edição, 1978 [Nota dos organizadores]



Newton Boechat entusiasta divulgador da Obra de Pietro Ubaldi
Na foto temos as comemorações do Centenário de Nascimento de Ubaldi, na Aliança da Fraternidade (Andaraí — Rio de Janeiro (RJ)), em 1986, Leinha Amaral, Cláudio Picazio, Jorge Damas, Newton Boechat, José Amaral e João Mello.

"Senhor! Bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, pois que ela de ti me aproxima. Prostro-me diante de Tua obra imensa, ainda que a minha parte, nela, seja o cansaço. Nada posso pedir-Te, porque tudo já é justo e perfeito na Tua Criação, mesmo o meu sofrer, mesmo a minha imperfeição, que é passageira.guardo no posto do meu dever o meu amadurecimento, e na Tua contemplação busco repouso". (100)

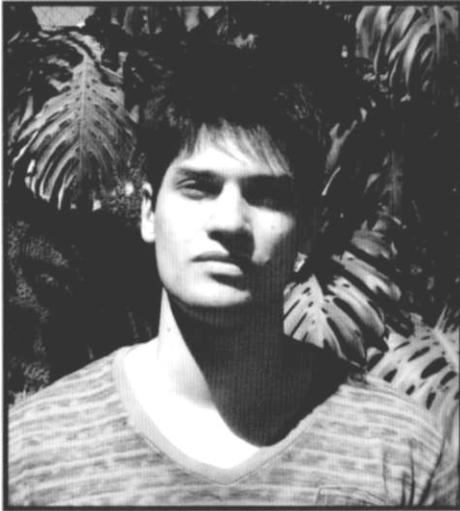
E foi assim, que num gesto de generosidade, me deixando com os olhos marejados d'água, que ele me disse:

— Toma! É sua! Faça bom proveito!

Então, revivendo o nosso querido Newton Boechat, digo o mesmo a vocês, meu leitor e leitora amigos:

— Toma! A palavra vibrante do Newton Boechat agora está em sua vida! Faça bom proveito!

100- *Ibidem. Capítulo LXVII, "A Prece do Viandante", p. 257*
[Nota dos organizadores].



PEDRO SILVEIRA MARTINS

Pedro Silveira Martins nasceu em 1986, é solteiro e formado em Administração de Empresa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a tese: Cristianismo e Liderança Gerencial. Estagiou no FGVONLINE, setor comercial e na Petrobrás Distribuidora - SA, na área de planejamento e controle. É orador e pesquisador espírita.